

PEIXEIRA MALVUMBA



PABLO AMARAL REBELLO



Peixeira
&
Macumba
Por
Pablo Amaral rebello

Arte de capa: Walter Pax
Lettering: Fernanda Amaral Rebello
Revisão: Frederico Hartje

Para os bons, os maus e os feios

Quando a escuridão caiu sobre o mundo, os bandidos tiraram suas máscaras e passaram a reinar como os tiranos de antigamente, seguros de que o fim iminente impediria qualquer um de tirá-los do poder. Eles não contavam que a esperança voltasse a brilhar como um farol na noite escura.

Ou que o mundo ainda fosse capaz de criar novas lendas.

Capítulo 1

Sangue no sertão

1

O vento uivava gelado, correndo pela estrada deserta, a lamentar a morte do mundo. Dez anos haviam se passado desde o fim da Grande Guerra, que transformou diversos países em caldeiras radioativas e mergulhou os restantes na mais completa escuridão. Nuvens cinzentas e tempestuosas escondiam a luz do sol, lançando relâmpagos ocasionais na terra maltratada abaixo. João dos Mistérios procurava não pensar nos dias iluminados de sua infância. Do passado, bastavam os fantasmas que seguiam seus passos aonde quer que fosse.

Um trovão ecoou por cima do morro adiante, como um mau agouro. Água Parada ficava do outro lado. Era um vilarejo pequeno, de pouco mais de sessenta famílias, das quais ao menos quarenta trabalhavam na pedreira. Afinal, o coronel Olho de Cobra precisava de matéria-prima para construir seus muros e castelos. Uma pequena guarnição militar garantia a obediência dos habitantes locais, que recebiam apenas o suficiente para não morrerem de sede ou fome a serviço de seu benfeitor.

João dos Mistérios soltou um grunhido involuntário. A égua Lucinda também bufou abaixo dele. O animal trotava vagarosamente, de cabeça baixa, como se carregar no próprio lombo o negro de quase dois metros de altura e cabelos prateados que sempre cuidou dela já não fosse mais uma tarefa tão fácil. O cavaleiro desconfiava que os dias da pobrezinha se aproximavam do fim. Mas, até então, os dias de todos que sobreviveram os últimos dez anos pareciam estar contados, embora continuassem a se arrastar rumo a lugar nenhum.

Só após dar a volta no morro e vislumbrar o vilarejo ao longe foi que João dos Mistérios percebeu algo errado no ar. Não apenas pela quantidade de gente distribuída na rua principal, que indicava algum acontecimento fora do comum, mas também pela ausência da fumaça negra que se elevava das olarias a todas as horas do dia e da noite, o que só podia significar uma coisa:

a produção de tijolos estava parada. Era a primeira vez em anos que aquilo acontecia.

Instintivamente, João dos Mistérios puxou os arreios de Lucinda, que parou sem pestanejar. O cavaleiro estava distante o suficiente do vilarejo para que não o tivessem notado ainda, o que lhe permitia estudar melhor a situação antes de se aproximar ou decidir por uma retirada estratégica. Dispunha de mantimentos suficientes para passar pelo menos outra semana distante da civilização. No entanto, os clientes contavam com sua pontualidade para fazer negócios, algo que uma falta no calendário poderia prejudicar amargamente – ele não era o único em sua linha de trabalho na região, afinal. Isso sem contar, é claro, com as próprias necessidades pessoais.

– Hurmm – grunhiu novamente, estreitando os olhos.

Pelo movimento na rua principal, dava para ver que os homens trabalhavam arduamente para liberar a via. Duas caminhonetes paradas em frente ao restaurante comunitário indicavam a presença de homens ligados diretamente ao coronel Olho de Cobra. Um acontecimento raro. Poucos automóveis ainda funcionavam após o fim da Grande Guerra. Além disso, era uma dificuldade tremenda arrumar combustível para abastecê-los. Só os grandes senhores de terra tinham reservas capazes de colocar aquelas latas velhas para andar e nunca o faziam levianamente.

Seja lá o que estivesse em andamento no vilarejo, tratava-se de um problema sério, do qual seria sensato manter distância. Tivesse João dos Mistérios dado meia-volta com sua égua e retornado para casa, no meio do sertão, talvez nada mais tivesse acontecido e o mundo seguisse seu rumo inalterado. No entanto, parado ali, diante daquele cenário lúgubre, o cavaleiro foi mordido por uma pulga atrás da orelha. Seus instintos o alertavam do perigo ao mesmo tempo que o instigavam a seguir em frente. Ele conhecia aquela sensação, de que nada seria como antes, caso decidisse trilhar tal caminho.

Era o destino batendo em sua porta.

João dos Mistérios se endireitou na sela e sacudiu os arreios, dando a ordem para Lucinda se colocar em movimento. Assim começou a história que mudaria o que restou do mundo.

Logo ficou claro o motivo da agitação no vilarejo. Os caixões enfileirados na parede de um barracão exibindo cadáveres retalhados deixavam a situação transparente como um garrafão de água mineral. Moradores carregavam as caminhonetes com a carga mortuária enquanto os homens do coronel Olho de Cobra fumavam cigarros e cuspiam ordens a quem olhasse torto para eles. Mulheres e crianças se reuniam em portas de casas e comércios, observando a condução dos trabalhos com olhos vidrados e sussurros assustados. A gravidade da situação era tamanha que ninguém percebeu a presença de João dos Mistérios até ele chegar à metade da rua.

– Você aí! – Berrou um rapaz que não tinha mais do que dezesseis anos, levantando uma metralhadora ameaçadoramente. – Pare onde está, cabra da peste – ordenou. – Mãos ao alto!

João dos Mistérios largou os arreios e levantou as mãos vazias devagar, para não criar nenhum mal-entendido. Sabia que jovens como aquele podiam atirar por qualquer motivo, mesmo que munição fosse um item cada vez mais raro e as punições por execuções irregulares fossem um aborrecimento. No fim do dia, uma morte contava mais do que uma bronca no currículo dos jovens soldados e todos eles viviam loucos para cair nas graças do chefe.

– Já não houve mortes o suficiente por aqui, meu jovem? – indagou João, com voz mais calma.

– Cala a boca que não te perguntei nada, negão – rosnou o rapaz, circundando a égua sem deixar de apontar a metralhadora para o viajante. Ele se aproximou e, com a mão livre, apalpou as bolsas repletas de mercadoria que o animal trazia no lombo. Procedimento padrão. – Quem é você e o que está fazendo em Água Parada? – inquiriu.

– João dos Mistérios – respondeu o viajante. – Estou aqui a negócios.

O rapaz abriu uma das bolsas e deu uma espiada lá dentro com dedos afoitos, provavelmente em busca de algo de valor, que pudesse pegar para si. Uma propinazinha não fazia mal a ninguém. João dos Mistérios voltou a olhar para os moradores que carregavam as caminhonetes com os caixões de homens mortos. Contou cinco ataúdes encostados no barracão e outros três nas caçambas. Oito mortes. Número alto.

– O que é isso aqui? – quis saber o rapaz, com uma garrafinha cheia de um líquido avermelhado entre os dedos.

– Molho de pimenta – respondeu João dos Mistérios, distraidamente.

O jovem pegou três garrafinhas e enfiou no bolso de trás das calças, voltando a investigar o conteúdo das bolsas.

– Você carrega um monte de tranqueiras – criticou, tirando um objeto que fazia um som de chuva ao ser manipulado. – Que tipo de homem ainda brinca com um chocalho? – fez troça, balançando o instrumento e chamando a atenção de todos ao redor com seu barulho intenso. – Parece que temos um bebezão por aqui!

– Cuidado – alertou João dos Mistérios, numa voz gelada e cheia de farpas. – Você pode irritar os espíritos dessa maneira...

O rosto do rapaz endureceu e ele levantou a metralhadora de modo ameaçador.

– Tá me dizendo o que fazer, preto safado?

João dos Mistérios não disse nada. Apenas baixou as mãos vazias e fixou os olhos semicerrados, de tons alaranjados, sobre o jovem soldado, que derrubou o instrumento para segurar a metralhadora com ambas as mãos.

– Oxe, pare de me encarar que nem assombração – berrou o rapaz.

João dos Mistérios não se moveu um milímetro sequer.

– Acha que me mete medo? – prosseguiu o soldado, soltando a trava da arma.

Nisso um oficial mais velho, da guarnição local, se aproximou com passos rápidos e baixou o cano da metralhadora antes que o jovem tomasse uma atitude da qual pudesse se arrepender depois.

– O que pensa que está fazendo, recruta? – criticou o soldado, irritado. – Quer perder a alma, por acaso? Não sabe que está apontando a arma para um bruxo?

O rosto do rapaz ficou mais branco que uma folha de papel.

– E-e-eu não sabia – balbuciou.

– E-e-e-e – debochou o oficial mais velho. – Feche essa matraca antes que entre uma mosca! E devolva para o homem o maracá que derrubou!

O rapaz se apressou em obedecer à ordem, pegando o instrumento caído na terra seca, espanando a poeira com uma das mãos e o devolvendo para a bolsa de forma quase solene. Ele levantou levemente os olhos, como se tivesse medo de encarar o cavaleiro, em seus chinelos simples, calças e

camisas brancas, imaculadas. João dos Mistérios permanecia com o olhar fixo sobre o jovem, sem nenhum sinal de clemência, como se observasse os movimentos de um inseto.

– Desculpe pela confusão – suplicou o rapaz, devolvendo também duas das três garrafinhas de pimenta que havia surrupiado, antes de dar um passo para trás. – O senhor está liberado. Pode seguir seu caminho.

João dos Mistérios permaneceu parado por mais um instante, sem tirar os olhos do jovem, como se se decidisse entre lançar ou não uma maldição sobre a cabeça do pobre idiota. Por fim, virou o rosto para a frente, pegou os arreios da égua e os balançou levemente, ordenando que seguisse adiante. A égua obedeceu com a paciência habitual, completamente alheia aos dramas humanos ao redor.

3

Parecia que um furacão passara pelo Bar do Mineiro: lascas de madeira, garrafas partidas, vidraças estilhaçadas, mesas e cadeiras quebradas. Como se isso não fosse suficiente, manchas de sangue coagulado e buracos de balas em pilastras e paredes completavam a cena do crime, mesmo que não houvesse policiais para interrogar ninguém. Os dias da lei e da ordem haviam ficado para trás. O bar estava vazio, exceto pela presença do dono com cara de enterro atrás do balcão.

João dos Mistérios parou na entrada, deixando a porta fechar atrás de si.

– Tarde, Mineiro – cumprimentou a título de se fazer notado.

O dono do bar, um homem gordo de rosto redondo e bigode vultuoso, levantou o rosto, marcado por rugas de preocupação e olheiras bem delineadas. Como um profissional do ramo, fez questão de esconder o desespero por trás de um sorriso cordial.

– João dos Mistérios – cumprimentou de volta. – Receio que tenha me pegado em um dia ruim, amigo...

O recém-chegado assentiu, aproximando-se do balcão e percorrendo com os olhos a destruição ao redor.

– São homens do coronel Olho de Cobra que estão atraindo moscas lá fora, não? – perguntou, colocando a bolsa cheia de mercadorias sobre o balcão enquanto se apossava de um dos bancos ainda inteiro.

– A maioria, sim – concordou o dono do bar. – Menos três deles.

João dos Mistérios sentou-se, levantando uma sobancelha e entrelaçando os dedos, mostrando-se interessado com o rumo da conversa.

– É mesmo?

O dono do bar assentiu, colocando um copo limpo em frente ao cliente e o enchendo até a metade de água. Uma gentileza reservada para poucos, como João dos Mistérios bem sabia.

– Os outros três eram matadores da pior espécie – sussurrou como se não quisesse que alguém os escutasse, mesmo com o bar vazio do jeito que estava. – De passagem pela cidade. Vinham se gabando de um serviço que fizeram para o general Peregrino. Uma família inteira que passaram na faca, lá para os lados dos Ventos Uivantes, na área do Caranguejo Manco. Um negócio dos diabos, vou te contar.

João dos Mistérios deu um gole na água, mantida fresca por ficar acondicionada a maior parte do tempo num buraco, embaixo da terra, mas longe de estar gelada como antigamente. Como a eletricidade fazia falta!

– Pensei que o general Peregrino fosse aliado do coronel Olho de Cobra – comentou João, casualmente.

– Oh, não foram eles que criaram problemas dessa vez, para variar um pouco – respondeu o Mineiro, baixando a cabeça, como se as memórias dos últimos acontecimentos lhe fossem dolorosas.

– Algum parente em busca de vingança? – arriscou João.

O dono do bar balançou a cabeça negativamente.

– Quem então?

O Mineiro levantou o rosto, olhando assustado para os lados, como se alguma assombração pudesse se esgueirar de um canto escuro para puxá-lo pelo pé. Ele se aproximou ainda mais do cliente.

– Já ouviu falar em um homem chamado Tião Peixeira? – disse, numa voz quase inaudível. João fez que não com a cabeça. O Mineiro passou a língua entre os lábios, antes de continuar o relato. – Antes de hoje, eu também nunca tinha ouvido falar nele. Isto é, até ele entrar no meu bar. João, juro por Deus, nunca vi ninguém igual a ele! E olha que minha freguesia nunca foi das melhores! Que o digam os três matadores que eu vinha aturando desde de manhã. Até eles ficaram em silêncio quando esse maluco apareceu. Ele ficou parado um bom tempo no batente da porta, com sombras o cobrindo dos pés à cabeça, passando aqueles olhos frios sobre cada alma

aqui dentro, como se pesasse uma sentença para cada um de nós. Olha só! Ainda me arrepio todo quando lembro o jeito como ele olhou para mim!

– Como ele era? – quis saber João.

O Mineiro pegou um copinho pequeno e se serviu de uma dose de cachaça, que mandou para dentro antes de continuar.

– Um gigante – respondeu, enfim. – Devia ter mais ou menos o seu tamanho, embora tivesse a pele morena, curtida pelo sol. Seu rosto era quadrado, com a barba por fazer, e extremamente sério, como se nunca tivesse dado um sorriso na vida. Pela postura, dava para ver que era um homem com uma missão, daqueles que não se desvia um milímetro sequer do objetivo. Sabe do que estou falando? Para piorar, chegou aqui coberto de poeira, vestido que nem um cangaceiro, com uma jaqueta e um chapéu estrelados, uma faixa de medalhas presa na testa e dois cinturões cruzando o peito. O estranho é que, em vez de balas, os cinturões carregavam pequenas lâminas. Ele também não trazia nenhum revólver ou arma de fogo. Só dois facões enormes, embainhados na cintura. Quando todos ficaram em silêncio, veio até o balcão, sentou-se exatamente no mesmo lugar que você e me pediu um copo de água com a voz mais seca que já ouvi. Apesar do medo, tentei ser simpático e perguntei de onde ele vinha – o Mineiro fez uma pausa, e seus olhos brilharam de maneira estranha por um momento. – Ele disse que tinha acabado de atravessar a pé o Deserto das Sete Luas!

– Mas isso é impossível – opinou João dos Mistérios. – Não há nada para aquelas bandas além de fantasmas e coisas hediondas esquecidas por Deus. Estamos falando de mais de seiscentos quilômetros de terra radiativa, onde nada cresce e ninguém sobrevive mais do que uns poucos dias. Seria difícil atravessá-lo de carro, com o porta-malas cheio de mantimentos, quem dirá a pé. Não é por nada não, Mineiro, mas acho que esse cara te engabelou.

– Bom, digamos que ele parecia alguém que tinha realmente atravessado o Deserto das Sete Luas – concedeu o dono do bar. – Sem contar que parecia não estar mentindo. Estou te dizendo, João, esse cara era casca grossa. Do tipo capaz de realizar coisas impossíveis.

João dos Mistérios franziu o cenho. Ele sabia que o Mineiro costumava exagerar e florear um pouco os relatos das brigas que, vez ou outra, destruíam seu bar. No entanto, aquele parecia ser um caso diferente. O homem estava realmente impressionado com o que quer que tivesse presenciado poucas horas antes e dava para perceber a sinceridade não só em

suas palavras, como também em seus olhos. Talvez houvesse alguma verdade em sua história.

– E o que aconteceu em seguida? – incentivou.

– Bom, lembra como eu te disse que o sujeito não carregava armas de fogo? – retomou o Mineiro. – Então, aqueles três matadores também perceberam esse detalhe. E os idiotas resolveram tirar onda com a cara do recém-chegado por conta disso.

– Acho que consigo imaginar o que aconteceu em seguida...

Nisso o Mineiro sorriu e levantou o dedo, como se as surpresas ainda estivessem longe de chegar ao fim.

– E digo que o amigo estaria errado. Acontece que o recém-chegado sofreu uma mudança drástica após a piada que os matadores fizeram à custa dele. Seu rosto sofreu uma transformação medonha, com os traços duros sendo instantaneamente suavizados e até aquela frieza do seu olhar derretendo, substituída por um calor amigável e divertido. Era como se duas pessoas diferentes habitassem o mesmo corpo. E a segunda decidiu entrar na brincadeira. Ele não ficou nem um pouco ofendido com o questionamento à sua masculinidade. Pelo contrário, levantou-se e riu da piada junto com o trio, que ficou tão confuso quanto eu. Foi nesse momento que ele se apresentou.

– E o que foi que ele disse?

– Primeiro, que se chamava Tião Peixeira. Depois, que os facões enormes que carregava não eram nenhuma compensação anatômica, como os matadores tinham dado a entender. Na verdade, não eram nem mesmo facões, mas peixeiras usadas com o intuito único de abrir a barriga e cortar a cabeça dos peixes. Para completar, revelou que estava viajando o país atrás de um peixão, um verdadeiro tubarão, que o deixaria muito famoso quando enfim colocasse as mãos nele.

– Essa história não faz nenhum sentido – apontou João dos Mistérios. O Mineiro assentiu.

– Não fez sentido para nenhum de nós também – concordou. – Tanto que um dos idiotas chamou a atenção para o fato de que o recém-chegado estava muito longe do mar e não devia bater bem das ideias, se acreditava mesmo que encontraria um tubarão no meio do sertão. Todo mundo riu, achando graça da situação, mas ele não se deu por vencido. Acreditava mesmo ser capaz de achar o peixe mítico nas redondezas e chegou ao ponto de sugerir que, talvez, os três matadores pudessem ajudá-lo na empreitada.

João dos Mistérios tamborilou os dedos pelo balcão.

– Ele não estava falando de um simples peixe, certo?

O Mineiro baixou a cabeça e a balançou de um lado para o outro.

– E o que aconteceu em seguida?

– Ele disse um nome para os matadores – revelou.

– Qual nome?

O dono do bar deu de ombros.

– Não cheguei a escutar – lamentou. – Só sei que teve um efeito visível no trio de idiotas. Imediatamente, o humor deixou os olhos dos três, substituídos por um pânico mudo. Eles tentaram reagir. Sou testemunha disso. Mas o estranho foi muito mais rápido. Mais rápido do que meus olhos eram capazes de acompanhar seus movimentos. Num instante, estava de mãos vazias. No seguinte, tinha decepado o antebraço de um dos matadores e cortado a cabeça de outro. O último ainda conseguiu se levantar e dar um tiro para o alto, antes que um dos facões, ou melhor, peixeira, atravessasse a garganta dele e saísse pela nuca. A briga inteira deve ter durado três, cinco segundos, no máximo. Juro que nunca vi nada igual, João.

– Ele matou os três rápido assim?

– Bom, um ele só aleijou, lembra? O do antebraço cortado. Pois bem, enquanto o restante da minha clientela corria porta afora e eu ficava parado aqui, que nem um poste, sem acreditar nos meus olhos, o tal Tião Peixeira pegou o sobrevivente, cravou um dos facões, quero dizer, peixeira, no ombro dele e o fez cantar como um passarinho. Depois, rasgou a garganta do coitado com um corte seco, limpou a lâmina nas roupas do morto e retornou ao seu lugar, onde acabou de beber seu copo de água.

– Imagino que os homens do coronel tenham chegado em seguida, certo?

– Mais ou menos – respondeu o Mineiro.

– Como assim?

– Bom, você sabe que Água Parada conta só com uma guarnição pequena. Seis soldados, no total, e nenhum deles muito corajoso. Acontece que o tal Tião Peixeira também não estava com pressa de ir embora. Depois que terminou seu copo de água, ele me pediu outro de cachaça. Você me conhece; não sou de fugir da raia por qualquer coisa. Servi o cliente, muito embora tivesse derramado metade do conteúdo no balcão. Minhas mãos tremiam mais do que vara verde, mas Tião Peixeira não deu bola. Virou o

copo de um só gole e pediu outra dose.

– Você devia estar bem nervoso...

– Como nunca fiquei na vida – confessou o Mineiro. – Eu não compreendia por que aquele maluco não ia embora.

– E o que você fez?

– A única coisa ao meu alcance – respondeu. – Avisei que os homens do coronel Olho de Cobra logo chegariam atrás dele, caso não fosse embora logo.

– E o que ele respondeu?

O Mineiro encarou os olhos alaranjados de João dos Mistérios.

– Que não tinha problema, pois era justamente com o coronel Olho de Cobra que queria falar – disse.

– Cabra macho – elogiou João dos Mistérios.

– Eu sei – concordou o Mineiro, com um tom mais alto do que o desejado. – Só que você tem que compreender a situação. Todo mundo que conhece o coronel Olho de Cobra sabe que ele descobre as coisas antes mesmo de acontecerem. Portanto, eu sabia que não demoraria muito até que meu bar estivesse cercado de homens armados e que preferem atirar a fazer perguntas. Tudo que eu queria era sair daqui antes que isso acontecesse. Também contei isso ao tal Tião Peixeira.

– Como ele reagiu?

– Ele deu de ombros – respondeu o Mineiro, exasperado. – Disse que, se eu queria ir embora, que fosse, mas que deixasse a cachaça no balcão. E foi exatamente isso que fiz.

João dos Mistérios voltou a contemplar os estragos ao redor do bar, grandes demais para terem sido causados pelo rápido confronto entre Tião Peixeira e os três matadores. Os sinais indicavam uma briga muito mais violenta e ferrenha do que João dos Mistérios podia imaginar.

– O que aconteceu em seguida? – quis saber.

– Eu me juntei aos demais na rua – respondeu o dono do bar. – Àquela altura, a cidade inteira já sabia do ocorrido e todo mundo queria dar uma espiada no matador sinistro dentro do bar. O sargento Pereira me puxou de lado, pedindo explicações. Dava para ver que não tinha a menor pressa de ir atrás do Tião Peixeira. Era muito mais fácil colocar pressão sobre mim, compreende?

– Quanto tempo levou? – interrompeu João.

– Quanto tempo levou o quê?

– Para o restante dos homens do coronel aparecerem – detalhou.

O Mineiro se mostrou pensativo.

– Uns vinte minutos, no máximo – respondeu. – Eles chegaram em três caminhonetes. Liderados pelo delegado Carrapato. Uns quinze homens armados até os dentes, sem contar a guarnição local. Eles achavam que seria o suficiente para dar conta daquele cabra. E foi mesmo. Mas não sem algumas baixas, como tenho certeza de que já percebeu. O tal Tião Peixeira também fez um bom estrago naqueles que sobreviveram ao ataque. Talvez você tenha visto o número de oficiais enfaixados lá fora. Dizem que ele só caiu depois de ter levado mais de cem tiros. Mesmo assim, caiu prometendo vingança. Juro para você. Nunca se viu morte igual no sertão!

João dos Mistérios terminou seu copo de água, levantando-se.

– Imagino que não seja um bom dia para fazer negócios, né?

O Mineiro sorriu, pegando o copo e o limpando com um pano encardido.

– Não me leve a mal, João, mas preciso dar um jeito no bar. Adoraria ter condições de comprar uma das suas poções afrodisíacas, para dar de presente à patroa. Deus sabe como os efeitos da última foram bem-vindos. Fica para uma próxima.

João dos Mistérios sorriu, abriu um dos bolsos externos de sua enorme bolsa e tirou um frasco minúsculo, de 10ml, com um líquido azulado dançando dentro dele.

– Fique com uma amostra da casa – disse, jogando o frasco para o dono do bar.

O Mineiro agarrou a garrafinha como faria a um bebê, se tivesse um, sorrindo de orelha a orelha.

– Você é o melhor, João! A patroa vai amar! Valeu mesmo!

João dos Mistérios sorriu de volta, pondo a alça da bolsa nos ombros e pegando o rumo da saída do bar.

– Eu que agradeço pela história, Mineiro – disse, já na porta. – Esse Tião Peixeira parecia um sujeito interessante. Deus sabe do que seria capaz se não tivesse encontrado um fim tão abrupto, não concorda?

Não foi um bom dia de negócios para João dos Mistérios. A presença dos homens do coronel Olho de Cobra deixou os moradores inibidos. Nenhum deles queria demonstrar possuir mais do que o esperado, uma vez que os soldados tinham olhos de rapina e não se importavam em cobrar uma pequena taxa da população pela “proteção” que ofereciam. Também não tinham pressa em ir embora. Com as caminhonetes carregadas, partiram em bando para o bordel, onde se revezavam para satisfazer as suas vontades nefastas. Duas sentinelas permaneciam do lado de fora do estabelecimento, vigiando a rua de mau humor, enquanto esperavam a vez de se divertirem.

Para não perder a viagem, João dos Mistérios seguiu suas visitas domiciliares aos doentes do vilarejo. Era algo que fazia rotineiramente. Avaliar a saúde e oferecer conselhos e remédios caseiros para aliviar as dores alheias o tornavam uma pessoa querida pela comunidade. Não era médico nem nunca chegou a estudar medicina, mas aprendeu com o avô a identificar os males causados ao corpo por vírus, bactérias ou vícios, bem como os efeitos positivos que a administração de certas poções de ervas e infusões de raízes aos enfermos provocava.

Os doentes também falavam de suas mãos mágicas, embora João dos Mistérios não admitisse que o chamassem de curandeiro. Era um homem que não gostava de chamar a atenção, até porque não era nenhum santo. Após a última consulta, a luz diurna se extinguia entre as nuvens no horizonte e a maioria dos moradores já estava em casa, pois o bar, a única fonte de diversão local, fechara para reformas após todas as emoções fortes do dia. João dos Mistérios escolheu esse horário para entrar num beco e bater na porta de trás da casa de paredes azuis.

Demorou um minuto para alguém atender. Ao ser aberta, revelou uma mulher esbelta, de trinta e poucos anos e olhos de pantera vestida somente com um roupão vermelho, iluminada por uma vela, que carregava com uma das mãos. Ela olhou o negro na soleira da porta de cima abaixo e ofereceu um sorriso malicioso.

– João dos Mistérios – cumprimentou com voz de veludo. – O que posso fazer por você a essa hora?

– Madame Fátima, gostaria de fazer negócios, mas parece que seu marido não está em casa – respondeu João, mostrando os dentes em um belo sorriso.

– Pois é, ele precisou sair às pressas para levar uma mensagem lá para os lados de Riacho Doce. Você deve ter visto a confusão que aprontaram no Bar do Mineiro, não? – lamentou a mulher.

– Sim, sim. Um negócio dos diabos. Você soube que fim levou o Tião Peixeira?

– Pelo que ouvi do meu marido, o delegado Carrapato levou o corpo para o deserto. Uma cova rasa. Disse que o bandido não merecia mais do que isso.

– Você não concorda?

– Nunca se importaram muito com minha opinião dentro desta casa – disse Fátima, dando de ombros. – Posso ajudá-lo com algo mais, meu caro João?

Ao dizer isso, ela encostou-se no batente da porta e a alça do roupão se abriu um pouco, revelando o contorno de um seio nu. Os olhos dela brilhavam no escuro. O sorriso de João dos Mistérios se alargou.

– A madame é muito atenciosa, mas talvez seja melhor eu partir. O que as pessoas diriam se me vissem conversando com a senhorita sem seu marido em casa?

Fátima desceu um degrau e puxou João dos Mistérios pelos ombros.

– Deixe que falem – sussurrou em seu ouvido, passando a mão por suas costas musculosas e mordendo levemente o lóbulo da orelha. – Se o traste do meu marido pode se divertir com as piranhas que encontra na estrada, não é justo que eu faça o mesmo com um garanhão como você?

Fátima não esperou por uma resposta. Beijou João dos Mistérios, que respondeu com a intensidade dos homens solteiros, apossando-se da mulher com mãos firmes e seguras. Quando a levantou pelas nádegas, a moça acabou derrubando a vela, que caiu no chão arenoso e se apagou enquanto os amantes mergulhavam na escuridão sem nenhum pudor.

O vilarejo ardia à luz do luar. As chamas se levantavam altas no céu noturno, a consumirem casas, comércio, bares, estábulos e escolas. Os moradores procuravam fugir do fogo pelas ruas enlameadas, mas pistoleiros com rostos cobertos por sombras não os deixavam escapar. Os homens,

matavam com tiros, golpes de faca ou enforcados. Às mulheres, reservavam um destino muito mais cruel. O choro dos inocentes e as gargalhadas de homens maus ecoavam pela noite e João dos Mistérios assistia a tudo sem poder fazer nada.

Ele abriu os olhos, desesperado, e percebeu que estivera sonhando. Acordou debaixo de uma árvore, próximo a uma diminuta fogueira, onde uma figura de barba branca, pele escura e alta como uma sombra fumava cachimbo e o observava sentado num tronco. Então, percebeu que ainda não havia voltado ao mundo dos vivos.

– Mestre Lineu, o que é essa visão horrível que me trouxe na noite de hoje? Que significados ela esconde? – disse João, reverente, levantando-se devagar.

Os olhos do homem sentado no outro lado da fogueira brilharam, diabólicos, com o vermelho das brasas do cachimbo. Ele sorriu.

– Nada. Só que Joãozinho tem medo do coronel Olho de Cobra. Joãozinho ainda é menino. Joãozinho precisa crescer. Precisa encontrar verdadeiro nome.

– Você quer que eu enfrente os homens do coronel Olho de Cobra? Mas do que isso vai adiantar? Quando a violência já resolveu alguma coisa neste mundo?

– Joãozinho precisa controlar ansiedade, se quiser virar feiticeiro de verdade. Tem que vencer o medo do escuro. O trovão lhe trará as respostas que procura. O relâmpago lhe indicará o caminho.

– Mas, o que isso significa? Qual é a minha missão?

– O velho Lineu está cansado agora. Velho Lineu precisa descansar. Vá, meu filho, vá. Volte para o mundo dos vivos...

Um estrondo terrível fez com que João dos Mistérios acordasse. O negro se levantou, com o corpo empapado em suor. A janela do quarto estava escancarada, com as cortinas a dançarem ao sabor de um vento que uivava gelado ao entrar na casa. Fátima também despertou, assustada.

– O que está acontecendo? – quis saber a mulher, com voz fraca.

João dos Mistérios fechou a janela. Lá fora, os relâmpagos iluminavam a noite com uma luz elétrica e espectral. Um trovão ecoou a distância, como um convite indesejado.

– João! – Chamou Fátima.

João dos Mistérios se virou para a amante, confuso. O sonho ainda

muito vívido em sua mente. Quase podia ver os pistoleiros sem rostos entrando no quarto para aprontar o diabo com Fátima. Tal possibilidade fez um calafrio subir sua coluna. Ele odiava aquela sensação, de que a visão podia ser um futuro possível, sobre o qual não tinha nenhum controle.

– Está tudo bem, querido? – quis saber Fátima.

– Não, minha nega – respondeu João dos Mistérios. – Temo que não... Fátima se aprumou.

– O que houve?

Um relâmpago distante iluminou o corpo nu de João dos Mistérios. Ele permanecia parado, de olho no mundo lá fora, hipnotizado pelo espetáculo provocado pelos raios nervosos.

– Uma tempestade está a caminho – respondeu João, pegando a calça do chão e se sentando na cama para vesti-la. – Desculpe, querida, mas preciso ir.

– É aquele seu lance de bruxaria? – quis saber Fátima, nervosa.

– Os espíritos estão inquietos esta noite – disse João, colocando a camisa branca. – Eles me mandaram uma visão. Preciso descobrir aonde ela me leva.

Fátima o segurou pelo braço.

– Não vá – pediu ela. – Não quero passar a noite sozinha. Por favor!

Um nó se formou na garganta de João dos Mistérios, que a puxou para junto de si e a beijou, com vontade, afastando-a gentilmente em seguida.

– Desculpe, minha nega – repetiu. – O destino me chama.

6

João dos Mistérios sabia que forçava Lucinda ao limite ao cavalgar daquela maneira alucinada, mas sentia que era inevitável. Não havia nenhum homem do coronel Olho de Cobra nas ruas de Água Parada na hora em que partiu. Nenhum bêbado ou cidadão de bem para assistir a sua partida. Todos estavam recolhidos em suas casas, quartos alugados ou abrigos improvisados, distantes do vento e do frio sobrenatural que tomava o sertão de assalto. O ar parecia prenhe com uma eletricidade estática, maligna, a zumbir pelo solo rachado e arenoso adiante.

Nuvens pesadas se estendiam pelos céus de ponta a ponta, com

humores nervosos a se manifestarem em forma de clarões e trovões irritados. João seguia as trovoadas o melhor que podia naquele tempo ruim. Adentrava pelas terras desertas do sertão e se embrenhava na escuridão, cada vez mais distante das luzes fracas do vilarejo. Quando parava em busca de direções, Lucinda apresentava seus protestos com relinchos e empinadas, mas João acalmava o animal com a voz mansa e tapinhas gentis no pescoço. Conversava com ela para mostrar que não estava sozinha naquela jornada e, assim, conseguia conter não só os temores da égua agitada, como aqueles que também carregava no peito.

O vento, no entanto, tentava ao máximo fazer homem e montaria desistirem do percurso. Não só açoitava os dois sem a menor clemência, como também carregava os sussurros dos mortos, que assombravam as planícies com seu penar sem fim. João dos Mistérios sentia os dedos gélidos da morte a procurá-lo na escuridão, como fazia sempre que se aproximava de algum limiar, recomendando que desse a volta e esquecesse aquela história. Mas ele não desistia. Lembrava-se das palavras do velho Lineu e seguia adiante, apesar do medo que ameaçava congelá-lo.

Horas se passaram nesse tormento até que o vento amainou, os trovões se calaram e as nuvens começaram a se dissipar. João dos Mistérios diminuiu o passo de um galope desenfreado para um trote leve. Estavam no meio de uma área completamente deserta, distante de todas as fazendas ou vilarejos da região, e ainda não havia sinal do que deveria fazer. Num instante, um silêncio sepulcral caiu sobre o sertão e João dos Mistérios fez Lucinda parar. Sentia uma presença invisível no ar, como se tivesse acabado de chegar ao destino. De repente, um relâmpago se manifestou diante deles, a menos de cem metros de distância, e Lucinda empinou, assustada. O cavaleiro conseguiu se manter na sela, apesar da surpresa.

– É aqui! – concluiu, fazendo a égua parar de se debater ao tentar fugir. – É aqui, minha querida. Chegamos. Vai ficar tudo bem. Eu prometo, ok?

Lucinda relinchou uma vez, irritada, e parou de se mover, atendendo ao pedido do dono. João dos Mistérios desceu da égua e a deixou após lhe oferecer algumas bolotas de ração como recompensa por forçá-la a acompanhá-lo naquela missão maluca. Ele andou alguns passos e olhou ao redor.

– E agora? – perguntou para o vazio.

Ainda não sabia o que deveria fazer. Não havia nada ao redor além de cactos esparsos, árvores esqueléticas retorcidas e uma coleção de moitas secas. Então, João reparou algo incomum no chão, a poucos metros, no local onde o relâmpago caíra. O solo parecia mais escuro que o normal, como se a terra tivesse sido revolvida por ali, criando uma elevação não natural. Ele deu um passo adiante.

Nesse momento, os ventos voltaram a se manifestar e relâmpagos iluminaram as nuvens que ainda restavam no céu. O trovão caiu com força total sobre a terra no momento em que uma mão humana saiu de dentro da elevação como a garra de um animal selvagem. João dos Mistérios deu um grito, assustado.

Havia alguém enterrado ali, um espectro que saía da tumba para assombrá-lo. Um braço seguiu a mão, que se cravou na terra escura enquanto o corpo enterrado deixava a sepultura. João dos Mistérios sentiu vontade de fugir, de montar em Lucinda e galopar para longe. Nada de bom poderia vir do horror que se desfraldava diante de seus olhos. Nada de bom poderia vir do além-túmulo.

Algo, todavia, lhe dizia para deixar o medo de lado e confiar nos próprios instintos, que não havia nenhum perigo. Dessa forma, deixando os pensamentos racionais de lado, João abaixou-se e agarrou a mão do morto, ajudando-o a se levantar. Grãos de terra caíram de um rosto furioso, marcado pelo cansaço, mas longe de estar derrotado.

– Calma, amigo, você passou por um mau bocado, mas vai ficar tudo bem agora – disse João dos Mistérios, ao retirar o corpo de dentro da sepultura.

O morto tossiu forte, quatro vezes, sem força nos músculos, como João dos Mistérios percebera. Depois que começou a tirá-lo da tumba, o coitado se entregou aos braços de seu salvador, deixando-o fazer o serviço pesado. Quando finalmente saiu da sepultura, o homem se estirou no chão, respirando com dificuldade. Não era um homem grande. Devia ter pouco mais de um metro e meio de altura e estava vestido com roupas sujas de sangue seco e vários buracos de balas. Talvez não estivesse morto de verdade, afinal.

– Pronto, amigo, o pior já passou. Vamos levá-lo para casa agora, ok?

O homem levantou a cabeça, tentando falar alguma coisa.

– Os malditos... – sussurrou com uma voz quase inaudível.

– Como? – perguntou João, aproximando-se.

– Os malditos... vão pagar caro...

– Não se esforce, amigo. Você precisa descansar – aconselhou João.

O morto o agarrou pela gola da camisa com uma força que não tinha antes e o puxou até que seus narizes se encostaram e seus olhos se encontraram. Os olhos do morto brilhavam com uma chama azul bruxuleante.

– Os malditos vão pagar caro – rosnou o morto, furioso. – Ou não me chamo Tião Peixeira!

Um relâmpago caiu no meio do vazio seguido de um trovão ensurdecedor, que desabou como uma bomba no sertão. Tião Peixeira voltava do mundo dos mortos e nada impediria sua vingança.

Capítulo 2

Ódio no coração

1

O pesadelo era sempre o mesmo.

O mundo pegava fogo ao redor e Tião Peixeira se encontrava imobilizado, com braços e pernas presos a grilhões insensíveis e sólidos demais para serem ignorados, as chamas a rugirem descontroladas, consumindo tudo ao seu alcance. O chão se revelava invariavelmente apinhado de mortos. Rostos conhecidos e amados distorcidos em caretas mortuárias, a mostrarem surpresa e medo do fim que não conseguiram evitar. O assassino nunca estava distante. Tião Peixeira conseguia enxergar sua silhueta através das labaredas, assim como o brilho sinistro em seu olhar e o sorriso de escárnio estampado em seus lábios.

– Ed Tempestade – gritava com todas as forças. – Isso não vai acabar assim, está me ouvindo? Ainda vou pegar você! Nem que seja a última coisa que eu faça!

Do outro lado do inferno, a sombra do assassino oscilava para cima e para baixo. Podia ser somente uma miragem, mas Tião Peixeira desconfiava que não fosse. Ele conhecia a verdade e a verdade era que o maldito gargalhava perante seu sofrimento, fazendo-o trincar os dentes e se aferrar ainda mais ao seu juramento, mesmo que as chamas viessem para lamber sua pele e nada mais lhe restasse além do ódio contra um inimigo distante e covarde.

De repente, uma dor lancinante no peito o fez despertar com um grito involuntário. Tião Peixeira abriu os olhos para um quarto escuro, iluminado somente pela luz bruxuleante de várias velas. Um negro enorme de cabelos brancos arrepiados e olhos alaranjados pairava sobre ele como uma assombração. Carregava uma pinça entre os dedos grossos, com algo preso em suas garras que produziu um som metálico ao ser descartado numa lata vazia. Algo manchado de vermelho.

O negro dizia alguma coisa, mas Tião Peixeira estava desnortado

demais para compreender as palavras que saíam daquela boca. Tinha a atenção voltada para problemas mais urgentes, como o fato de que seus braços e pernas continuarem imobilizados, igual ao pesadelo que tanto o atormentava. Ao contrário do cenário onírico, entretanto, não eram tiras de couro apertadas que mordiam seus pulsos e tornozelos e sim pedaços de pano habilmente amarrados às laterais de uma cama.

Com um rosnado animalesco, Tião Peixeira conseguiu romper uma das amarras e agarrou o negro pela gola da camisa, puxando-o para junto de si até que estivessem cara a cara, com os narizes a milímetros de distância. Encarou seu carcereiro, olhos nos olhos, com o fogo a crepitar em seu peito nu.

– Você é um dos capangas do coronel Olho de Cobra? – exigiu saber, lançando perdigotos no rosto do negro. – É por isso que me amarrou? Acha que estou indefeso?

O negro permaneceu impassível.

– Meu nome é João dos Mistérios – respondeu ele, calmamente. – E você ainda está confuso e não sabe o que diz.

Antes que Tião Peixeira pudesse argumentar contra tal afirmação, o negro apertou um nervo próximo ao pescoço que lhe roubou as forças e o lançou de volta à escuridão. Dessa vez, demoraria mais para que ele voltasse a acordar e as marés da inconsciência o levariam a praias mais distantes e sombrias do que gostaria de recordar.

2

Quando deu por si, percebeu que estava deitado de barriga para baixo com o rosto enfiado na areia negra. Seu corpo formigava de forma estranha, como se tivesse acabado de se reintegrar no vazio para onde a consciência de Tião Peixeira fora lançada. Lentamente, levantou-se, procurando identificar que lugar era aquele. Dava para ouvir as ondas quebrando na arrebentação. Ao olhar para a frente, enxergou um mar preto feito piche que se estendia até o infinito, uma vez que não havia estrelas no céu nem uma linha que definisse o horizonte distante.

A escuridão cobria aquele mundo abandonado por Deus. De pé, Tião Peixeira percebeu então que estava nu, embora isso não o tenha abalado ou

incomodado nem por um momento. Também notou que carregava algo na mão fechada. Ao abri-la, arregalou os olhos perante o brilho de um pequeno círculo metálico prateado, parecido com a lua cheia. Ele segurou a esfera entre o indicador e o dedão, estupefato com sua beleza radiante enquanto analisava os dois lados: um deles apresentava um rosto muito semelhante ao dele próprio; o outro, uma coroa. Era uma moeda.

De repente, o som de um choro próximo chamou sua atenção. Ele guardou a moeda na mão fechada, pressionando-a contra o peito, enquanto buscava a origem do ruído carregado pelo vento. Logo percebeu um garoto nu a remexer a areia desesperadamente, como se procurasse alguma coisa. Aproximou-se dele, curioso.

– Moleque, o que houve? O que está procurando? – indagou.

A criança, porém, parecia não o escutar. Apenas chorava mais alto e fazia buracos em diferentes pontos da areia negra, alheia aos questionamentos do estranho. Pouco acostumado a ser ignorado, Tião Peixeira puxou o garoto pelo braço.

– Eu te fiz uma pergunta, moleque – ralhou.

O garoto engoliu o choro por um minuto, tentando a todo custo se livrar do homem que o segurava, como se não pudesse parar o que estava fazendo.

– Me solta, tio – suplicou. – Tenha pena de mim. Preciso encontrar minha moeda antes que ele volte ou nunca mais verei minha mãe.

Tião Peixeira apertou com mais força a moeda prateada que carregava.

– Quem levou sua mãe, guri? – quis saber, confuso.

O menino apontou com a mão livre para o mar negro, cujas ondas arrebatavam como trovões a poucos metros de distância.

– O barqueiro – respondeu. – Aquele que nos leva para a Terra Prometida!

A resposta abalou profundamente Tião Peixeira, que soltou a criança antes de perceber o que estava fazendo. Por sua vez, o menino se jogou com desespero na areia, voltando a escavá-la e chorar como se não houvesse amanhã. E talvez não houvesse, ao menos, naquele lugar obscuro.

Àquela altura, os olhos de Tião Peixeira estavam mais acostumados à escuridão e ele conseguia distinguir outras sombras espalhadas perto da linha de arrebatção chorando e remexendo a areia com gestos mecânicos e

previsíveis. Também notou uma fila indiana de vultos que seguia com passos lentos mais acima na praia, até um píer distante, no fim do qual um barco parecia flutuar ao sabor das marés. Tião Peixeira não pensou duas vezes e começou a andar naquela direção.

Diferentemente, contudo, dos homens e das mulheres que seguiam arrastando os pés, com as costas envergadas e o olhar perdido, Tião Peixeira seguia em frente com passos rápidos e postura decidida. Percebeu, com certa apreensão, o quanto era diferente de todos os outros que via por ali. Era como se aquelas pessoas não tivessem mais nada pelo que lutar. Muitas nem protegiam as próprias moedas, opacas e corroídas de ferrugem, carregando-as com displicência entre dedos moles, como se fossem apenas sombras de pessoas que se foram.

Tião Peixeira passou ao largo da fila, seguindo para o píer feito de madeira velha, cheio de buracos perigosos e tábuas suspeitas. No fim dele, uma figura encapuzada com o rosto encoberto por sombras segurava um enorme cajado com uma das mãos enquanto cobrava a passagem dos passageiros com a outra. Toda moeda recolhida era depositada num saco escuro preso na cintura do barqueiro, cada homem ou mulher que tentava entrar sem pagar era empurrado sem misericórdia para dentro do mar e ninguém reclamava de nada. Pelo menos, até Tião Peixeira alcançar o começo da fila e se meter na frente do homem encapuzado, interrompendo o fluxo de passageiros.

Se o barqueiro ficou surpreso, era impossível saber, embora ele tenha levantado o rosto coberto de sombras para o homem que o encarava com fúria escaldante.

– Para onde está levando essas pessoas? – exigiu saber.

O barqueiro não disse nada. Só virou levemente o pescoço para trás, na direção do mar, e de volta para Tião Peixeira. Mesmo daquela distância era impossível enxergar o rosto escondido pelo manto. Era como se o vazio do espaço o contemplasse, o que deixaria qualquer um abalado, até um cara durão como ele.

– Meus pais – continuou Tião Peixeira, tentando decifrar um enigma.

– Foi para lá que você os levou?

O barqueiro o encarou, deixando o silêncio se alongar entre os dois. Tião Peixeira trincou os dentes.

– E Maria Estrela? – continuou, com a voz falhando por um breve

momento, fazendo-o engolir em seco. – Ela também está lá?

O barqueiro permaneceu impassível. A vontade de Tião Peixeira era de arrebentar os dentes daquela criatura pedante, mesmo pressentindo que não seria saudável tocá-la. Assim, fez a última pergunta que guardava:

– Você pode me levar até eles?

Ao ouvir isso, o barqueiro estendeu o braço e abriu a mão, com a palma voltada para cima, num gesto que falava por si mesmo. Tião Peixeira se lembrou da moeda prateada que trazia no punho fechado. Ele abriu os dedos devagar, com cuidado para não a derrubar, e contemplou o seu esplendor. Em seguida, virou-se para a figura sombria que permanecia parada à espera de uma decisão e fechou a mão com força, afastando-a do espectro maldito.

– Isso ainda não acabou – rosnou para o barqueiro.

Após dizer tais palavras, seguiu com passos pesados pelo mesmo caminho por onde viera.

3

Quando Tião Peixeira enfim acordou, demorou mais de um minuto para o mundo entrar em foco. Sua cabeça rodava em razão de uma terrível ressaca. Sentiu a garganta seca, áspera como lixa de unha. A luz azulada que entrava pela janela indicava que já era dia – ou o que podiam chamar de dia, desde que as nuvens cinzentas se espalharam pelos céus de forma estacionária e permanente.

Percebeu que estava deitado na cama de um quarto deserto numa casa com paredes de barro. As amarras que lhe limitavam os movimentos haviam desaparecido. Não viu nada de valor ao redor, além de um armário velho e uma estante com um punhado de livros, bastante manuseados, e velas apagadas espalhadas pelos cantos. Notou a garrafa de água e o copo deixados sobre um banquinho ao lado da cama. Afoito, esticou o braço para pegar o recipiente e quase o derrubou quando uma fisgada nos músculos o fez trincar os dentes e encher seus olhos de lágrimas.

Só então Tião Peixeira percebeu os ferimentos que o debilitavam, todos devidamente tratados e cobertos com folhas de bananeira e alguma mistura fedorenta parecida com titica de galinha. Vagarosamente, sentindo todos os

músculos do corpo reclamarem, sentou-se na cama. Os olhos voltaram a encarar a água, brilhando dentro do vidro de modo convidativo. Lembrou da boca seca como as crateras da lua. Respirando fundo, e ignorando a dor, pegou a garrafa e a virou de uma vez, bebendo o conteúdo em goles grandes e nada econômicos. Até que se engasgou e começou a tossir.

A garrafa caiu no chão e o precioso líquido foi rapidamente absorvido pela terra batida. Tião Peixeira não deu bola. Agora, que se sentia um pouco mais vivo, escutou o estômago roncar, reconhecendo o cheiro de comida em algum lugar próximo. A fome lhe mordia as entranhas e era avassaladora. Tentou ver alguma coisa através das contas de vidro que cobriam a passagem para outro cômodo, mas só reconhecia a claridade de uma porta aberta um pouco mais adiante.

– Tem alguém aí? – perguntou numa voz que era pouco mais que um sussurro.

Ninguém respondeu. Tião Peixeira olhou para o próprio corpo, ferido, todo enfaixado de verde cinzento, como uma múmia tupiniquim. Sabia que não devia sair da cama, mas nunca foi homem de ficar parado. Levantou-se e deu dois passos, segurando-se no batente da passagem para não cair. As contas dançaram de um lado para o outro. Tião Peixeira suava e, ao olhar para a frente, nem reparou em todos os utensílios e móveis que transformavam aquele lugar na casa de alguém. Só tinha olhos para um prato fundo, cheio de comida, abandonado no descampado lá fora.

Um pequeno terremoto se manifestou em sua barriga. A boca do pobre homem se encheu de saliva, reconhecendo os itens do repasto e degustando seus aromas feito um perdigueiro: milho na espiga com manteiga, pirão e um frango assado inteiro, com a pele crocante e gordurosa, do jeito que ele gostava. Nas atuais condições, aquilo era um banquete dos deuses. Avançou feito zumbi do quarto até a porta aberta, onde precisou se escorar para não levar um tombo. Os ferimentos ardiam e sangue escorria por entre as bandagens, mostrando a tolice de ter saído da cama.

– O que pensa que está fazendo?

A pergunta quase fez Tião Peixeira perder o equilíbrio. Ao lado da porta, encontrava-se um negro que, sentado, era quase do seu tamanho. Um homem forte, de músculos sólidos e olhos alaranjados, com cabelos brancos arrepiados que lhe davam um aspecto sobrenatural. Vestido todo de branco e com um cachimbo na mão esquerda, aguardava por uma resposta.

– Quer me matar de susto, peste? – reclamou Tião Peixeira, desmoronando no banquinho deixado do outro lado da entrada.

– Você devia estar morto – respondeu o negro. – Tirei nada menos do que 27 balas do seu corpo três noites atrás, inclusive dessa sua bunda magra.

Tião Peixeira fez uma careta, percebendo o ferimento nos fundilhos assim que terminou de se sentar. Ficou sem ar por um breve momento, segurando as lágrimas nos olhos. Não fazia o tipo de chorar na frente dos outros. Ou mesmo sozinho. Era cabra-macho, como se dizia por aí.

– Não posso morrer – revelou Tião Peixeira. – Não enquanto aquele bastardo estiver solto por aí!

– De quem está falando? – quis saber o negro, interessado. – Do coronel Olho de Cobra? É dele que está atrás?

Tião Peixeira olhou feio para seu salvador.

– Não é da sua conta – rosnou como um alerta de que não iria além daquele ponto.

O negro deu de ombros, dando uma baforada no cachimbo, sem se abalar.

– Bom, você ainda não respondeu a minha outra pergunta... – lembrou o negro.

– Que raio de pergunta, homem? – irritou-se Tião Peixeira.

– O que está fazendo fora da cama? – continuou o negro, calmamente.

– Estou com fome, diacho – respondeu Tião Peixeira, apontando para o enorme prato de comida deixado ao relento e baixando o tom em alguns oitavos. – Agora, se não for inconveniente para o amigo, será que pode me trazer aquele prato, sim?

O negro deu outra baforada no cachimbo, olhando adiante.

– Não.

Tião Peixeira piscou três vezes, como se não tivesse compreendido a resposta de seu anfitrião.

– O que disse?

O negro deu outra baforada no cachimbo, sem olhar para o homem ferido.

– Não fiz aquela comida para você – detalhou.

Tião Peixeira trincou os dentes.

– E fez para quem, afinal?

O negro deu de ombros e sorriu, como se fosse tudo muito óbvio. Tião

Peixeira olhou do prato cheio de comida para o negro e de volta para o prato cheio de comida. Uma ideia começava a se apresentar em seu cérebro.

– Você está de sacanagem com a minha cara, homem? – indignou-se. – Vai me dizer agora que esse banquete inteiro é macumba?

– Macumba, não – irritou-se o negro, levantando o indicador em sinal de advertência. – Aquilo ali é um trabalho muito sério, que fiz pensando na sua melhora. Não venha dar uma de mal-agradecido para o meu lado.

– Mal-agradecido uma pinoia! – irritou-se o ferido, procurando se levantar com dificuldade. – Já matei cabra muito mais macho do que você por muito menos. Meu nome é Tião Peixeira! E não é o João Macumba que vai me dizer não!

– Meu nome é João dos Mistérios – corrigiu o negro, dando outra baforada no cachimbo, assistindo com curiosidade ao teatro do homem ferido.

– *João Macumba, João Macumba, João Macumba* – berrou Tião Peixeira, com passo trôpego, procurando manter o equilíbrio enquanto abandonava a segurança da porta. – Pronto! Eu o nomeei três vezes para ver se aprende a ser homem. Vamos ver se esse nome não pega agora.

Bastaram quatro passos para Tião Peixeira desabar de cara no chão, levantando uma nuvem de poeira ao redor do corpo machucado. Aquilo devia ter doído, de modo que João dos Mistérios teve de conter o riso. O ferido apoiou os cotovelos no chão e olhou adiante, para o prato de comida, que se encontrava agora a menos de três metros de distância. Com um grunhido irritado, jogou um braço adiante e começou a se arrastar, ao que João dos Mistérios suspirou e se levantou da cadeira.

– Já disse que isso não é para você – repetiu João dos Mistérios, levantando o ferido como se ele não pesasse nada.

Tião Peixeira procurou se debater, mas lhe faltavam forças para montar uma resistência séria.

– Me solte, seu gorilão idiota – protestou. – Não preciso da sua maldita ajuda! Não sou um doente indefeso! Sou Tião Peixeira! O terror do sertão!

João dos Mistérios colocou o paciente de volta na cadeira e o segurou em seu lugar, impedindo-o de se levantar ou se arrastar para fora dali. Tião Peixeira trincou os dentes, furioso, enquanto os dois homens se encaravam, olhos nos olhos.

– Se tentar sair daqui vou te amarrar na cama de novo, entendeu?

– Amarra – desafiou Tião Peixeira. – Você faz nós que nem uma menininha!

João dos Mistérios sorriu ao mesmo tempo que soltava o paciente e se erguia sobre ele. Apesar da fúria, Tião Peixeira não se moveu, fraco demais para fazer qualquer coisa que não fosse respirar de maneira ofegante.

– Suas ofensas não têm peso – disse João dos Mistérios. – Você pode enganar os outros com essa sua banca de machão, mas não a mim, Tião Peixeira. Sei que você tem mais do que ódio nesse seu coração amargurado.

A isso, Tião Peixeira nada disse. Apenas olhou para o anfitrião sem conseguir esconder a surpresa que tal afirmação lhe causara. João dos Mistérios sorriu para ele, de modo enigmático, e retornou ao seu lugar. Os dois ficaram quietos por um tempo, como se não houvesse mais nada a dizer.

– Se pensa que me dei por vencido, está muito enganado, João Macumba – disse Tião Peixeira, enfatizando o apelido para ver se irritava o anfitrião. – Só parei para recuperar o fôlego...

– O que for melhor para você, Tião Peixeira – sorriu João dos Mistérios.

Os dois voltaram a se calar. Moscas grandes e gordas circulavam a cobiçada comida, enchendo Tião Peixeira de raiva. Não conseguia compreender como alguém podia deixar uma refeição daquelas ser desperdiçada, ainda mais com o mundo inteiro caindo aos pedaços e a humanidade prostrada de joelhos, sem poder fazer nada além de esperar pelo fim que nunca vinha. Nada daquilo parecia abalar João dos Mistérios, que continuava a fumar o cachimbo, como se não tivesse uma preocupação no mundo.

De repente, um movimento no mato seco chamou a atenção de Tião Peixeira. Seus músculos imediatamente se retesaram e ele estreitou os olhos, procurando identificar o que se escondia entre as folhas altas. Inconscientemente, levou a mão direita à cintura, em busca de um facão que não estava ali. Reflexos condicionados. Mesmo ferido, seu corpo se preparava para a guerra.

– Calma – recomendou João dos Mistérios, em voz baixa.

Tião Peixeira se virou para ele e percebeu que o negro também observava o movimento na mata com olhos atentos. Os dois ficaram em silêncio, esperando. Sentiam a presença do animal que os espreitava e sabiam que o bicho estava na mesma situação, analisando suas chances. João dos

Mistérios continuou a fumar o cachimbo, soltando baforadas azuladas de fumaça no ar.

Após alguns minutos de tensão, a criatura voltou a se movimentar, como se tivesse tomado coragem para se revelar. Tião Peixeira pressionou os dedos contra a lateral da cadeira, segurando o fôlego. Estava preparado para qualquer coisa: um lobo-guará, uma onça ou algum monstro maldito criado pela radiação do Deserto das Sete Luas. Poderia não estar pronto para enfrentar nenhum desses bichos, mas prometeu a si mesmo que daria seu melhor. Não cairia sem luta. No entanto, não era necessário tanto drama.

Uma cabeça triangular e malhada saiu do meio do mato, espiando um pouco amedrontada os humanos sentados na frente da casa. O queixo de Tião Peixeira baixou automaticamente. Um cachorro, nada mais que um maldito cachorro. Ele soltou o ar, sem ter percebido que o segurava no peito, e percebeu que João dos Mistérios ainda observava a cena com atenção, como se algo muito importante estivesse em andamento.

– Você conhece esse pulguento? – quis saber Tião Peixeira.

– Shhh... – censurou João dos Mistérios, irritado.

Tião Peixeira se sentiu ofendido, mas obedeceu. O cachorro logo saiu do mato, com as costas arqueadas e o rabo guardado entre as pernas. Não era um cachorro, como as tetas cheias de leite na barriga indicavam. Era uma cadela. Uma mãe, para ser mais preciso. Lentamente, pé ante pé, ela avançou, sem nunca tirar os olhos assustados dos homens que a observavam. Só quando percebeu quais eram as intenções do animal que Tião Peixeira voltou a se manifestar:

– Você não vai deixá-la fazer isso, vai? – sussurrou.

– Já te pedi silêncio – lembrou João dos Mistérios, muito sério.

Tião Peixeira segurou um xingamento na garganta. Voltou a olhar o prato, cheio de comida, o pirão molhadinho, o frango suculento de pele dourada, o amarelo do milho reluzindo com a manteiga escorrendo por sua superfície. Seu estômago roncou um protesto que fez a cadela levantar uma orelha e parar na metade do caminho, atenta. Tião Peixeira trincou os dentes, furioso.

– Isso é um crime, cara – reclamou. – Um crime!

João dos Mistérios sorriu, mas não tirou os olhos da cadela, que voltou a avançar, farejando o ar, cheia de interesse. Logo ela alcançou o prato de comida e se pôs a mastigar seu conteúdo com avidez.

– Tá vendo? – apontou Tião Peixeira, sem conseguir conter mais a indignação. – É isso que acontece com as suas macumbas! Nenhum orixá aparece para pegá-las, mas os bichos não perdem tempo diante de um festim desses! Está feliz agora?

– Muito – respondeu João dos Mistérios, levantando-se com um sorriso amplo e simpático. – Os sinais não podiam ser melhores. Podemos comer agora.

Os olhos de Tião Peixeira se abriram um pouco mais.

– Você fez um rango desses para a gente?

– Paciência, meu caro Tião Peixeira, paciência...

Tião Peixeira sorriu pela primeira vez depois de muito tempo.

– Eu sabia que você não podia ser de todo mau, João Macumba – comentou, alegre. – Um pouco doido, é bem verdade. Tem que ser um pouco doido para alimentar os bichos com um rango desses. Mas quem sou eu para julgar? Cada louco com a sua loucura, é o que digo. Vai demorar muito aí dentro?

João dos Mistérios voltou com uma cumbuca fumegante na mão. Tião Peixeira a recebeu com um sorriso que diminuía visivelmente à medida que percebia o conteúdo que lhe era entregue.

– O que é isso? – perguntou, voltando a ficar indignado.

– Canja de galinha – respondeu João dos Mistérios, voltando ao seu lugar. – Aproveite enquanto está quente!

O rosto de Tião Peixeira se fechou por completo. Ele olhou para a cadela, que, ao perceber que era observada, abocanhou o frango inteiro e fugiu para dentro do mato, com a cauda balançando de um lado para o outro, tirando a opção mais apetitosa do cardápio dos humanos.

– Sabe, João Macumba, eu me enganei a seu respeito – continuou Tião Peixeira, com uma voz amarga. – Você é um cabra ruim! Sem coração! Aposto que também cuspiu nisso aqui, não é?

João dos Mistérios soltou uma risada animada.

– Você também não é de todo ruim, Tião Peixeira – respondeu. – Você não é de todo ruim.

Devido ao corpo debilitado, não restavam muitas opções a Tião Peixeira além de aceitar a hospitalidade e os cuidados que lhe eram oferecidos. Mesmo que passasse os dias a resmungar, procurava ajudar como podia nas tarefas do dia a dia e observava seu anfitrião com um misto de curiosidade e respeito. Por sua vez, João dos Mistérios estava impressionado com a rápida recuperação do enfermo, como demonstrou ao trocar as bandagens sujas de pus no quinto dia após o resgate:

– Seus ferimentos estão cicatrizando muito bem – comentou. – Se continuar assim, em uma semana ninguém poderá dizer que levou um tiro, quanto mais 27!

– Já lhe disse que não posso morrer – queixou-se Tião Peixeira, sorumbático.

João dos Mistérios o encarou, sem dizer nada, o que deixou o outro inquieto.

– Onde estão minhas peixeiras? – quis saber. – Vou precisar delas quando for embora e não as vi em lugar nenhum desde que acordei.

– Elas não estavam com você quando o enterraram – respondeu João dos Mistérios. – Imagino que um dos homens que atirou em você as tenha levado.

Tião Peixeira bufou de raiva.

– Esse vai ser o primeiro cabra que vou visitar quando sair desta casa – ameaçou. – Para ensinar a ele com quantos paus se faz uma canoa. Marque minhas palavras: vou mostrar a ele o que é bom para a tosse...

João dos Mistérios não insistiu na conversa. Sabia que, se desse corda, Tião Peixeira falaria pelos cotovelos a tarde inteira. No entanto, ficava cada vez mais curioso a respeito do paciente, como revelavam as poucas perguntas que lhe fazia, às quais o doente respondia com afrontas e bravatas, arisco a qualquer tentativa de aproximação. Tudo que queria era ir embora dali. Mesmo sem dizer nada, mostrava-se incomodado com os rituais realizados por seu anfitrião.

Na manhã do oitavo dia, encontrou João dos Mistérios parado diante do galinheiro, com o olhar perdido no horizonte.

– João Macumba – chamou. – Está tudo bem, homem?

O negro não respondeu. Permanecia imóvel, de costas para o enfermo, com as galinhas ciscando próximas a seus pés, alheias aos dramas humanos. Tião Peixeira franziu a testa.

– João? – chamou numa voz mais baixa.

Nenhuma resposta. Usando um pedaço de pau como bengala, Tião Peixeira mancou até chegar ao lado do negro. Ao observar seu rosto, um arrepio percorreu sua espinha. Ele parecia um zumbi, com a boca escancarada e os olhos abertos a revelarem apenas a esclera, as pupilas procurando refúgio atrás das pálpebras que não se fechavam. O corpo também tremia de forma sutil.

Tião Peixeira temeu que o anfitrião estivesse tendo um derrame ou algo parecido. No entanto, bastou encostar em seu braço para a vida retornar ao rosto de João dos Mistérios. Suas pupilas baixaram, sua boca se fechou e ele olhou ao redor, confuso, como se tivesse acabado de acordar de um longo sonho.

– O que aconteceu?

– Eu é que pergunto – rebateu Tião Peixeira. – Você é que estava plantado aqui que nem uma árvore, como se estivesse em outro planeta. Está tudo bem?

João dos Mistérios piscou três vezes e levou à mão a cabeça.

– Os espíritos estão inquietos...

Tião Peixeira deu um passo para trás. Não por medo, pois não era homem de temer fantasmas ou demônios, mas por respeito. Afinal, sabia que João dos Mistérios era um bruxo. E, pelo que havia observado, um bruxo poderoso.

– O que eles disseram? – inquiriu, timidamente.

João dos Mistérios não respondeu. Apenas respirou fundo e contemplou o horizonte distante, como se as respostas que procurava estivessem em outro lugar. Enfim, virou-se para Tião Peixeira e o olhou dos pés à cabeça.

– Você precisa de roupas novas – constatou.

Tião Peixeira usava as calças e a camisa ensanguentadas com as quais fora encontrado. Nada mais que farrapos, que mal se sustentavam sobre o corpo magro e maltratado.

– Posso arranjar roupas quando tiver condições de ir embora – argumentou. – Não preciso da sua caridade.

João dos Mistérios não lhe deu atenção, indo até o pequeno estábulo onde a égua branca descansava em sua baia. Tião Peixeira mancou atrás dele.

– O que está fazendo?

João dos Mistérios estava selando a égua.

– Vou dar um pulo em Água Parada – respondeu. – Tem comida no fogão e água fresca no jarro. Volto amanhã ou depois.

– Espere – pediu Tião Peixeira enquanto o outro subia no cavalo – Me leve com você! Ficar parado está me deixando louco!

João dos Mistérios ofereceu um pequeno sorriso ao enfermo.

– Nossa jornada começa quando eu voltar – respondeu.

Antes que Tião Peixeira pudesse protestar, João dos Mistérios bateu nas ancas da égua e balançou as rédeas, pondo-a num galope apressado e veloz que levantou poeira ao partir. A poeira fez o enfermo tossir e quase perder o equilíbrio, mas ele se manteve de pé graças à bengala improvisada

– O que você quer dizer com nossa jornada? – berrou o mais alto que pôde.

Só que era tarde demais, João dos Mistérios estava fora de alcance, longe demais para escutar os xingamentos que se seguiram.

5

Dizer que Tião Peixeira ficou de mau humor seria eufemismo. Deixado à própria sorte, passou o dia a mancar de um lado para outro, sentando-se de tempos em tempos para recuperar o fôlego e xingar o anfitrião que o abandonara. Queria estar saudável para ir embora, sem olhar para trás. Quase fez isso mesmo ferido, só para provar que não precisava de ninguém para fazer o que era preciso. No entanto, não tinha ideia de onde ficava a casa de João dos Mistérios e temia perder o rastro de sua presa, caso errasse o caminho de volta para a civilização. Então, foi com profundo desgosto que aguardou o retorno do outro.

Naquela noite, não dormiu, tamanha a raiva que lhe corroía as entranhas. Ao menos os buracos de bala estavam cicatrizando bem, embora a recuperação dos músculos seguisse mais lenta. Tião Peixeira acreditava que, caso se concentrasse o bastante, conseguiria curar o corpo de quaisquer ferimentos que o afligisse. Tinha motivos para pensar assim. O passado permanecia como um retrato vívido dos motivos que o levavam a seguir na batalha da vida. Se descansava era somente para acelerar o processo de recuperação que o colocaria de volta nos trilhos.

Passava do meio-dia de sábado quando o som de cascos tirou Tião Peixeira de seus devaneios. Agarrando a bengala improvisada, mancou até a entrada da casa de barro muito mais rápido do que no dia anterior. Suas pernas já não doíam tanto e logo estariam prontas para encarar a estrada. João dos Mistérios retornava com mantimentos, parando a égua a poucos metros da entrada da casa. Jogou uma sacola para Tião Peixeira, que a pegou por puro reflexo e trincou os dentes ao conferir o que havia dentro.

– Eu disse que não precisava de roupas novas – protestou.

– De nada – respondeu João dos Mistérios, descendo da égua e começando o lento trabalho de descarregar sua carga.

Tião Peixeira mancou até parar ao lado do anfitrião.

– Não pense que vou lhe pagar por esses panos inúteis – ladrou. – Espero que não tenha feito essa viagem só para melhorar meu visual.

João dos Mistérios abriu uma das bolsas presa à sela do animal.

– Você já deixou claro que isso seria perda de tempo – respondeu.

– Então o que você foi fazer lá em Água Parada?

João dos Mistérios tirou um calhamaço amassado de papéis e o entregou para o convalescente com um gesto afetado.

– Fui saber das notícias – anunciou. – Parabéns! Você é famoso agora!

Tião Peixeira levantou uma sobrancelha, sem entender, até que percebeu o que tinha em mãos: um jornal, algo que não contemplava havia muito. Pior. Um jornal que trazia o seu nome em letras garrafais na manchete principal. Um claro sinal de que nada mais seria como antes.

Edição Extraordinária

A lendária morte de Tião Peixeira

Homem misterioso deixa o Deserto das Sete Luas e mata oito antes de sucumbir perante os soldados do coronel Olho de Cobra

Por Leandro Fuentes

Água Parada, uma cidade minúscula, de aproximadamente quinhentos habitantes nos limites do território do Coronel Olho de Cobra foi palco de um confronto como não se via no sertão desde o fim da Grande Guerra. Um homem armado com dois facões enormes deixou uma trilha de mortos e mutilados antes de ser abatido, como um cachorro louco, por soldados preocupados em defender o bem comum e o que restou da nossa orgulhosa sociedade.

“Não podemos permitir que malfeitores como esse aterrorizem nossos cidadãos”, defendeu o delegado Gregor Carrapato, autor do disparo que tirou a vida do perigoso bandido e responsável pela Delegacia de Miradouro. “Uma bala na testa e sete palmos de terra: é tudo que temos a oferecer para calhordas que nem esse tal Tião Peixeira!”

Apesar das palavras fortes, e do par de facões que mandou pendurar em seu escritório como lembrança da vitória, o bravo delegado não saiu da escaramuça sem cicatrizes. Além do olho roxo por trás dos óculos escuros, o oficial perdeu cinco soldados, inclusive os famosos pistoleiros popularmente conhecidos como Chumbo Grosso e Alemão do Cerrado. Outros sete soldados ficaram gravemente feridos, sendo que um deles se tornou paralítico.

Afinal, quem é Tião Peixeira, o homem que provocou tal carnificina armado apenas com dois facões? Essa é a pergunta que tem rondado as conversas em Água Parada. “Tudo que sabemos sobre o meliante é que atravessou o Deserto das Sete Luas, parou no Bar do Mineiro e matou três homens de bem sem ser provocado”, detalhou o sargento Edimar Pereira, chefe do posto militar de Água Parada. O oficial também recomendou que a

reportagem pegasse mais detalhes com o dono do Bar do Mineiro que, infelizmente, não quis dar entrevista.

Nem todos, entretanto, concordam com a versão oferecida pelo sargento. O mestre de obras Dagoberto Lourinho afirmou que os homens mortos por Tião Peixeira eram pistoleiros da pior espécie de passagem pela cidade e que vinham incomodando os clientes do bar desde que chegaram. “Eles estavam se achando, tirando onda com todo mundo, até o Tião Peixeira chegar”, contou. Ainda de acordo com o mestre de obras, um dos pistoleiros fez uma acusação que não foi bem aceita pelo recém-chegado. “Não se fala assim da masculinidade dos outros. Os babacas tiveram o que mereciam”, concluiu. Os militares não liberaram as identidades dos mortos.

De toda maneira, a passagem de Tião Peixeira mexeu com a imaginação dos moradores da região, por onde circula os mais fantásticos boatos. Uma mulher que não quis se identificar alega que o forasteiro é a reencarnação do mítico Lampião, que retornou para se vingar dos descendentes dos homens da lei que deram um fim ao seu bando. Outro rapaz afirma que ele jurou retornar dos mortos para se vingar do coronel Olho de Cobra. Mas talvez a teoria mais louca seja a de um senhor de idade, que disse ter conhecimento da verdadeira identidade de Tião Peixeira, um sertanejo que viveu anos no Oriente, aprendendo artes marciais, e a quem todos deram como morto.

Seja lá qual for a verdade, a história de Tião Peixeira está longe de chegar ao fim. Os mistérios por trás da sua vinda e o conflito sangrento provocado por sua passagem deixou uma marca na alma dos habitantes de Água Parada, que não falam de outra coisa desde então. Tião Peixeira pode ter deixado este mundo, mas provavelmente continuará vivo na imaginação de muitos, como as velhas lendas de antigamente.

Capítulo 3

Notícias populares

1

Tudo que Verônica Mota queria era ver o mundo se reerguer das cinzas, motivo pelo qual decidiu criar o jornal *Edição Extraordinária*, de publicação eventual. Ela acreditava que o periódico ajudaria a reforçar os laços comunitários, que voltavam a adquirir importância com o fim das constantes lutas entre os senhores de terra e o estabelecimento de novos territórios, soberanos dentro de limites previamente demarcados, conquanto permanecessem sem nomes. As dificuldades para levar o projeto adiante, porém, não eram poucas.

– O que você quer dizer com *a prensa quebrou*? – exigiu Verônica ao entrar no parque gráfico do jornal. – Todos os seiscentos exemplares impressos já foram vendidos e tenho mensageiros lá fora pedindo por mais. Pela primeira vez em mais de dez anos as pessoas querem saber das notícias e vocês vem me dizer que não temos como atender à demanda? Mestre Silas, não acredito que logo o senhor vai me deixar na mão.

Um homem de costas encurvadas se virou para Verônica. Ele era pequeno, com longas suíças brancas e um par de óculos de aros dourados e lentes que deixavam seus olhos enormes, como um personagem de desenho animado. Mestre Silas trabalhava no parque gráfico com o neto, Guto, um jovem robusto de vinte e poucos anos vestido num macacão todo manchado e com as mãos sujas de graxa. Os dois procuravam arrumar a prensa mecânica, capaz de imprimir até 250 páginas por hora, quando em funcionamento, mas pareciam não estar levando a melhor naquela batalha inglória.

Mestre Silas fez uma medida, sem se deixar afetar pelo mau humor da patroa.

– Minha cara Verônica, lamento por esse pequeno infortúnio, mas devo lembrá-la que estamos, literalmente, trabalhando com uma peça de museu – disse, apontando calmamente, para a máquina, que ainda contava com uma placa metálica pregada na coluna principal identificando sua procedência original. – Trata-se de uma máquina que estava inativa havia pelo menos dois

séculos. Precisamos adaptá-la às nossas necessidades, e isso não se faz da noite para o dia. Já temos uma avaliação geral e pedimos que o ferreiro produza algumas peças essenciais que sejam mais resistentes e adequadas às nossas necessidades. Isso não deve ser um problema com todo o lucro que temos tido com o lançamento do jornal, certo?

– Deixe que dos custos me preocupo eu, mestre Silas – retorquiu Verônica. – O que preciso de vocês são jornais prontos para a venda! Não me diga que nosso estoque acabou, porque papel não nos falta! Quantos exemplares temos à disposição?

Mestre Silas se virou para o neto, que limpou a garganta antes de responder:

– Exatamente 242 exemplares, madame. Teríamos mais se a prensa principal não tivesse se partido em três pedaços...

Verônica trincou os dentes.

– Uma situação da qual já estamos cuidando, minha senhora – apressou-se em dizer mestre Silas.

As palavras do funcionário pareciam não tranquilizar a patroa, que o fuzilava com os olhos, claramente se contendo para não perder a cabeça.

– É uma tiragem pequena, mas que deve atender à demanda por ora – concedeu Verônica. – No entanto, a novidade está correndo lá fora, senhores. Temos recebido pedidos de cidades até do território do general Peregrino, para vocês terem uma ideia da importância desse trabalho. O público está sedento por notícias, e não há mais ninguém capaz de levá-las até eles além de nós, entenderam? Quanto tempo até consertarem a máquina?

Mestres Silas e Guto trocaram um olhar constrangido, mas não tiveram tempo de responder, já que a porta do parque gráfico se abriu para dar passagem a um rapaz bem apessoado, de cabelos penteados e olhos escuros, com uma gravata borboleta a lhe enfeitar o pescoço e suspensórios a segurarem as calças sociais. Era o secretário Enzo.

– Madame Mota – chamou o rapaz numa voz grave. – sua presença é requisitada na redação...

Verônica se virou para o recém-chegado como uma cascavel pronta para atacar.

– Não está vendo que estou ocupada, Enzo? Tenho um problema sério para resolver por aqui. Se o Leandro quer outro adiantamento para tomar umas no bar, diga a ele que...

– Desculpe, madame Mota – interrompeu o secretário, claramente sem graça. – mas quem gostaria de vê-la é o fazendeiro Bastiano Mota.

– Oh! – comentou Verônica, surpresa, endireitando as costas e olhando ao redor, como se procurasse lembrar o que fazia ali. – Avise meu pai que estou a caminho, Enzo.

O secretário assentiu com uma mesura e deixou o parque gráfico.

– Quanto a vocês – retomou Verônica, virando-se para mestre Silas e Guto. – deem um jeito nessa bagunça o quanto antes, entenderam? Temos um jornal para colocar na rua!

2

Bastiano aguardava no escritório particular de Verônica, parado de frente para a janela, de onde observava o movimento na avenida principal de Riacho Doce. Com aproximadamente 7 mil habitantes, a cidade tinha um cenário comercial próspero e agitado, como as ruas cheias de pedestres, cavalos e carroças deixavam evidente. O fazendeiro notou um grupo de mensageiros reunidos na esquina. Eram tipos de aparência rebelde e desalinhada, visual típico de quem se arriscava a viajar sozinho pelas perigosas estradas, assombradas por ladrões e animais selvagens. Um deles carregava um revólver enferrujado na cintura, provavelmente para impor respeito, visto que dificilmente estaria carregado. Sobravam armas, faltavam balas, a não ser para os senhores de terra, cujos arsenais pareciam estar sempre bem abastecidos. Sinais dos tempos sombrios em que viviam.

De repente, a porta do escritório se abriu, tirando Bastiano de seus devaneios vespertinos. O fazendeiro se virou para encarar a jovem de cabelos vermelhos encaracolados e rosto sardento que adentrou o recinto. Ela usava botas longas, calça jeans justa, camisa social branca, e tinha uma cara de poucos amigos que devia assustar os funcionários, mas não surtia nenhum efeito sobre ele. Bastiano trincou os dentes, contendo a raiva no peito.

– Pai – disse Verônica a título de cumprimento.

Bastiano indicou a entrada com a cabeça.

– Feche a porta – ordenou.

Verônica cerrou os punhos e, por um momento, pareceu prestes a protestar. No entanto, acabou obedecendo, talvez por não querer que os

funcionários vissem o que viria a seguir. Provavelmente, por um reflexo arraigado desde a mais tenra infância. Bastiano ainda era uma figura paterna poderosa para a jovem jornalista.

– A que devo essa visita inesperada? – quis saber Verônica, dando a volta na mesa até chegar ao seu lugar.

Por sua vez, Bastiano se aproximou, abriu o jornal que vinha torcendo entre os dedos e o jogou sobre a mesa como uma acusação.

– O que diabos é isso? – apontou para a manchete principal.

Verônica não se intimidou.

– Aparentemente, é o que está vendendo o jornal – respondeu.

Bastiano levantou o indicador, como um pedido de cautela.

– Não se faça de engraçadinha comigo, filha – começou. – Para os seus funcionários, você pode bancar a fodona, mas comigo, não. Será que não percebe o vespeiro em que está mexendo?

– Só estou levando as notícias para o povo – defendeu-se Verônica.

– Retratando os soldados do coronel Olho de Cobra como covardes incompetentes? – enfureceu-se Bastiano. – Ou ao levantar dúvidas sobre as afirmações feitas pelos militares a respeito desse tal Tião Peixeira?

– É a verdade – rebateu Verônica. – Leandro Fuentes pode ser um beerrão inveterado, mas não é de inventar fatos. Faz questão de colocar tudo preto no branco. Se algumas mentiras ficam evidentes no processo, a culpa não é dele.

Bastiano deu um murro na mesa, fazendo a filha se calar.

– Não foi isso que combinamos, filha! Você me prometeu que faria a coisa certa, que publicaria um jornal para unir a comunidade, e não esse folhetim ridículo. Quer dizer, olha para essa manchete! A quem você quer agradar com essas histórias de cavaleiros solitários e militares malvados?

Verônica se levantou, encarando o pai, olhos nos olhos.

– Não estou aqui para agradar a ninguém – respondeu. – Nem a você nem ao coronel Olho de Cobra! Estou aqui para trabalhar, para mostrar o que está acontecendo lá fora, no que restou deste mundo maldito, que homens como você e o coronel Olho de Cobra arruinaram. Quero levar informações relevantes que ajudem a tirar esse povo miserável da ignorância em que estão afundados. É isso o que estou fazendo aqui e, se por acaso o incomodo de alguma forma, dane-se! Sou dona do meu próprio nariz e não vou aceitar censura nem de você nem de ninguém.

Bastiano recuou, assustado com as palavras enérgicas da filha. Percebeu um fogo em seu olhar que nunca vira antes. Queria discutir, explicar seu ponto de vista, colocar um pouco de bom senso na cabeça dela, mas percebeu que suas palavras não fariam a menor diferença naquele momento. Ele, todavia, não era homem de se render facilmente.

– Fale o que quiser sobre mim, mas tome cuidado com o coronel Olho de Cobra – recomendou. – Ele pode ser menos compreensivo do que eu.

Verônica voltou a se sentar, inabalada.

– Caso tenha terminado, peço licença que ainda tenho muito trabalho a fazer e poucos funcionários para me ajudar, ok?

Bastiano cerrou os punhos e trincou os dentes. Sua vontade era dar uns bons tapas no traseiro da filha, para lhe dar uma lição, mas isso era algo que não estava mais ao seu alcance. Verônica era uma adulta independente, dona do próprio nariz, como ela bem dissera. Ainda assim, ela não sabia onde estava se metendo. O fazendeiro engoliu a fúria que ameaçava consumi-lo.

– Só lembre o que lhe falei, filha – pediu, mais humilde. – Não ache que posso protegê-la contra o coronel Olho de Cobra, porque não posso. Não sou tão poderoso assim. Tome mais cuidado com as palavras que imprime nesse jornal. É tudo que lhe peço.

Debruçada sobre um documento, Verônica parecia não dar atenção ao pai.

– Não deixe a porta bater ao sair, sim?

Foi a gota d'água. Bastiano voltou a pôr o chapéu e saiu do escritório batendo o pé. Nem se preocupou em fechar a porta.

3

Verônica assistiu à partida do pai em silêncio, com um misto de alívio e preocupação. Em seguida, levantou-se e fechou a porta do escritório. Não precisava de funcionários curiosos querendo saber o que haviam discutido. Só então percebeu o tanto que suas mãos tremiam e deu o melhor de si para se controlar. A verdade era que tinha medo, por saber que o pai estava certo e que o coronel Olho de Cobra não era um homem conhecido por perdoar quem falava mal dele ou dos seus. No entanto, se ninguém fizesse nada, ele continuaria a explorar o povo e prosperar como o tirano que era e isso ela não

estava disposta a aceitar.

A jornalista caminhou até a janela e viu o pai partir em sua carruagem vermelha. De volta à fazenda, certamente. Verônica respirou fundo, pensando na loucura de tudo aquilo. Desde a publicação do jornal, recebeu reclamações de padres e cidadãos preocupados, mas o pai era o primeiro a deixá-la aflita. Achou que todos considerariam seus esforços uma piada, já que a civilização regredira tecnologicamente mais de duzentos anos, como as máquinas de escrever da redação e a prensa pré-histórica do parque gráfico deixariam claro para qualquer um com olhos para ver o absurdo da situação. Ainda assim, lá estava ela, com um jornal toscamente publicado causando repercussões por todo o território.

Com certo orgulho, Verônica percebeu o interesse dos mensageiros quando Guto – de mãos limpas, para variar um pouco – os abordou com a última leva de exemplares para venda. Moedas trocaram de mão, jornais foram devidamente embalados para viagem e cavaleiros partiram apressados, de volta a cidades e vilarejos de onde vieram, carregando informações frescas na bagagem. O sonho da jornalista virava realidade. Tudo que ela precisava fazer era dar continuidade àquela história.

Distraída, Verônica não percebeu a chegada do homem de preto até ele descer do cavalo diante do jornal. Só então ela deu uma boa olhada no sujeito e em seu corcel negro, um animal de porte vigoroso e belo, muito diferente dos cavalos magros e sujos que caminhavam pela rua. O rosto dele se encontrava oculto por um chapéu de aba reta, preto como o restante de suas indumentárias, embora fosse possível notar detalhes prateados na costura do terno de um tecido vistoso e aspecto oleoso. Ele trazia uma espada de cabo prateado na cintura e usava luvas de couro com buracos para os dedos respirarem. Todos pareciam prestar atenção a seus movimentos, enquanto prendia o cavalo na baia e se dirigia à entrada do jornal.

Os olhos de Verônica se abriram por inteiro. Aquele estranho veio bater na sua porta. Imediatamente, a jornalista abriu um armário e se pôs a girar o dial de um pequeno cofre. Ela errou o segredo na primeira tentativa e precisou fazer tudo de novo. Os segundos passavam como relâmpagos em sua cabeça. Podia apenas imaginar a identidade do homem de preto, mas sabia que não tinha muito tempo. Enfim, abriu a porta do cofre e tirou um revólver de dentro dele, assim como um punhado de balas – a única segurança que tinha contra os infortúnios do mundo.

Já podia ouvir os passos do visitante na redação e as tentativas do secretário Enzo de afastá-lo do escritório da patroa. Ele não teria sucesso, Verônica sabia. Ela checou o tambor da arma, percebeu que estava carregado e o fechou com um clique, guardando o restante das balas no bolso. Então, retornou para ao seu lugar e aguardou com a arma apontada para a porta. Quando ela se abriu, Verônica engatilhou o revólver e apontou para o rosto do recém-chegado, que entrou sem pedir licença.

– Pode ir parando aí mesmo, camarada – ordenou, com voz imponente.

O homem de preto obedeceu, pousando a mão direita sobre o cabo prateado da espada. O secretário Enzo se adiantou por trás dele e disse:

– Desculpe, madame, eu tentei detê-lo, mas ele não me deu ouvidos.

– Está tudo bem, Enzo – garantiu Verônica, sem tirar os olhos do homem de preto. – Pode deixar que tomo conta de tudo agora. Se puder nos dar um pouco de privacidade...

O secretário assentiu, fechando a porta do escritório ao sair. Verônica aproveitou para dar uma boa olhada no visitante inesperado. Tratava-se de um homem de traços finos, com um bigode bem desenhado a cair pela lateral dos lábios, que ofereciam um sorriso amistoso e divertido, como se a arma apontada para si fosse um convite a um flerte mais aberto. Apesar das sombras que cobriam seu rosto, era possível notar seus olhos castanhos e melancólicos, que fitavam a jornalista com interesse e uma curiosidade incômoda, como se a estivesse despindo na imaginação.

– Deixe-me adivinhar – começou Verônica. – Você é um dos homens do coronel Olho de Cobra, certo?

O homem de preto riu baixinho, como se tivesse acabado de ouvir uma boa piada. Ao sorrir, procurava esconder os dentes, meio tortos.

– Um convidado, na verdade – respondeu. – Estou apenas de passagem por essas terras. O bom coronel me ofereceu sua hospitalidade e, em troca, tenho feito uns servicinhos para ele.

O homem de preto tirou a mão do cabo da espada e a meteu dentro do colete.

– Opa, opa, opa – alertou Verônica, levantando-se da cadeira, com a arma apontada para o rosto do desconhecido. – Sem movimentos bruscos, colega, a menos que queira um buraco na testa para ventilar as ideias...

O homem de preto tirou vagarosamente a mão de dentro do colete para revelar um envelope. Verônica soltou a respiração, curiosa.

– O que é isso?

O homem de preto esticou o braço, na intenção de lhe entregar a encomenda.

– Um convite do coronel para a senhorita – detalhou.

Verônica arrancou o papel das mãos do desconhecido sem deixar de apontar a arma para ele. O homem de preto voltou a sorrir, de boca fechada, e levantou as mãos, em sinal de rendição. A jornalista abriu o envelope com a mão livre e tirou a carta, lendo-a com dificuldade enquanto vigiava o estranho o melhor que podia.

– Acho que já pode guardar a arma agora – sugeriu o homem de preto. Verônica baixou o revólver.

– Um jantar? – perguntou. – O coronel quer me convidar para jantar?

O homem de preto baixou as mãos e puxou uma cadeira para se sentar.

– É o que parece, não é? Ele ficou muito impressionado com a matéria que a senhorita publicou. Aquela sobre o Tião Peixeira. Também fiquei. Seu jornalista leva jeito com as palavras...

– Obrigada – agradeceu Verônica, voltando a se sentar. – É o nosso trabalho.

– Então estou certo ao imaginar que ele esteve em Água Parada e entrevistou todas aquelas pessoas?

– Foi necessário para a matéria – respondeu Verônica.

O homem de preto apoiou os cotovelos no joelho, aproximando-se da mesa.

– Nesse caso, será que eu poderia dar uma palavrinha com ele?

Verônica entrelaçou os dedos.

– Você pode conversar comigo – respondeu. – Acompanhei Leandro na viagem e em boa parte das apurações. Posso tirar quaisquer dúvidas que o senhor tiver.

O homem de preto voltou a observá-la, com interesse.

– Você sempre acompanha seus funcionários em reportagens como essa? Parece trabalhoso e ineficiente, se me permite a observação.

Verônica o olhou de lado.

– Foi um caso excepcional – explicou. – Como pode ver, acabei de abrir este jornal e ainda estou no processo de conhecer meus funcionários. Leandro é o único que trabalhou, em sua vida passada, como jornalista por aqui. Achei de bom tom acompanhá-lo para ficar a par de suas técnicas de

reportagem e de tudo que ele pode ensinar aos demais funcionários. Tenha certeza de que foi uma viagem bastante produtiva. Leandro é um jornalista excepcional.

O homem de preto assentiu, alisando o bigode de modo inconsciente.

– Entendo – concordou. – Mas, diga-me, senhorita, você ou seu jornalista chegaram a ver o corpo do Tião Peixeira? Ou o lugar onde ele foi enterrado?

Verônica levantou uma sobrancelha, começando a desconfiar dos motivos por trás daquela série de perguntas.

– O bandido foi enterrado pelos homens do coronel numa vala sem marcação – detalhou. – como seu chefe deve saber muito bem...

O homem de preto riu, esticando a coluna, como se não estivesse realmente interessado no assunto.

– Como disse antes, sou apenas um convidado do bom coronel – lembrou. – Desculpe incomodá-la com minhas dúvidas. Foi só o jeito que seu jornalista falou desse Tião Peixeira na matéria. Parece que era um sujeito bem impressionante, do tipo que eu gostaria de ver com os próprios olhos, se tivesse chance – deu uma pausa. – Ou garantir que estivesse morto, se fosse meu inimigo – outra pausa. – Mas já ocupei muito do seu tempo. Tenho certeza de que a senhorita é uma mulher ocupada. Vou deixá-la em paz.

O homem de preto se levantou e Verônica fez o mesmo.

– Espere um minuto – pediu. – Quem é o senhor, afinal?

O homem de preto abriu a porta do escritório e sorriu para a jornalista, tocando a aba do chapéu numa despedida educada.

– Pode me chamar de Ed – respondeu. – Ed Tempestade!

Capítulo 4

Estrada para a perdição

1

Não teve jeito. João dos Mistérios bem que tentou, mas nada do que dissera foi capaz de impedir Tião Peixeira de reunir os poucos pertences numa trouxa e sair mancando porta afora. Desde que leu a notícia sobre a própria morte, o enfermo decidiu reaver as armas que compunham seu nome diretamente da delegacia em Miradouro, para onde haviam sido levadas. Ele parecia não ligar para o fato de que sua vida ainda estar por um fio ou de não ter um plano nem o equipamento necessário para realizar tal objetivo.

João dos Mistérios suspirou e, após dar comida aos animais e soltá-los, arrumou tudo que tinha numa mochila e voltou a montar em Lucinda. Olhou uma última vez para o casebre onde morou durante tantos anos. Era provável que demorasse um bom tempo antes de retornar para casa. Se é que voltaria. Em seguida, trotou sem pressa até o cabeça-dura que avançava vagarosamente pela estrada de terra. Ao perceber a presença do outro, Tião Peixeira perguntou, irritado:

– O que acha que está fazendo?

– Você não está em condições de viajar sozinho – respondeu João dos Mistérios.

Tião Peixeira parou, apoiado em sua bengala improvisada, e bufou de raiva.

– Olha, João Macumba, fico muito agradecido pela atenção. De verdade. Mas já estou bem melhor agora e posso seguir meu caminho sozinho a partir daqui, entendeu? Não preciso mais da sua ajuda.

João dos Mistérios se debruçou sobre a sela, encarando o caminho adiante.

– Como pretende chegar até Miradouro?

Tião Peixeira encaixou a bengala debaixo do braço e voltou a mancar.

– Andando – bradou.

João dos Mistérios se endireitou e bateu levemente nas ancas de Lucinda, que seguiu o enfermo em trote lento.

– É um longo caminho – opinou. – Mais de um dia de viagem, com certeza. Isso se você souber para onde está indo, é claro.

Tião Peixeira parou novamente.

– Para que lado fica Miradouro? – perguntou a contragosto.

João dos Mistérios apontou vagamente para o oeste. Tião Peixeira resmungou qualquer coisa e começou a mancar naquela direção.

– Você poderia arrumar peixeiras novas em Água Parada – sugeriu João dos Mistérios após um hiato na conversa. – Eu empresto o dinheiro...

– Não preciso de peixeiras novas – respondeu Tião com seu mau humor habitual. – Preciso das minhas peixeiras, que aqueles canalhas roubaram!

João dos Mistérios não insistiu, mas ficou curioso.

– O que suas peixeiras têm de tão especial, afinal?

– São uma herança de família – respondeu Tião num tom mais ameno e reservado. – Elas são tudo o que sobrou da minha antiga vida.

João dos Mistérios puxou as rédeas de Lucinda, parando por um momento. Tião Peixeira seguiu em frente, com a mesma determinação de antes. Um vento frio atravessou o sertão e relâmpagos caíram das nuvens negras em montanhas distantes, como faziam com uma frequência cada vez maior naqueles dias escuros. João dos Mistérios voltou a se aproximar do enfermo, que bufou de raiva ao perceber a companhia insistente do bruxo.

– Por que não me abandona de uma vez? – quis saber Tião Peixeira. – Não quero sua ajuda, não preciso dela. Tenho tudo de que preciso bem aqui – bateu no próprio peito. – Você não encontrará nada me seguindo além de uma morte violenta. Marque minhas palavras, João Macumba: Não há nada na minha frente além de corpos mutilados e um rio de sangue. É isso o que quer?

João dos Mistérios deixou as palavras morrerem na esteira do vento antes de oferecer uma resposta:

– Você pode não querer minha companhia, Tião Peixeira, mas a terá mesmo assim. Não porque seja minha vontade ajudá-lo ou ser seu amigo, mas porque nossos destinos estão ligados de uma forma que ainda não entendo e que os espíritos se negam a revelar. Sei muito bem que está numa trilha de vingança e que não deixará nada ficar em seu caminho. Não pretendo detê-lo. Acho que não tenho esse direito. Mas, se puder orientá-lo, acredito que eu possa evitar que voltem a enterrá-lo vivo numa vala sem nome no meio do sertão. E então, o que me diz?

Tião Peixeira mancou taciturno por mais um minuto antes de parar subitamente.

– Acho que, se vai ser assim, você podia ao menos me dar uma carona nesse seu cavalo – respondeu.

João dos Mistérios sorriu ao desmontar do animal.

– É uma égua, na verdade – corrigiu. – O nome dela é Lucinda.

Tião Peixeira assentiu, encarando o bruxo com desconfiança.

– Você não está tentando me passar a perna, né? Isso não é um plano seu para me levar de volta para aquele barraco fedorento?

– De jeito nenhum – garantiu João dos Mistérios. – A não ser que você queira buscar mais mantimentos. Na pressa com que saímos, acho que só trouxe comida e água para os próximos dois dias, no máximo.

Tião Peixeira deu de ombros, subindo com dificuldades no lombo de Lucinda e se ajeitando na sela.

– Podemos recarregar nosso estoque em Miradouro – raciocinou. – Afinal, a cidade fica a pouco mais de um dia de distância, não é mesmo?

João dos Mistérios assentiu, pegando as rédeas de Lucinda e caminhando ao lado do animal, que o seguiu em trote lento.

– No ritmo atual? Por aí – respondeu. – Com sorte, também encontraremos alguma outra montaria por lá, o que facilitará nossas andanças pelo sertão.

Tião Peixeira fez uma careta.

– Até onde você pretende me seguir, João Macumba?

– Até o fim da nossa história, Tião Peixeira – respondeu o outro, com um sorriso malicioso. – Até o fim da nossa história...

Um trovão ecoou a distância, como se selasse um contrato invisível entre os dois indivíduos, que seguiam pelo caminho em silêncio enquanto nuvens escuras se acumulavam nos céus.

2

Naqueles tempos, os viajantes evitavam as estradas de asfalto que levavam às grandes ruínas de antigamente por dois motivos. Primeiro, porque eram as rotas mais utilizadas pelos senhores de terras, que ainda tinham veículos motorizados capazes de cruzá-las em velocidades prodigiosas, e um

dos esportes favoritos dos poderosos era atropelar viajantes desamparados com suas máquinas de guerra – faziam apostas e tudo o mais. Segundo, por conta dos garimpeiros, que vigiavam tais estradas na esperança de conquistarem tesouros indizíveis. Eram predadores da pior espécie, sempre em busca de vítimas fracas e indefesas, as quais pudessem depenar sem provocar alarde. Isso sem mencionar que muitos apreciavam carne humana, cozinhada a fogo lento, de preferência com a vítima ainda viva, a fim de saborearem seus gritos enquanto distribuía os melhores cortes entre si.

João dos Mistérios evitava tais estradas e os garimpeiros sempre que possível, seguindo por trilhas intrincadas no meio do sertão e das cadeias montanhosas que o cercavam. No entanto, costumava fazer isso sozinho, com uma égua veloz entre as pernas e por caminhos que percorria frequentemente. Miradouro não era uma cidade tão próxima. Devia fazer pelo menos dois anos desde sua última visita àquelas bandas, e lembrava que ficava próxima de duas das grandes ruínas mais famosas da região. Lugares perigosos e traiçoeiros, onde todo cuidado era pouco.

– Olhe! – apontou Tião Peixeira para um ponto adiante. – Urubus!

João dos Mistérios concordou. Já havia visto as aves circulando o céu, abaixo das nuvens escuras, mas ainda não localizara o ponto de origem do interesse delas. De onde estavam, enxergou um grupo das aves de rapina que se alimentava da carcaça de algum animal no meio do mato baixo. Estava longe para conseguir identificá-lo. Contudo, uma parte protuberante que apontava para cima enquanto um urubu puxava com o bico pedaços de carne de sua lateral lembrava demais um braço humano para ser ignorada.

– Tem alguma arma na bagagem? – quis saber Tião Peixeira.

– Nada além de uma faca – respondeu João dos Mistérios.

– Diabos, homem! – reclamou Tião. – Como é que você sobrevive aqui fora?

– Usando a criatividade – sorriu João.

Os dois sabiam que estavam caminhando para uma armadilha. A ravina adiante era o lugar perfeito para uma arapuca e dar a volta na montanha estava fora de questão, mesmo porque vinham sendo seguidos havia algum tempo. Os inimigos procuravam se esconder atrás de pedras grandes ou árvores esqueléticas, mas não eram exatamente mestres dos disfarces.

– contei quatro deles atrás da gente – comentou Tião Peixeira

apoderando-se da faca guardada numa das bolsas da égua.

– Não precisamos matá-los – sussurrou João dos Mistérios.

– É pouco provável que isso não seja necessário – argumentou Tião.

– Deixe comigo – insistiu João. – Dou um jeito neles...

Tião Peixeira escondeu a faca na bainha da camisa.

– Tudo bem, João Macumba – concordou em voz baixa. – Mas, se a sua “criatividade” falhar, será minha vez de tomar uma atitude, ok?

João dos Mistérios assentiu. Os dois estavam bem próximos da entrada da ravina. Os garimpeiros que os seguiam nem se escondiam mais, pulando para fora dos esconderijos com metralhadoras fora de uso, machetes, tacapes, martelos, correntes e outros objetos perigosos em mãos. Eram seres hediondos, vestidos com trapos e placas metálicas que usavam como armaduras improvisadas. Traziam os olhos protegidos por lentes escuras e mostravam os dentes afiados de tubarão em sorrisos famintos. A pele deles era amarelada, exibindo pústulas e tumores preocupantes, como bombas de carne prestes a explodir.

– Eles cortaram a nossa retaguarda – alertou Tião Peixeira.

– Diga-me algo que eu não saiba – retorquiu João dos Mistérios, sem se virar.

Conseguia ouvir perfeitamente bem as risadinhas histéricas e as provocações dos homens que os seguiam. Assim como podia ver as sombras que se moviam na ravina. De repente, outros quatro garimpeiros se revelaram entre as pedras, acabando de fechar o cerco aos dois viajantes. O maior deles era um sujeito de músculos sólidos e unhas compridas como garras, que sorriu e abriu os braços, exibindo o peito nu e a tatuagem que anunciava seu nome: Maioral.

– Ssssaudaçõesss viajantessss – cumprimentou no dialeto arrastado característico dos garimpeiros. – Vejo que me trazzzem muitoss tesssourosss....

– Tesssoursosss – repetiram os demais garimpeiros, agitados e animados com o butim em que cravavam os olhos. Inclusive, dois deles pulavam parados em seus lugares e um terceiro passava a língua entre os lábios.

– Seja lá o que você for fazer – cochichou Tião Peixeira, entredentes. – recomendo que faça logo!

João dos Mistérios olhou ao redor. Um dos garimpeiros bateu um

facão contra o outro, produzindo um som metálico ameaçador. Os demais riram, animando-se. Outro garimpeiro girou uma corrente no ar. Cada um deles trazia uma arma diferente. Todos carregavam maldade no olhar. João dos Mistérios se virou de volta para o líder do bando.

– Então, você se acha o Maioral, não é mesmo? – provocou.

– Uuuuh – fizeram os garimpeiros, surpresos com o desafio na voz da vítima.

O brutamontes, com unhas compridas, não se abalou, flexionando ambos os braços para mostrar o tamanho dos bíceps, tatuados com arames farpados e caveiras flamejantes.

– Sssaca sssó essssasss belezzzzinhassss – comentou, beijando um dos muques com um sorriso. – Adoro usssá-las para quebrar ossssos de viajantesss abusssadosss...

João dos Mistérios soltou uma gargalhada longa e ruidosa, que deixou todo mundo confuso, até Tião Peixeira, que não conseguia entender quais eram as intenções do parceiro. O Maioral se irritou.

– Qual é a graççça?

– Desculpe – respondeu João dos Mistérios, retomando a postura. – mas esse seu papinho de vendedor não me assusta nem um pouco.

O Maioral avançou, de punhos cerrados, como se tivesse perdido a paciência e estivesse pronto para cumprir a promessa de esmagar ossos.

– Pare onde está – ordenou João dos Mistérios, alterando radicalmente o tom de voz, que teve todo o humor substituído por uma autoridade indiscutível. – Dê mais um passo e garanto que cairá morto na minha frente.

Os garimpeiros pararam de rir imediatamente e o líder deles se deteve no meio do caminho. O Maioral franziu o cenho, desconfiado, mas permaneceu parado onde estava. João dos Mistérios o encarava, completamente sério, sem demonstrar nada além de uma determinação inabalável.

– Issso é alguma brincadeira? – perguntou o Maioral, procurando esconder o nervosismo, embora os demais garimpeiros o manifestassem roendo unhas ou puxando os cabelos, sem saber o que estavam presenciando.

– De maneira alguma – garantiu João dos Mistérios. – Dê um passo à frente e você morre, e o mesmo acontecerá com seus miquinhos adestrados. Cada um de vocês sofrerá uma morte terrível e lenta, pior do que qualquer uma que provocaram em suas vidinhas patéticas e miseráveis, entenderam?

Farei o sangue de vocês ferver. Farei com que seus olhos saltem para fora das cavidades oculares e sejam devorados por besouros. Farei com que seus membros viris apodreçam até despencarem por entre as pernas. E farei tudo isso com um sorriso no rosto, para que vocês aprendam a não mexer com os viajantes na estrada.

O Maioral deu um passo para trás. João dos Mistérios quis sorrir, mas se segurou. Sabia que precisava manter a credibilidade do blefe para que o truque funcionasse. Garimpeiros eram supersticiosos e covardes por natureza. Além disso, odiavam magia ou qualquer um relacionado com ela.

– Quem é vocccccê? – quis saber o Maioral, sem a confiança de antes.

Era a pergunta que João dos Mistérios esperava. Ele se virou calmamente para Tião Peixeira, que assistia a tudo de cima de Lucinda, meio abismado, como os homens ao redor. Discretamente, juntou as mãos nas costas numa posição relaxada e retirou algo do bolso, que escondeu entre os dedos.

– Eles querem saber quem eu sou – apontou.

Tião Peixeira limpou a garganta, levantando-se na sela.

– Prestem atenção, cambada de idiotas – bradou em alto e bom som. – pois vocês estão na frente do primeiro e único João Macumba, o feiticeiro que trouxe Tião Peixeira de volta dos mortos para pintar esse sertão de vermelho – anunciou.

O Maioral fez uma careta, como se não comprasse tal conversa. Não importava. Ele havia se distraído, e isso era tudo o que João dos Mistérios queria. Com um movimento rápido, bateu uma das mãos contra a outra, produzindo uma explosão de luz e som que pegou todos de surpresa. Os garimpeiros se afastaram, instintivamente. Quando a visão deles clareou, João dos Mistérios os encarava com a mais pura raiva, com fogo subindo das palmas das mãos abertas.

– Desapareçam daqui, canalhas – ordenou com voz de trovão. – Antes que eu decida fazer tapete com o couro de vocês!

Ele não precisou falar duas vezes. O Maioral tropeçou, caiu de bunda no chão, antes de se virar e correr como se o Diabo estivesse em seu encalço. Os demais garimpeiros seguiram seu exemplo, retornando para os buracos de onde haviam saído. Muitos deixaram até as armas para trás, abalados como estavam pela demonstração de poder. João dos Mistérios bateu as mãos contra as calças, fazendo o fogo se extinguir rapidamente. Então, notou o

olhar que Tião Peixeira lhe dirigia.

– Maluco, como é que você fez isso?

João dos Mistérios sorriu, limpando o pouco de querosene e pólvora que ainda tinha nas mãos.

– Truques de salão – respondeu, humilde. – Como disse antes, não precisamos matá-los...

Tião Peixeira soltou uma gargalhada sonora, que ecoou estrondosa entre as pedras da ravina.

– João Macumba, você é um cabra arretado mesmo, e vai ter que me ensinar a usar dessa tal criatividade uma hora dessas – elogiou.

3

Os dois viajantes escolheram um trecho isolado da ravina para passarem a noite. Tião Peixeira desceu de Lucinda sem grandes dificuldades e já não mancava tanto quanto antes. A recuperação do enfermo era notável. João dos Mistérios nunca vira nada igual, o que o intrigava profundamente, conquanto não o demonstrasse ao acender a fogueira com pedaços de madeira recolhidos pelo caminho. Uma coruja pousou numa pedra próxima e ululou três vezes, fazendo-se presente no silêncio da noite escura.

Após terminarem de montar o acampamento, os homens se sentaram ao redor da fogueira. João dos Mistérios ofereceu um pedaço de carne-seca para o companheiro de viagem, que a aceitou com um grunhido de satisfação. Pegou outro pedaço para si mesmo e começou a mastigá-lo, com os olhos a se perderem na dança hipnotizante das chamas que lambiam com avidez a madeira seca, provocando estalos e faíscas de vez em quando. Tião Peixeira parecia menos interessado no fogo, não obstante mantivesse os ouvidos atentos a qualquer barulho suspeito. Lucinda relinchou uma vez, antes de dobrar as patas e se recolher para dormir.

– Este não é um lugar seguro – comentou Tião Peixeira ao terminar o pobre jantar, desatarraxando a tampa do cantil para lavar o gosto salgado da boca. – Sugiro dormirmos em turnos. Duas horas para cada. Assim não seremos pegos de surpresa por salteadores noturnos.

João dos Mistérios assentiu, buscando um apoio para a cabeça enquanto se deitava na terra seca.

– Não estou com sono – avisou.

Tião Peixeira pegou um pedaço de pau, tirou a faca da bainha improvisada e começou a afiar o graveto.

– Nem eu – acrescentou.

João dos Mistérios encarou o companheiro de viagem com curiosidade.

– O que você tem contra o coronel Olho de Cobra? – perguntou, afinal.

Tião Peixeira levantou os olhos da estaca que estava fazendo e deu de ombros.

– Além do fato de ele ter abrigado uma serpente? Nada...

– Só que agora todo mundo acha que você está atrás dele – apontou João dos Mistérios. – Foi o que o jornal deu a entender.

Tião Peixeira voltou a se concentrar no trabalho que tinha em mãos.

– Não dou a mínima para o que os outros acham – disse, arrancando uma lasca mais grossa da madeira. – Se o coronel Olho de Cobra se colocar no meu caminho, vou mata-lo, como fiz com todos os outros.

João dos Mistérios assentiu, sem tirar os olhos do colega.

– Alguns diriam que o coronel Olho de Cobra não é um adversário qualquer.

Tião Peixeira manteve a cabeça baixa.

– Ele não me mete medo.

João dos Mistérios tirou o cachimbo da bolsa e encheu o bocal com fumo fresco.

– O que você sabe sobre ele?

Tião Peixeira repuxou o lábio para trás antes de responder.

– Só o que dizem por aí: que vendeu um dos olhos para o Diabo e que é por isso que sempre sabe quando tem alguém atrás dele.

João dos Mistérios usou uma brasa para acender o cachimbo.

– Você acredita nessa história?

Outra lasca de madeira saltou da ponta da faca.

– Tanto quanto as pessoas acreditam que eu estava atrás dele – respondeu Tião Peixeira, levantando o olhar mais uma vez. – Histórias podem ser apenas histórias, mas, pela minha experiência, todas escondem um fundo de verdade...

João dos Mistérios assentiu, voltando a se sentar, interessado.

– Quem é a pessoa que você persegue, Tião Peixeira?

O rosto do companheiro de viagem se fechou.

– Isso é problema meu – desconversou, arrancando uma lasca grande demais da estaca e a deformando no processo.

João dos Mistérios deu um trago no cachimbo, insatisfeito.

– Ainda não confia em mim, Tião Peixeira?

O companheiro de viagem suspirou, deixando de lado a estaca que fazia.

– Não é uma questão de confiança – respondeu. – Só acho melhor não falar de determinadas coisas. Às vezes, é melhor deixar o passado como está: morto e enterrado, compreende?

João dos Mistérios assentiu, dando outro trago no cachimbo.

– Só que seu passado não está morto e enterrado, certo? – insistiu. – Pelo contrário. Parece que seu adversário, seja quem for, fez uma aliança com o coronel Olho de Cobra, o único inimigo capaz de lhe dizer quando você está por perto e, dessa forma, retardar uma vez mais sua justa vingança. Porque essa não é a primeira dança de vocês, correto? Não é a primeira vez que você tenta fazê-lo pagar por seus pecados, não é mesmo?

Nisso, Tião Peixeira cravou a faca num toco de madeira e se levantou, furioso.

– Cuidado com a língua, João Macumba – avisou, de punhos cerrados. – Você está caminhando em terreno perigoso.

João dos Mistérios tragou o cachimbo mais uma vez, sem se intimidar.

– Aceite um conselho, Tião Peixeira, e controle esse seu temperamento explosivo. Não é de mim que está com raiva, não é mesmo?

As mãos de Tião Peixeira se abriram enquanto ele dava as costas para o companheiro de viagem.

– Não – respondeu a contragosto. – Não é.

A brasa no cachimbo de João dos Mistérios brilhou, alaranjada.

– Então de quem estamos falando afinal?

Tião Peixeira respirava pesado. João dos Mistérios não o apressou.

– O nome dele é Ed Tempestade – revelou.

O nome não era nem um pouco familiar a João dos Mistérios.

– E o que esse homem fez contra você?

Tião Peixeira se virou de volta para o companheiro de viagem, com os

olhos a brilharem, marejados de raiva.

– Tem certeza de que quer saber?

João dos Mistérios deixou o cachimbo de lado.

– Olha, Tião Peixeira, você sabe que estou do seu lado – argumentou.

– Não tenho nada contra esse tal Ed Tempestade, nunca nem ouvi falar do homem, mas conheço o coronel Olho de Cobra. Mais importante do que isso, sou invisível para ele por motivos que não vem ao caso. Logo, posso ajudá-lo a alcançar seu inimigo de uma vez por todas. Só que, para fazer isso, preciso saber de quem estamos atrás.

Tião Peixeira voltou a se sentar em seu lugar, um pouco mais calmo.

– Você consegue mesmo passar pelas defesas do coronel Olho de Cobra?

João dos Mistérios pegou de volta seu cachimbo e assentiu uma vez.

– Agora, conte-me a história da sua inimizade com esse tal Ed Tempestade...

Capítulo 5

A Roda da Fortuna

1

Dez anos antes (fim da Grande Guerra)

Naqueles dias, não existia Tião Peixeira, somente o rapaz sorridente que os moleques chamavam de Tião Ventania, graças à rapidez com que aprendia a manejar qualquer instrumento e a se meter em confusão. E o que não faltavam eram oportunidades para o garoto aprontar, uma vez que cresceu num circo, sem endereço fixo, e acreditando que a vida se limitava a apresentações divertidas num palco iluminado. O pobrezinho não imaginava que aquilo era só uma fase, ou que a realidade pudesse acertá-lo tão duramente a ponto de destruir todas as suas convicções.

Tião Ventania tinha apenas dezesseis anos quando seu mundo acabou. O fim não veio por conta da Grande Guerra, do Blecaute Nacional ou do Êxodo Urbano. Isso eram coisas que aconteciam ao redor e, sem dúvidas, tiveram influência no desenrolar dos acontecimentos. O medo pairava no ar onde quer que montassem acampamento, mas todos no circo eram sobreviventes e sabiam como tirar proveito de uma situação ruim. O fim veio com a partida de Maria Estrela e a carta que ela deixou para trás, quando o coração do garoto se partiu pela primeira vez.

A princípio, Tião Ventania achou que a amada houvesse ficado para trás por conta da saída apressada da trupe da última cidade que visitaram. Às vezes, alguns integrantes se perdiam do grupo e acabavam sendo abandonados à própria sorte. O rapaz chegou a discutir com o pai, o arremessador de facas Rubens Falcão, suplicando para que retornassem atrás dela. Mas foi a mãe, a trapezista Violeta Serena, quem lhe explicou os motivos pelos quais aquilo não seria possível, todos muito lógicos e racionais. Vendo que a batalha estava perdida, o garoto concordou com os pais, embora secretamente planejasse fugir para resgatar a amada.

Bastou, no entanto, voltar para o quarto e abrir o baú, onde ficavam as peixeiras com que os pais o haviam presenteado no último aniversário, para

encontrar a carta deixada por Maria Estrela. Ele se enganou: sua namorada não ficara para trás, e sim fora embora por vontade própria. Era difícil acreditar, mas ela o abandonara e deixara a carta – com pedidos insistentes de que a esquecesse, pois ele estava melhor sem ela – em um local onde sabia que ele a encontraria. Não revelava os motivos, limitando-se a dizer que lamentava precisar se afastar do homem que amava. Naturalmente, Tião Ventania não entendeu nada.

Naquela noite, o adolescente chorou até dormir, acreditando que aquilo era o pior que podia lhe acontecer. Se ele soubesse o que o destino reservava para o dia seguinte, provavelmente teria preferido nunca mais acordar.

2

Tião Ventania buscou consolo na solidão, um território com fronteiras bem definidas no qual ninguém podia atingi-lo. Contudo, quando se faz parte de um circo, solidão é algo difícil de conquistar, como batidas insistentes na porta do seu quarto deixavam mais do que claro.

– Tião? Está tudo bem, querido? – chamou uma doce voz feminina.

Ele enterrou a cabeça embaixo do travesseiro, desejando afundar naquela suave escuridão. As batidas na porta continuaram.

– Tião, você não pode ficar no quarto o dia inteiro. É seu dia de alimentar e dar banho nos animais – bradou a mesma voz, dessa vez sem a doçura de antes.

O menino espiou a sombra por debaixo da porta. Sabia que a mãe não iria embora até conseguir o que queria, mas ainda não estava disposto a entregar os pontos. A sombra do outro lado mudou o peso de um pé para o outro.

– Sei que ela partiu seu coração, querido – disse a voz num tom quase confidencial. – Partiu o coração de todos nós, que a vimos crescer e se tornar uma mulher tão bonita. Mas o circo nunca foi a casa dela. Você sabe disso.

Lágrimas afloraram nos olhos de Tião Ventania, que tentou segurá-las, embora elas caíssem assim mesmo, rebeldes.

– Não estou pedindo para esquecê-la – continuou a voz da mãe. – Mas estamos todos passando por tempos difíceis e não podemos nos dar ao luxo

de nos separar. Não agora. Seu pai... – fez uma breve pausa. – Precisamos da sua ajuda, Tião. Por favor, não dê as costas para nós.

O adolescente se sentou na cama, esfregando os olhos com as pontas dos dedos.

– Me dê cinco minutos para me arrumar – pediu, afinal.

A sombra por debaixo da porta pareceu ficar subitamente mais leve.

– Combinado – respondeu a voz com alegria. – Direi a Espirro que está a caminho. Não se atrase, ok?

3

A claridade do dia ensolarado fez com que Tião Ventania protegesse os olhos ao abrir a porta do trailer. Não se dera conta de quanto estava escuro dentro do trailer ou de como estava tarde. Pela posição do sol, devia ser quase meio-dia, e os funcionários do circo trabalhavam com afinco para levantar a tenda principal no descampado – com exceção de dois palhaços, uma malabarista e o doutor Zaran, o novo mágico da trupe, todos muito concentrados num jogo de cartas. Normalmente, Tião Ventania estaria lá, junto com os outros, garantindo que as cordas estivessem bem esticadas e as estacas, presas com segurança ao chão. Sua mãe estava claramente lhe dando uma colher de chá.

– Parece que vem uma tempestade por aí – comentou alguém à sua esquerda.

Uma mulher grande se sentava numa cadeirinha minúscula, que parecia prestes a se partir, e, ainda assim, suportava o peso de sua ocupante com fibra invejável. No entanto, seu tamanho não era o que mais chamava a atenção a seu respeito. O que todos notavam quando olhavam para ela era a barba castanha, vistosa e cheia, sempre bem aparada e penteada de modo a oferecer um visual elegante e fino à orgulhosa dona. Além do bebê que amamentava quase 24 horas por dia e vivia empoleirado em seu colo.

– Bom dia, Margot – cumprimentou Tião Ventania. – Novidades?

A mulher barbada deu uma longa fungada, como se estivesse gripada.

– Policiais passaram aqui pela manhã – comentou, como se não fosse nada. – Não se preocupe, seu pai pagou o arrego e eles deram a palavra de que não vão mais nos incomodar...

Tião Ventania assentiu. Policiais sempre causavam problema, onde quer que fossem. Se havia uma certeza que todos no circo tinham era a de que bastava levantar acampamento para os homens da lei aparecerem, como coelhos saídos de uma cartola. O discurso também não mudava de uma cidade para outra e versava invariavelmente sobre a segurança da população e como a chegada de desconhecidos poderia afetar o equilíbrio urbano, que vivia na corda bamba. Era isso ou as cobranças de alvarás e das mais diversas permissões de funcionamento. Eles só sossegavam depois que alguém molhava a mão deles. Tião Ventania deu um cuspe no chão, dando sua opinião sobre o assunto.

– Acho que você errou a previsão do tempo – disse, descendo do trailer.

– Como é que é?

– Olhe – apontou Tião Ventania para cima. –, não vejo uma só nuvem no céu. Aposto metade do meu soldo desta noite que hoje fará um dia lindo e que não cairá uma gota de chuva sequer. E aí, tia? Vai encarar?

Margot estreitou o olhar e levantou uma sobrancelha.

– Sabe que não erro uma previsão desde que você saiu das fraldas, não é, piá?

Tião Ventania ofereceu seu melhor sorriso, sentindo-se cada vez mais como seu velho eu, o moleque sem vergonha e ousado que todos por ali adoravam.

– Há uma primeira vez para tudo – piscou.

Margot assentiu e esticou a mão.

– Você é quem sabe – disse, apertando a mão do rapaz. – O enterro é todo seu...

Aposta feita, Tião Ventania seguiu seu caminho e percebeu que o carteadado ia de mal a pior. A dupla de palhaços acusava o mágico e a malabarista de estarem roubando. Ao discutirem o caso, acabaram achando cartas escondidas na manga do doutor Zaran, para a surpresa de ninguém. Apenas outro dia no circo. Eram tantas distrações que o rapaz quase se esquecia da fuga da namorada.

Quase.

A sorte, porém, não estava do lado de Tião Ventania, e, por volta das duas da tarde, o tempo começou a virar. A princípio, apareceram nuvens escuras na linha do horizonte. Nada muito preocupante. Mas, à medida que a tarde avançava, aquela escuridão se adensava e um vento frio, pouco característico para aquela época do ano, começava a correr por entre trailers e barracas do circo, soltando lonas presas com desleixo por trabalhadores preguiçosos e levando pelo menos o guarda-chuva de um palhaço desavisado.

Após dar banho nos seis cachorros dançarinos, nos três cavalos adestrados e na estrela maior do circo, o bode equilibrista, Tião Ventania deu ração para todos eles e partiu para ajudar os amigos a reforçarem os cabos de sustentação da tenda principal. Todos pareciam ocupados com alguma tarefa por ali. Everaldo, o homem mais forte do Brasil, entrou na tenda carregando um poste de madeira no ombro, sendo auxiliado pelos palhaços Tapioca, Lorotinha e Espirro, que, como de costume, mais atrapalhavam do que ajudavam. As malabaristas Ametista e Ruby traziam cordas extras para garantir a estabilidade das lonas. Margot, a mulher barbada, usava de sua força prodigiosa para enterrar estacas na terra rachada. Até o doutor Zaran procurava ajudar, a despeito de suas desculpas habituais para não pegar nenhum trabalho pesado.

– Parece que o tempo virou – comentou o motociclista Labareda Jones, famoso por suas incríveis manobras no globo da morte.

Tião Ventania olhou para o alto. As nuvens avançavam no formato de dedos negros e finos, estendendo seus tentáculos pelo céu azul como uma doença contagiosa. Um trovão ecoou na distância, fazendo-o suspirar.

– Nem me fale – lamentou. – Apostei com a Margot que não choveria hoje...

Labareda Jones fez uma pausa para fumar.

– E eu pensando que você fosse um rapaz esperto... – comentou, acendendo o cigarro. – Aliás, sinto muito por Estrela – continuou. – Sei quanto gostava dela.

Um nó se formou na garganta de Tião Ventania, que ainda não se sentia à vontade para tocar naquele assunto, mesmo com Labareda Jones, a quem tanto admirava pela coragem e pela popularidade.

– Parece que os porcos pintaram por aqui mais cedo – disse, mudando de assunto. – Também ouvi umas conversas de que este não é um lugar muito

bom para nós. Você deu uma volta por aí para ajudar na divulgação do circo. O que achou?

Labareda Jones tragou longamente o cigarro e deu de ombros.

– Não existem mais pontos bons, Ventania – respondeu. – Nem mesmo aqui, no interior, longe de bombardeios e tiroteios que arrasaram as grandes cidades. Todos estão com medo e qualquer fagulha é o suficiente para provocar um estouro. Quer a minha opinião? Teremos sorte se aparecer alguém para o espetáculo desta noite. Não que faça diferença, com o mundo caindo aos pedaços do jeito que está.

Tião Ventania parou o que estava fazendo para encarar o amigo mais velho. Labareda Jones era um jovem de vinte e poucos anos, com a vitalidade de um touro e a sagacidade dos bem-aventurados. Era difícil encontrá-lo de mau humor ou triste. No entanto, naquele dia, parecia cansado e inseguro, não obstante procurasse disfarçar tais sentimentos como todos no circo ultimamente – uma tarefa hercúlea, dados os horrores que presenciaram e as dificuldades que todos enfrentaram nos últimos meses. Ainda assim, Labareda Jones tinha presença de espírito suficiente para sorrir diante das adversidades.

– De todo modo, talvez você ganhe a aposta. Acho que nem vai chover de verdade, talvez só uns pinguinhos de nada – minimizou, apontando para o céu. – Embora eu nunca tenha visto nuvens assim antes. Elas estão esquisitas, não acha?

Tião Ventania as analisou.

– Parecem mais escuras que o normal, não é mesmo?

Labareda Jones assentiu.

– Como poças de piche – opinou.

– Tião Ventania! – chamou uma voz autoritária.

O adolescente se endireitou imediatamente e foi seguido por Labareda Jones, que escondeu a mão com o cigarro atrás das costas após reconhecer a voz de quem chamava o amigo. Violeta Serena não gostava de encontrar o motociclista fumando próximo ao filho, pois o considerava um mau exemplo.

– Mãe – respondeu Tião Ventania, por puro reflexo.

– Seu pai gostaria de treinar antes do espetáculo desta noite – avisou.
– Ele o aguarda no picadeiro.

– Estou a caminho – concordou Tião Ventania, juntando suas coisas.

– Nos vemos após o espetáculo, Labareda!

O motociclista sorriu.

– Talvez sim, talvez não, garoto – respondeu. – Tenho um compromisso daqui a pouco. Cuidado para não virar queijo suíço – brincou, percebendo que a mãe do garoto ainda o encarava. Levantou a mão livre em um cumprimento. – Olá, Violeta!

– Se está fumando, vá para o seu trailer, Labareda Jones – respondeu a trapezista, abrindo a lona para a passagem do filho. – A última coisa que queremos ver hoje é o circo pegar fogo, não é mesmo?

Labareda Jones dispensou o cigarro e pisou em cima dele, para garantir que se apagasse por completo.

– A senhora que manda, dona Violeta!

Tião Ventania sempre ficava admirado como todos obedeciam a sua mãe sem questionar. Violeta Serena era uma mulher pequena, de 1,60 metro, mas o que lhe faltava em altura sobrava em beleza, graciosidade e autoridade. Ela podia estar metida num maiô roxo brilhante e numa meia-calça arrastão que não perdia um décimo da majestade. Claro que o fato de fazer piruetas no trapézio sem ter uma rede de proteção embaixo também contribuía para isso. O adolescente parou ao lado da mãe.

– Só estávamos conversando – afirmou. – A senhora sabe que não fumo.

Violeta encarou o filho, com seus hipnotizantes olhos azuis.

– Que idade você acha que tenho para ficar me chamando de senhora? – disse antes que o filho se pronunciasse, levantando o indicador. – Não precisa responder. Conheço muito bem essa sua língua afiada. Agora, entre de uma vez que seu pai está esperando. E fale para ele que já alcanço vocês. Preciso só checar como estão o restante das coisas aqui fora, ok?

Tião Ventania adentrou a tenda. O circo estava praticamente todo montado, com as arquibancadas recebendo os últimos ajustes por parte de Mario, Sérgio e Sabrina, que cuidavam respectivamente da barraca de doces, da carrocinha de cachorro-quente e da bilheteria. Everaldo estava encostado numa pilastra, dando um gole de um cantil prateado após ter concluído o trabalho principal. Ele piscou para Tião Ventania.

– Lá vai o garoto mais bravo que conheço!

O rapaz sorriu em resposta. Os palhaços Tapioca, Lorotinha e Espirro treinavam esquetes na entrada do picadeiro com o uso de lenços coloridos e muitos balões. Tião Ventania driblou o trio animado, antes que acabasse

enrolado numa de suas piadas. Alguém acendeu os holofotes naquele momento, jogando luzes fortes sobre o picadeiro e a enorme roda de madeira erguida no meio dele. Ele parou ao vê-la. Mesmo com toda a sua experiência, tal visão ainda o fazia tremer nas bases.

Por sorte, o pai estava de costas para ele, já todo paramentado com a fantasia negra e vermelha, chapéu escuro e a longa capa preta que dava fluidez aos seus movimentos. Rubens Falcão era um homem alto, de porte atlético, e com educação de um verdadeiro cavalheiro, capaz de se transformar num demônio com um par de facas na mão. As coisas que fazia com tais lâminas provocavam arrepios na pele e arrancavam suspiros de admiração. Tião Ventania adentrou o picadeiro, onde o pai organizava os punhais numa mesa alta e redonda.

– Estou aqui, pai – anunciou Tião Ventania.

Rubens Falcão se virou, distraído. Ele era dono de um rosto quadrado, enfeitado por um cavanhaque bem aparado e olhos quase sempre semicerrados, como se soubesse mais do que todos ou estivesse entediado. Sorriu ao ver o filho.

– Meu pequeno Sebastião – cumprimentou, fazendo questão de usar o nome de batismo do adolescente antes de retomar a organização dos punhais. – Pronto para o número desta noite? Ou precisa de um gole de cachaça para criar coragem?

– Eu aceitaria um copinho, sim.

– E sua mãe arrancaria meu couro se eu cedesse às suas vontades – concluiu o pai, tirando o último punhal do estojo e o alinhando junto aos demais companheiros.

Tião Ventania soltou um muxoxo.

– Você não se cansa de me provocar desse jeito?

Rubens Falcão voltou a se virar para o filho.

– Não quando tenho uma plateia tão receptiva – respondeu com um sorriso que o menino não correspondeu. O pai baixou a cabeça. – Escute, filho, queria me desculpar por ontem à noite. Eu disse coisas que não pretendia e...

– Está tudo no passado agora – interrompeu o garoto, com uma seriedade que não correspondia à sua idade. Ele não queria ter aquele papo de novo e se virou para a enorme roda de madeira. – Sei que esse geralmente é o papel da mãe, mas você me ajuda a assumir minha posição?

Rubens Falcão mantinha o sorriso no rosto, como uma máscara necessária para esconder o que realmente sentia.

– Claro, filho – respondeu numa voz suave, se bem que os olhos gritassem a vontade de não varrer aquele assunto para debaixo do tapete. – Você sabe que não precisa fazer isso se não quiser, certo? Não é como se fôssemos nos apresentar para a realeza, afinal.

Tião Ventania balançou a cabeça.

– A roda da fortuna é uma das principais atrações do circo – argumentou. – O público ficaria frustrado se a deixássemos de fora do espetáculo. Além disso, eu nunca faltei a uma apresentação e não farei isso agora.

Os dois pararam diante da imensa roda, que apresentava buracos característicos, com pequenas lascas de madeira penduradas aqui e ali. Ela também tinha bases acompanhadas de tiras de couro saindo da superfície em pontos específicos. Rubens Falcão deu uma volta na roda, colocando-a em uma posição adequada para o filho.

– Nesse caso, suba, mestre Tião Ventania – convidou numa voz mais animada. – Vamos prepará-lo para o show.

Tião Ventania subiu no degrau, encostando as costas na madeira e agarrando as bases que ficavam em lados opostos da roda. O rapaz aproveitou para fechar os olhos e respirar fundo enquanto o pai usava as tiras de couro, que funcionavam como cintos, para prender seu pé direito na primeira posição.

– Você sabe que só faço essas perguntas por conta dos seus nervos – justificou. – Sei como essa pode ser uma experiência ruim quando você não está completamente concentrado...

– Estou concentrado – protestou Tião Ventania enquanto o pai prendia o pé esquerdo na segunda posição.

– Tudo bem, filho, tudo bem – desculpou-se Rubens, apertando bem a tira sobre a canela do adolescente antes de acertar o buraco para fechá-la em definitivo. – Não precisamos discutir, ok?

– Nós dois sabemos que o mais importante aqui é que você esteja focado – argumentou Tião Ventania, enquanto o pai ajustava a tira de couro na cintura do garoto. – Só preciso ficar parado e me controlar para não vomitar, certo?

Rubens Falcão apertou a tira de couro mais do que o necessário e Tião

Ventania fez uma careta.

– Desculpe – sorriu. – Apertado demais?

Tião Ventania ofereceu um sorriso amarelo. Nesse instante, Violeta Serena adentrou o picadeiro e parou no meio dele com as mãos na cintura.

– Vocês não esperaram por mim?

Rubens Falcão se virou para a mulher e saiu do caminho com uma mesura.

– Só nos adiantamos um pouco – justificou. – Por favor, faça as honras...

Violeta Serena se voltou para a arquibancada, onde os demais integrantes do circo se acomodavam para assistir ao ensaio. Era uma parte do trabalho que todos adoravam acompanhar.

– Então vou deixar você fazendo sala, querido – recitou as frases decoradas. – Parece que estamos com a casa cheia hoje.

Os dois se cruzaram no meio do picadeiro, com Rubens Falcão assumindo a dianteira para tirar o chapéu num cumprimento ao público, entregue ao personagem que interpretava, ao passo que a mulher seguia para tratar das necessidades do filho. Os olhos da mãe se encontraram com os de Tião Ventania distantes da atenção da plateia, que acompanhava atentamente os movimentos do arremessador de facas.

– Está tudo bem? – perguntou Violeta, apertando a tira da mão esquerda.

Tião Ventania não conseguia mentir para a mãe.

– Mais ou menos – confessou.

Rubens Falcão dava início à apresentação.

– Vida ou morte, senhoras e senhores – dizia com uma empolgação que, se não fosse genuína, estava muito próxima do produto verdadeiro. – É isso que a roda da fortuna oferece e é isso que vocês testemunharão aqui hoje. E, para verem como não estou brincando, é meu próprio filho que se ofereceu como cobaia para essa perigosa demonstração de coragem, destreza e assombro – apontou.

Violeta Serena continuava a apertar as tiras que prendiam Tião Ventania à roda.

– São seus nervos incomodando de novo?

Tião Ventania assentiu uma vez.

– Você prefere não se apresentar hoje? Sabe que não há mal nenhum

nisso. Ninguém aqui vai julgá-lo.

Tião Ventania balançou a cabeça negativamente. Rubens Falcão continuava com o discurso, embalado pela atenção que a plateia lhe dedicava.

– Amigos, amigas, não vim aqui hoje para sacrificar meu filho – dizia com sinceridade. – Só que Deus me deu um menino corajoso, que confia no pai com todo o coração e sabe que sou incapaz de errar um arremesso. É isto que quero mostrar para vocês hoje: minha mestria na arte de arremessar facas.

Violeta Serena passou a mão carinhosamente no rosto do filho.

– Deve haver algo que eu possa fazer para deixá-lo mais à vontade...

Tião Ventania sorriu, com uma ideia surgindo de repente.

– Acho que tem algo que você pode fazer...

Rubens Falcão caminhava para a mesa dos punhais sem tirar os olhos da plateia.

– Só que, para provar minha mestria a vocês, não basta atirar facas de longa distância nem pedir à minha mulher que faça a roda girar para dar um pouco de emoção. É preciso algo mais.

Violeta Serena conhecia aquele sorriso nos lábios do filho.

– O que você tem em mente?

O menino piscou três vezes.

– Deixe-me fazer que nem ele – sugeriu.

Lá na frente, Rubens Falcão pegava um pedaço de pano escuro da mesa e o mostrava para o público de modo teatral.

– É por isso, senhoras e senhores, que farei a apresentação de hoje vendado!

Violeta Serena sorriu ao finalmente compreender a ideia do filho, mas ele concluiu mesmo assim:

– Tampe meus olhos.

5

– Eu te amo – sussurrou a mãe ao terminar de amarrar a venda no filho.

Tião Ventania sorriu. Violeta Serena sempre dizia a mesma coisa antes de cada apresentação. Palavras reconfortantes, que acalentavam e

acalmavam o coração agitado do rapaz para o ato seguinte. Apesar da escuridão, ainda era capaz de sentir a presença da mãe, parada na borda da roda da fortuna, pronta para desempenhar sua parte no espetáculo em desenvolvimento. Rubens Falcão continuava a falar com o público:

– Agora, caros amigos, antes de darmos início ao show, tenho um pedido muito importante a fazer – avisou. – Como todos vocês devem imaginar, uma proeza dessa magnitude exige uma intensa concentração. Por isso, peço encarecidamente que façam o mais absoluto silêncio durante a apresentação, pois a menor distração pode provocar um ferimento mortal no meu querido filho, Tião Ventania, que já está pronto para a ação. Uma salva de palmas para ele, senhoras e senhores!

Os funcionários do circo obedeceram alegremente, batendo os pés nas arquibancadas e soltando assobios para compensar a falta de uma plateia mais robusta. Alguns ainda gritavam palavras de incentivo:

- Mostra para a gente como é que se faz, Ventania!
- Eita, moleque corajoso da peste!
- Tião! Tião! Tião!

O rapaz sorriu e fez sinal de joia com as mãos amarradas. Podia imaginar cada um dos amigos na arquibancada, sorrindo para ele e batendo palmas, como se fosse sua primeira vez na roda da fortuna. Rubens Falcão esperou a manifestação acabar para dar prosseguimento à apresentação:

– Agora, preciso do auxílio de alguém da plateia para colocar esta venda...

Tião Ventania parou de prestar atenção às palavras do pai e voltou a segurar os suportes para as mãos. Sentia os músculos enrijecerem em antecipação ao turbilhão de emoções que logo o assaltaria. Era sempre assim. Cada apresentação correspondia a um jorro de adrenalina, e mesmo tendo participado daquele ato centenas de vezes, cada performance era como a primeira vez. Concentrou-se.

O show estava prestes a começar.

– Senhoras e senhores – bradava Rubens Falcão, presumivelmente já com os olhos cobertos por uma venda. –, preparem-se! Está na hora da roda da fortuna começar a girar. Que nossa sorte gire com ela!

Tião Ventania respirou fundo. Quando o silêncio no picadeiro era completo, sua mãe deu o primeiro giro na roda. A primeira volta era sempre um pouco lenta, enquanto o mecanismo saía da posição de repouso,

provocando estalos sequenciados à medida que a esfera rodava. Violeta Serena colocou um pouco mais de força na segunda volta. Os estalos ficaram mais rápidos. A roda ganhava velocidade. Por fim, a trapezista deu o último impulso, colocando força para que a roda não parasse tão cedo. Caso não estivesse vendado, esse era o momento em que o mundo viraria um carrossel de cores e luzes enquanto a cabeça de Tião Ventania subia e descia num ritmo nauseante.

Era preciso ter estômago forte para aguentar tantas voltas sem deixar o almoço escapar pela boca num refluxo involuntário. Mas Tião Ventania guardava um segredo: ele deixava de prestar atenção ao mundo para se focar na sequência de estalos que a roda produzia ao girar. Ele os contava um a um, esperando por um estalo mais forte que os outros. O público não percebia o truque, nem mesmo os outros funcionários do circo, que presenciavam a apresentação diariamente. De repente, lá estava ele, e, um átimo de segundo depois, um impacto arrancava lascas de madeira ao lado do seu pé esquerdo. A roda girava, o estalo se repetia e um segundo punhal se cravava ao lado do seu pulso direito. Mais uma volta, um terceiro estalo, e o som distinto de um punhal balançando ao morder a madeira a menos de dez centímetros do seu ouvido esquerdo.

Funcionava como uma máquina bem azeitada. Os estalos diferenciados davam o sinal sonoro para o arremessador, que lançava os punhais no mesmo ponto, mas sempre num alvo diferente, uma vez que a roda se mantinha em movimento. Tudo dependia do treinamento de Rubens Falcão e do afinamento do mecanismo, que não podia falhar uma vez sequer para não provocar um acidente. Somente o pai e Tião Ventania tinham acesso à roda da fortuna e sempre conferiam se estava tudo em ordem antes de cada apresentação.

Após os três primeiros lançamentos, o arremessador fazia uma pausa para pegar os outros três punhais dispostos na mesa. A roda girava mais três vezes antes de entrar na posição para os próximos arremessos. Tião Ventania seguia contando os estalos, no aguardo dos últimos três impactos, que dariam fim a mais uma volta na roda da fortuna, quando estalos muito mais fortes e rápidos do que poderia imaginar quebraram sua concentração. Alguém na plateia gritou.

Tião Ventania abriu os olhos de uma vez, mas tudo continuou escuro. Por um momento, o rapaz esqueceu que estava vendado. A roda continuava a

girar enquanto o caos se espalhava ao redor. Uma vez quebrado, o silêncio foi substituído por uma cacofonia de sons indistinguíveis e perturbadores. Aqueles estalos ensurdecadores continuaram, os gritos de desespero se multiplicaram e vozes desconhecidas urravam um monte de palavras sem sentido.

– O que está acontecendo? – quis saber Tião Ventania, com a cabeça subindo e descendo, ao mesmo tempo que a roda continuava a girar. – Mãe, você está aí?

Nenhuma resposta. Tião Ventania começava a ficar tonto. O coração parecia que ia sair pela boca. Ele respirava numa velocidade angustiante, preso como estava a um mecanismo que não pararia até cumprir sua função, cego para o que ocorria ao redor. De repente, um grito claro de dor.

– Ele tem uma faca – bradou uma voz desconhecida.

A roda da fortuna continuava a girar. Um trovão ecoou dentro do picadeiro.

– Nãããããooooooooo!

Tião Ventania sentiu um nó na garganta e uma bola de gelo se manifestou dentro da barriga. Era a voz de sua mãe. A roda da fortuna continuava a girar, embora não com a mesma velocidade de antes.

– Acabe com a vadia também – ordenou outra voz desconhecida.

Dois trovões seguidos. Gritos de desespero. A roda da fortuna girava cada vez mais devagar.

– Mãe? – chamou Tião Ventania, com os lábios tremendo. – Mãe, você está aí? Por favor, fale comigo, mãe – continuou numa voz mais alta e chorosa.

Os estalos da roda da fortuna ficavam cada vez mais espaçados. Tião Ventania continuava no escuro, atormentado por todos os sons preocupantes que o cercavam. Os gritos foram substituídos por choros e súplicas. Vozes desconhecidas davam ordens e se espalhavam pelo picadeiro. Então, o som de passos apressados.

– Aonde pensa que vai?

Uma série de estrondos sequenciados seguidos de um grito agudo, que, por sua vez, deu lugar a um choro doído e desesperado. A roda da fortuna parava finalmente de rodar, deixando Tião Ventania de cabeça para baixo.

– Todo mundo de bruços no chão – ordenou uma voz grave e

desconhecida. – Mãos na cabeça! Ou vocês querem terminar que nem seus amigos aqui?

Mais choros e súplicas. Por baixo da venda, Tião Ventania também chorava, embora não fizesse ideia do tamanho da tragédia que o assolava.

– O que está acontecendo? – ele perguntou, bem alto. – Alguém pode me dizer o que está acontecendo?

– Alguém tira a venda daquele moleque, fazendo o favor – ordenou uma das vozes desconhecidas. – Olha só o estrago que esses desgraçados nos forçaram a fazer...

Tião Ventania parou de falar. Seus lábios tremiam enquanto passos pesados seguiam em sua direção. Uma mão áspera tirou a venda de seus olhos e ele se viu frente a frente com o rosto de um homem que nunca vira antes, com uma longa cicatriz passando pelo olho esquerdo, esbranquiçado. O olho direito, negro como a noite, o fitava com curiosidade.

– Você vai me dar trabalho, piá? – quis saber o desconhecido, enfezado.

Tião Ventania balançou a cabeça numa negativa, o que pareceu agradar ao estranho, que girou a roda de modo a colocar o adolescente de pé.

– É bom mesmo – recomendou. – Olha só o que acontece com quem nos dá trabalho – concluiu, saindo da frente dele.

A princípio, os olhos de Tião Ventania não registraram o que viram. Não só por conta dos desconhecidos armados com metralhadoras, fuzis e revólveres que cercavam o picadeiro, mas devido a todo o horror do cenário que se apresentava. Percebeu que uma pilastra estava suja de sangue. Por que uma das pilastras estava suja de sangue? Talvez ele não quisesse ver, talvez sua mente fugisse da verdade. Margot estava esparramada na arquibancada, com os olhos abertos como os de uma coruja, e rosas vermelhas a brotarem do vestido que era inteiramente verde quando a apresentação começou. Tião Ventania desviou o olhar, sem deixar que o significado de tal visão se revelasse, mas o que viu a seguir foi muito pior. O gigante Everaldo, o homem mais forte do Brasil, estava caído no chão, olhando diretamente para o adolescente com o olho bom. O outro havia desaparecido junto com todo o lado esquerdo de sua cabeça.

– Oh meu Deus! – balbuciou Tião Ventania ao perceber o que via.

Os outros colegas do circo, pessoas que considerava como se fossem sua própria família, estavam deitados no chão, mãos na cabeça, vigiados de

perto pelos homens armados. Só que não estavam todos ali. Tião Ventania olhou para o lado. O palhaço Lorotinha se encontrava caído, com o rosto mergulhado numa poça de sangue que aumentava gradualmente. Não era ele que o jovem procurava. Olhou para o outro lado. Um careca de rosto enfezado o encarou de volta, procurando deter um sangramento no ombro com um pano sujo. Aquilo não parecia um ferimento provocado por uma bala, e sim por um punhal.

Só então Tião Ventania olhou para a frente, para o que estava diante de seus olhos o tempo todo, mas que ele se negava a admitir. Lá estava seu pai, pela primeira vez de olhos abertos, encarando o chão com um ar de surpresa. Rubens Falcão estava de bruços, braços e pernas torcidos em posições estranhas, a capa negra manchada de vermelho por um único rombo na altura do coração. Ao lado dele, caída como uma bailarina, de barriga para cima e com o rosto voltado para os trapézios que tanto amava, estava a sua mãe. Com um tiro no peito e outro na testa. Imóvel. Morta.

– NÃÃÃÃOOOOOOOOO!

Ele nem sentiu o tapa que o fez cuspir sangue e ver estrelas. O homem da cicatriz o agarrou pela bochecha, voltando a encará-lo cheio de ódio.

– O que eu te disse sobre me dar trabalho, piá? – rosnou.

Tião Ventania não respondeu, não entendia o que estava acontecendo. Só sabia que, mesmo sem levar um tiro, também tinha um rombo enorme aperto no peito, uma dor como nunca imaginou que pudesse existir. Ele chorava como uma criança abandonada no mundo, sem ligar para quem visse seu sofrimento e incapaz de deter aquela onda de tristeza, que ameaçava afogá-lo. O homem da cicatriz não gostou disso e se preparou para lhe dar outro tapa.

– Toro – chamou alguém atrás do homem da cicatriz, que se deteve no último instante. –, deixe o garoto comigo. Vá cuidar daquela nossa outra tarefa, sim?

O homem da cicatriz se afastou.

– O senhor é quem manda, chefe – concordou a contragosto.

Tião Ventania não conseguia tirar os olhos dos pais mortos, como se esperasse que a qualquer momento eles se levantassem e dissessem que era tudo uma brincadeira. Mas conteve o choro. Havia algo errado naquele cenário, algo fora do lugar, que seu inconsciente procurava localizar a todo custo. Um homem vestido de preto, em roupas caras, com o rosto coberto por

um chapéu escuro e pela cabeça baixa, se aproximou propositalmente devagar. Algo em seus movimentos fez o adolescente se calar. Uma familiaridade.

– Aposto que você está se perguntando como ninguém viu esse acerto de contas chegando...

Tião Ventania sentiu uma pontada no coração. Aquela voz... Ele conhecia aquela voz. O homem de preto levantou o rosto, revelando um sorriso torto e bigode ralo como de um rato, além de olhos castanhos, malignos e ressentidos. O queixo de Tião Ventania desabou.

– Ed Chuvisco?

O homem de preto balançou a cabeça numa negativa.

– O garoto chamado Ed Chuvisco morreu – anunciou. – Hoje sou conhecido como Ed Tempestade, um nome que tenho certeza de que você não esquecerá jamais!

6

Por um momento, Tião Ventania sentiu como se nada daquilo fosse real. A presença de Ed Chuvisco, seu amigo mais antigo, num cenário terrível como aquele não fazia nenhum sentido. Fazia dois anos que não se viam, desde que Ed Chuvisco decidira pegar a estrada e deixar o circo para trás. Não foi uma separação amistosa, mas Tião Ventania nunca pensou que o amigo fosse virar a casaca daquela maneira. Devia ser um engano, era a única explicação possível.

O homem de preto parou diante do adolescente imobilizado e tirou um dos punhais preso à roda da fortuna, analisando o fio da lâmina com a ponta dos dedos.

– Lamento que seus pais tenham reagido – comentou, como se estivessem numa mesa de bar. – Não queria matá-los. Não ainda, pelo menos...

De repente, a dor de Tião Ventania desapareceu, sendo substituída por uma raiva quente e explosiva. Era algo na postura do velho amigo, na falta de culpa com que descrevia seus atos malignos e despropositados.

– Nós abrigamos você, alimentamos você, cuidamos de você. – acusou Tião Ventania. – Nós lhe demos uma casa, pelo amor de Deus!

– E sempre me trataram como um inferior – interrompeu Ed Tempestade, como gostava de ser chamado agora. –, como um empregado, que recebia as piores tarefas e precisava se contentar com os restos que jogavam no meu prato.

– Você tinha um lugar na mesa como todos os outros – protestou Tião Ventania. – Nunca lhe demos restos!

Ed Tempestade fez um gesto como se descartasse tal opinião.

– É uma figura de linguagem, Ventania – explicou. – O fato é que nunca fui um de vocês e nunca esqueci o modo como abandonaram meu pai, quando ele mais precisou.

– Seu pai foi preso por latrocínio, Chuvisco – lembrou Tião Ventania.

Imediatamente, o homem de preto acertou um tapa na cara do jovem imobilizado, que o fez ficar zozinho. Quando voltou a abrir os olhos, um dedo ameaçador estava levantado diante de seus olhos.

– Já lhe disse que meu nome agora é Ed Tempestade – alertou. – E meu pai fez o que precisava fazer para sobreviver. Todos sabem que aquele velho estava armado e preparado para atirar. Foi legítima defesa.

Tião Ventania lambeu o sangue dos lábios, deixando o gosto metálico se espalhar pelo céu da boca.

– De todo modo, ele acabou na prisão – lembrou. – Não havia nada que pudéssemos fazer para ajudá-lo. Você o visitou depois disso, sabe que não tínhamos escolha além de partir, antes que a polícia decidisse prender o restante de nós. Não pudemos fazer nada para salvar o velho Faustus, mas meu pai prometeu cuidar de você. É assim que nos paga por todos os anos que viveu conosco? Eu o considerava um irmão, Chuvisco – dessa vez, Ed Tempestade não lhe deu um tapa para corrigir o erro. Apesar de sério, algo em seus olhos mostrava que tais palavras o deixaram abalado. Tião Ventania continuou. – Por que fez isso? Por que matou meus pais?

Ed Tempestade deu as costas para Tião Ventania, com a cabeça encolhida entre os ombros, como se estivesse guardando algum segredo.

– Tudo isso é culpa sua, Ventania – acusou. – As coisas podiam ser diferentes, se você não insistisse em tirar tudo de mim.

Tião Ventania franziu o cenho.

– Do que está falando?

Ed Tempestade se virou de volta para ele, furioso.

– Não se faça de desentendido – bradou. – Você sabe muito bem do

que estou falando, seu maldito traidor!

Só então a ficha de Tião Ventania caiu.

– Isso é sobre Maria Estrela? – perguntou, indignado.

Como resposta, Ed Tempestade cravou o punhal que ainda carregava na mão direita de Tião Ventania, que berrou diante da dor aguda do golpe inesperado.

– Não ouse falar o nome dela como se não fosse nada – rosnou. – Você tinha tudo, Ventania! Tudo! Uma família que o amava, um papel na principal atração do circo, colegas que o admiravam, a minha lealdade...

Ed Tempestade fez uma pausa, como se a confissão lhe doesse na alma. Tião Ventania trincava os dentes enquanto lágrimas escapavam pelas bochechas, descontroladas. A dor que sentia era imensurável.

– Você sabia dos meus sentimentos por aquela garota – continuou Ed Tempestade. – Por que teve que se meter entre a gente? Por que tirou até isso de mim? Por quê, Ventania? Por quê?

Tião Ventania encarou Ed Tempestade e deixou o ódio que sentia se transformar em escárnio.

– Porque ela me amava – respondeu, orgulhoso. – E porque você era um frouxo!

Ed Tempestade trincou os dentes. Furioso, arrancou outro punhal da roda da fortuna e o cravou na mão esquerda de Tião Ventania, que berrou mais alto do que antes. Em seguida, o homem de preto aproximou o rosto do ouvido do rapaz imobilizado.

– Quem é o frouxo agora? – sussurrou.

Tião Ventania não respondeu. Compreendia que qualquer bravata só lhe traria mais dor. Além disso, não estava em condições de reagir, com o corpo amarrado daquele jeito. Ed Tempestade se afastou, deu uma risada e três tapinhas leves no rosto do antigo amigo.

– Mas tudo isso são águas passadas – continuou. – E acho que ainda posso perdoá-lo, se me disser onde ela está – revelou.

Ed Tempestade parou, olhando-o de soslaio, com um sorriso convencido no rosto, como se já tivesse vencido o jogo. A isso Tião Ventania não pôde fazer outra coisa além de gargalhar, o que deixou o homem de preto visivelmente confuso.

– Do que está rindo? – quis saber, mas o outro apenas gargalhou mais alto. – Acabei de matar a sua família, desgraçado! Diga qual é a graça disso?

Tião Ventania voltou a se controlar.

– É que você chegou tarde demais, idiota – respondeu, rebelde. – Maria Estrela não está mais entre nós. Ela morreu!

O choque no rosto de Ed Tempestade fez Tião Ventania abrir um largo sorriso.

– Mentira! – acusou o homem de preto. – Isso não pode ser verdade. Você é um maldito mentiroso, Ventania! Um mentiroso!

Tião Ventania apenas continuou a sorrir. Furioso, Ed Tempestade deu as costas para ele, pegou um punhal na mesa redonda de Rubens e se dirigiu até onde seus homens mantinham os demais integrantes do circo como reféns. Ao perceber o que ele faria, o sorriso de Tião Ventania desapareceu.

– Espere um minuto, Chuvisco – pediu.

– É Ed Tempestade – berrou o homem de preto, apontando o punhal para o rapaz imobilizado. – Está na hora de você aprender quanto as coisas mudaram, Ventania.

Andando em frente aos reféns deitados no chão, Ed Tempestade dava voltas como um leão enquanto escolhia alguém.

– Vejo muitos rostos novos por aqui. O circo mudou um bocado desde que fui embora, não é mesmo? – disse, parando em frente a um dos palhaços e se agachando na frente dele. – Mas vejo também que o fiel Espirro não abandonou a trupe. Ele sempre foi um cãozinho leal, não concorda, Ventania?

– Você não tem que fazer isso, cara – suplicou Tião Ventania. – Seu problema é comigo, não com eles. Deixe o pessoal em paz. Pelo amor de Deus! Faça o que você quiser, mas deixe-os em paz!

Ed Tempestade sorria ao agarrar tufo de cabelo do palhaço e o fazer levantar a cabeça. A maquiagem de Espirro estava toda borrada por conta das lágrimas e ele não cheirava tão bem. Ed Tempestade fez uma careta.

– Oh não! – disse, fazendo teatro. – Parece que alguém borrou as calças.

– Por favor, patrão – chorou Espirro. – Sou só um pobre palhaço, nunca fiz mal a ninguém. Deixe-me de fora disso, por favor...

Ed Tempestade parou com as brincadeiras e encostou o punhal no pescoço do palhaço, que se calou imediatamente.

– Você sabe o que quero saber, Espirro – a voz fria como gelo. –

Onde ela está?

Espirro levantou os olhos para Tião Ventania, que balançava a cabeça de um lado para o outro. O palhaço voltou a baixar os olhos, envergonhado.

– Ela partiu, patrão – respondeu. – Fugiu, como tantos outros.

Ed Tempestade encarou Tião Ventania, triunfante, antes de continuar o interrogatório:

– Há quanto tempo?

– Dois dias – respondeu Espirro. – Não, três! Três dias, patrão. Antes de virmos para cá. Fugiu no meio da noite, sem avisar ninguém. Juro por Deus, patrão. Isso é tudo que sei.

Ed Tempestade passou a mão na cabeça do palhaço como faria a um cachorro.

– Acredito em você, Espirro.

Então, sem aviso, rasgou a garganta do pobre homem com o punhal.

– Mas meu amigo Ventania precisa aprender uma lição.

Espirro levou a mão ao pescoço, procurando conter o sangue que jorrava pela jugular, como uma fonte aberta. A expressão de surpresa e dor no rosto do palhaço seria cômica se também não fosse trágica.

– Nããoooo! – berrou Tião Ventania, impotente. – Seu monstro! Seu maldito monstro!

Ed Tempestade sorria. Ele limpou o punhal nas costas do palhaço e o entregou casualmente a um dos homens armados, que o auxiliavam. Nisso o sujeito com a cicatriz retornou com um galão vermelho em mãos.

– Ora, vejo que achou a gasolina, Toro – comentou Ed Tempestade.

– Já encharquei os trailers, a bilheteria e a lona lá fora – relatou.

– Então continue o serviço com as arquibancadas – recomendou.

O homem da cicatriz assentiu, desatarraxou a tampa do galão e começou a jogar o líquido inflamável em lugares que nunca mais contariam com uma plateia. Tião Ventania assistia a tudo sem poder fazer nada.

– E quanto a eles, chefia? – quis saber outro homem, indicando os reféns.

Ed Tempestade deu de ombros.

– Matem todos – ordenou. – Menos o idiota na roda da fortuna.

– O senhor é quem manda – concordou o homem que perguntou, dando um tiro na nuca de Sabrina, a simpática bilheteira que sonhava em ser trapezista.

Tião Ventania gritava protestos, mas ninguém lhe dava atenção. Pistolas cantaram suas canções de morte e, um a um, todos os integrantes do circo morreram, tendo os corpos abandonados no chão como pacotes de pipoca amassados após o espetáculo. Os homens armados fizeram o trabalho nefasto e deixaram a tenda, um após o outro. Menos Ed Tempestade, que permaneceu no centro do picadeiro até não sobrar mais ninguém dentro do circo além dele e Tião Ventania.

Os dois inimigos se encararam em silêncio.

– Como se sente sabendo que sua namoradina será minha em menos de uma semana? – provocou Ed Tempestade.

Tião Ventania não respondeu, apenas o fuzilou com o olhar. Ed Tempestade sorriu, tirou uma caixa de fósforos do bolso e acendeu um palito.

– Você tinha tudo, Ventania, e vou lhe deixar sem nada – afirmou o homem de preto, jogando o fósforo aceso na arquibancada, que imediatamente se acendeu enquanto o fogo se alastrava de um lado ao outro do circo. – Pense nisso enquanto seu mundo queima, maldito!

7

Da fogueira sobravam quase só brasas avermelhadas, que Tião Peixeira fitava com um olhar vidrado, perdido em algum lugar do passado. No rosto, mantinha uma expressão dura como pedra. João dos Mistérios o observava atentamente, sem interromper o silêncio que se apoderava do companheiro de viagem. Sabia como era difícil lidar com sentimentos enterrados havia tantos anos. Recontar uma história era como a reviver, e isso não devia ser uma tarefa fácil para o colega, que se aproximava inexoravelmente de uma conclusão.

– Após o incêndio, acordei soterrado pelas cinzas da minha antiga existência – recomeçou Tião Peixeira. – O circo não existia mais. Meus pais e todos que davam vida para aquele sonho não existiam mais. O próprio céu estava coberto por nuvens escuras e tempestuosas, como se o sol também tivesse me abandonado após assistir aos horrores que se passaram por ali. Ainda assim, no meio de toda a destruição, encontrei um baú quase intacto. O meu baú. Dentro dele, o par de peixeiras que meus pais me deram de presente no meu último aniversário como Tião Ventania. O peso delas parecia certo

nas minhas mãos. Vi meu rosto ao fitar a prata imaculada daquelas lâminas. Não era o mesmo rosto de Tião Ventania. Não era o rosto de um menino, e sim de um homem com uma missão. A partir de então, passei a me chamar Tião Peixeira e a perseguir os bastardos que me transformaram no que sou hoje.

Tião Peixeira se calou novamente. A história de sua origem chegava ao fim. João dos Mistérios assentiu e coçou o queixo, curioso.

– Como você sobreviveu ao incêndio?

A pergunta pareceu trazer Tião Peixeira de volta ao presente. Ele piscou várias vezes, como se buscasse compreender o sentido das palavras que lhe eram ditas, e então deu de ombros.

– O ódio me manteve vivo – resumiu.

João dos Mistérios assentiu mais uma vez. Não era aquela a resposta que esperava, mas achou melhor não forçar a amizade. Sabia que o outro havia se aberto mais do que pretendia e respeitava sua dor. Se queria guardar um ou dois segredos, não seria o bruxo quem levantaria objeções.

– Então você passou os últimos dez anos perseguindo esse tal Ed Tempestade?

Foi a vez de Tião Peixeira assentir.

– Ele e todos que estiveram lá aquele dia – contou. – Toro, Caboclo, Pequeno Índio, Cabeludo, Oreia Seca, Bola Oito, Rato Branco e Zé Porreta. Despachei todos eles também, menos o Ed Tempestade. Esse puto é mais escorregadio que cobra ensaboada. Mas, com sua ajuda, dessa vez ele não me escapa.

João dos Mistérios pegou uma nova leva de galhos e os jogou sobre os restos da fogueira, avivando o fogo na noite escura. O bruxo parecia refletir sobre a história contada por Tião Peixeira.

– Mas primeiro você quer recuperar suas peixeiras em Miradouro, certo?

Tião Peixeira cruzou os braços para se proteger do frio, e assentiu uma vez.

– Não vou a lugar nenhum sem elas.

João dos Mistérios fez um barulho com a garganta, compreendendo o caso.

– Posso perguntar como pretende fazer isso?

A sombra de um sorriso passou pelos lábios de Tião Peixeira.

– Pensei que podíamos usar um pouco da sua criatividade.

Capítulo 6

O Ninho da Serpente

1

A noite se aproximava, precedida pela queda na claridade do dia, fazendo com que os feirantes desmontassem suas barracas e os mendigos buscassem abrigo em caixas de papelão e outros lugares abandonados. Um vento frio cruzou a rua principal de Riacho Doce, passando por Verônica Mota e Leandro Fuentes com a rapidez de trombadinhas experientes. Os dois pareciam ser os únicos seres vivos na rua aguardando transporte, parados em frente à sede do *Edição Extraordinária*. Verônica mantinha os olhos fixos na avenida deserta, já Leandro, desatarraxava a tampa de um cantil prateado para dar um gole vigoroso no que guardava lá dentro.

– Não exagere na dose – recomendou Verônica, sem se virar. – Preciso de você inteiro esta noite.

Leandro limpou os lábios com as costas da mão.

– Verônica, *mi corazón*, como chefe, você pode me pedir muita coisa – argumentou. – Mas não me peça que encare o demônio sóbrio – concluiu, com mais um gole no cantil.

Verônica olhou de soslaio para o repórter.

– É isso que você acha que o coronel é? – provocou. – Um demônio?

Leandro atarraxou a tampa de volta ao cantil e o guardou no bolso interno do paletó barato. Tratava-se de um rapaz franzino, de cabelos louros cacheados, nariz longo e barba rala, que usava roupas velhas e fedia a cachaça. Não era nem de longe amedrontador, e as pessoas costumavam subestimá-lo, o que facilitava seu trabalho como repórter.

– Eu poderia deixá-la ir sozinha, *sabes?* – brincou. – Você não me paga o suficiente para arriscar a vida dessa maneira.

Verônica sorriu, com os braços cruzados, e olhou fixamente, mais uma vez, para a avenida deserta.

– Como se você fosse perder uma oportunidade dessas...

Leandro suspirou, percebendo que perdera o argumento.

– Você deve achar que sou um tonto, *no?*

A isso Verônica concedeu uma risada.

– Somos jornalistas, meu bem – respondeu. – Precisamos de muito mais inteligência para nos tornarmos tolos.

Ambos riram da piada, mas Verônica logo se calou, voltando a ficar séria.

– Ouviu isso?

Leandro parou de rir imediatamente. O vento soprava inclemente pela rua, carregando em sua esteira um som distinto e monótono, de tempos que haviam ficado para trás e dos quais restavam apenas resquícios distantes.

– Um motor – reconheceu Leandro. – Parece que *el* coronel Olho de Cobra quer nos oferecer uma recepção de realeza.

Verônica colocou a mão instintivamente sobre o cabo do revólver, que levava mais para mostrar do que qualquer outra coisa.

– Se ele acha que vai me impressionar com ninharias está muito enganado.

De repente, um monstro negro de metal entrou na avenida principal fazendo uma curva fechada. Os faróis brilhavam como o par de olhos de uma fera ancestral, cegando e paralisando os dois jornalistas que se encontravam em seu caminho. O motor rugia com a potência de mil cavalos e a irritação de dez anos de manutenção ininterruptas. Leandro se aproximou da chefe.

– Bom, estou impressionado – sussurrou.

O enorme jipe parou em frente ao jornal, o motor ronronava ameaçadoramente.

– Então me faça o favor de ficar quieto – ordenou Verônica. – Deixe que eu me encarrego de conduzir os negócios, ok?

A porta do jipe se abriu e um homem de pele acobreada, com os cabelos penteados para trás com gel e um bigode caindo da ponte do nariz e contornando os lábios superiores, saiu de dentro do veículo. Ele se vestia como um garçom dos velhos tempos, num *smoking* preto, com gravata borboleta e luvas brancas. Era um sujeito grande e parrudo, que gostava de estufar o peito para se mostrar superior.

– Madame Verônica?

Verônica deu um passo adiante.

– Eu mesma – respondeu. – E você seria?

– Pode me chamar de James, a seu dispor – ele olhou para Leandro e franziu o cenho. – E esse seria?

– Meu acompanhante – esclareceu Verônica, colocando a mão por trás do funcionário, de modo a incluí-lo na conversa. – Leandro Fuentes, o melhor jornalista do *Edição Extraordinária*.

Leandro sorriu, exibindo os dentes amarelos. James se mostrou reticente.

– O patrão me deu ordens para buscar apenas a senhorita...

– Bom, seu patrão mandou um convite oficial para meu jornal – argumentou Verônica. – Logo, estou levando alguém para registrar nosso encontro. Tenho certeza de que o coronel ficará muito feliz de aparecer em nossas páginas em lugar de destaque, não concorda? Ou teremos um problema aqui?

James abriu a porta de passageiros do jipe, rendido.

– Problema nenhum, madame. Só terei que comunicar a sede para colocarem um prato a mais na mesa. Só isso.

2

O jipe partiu a uma velocidade assombrosa bem a tempo do crepúsculo, quando o sol tingia as nuvens de uma vermelhidão sanguínea antes de o mundo mergulhar em trevas sombrias. Vanessa e Leandro seguiam tensos no banco de trás, com os cintos apertados e os corações ameaçando pular para fora do peito. Na direção, James engatou outra marcha ao mesmo tempo que comentava assuntos aleatórios, respondendo às próprias perguntas que fazia, num monólogo sem começo, meio ou qualquer fim visível.

Logo o veículo deixou as ruas esburacadas de terra de Riacho Doce e passou para o asfalto das estradas proibidas, seguindo mais rápido em direção ao seu destino, além das montanhas. De cavalo, eles provavelmente levariam umas quatro ou cinco horas para chegar até o lar do coronel Olho de Cobra. James afirmou que estariam às portas da mansão em exatos 45 minutos. Verônica observou o velocímetro, que passava dos 180 quilômetros por hora. O motorista tinha o pé pesado e não mostrava a menor intenção de desacelerar.

Leandro tirou o cantil do bolso e deu um longo gole. Verônica pegou o recipiente da mão do funcionário e também se serviu da bebida amarga. Precisava de alguma coisa para controlar os nervos. Percebeu, então, os olhos

de James pelo retrovisor que a observava com um prazer sádico, como se gostasse de provocar medo nos passageiros. Foi o suficiente para Verônica esquecer onde estava e relaxar um pouco. Tudo fazia parte do teatro do coronel Olho de Cobra.

As nuvens adquiriam um tom arroxeadado à medida que a noite se aproximava. Verônica olhou a paisagem inóspita pela janela: quilômetros de terra seca e rachada, com poucas árvores e tufo de mato seco a intervalos espaçados. Ao longe, era possível ver as sombras de torres tortas e quebradas, ruínas de uma cidade sem nome, esquecida no meio do sertão. Ela se encontrava perdida em pensamentos sobre o mundo que ficou para trás quando Leandro fez uma pergunta:

– Que claridade é aquela mais adiante?

Verônica olhou para a frente. Além das montanhas, era possível notar um halo, como se milhares de fogueiras estivessem acesas. Mas o fogo não seria capaz de iluminar o horizonte daquela maneira, constante e equilibrada. A claridade era produzida por alguma fonte artificial.

– As plantações – esclareceu James, prestativo. – O patrão mandou plantar todo tipo de vegetais ao redor do castelo. É de lá que saem frutas, cereais e legumes vendidos em todo o território. Também temos criações de bois, vacas, porcos, galinhas e avestruzes, além de viveiros de atum, salmão...

– As luzes, *hombre* – interrompeu Leandro. – De onde vêm as luzes?

James deu uma olhadinha para trás.

– De holofotes de alta potência – esclareceu, como se não fosse nada.

Leandro piscou várias vezes e se virou para Verônica, que parecia não estar surpresa com a revelação. O repórter de origem argentina não estava a par de todas as histórias da região desde que chegara ali seis meses antes, após fugir de uma tribo de canibais que devorou seus amigos e familiares.

– O coronel Olho de Cobra tem um dos últimos geradores de energia zero em atividade – resumiu. – Não é forte o bastante para abastecer um estado, mas é o suficiente para fornecer energia elétrica para a fazenda dele pelos próximos oitocentos ou novecentos anos, mais ou menos, certo, James?

O motorista sorriu, mostrando os dentes brancos.

– Vejo que a madame fez o dever de casa – respondeu. – O patrão é um homem rico e bondoso, capaz de muitos milagres, como vocês dois logo poderão testemunhar.

James voltou a vangloriar os feitos do patrão, dizendo como ele

consequira salvar a população de um fim iminente após a Grande Guerra, protegendo o povo de ataques vindos tanto do Norte quanto do Sul. Verônica e Leandro já não prestavam mais atenção ao motorista. O jipe voltou a passar por terras habitadas, com favelas crescendo às margens da pista principal, com caveiras a enfeitarem galhos de árvores secas como decorações de Natal, um aviso aos estranhos para manterem distância, mesmo que as pessoas nas ruas parecessem mortas de fome. Não era preciso pensar muito para descobrir quem morava ali. As plantações precisavam de trabalhadores, afinal.

O jipe subiu a estrada até um platô distante das favelas, de onde era possível enxergar a terra adiante. Mesmo sabendo o que esperar, Verônica se viu prendendo a respiração no peito. Diante deles, encontravam-se as terras particulares do coronel Olho de Cobra. Postes com mais de dez metros de altura iluminavam um mar verde de árvores e diferentes plantas até onde a vista conseguia alcançar. Era possível ainda distinguir um amplo lago de águas escuras, nos quais operavam moinhos e do qual saíam canos para alimentar a enorme plantação. No centro de tudo, no topo de um morro, havia um enorme castelo, cheio de janelas iluminadas e chaminés que expeliam uma fumaça escura e impenetrável, a reinar absoluto em meio ao paraíso artificial criado ao seu redor.

– É de tirar o fôlego, não é mesmo? – comentou James, satisfeito. – Como eu disse a vocês, o patrão é um homem capaz de realizar muuuuuitos milagres.

3

Verônica conhecia as histórias das plantações e do paraíso terrestre que o coronel Olho de Cobra erguera no meio do sertão. Ela não seria uma boa jornalista se não soubesse tais coisas, de conhecimento popular. O que muitas pessoas não sabiam e que ela estava parcialmente a par era o preço pela conquista de tais coisas, todo o sangue derramado para desviar regatos e cursos de rios para o estabelecimento de um lago artificial, todas as mentiras criadas para escravizar pobres sertanejos que cuidariam das enormes plantações. Eram histórias que ela não podia contar, se quisesse continuar respirando. Ao menos, não de forma direta.

Ainda assim, o conhecimento empírico de algo era muito diferente do prático, e estar nas terras particulares do coronel Olho de Cobra era uma

experiência que mexia com os brios investigativos da editora. Verônica buscava gravar tudo que seus olhos viam através das janelas do jipe: os trabalhadores rurais de costas encurvadas voltando em longas filas indianas ou em carroças precárias aos seus casebres distantes, os jagunços de óculos escuros e palitos nos dentes que os vigiavam montados em alazões e com fuzis pendurados nos ombros, crianças sujas e remelentas que mendigavam favores na beira da estrada... Esse era o preço pago pela criação do “paraíso”.

O jipe diminuiu de velocidade ao aproximar das enormes muralhas que dividiam o reino do coronel Olho de Cobra. Paredes com aproximadamente seis metros de altura, de pedras grandes e robustas, com torres de vigias estabelecidas em intervalos de mais ou menos 30 metros de distância. Era uma obra monumental, ainda distante da conclusão, como indicava a presença de andaimes e trabalhadores que deslocavam os grandes blocos de pedra em carrinhos por rampas íngremes e perigosas. Verônica imaginou que aquilo deveria fazer parte dos sonhos faraônicos do coronel, uma fortaleza inexpugnável no meio do sertão.

James seguia com sua cantilena de elogios aos esforços do coronel para trazer paz àquela terra arrasada. Para seu crédito, parecia realmente acreditar no que dizia. Era um servo leal, não havia dúvida disso. Na base da grande muralha, desceu o vidro e conversou com uma sentinela, que o deixou passar à área interna da fortaleza. O jipe subiu a estrada margeada pelas plantações até o grande castelo prostrado no topo do morro, onde mais capangas de óculos escuros e ternos negros aguardavam. Verônica percebeu um setor de abastecimento em que se acumulavam caminhões, jipes e outros veículos.

– O que eu disse a vocês? – comentou James, estacionando o jipe em frente à entrada principal. – Quarenta e cinco minutos, sem tirar nem pôr. Sou ou não sou um bom motorista?

A porta de passageiro se abriu pelo lado de fora. Verônica e Leandro trocaram um olhar antes de descerem do carro. Havia chegado ao destino. Estavam em território desconhecido, portanto precisavam agir com cautela. Tudo isso estava contido num único olhar. Verônica desceu primeiro.

– Madame Verônica... – cumprimentou um dos engravatados cujo rosto estava coberto por escamas e rachaduras esbranquiçadas devido a um caso seriíssimo de ictiose. Por incrível que pareça, essa não era a única característica medonha do indivíduo, que também exibia pupilas escarlates, além de sobrancelhas e cabelos branquíssimos. A editora o reconheceu

imediatamente. Era o homem conhecido como Berne, o Dragão Albino, chefe de segurança do coronel Olho de Cobra. – O patrão a aguarda no jardim de inverno – continuou, solícito. – Se a senhorita e seu acompanhante puderem me acompanhar...

O homem não fez menção de tocá-la e manteve uma distância respeitosa, o que Verônica considerou oportuno, dado o aspecto terrível do sujeito. Apenas abriu caminho e apontou para os portões da residência, que foram imediatamente abertos por dois valetes, adolescentes vestidos como gente grande em busca de aprovação.

– Abandone toda a esperança aqueles que aqui entrarem – sussurrou Leandro no ouvido de Verônica.

A editora não disse nada, mas lançou um olhar fulminante ao repórter. Não era hora para brincadeiras. O sorriso de Leandro desapareceu e ele assentiu, captando o recado de olhos baixos.

– Fizeram boa viagem? – quis saber Berne, puxando papo.

– Não temos do que reclamar – respondeu Verônica, entrando na mansão.

O *hall* de entrada era impressionante, lembrando igrejas medievais, com longos vitrais, espaço interno amplo e pé-direito alto. Candelabros ricamente ornamentados com cristais ofereciam uma iluminação lúgubre e soturna. As paredes eram decoradas com quadros de cores pesadas e motivos religiosos, todos pintados de forma realista de modo a exaltar a figura humana. Um quadro em especial captou a atenção de Verônica: uma mulher sendo presenteada com uma maçã por uma serpente que mantinha o corpo bulboso e escorregadio escondido nas sombras, destacada pelo brilho sinistro em seus olhos amarelados, acesos como faróis.

– O patrão mandou preparar dois quartos para vocês, caso queiram passar a noite conosco – continuou Berne, guiando os convidados rumo ao corredor principal. – Se preferirem ficar no mesmo quarto, isso também pode ser arranjado.

– Obrigado pela gentileza, mas isso não será necessário – respondeu Verônica, com firmeza. – Gostaríamos de retornar para Riacho Doce após o jantar.

Berne seguia na frente dos dois, sem olhar para trás.

– Tem certeza? Viajar à noite pode ser perigoso.

Verônica teve a impressão de que o subalterno tentava provocá-la.

– Se o coronel não puder nos fornecer transporte, voltaremos a pé – definiu.

Berne deu uma olhadinha para trás, com os lábios repuxados num sorriso horrível.

– O que for melhor para vocês – concedeu.

Os três subiram uma escada e seguiram por um corredor longo com muitas portas e bastante amplo, embora mal-iluminado e opressivo. As paredes rubras pareciam sugar a luminosidade das lâmpadas amarelas dispostas em lustres rebuscados, de modo que até os contornos dourados que contornavam os tetos e as portas perdiam o brilho e a vitalidade. Eles pararam na frente de uma porta branca no fim do corredor, onde outros dois valetes aguardavam como sentinelas do castelo. Berne se virou para os convidados.

– O patrão aguarda atrás dessas portas – anunciou. – Mas receio que, para vê-lo, terei que pedir que deixem suas armas na entrada. Por uma questão de segurança, como tenho certeza de que entendem.

Verônica assentiu. Aquilo era esperado, mesmo que não lhe trouxesse tranquilidade. O revólver pesou em sua mão quando o tirou do coldre e o estendeu pacificamente para Berne, que o pegou sem cerimônias com as mãos enluvadas. Então, ele virou-se para Leandro.

– E o cavalheiro, não carrega nenhuma arma?

Leandro tirou um caderninho e uma caneta de dentro do paletó.

– Somente essas, parceiro – respondeu. –Sou daqueles que acreditam que a caneta é mais poderosa do que a espada, *entendés?*

O rosto do homem se torceu de forma grotesca em um sorriso sem humor.

– Essas você pode levar – concedeu, entregando o revólver de Verônica a um dos valetes ao seu lado.

– É bom cuidar bem dela – alertou a jornalista apontando para a arma com o queixo, de olho no adolescente que a segurava. – Se estiver faltando uma só bala quando formos embora, não vou hesitar em poupar pólvora para descobrir onde ela foi parar, entendeu?

O valete assentiu, assustado. A escassez de munição fazia com que balas tivessem peso de ouro no mercado negro.

– Não se preocupe com isso – interveio Berne. – Vocês são convidados do coronel e, como tais, serão tratados com todo o respeito que a tradição exige. Pelas leis da hospitalidade, garanto que estão seguros aqui.

Agora, se pudermos prosseguir... – continuou, girando a maçaneta da porta. – Acredito que o coronel gostaria de trocar umas palavrinhas com você.

4

Deslumbramento, fascinação e encanto: não havia outro modo de descrever as sensações de Verônica ao adentrar o jardim de inverno do coronel Olho de Cobra. A editora até esqueceu de onde estava, tamanha a surpresa diante de tanta beleza. Sentia-se como uma personagem que acabara de adentrar numa pintura clássica, daquelas que decoravam as paredes de museus importantes nos velhos tempos. Estátuas de mármore branco representando Adão e Eva, com folhas de parreiras a cobrirem suas vergonhas, davam as boas-vindas aos visitantes em poses dramáticas, típicas das tragédias gregas, com os braços levantados unidos por um toque dos indicadores a formarem um arco natural. Mais à frente, havia uma cascata artificial, com água cristalina a borbulhar alegremente numa piscina artificial que se ramificava em vários braços sinuosos a simularem rios pelo elegante jardim. Colunas brancas e redondas se levantavam em pontos estratégicos, elevando-se até as plataformas superiores e as grandes abóbadas, de ferro trançado em desenhos complexos e elegantes. Tudo isso sem falar da vegetação exuberante que transformava o ambiente numa pequena floresta tropical, repleta de flores delicadas e aromas cítricos, com direito a animais raros, como uma família de micos-leões-dourados, que observavam os jornalistas com curiosidade do alto de um jacarandá, ou um par de formosos pavões, que ciscavam numa trilha de folhas secas com as belas caudas recolhidas a se arrastarem pelo chão.

– O patrão os aguarda no fim da trilha – indicou Berne, arrancando Verônica e Leandro do estado contemplativo em que se encontravam. – Sintam-se à vontade para provar os frutos que encontrarem pelo caminho. Mas tomem cuidado, pois a relva também esconde seus segredos.

Então, sem mais uma palavra, Berne fechou a porta e deixou os jornalistas sozinhos no jardim de inverno.

– O que acha que ele quis dizer com isso? – quis saber Leandro.

Verônica ergueu os ombros.

– Quem se importa? Só fico feliz de ele não ter que nos acompanhar.

Aquela cara de lagarto me dá calafrios.

– Não fale tão alto – recomendou Leandro num sussurro. – Vai que ele escuta?

Verônica sorriu.

– Está com medo que ele corte suas orelhas para usar num colar?

Segundo boatos, Berne colecionava partes dos inimigos e vítimas que matava. As más línguas diziam que ele tinha todo um guarda-roupa de peles humanas, brincos de dentes e olhos cristalizados, além dos famosos colares de ossos e orelhas com os quais costumava sair para caçar. Verônica sabia que nada daquilo era verdade, embora muitos considerassem selvagens os métodos utilizados pelo Dragão Albino para conseguir o que queria, especialmente em interrogatórios.

– Só quero acabar logo com isso e ir para casa – desabafou Leandro.

– Tem razão – concordou Verônica. – Venha! Vamos encontrar a serpente no meio desse jardim.

Os dois adentraram a trilha, ladeada por uma mata densa e exuberante. Orquídeas cresciam em troncos próximos, semiocultos por roseiras cheias de espinhos, cujas belezas naturais pareciam competir pela atenção dos visitantes. Um beija-flor azul passou velozmente pelos jornalistas, parando um segundo em frente a eles antes de seguir para dentro da mata, que se agitava cheia de vida. Além dos passarinhos, era possível ouvir grilos, sapos e outros bichos que nenhum dos dois conseguia reconhecer. Ao atravessarem uma pequena ponte, viram carpas laranjas e vermelhas nadando dentro do rio artificial.

Logo a beleza de tudo aquilo começou a incomodar Verônica. Aquela floresta era algo do velho mundo, que havia ficado para trás, graças à selvageria dos homens. Sua existência servia tanto como promessa de um futuro mais equilibrado quanto como uma afronta à realidade, na qual as florestas foram substituídas por desertos e a civilização definhava embaixo de nuvens negras com acesso a poucos recursos naturais, que ficavam mais escassos a cada dia. Aquele jardim não era um lugar natural, do mesmo modo que a mente que o projetou não pertencia a um homem comum.

Verônica refletia sobre tudo aquilo quando a trilha se abriu para uma pequena clareira, no centro da qual crescia uma macieira repleta de frutos vermelhos e suculentos. Os dois jornalistas pararam onde estavam.

– A árvore da sabedoria – indicou Leandro. – Parece que o pequeno

Jardim do Éden *del jefe* está completo.

Verônica deu um passo adiante.

– Ainda falta um pequeno detalhe – opinou.

Leandro franziu o cenho.

– O que está fazendo? – perguntou, inseguro.

Verônica não respondeu. Ela caminhou devagar até a macieira e contemplou os frutos que pendiam de seus galhos. Podia brincar de Eva e provar de um deles, mas essa não era sua intenção. Ela observava as sombras por trás das verdes folhas, em busca de algo oculto, que poderia passar despercebido numa primeira olhada. Logo foi recompensada. Enroscada num galho, em anéis pretos e vermelhos interconectados, encontrava-se uma cobra a observá-la com pequeninos olhos negros e a língua sibilante entrando e saindo da boca fechada.

– Não fui eu que as coloquei aí, sabia?

A interrupção inesperada fez Verônica dar um pulo para trás, com as costas eretas. Ela se virou na direção da voz. Numa lateral da clareira, uma escada de pedras levava a um pequeno platô, onde um homem estava sentado, de pernas cruzadas, numa cadeira branca de espaldar alto, semelhante a um trono. Ele usava botas amarronzadas, calças sociais e um paletó dourados, com manchas escuras e uma textura brilhante que lembravam escamas, uma camisa de um laranja bem vivo, que não conseguia esconder a barriga protuberante, dedos cheios de anéis a exibirem pequenos rubis e safiras, além de um chapéu branco de caubói. Seu rosto era o de um velho, com rugas e pés de galinha que denunciavam a passagem do tempo, bem como uma papada embaixo do queixo quadrado. Um dos olhos se encontrava coberto por um tapa-olho discreto, o outro era verde e incisivo, além de se encontrar fixo como uma mira laser em Verônica, estudando-a com a frieza dos répteis.

– Soltei um par de cobras corais neste jardim quando ele ficou pronto – continuou o homem, pegando uma bebida na mesinha disposta do lado da cadeira, como se tudo aquilo fosse corriqueiro para ele. – Elas escolheram os galhos dessa macieira como moradia por conta própria, o que não deixa de ser apropriado, não concorda?

Verônica procurou sorrir sem demonstrar o nervosismo que sentia.

– Coronel Olho de Cobra – cumprimentou, profissionalmente. –, desculpe, não o vi aí quando cheguei. O senhor me pegou de surpresa.

O homem deu um gole de passarinho no drinque, e o deixou de lado, levantando-se.

– Gosto de vir aqui meditar – explicou. – É o único lugar onde encontro um pouco de paz nesse hospício.

Ele sorriu de forma amistosa e acolhedora ao aproximar dos visitantes com passos lentos e despreocupados, de quem não tem pressa para chegar onde quer. A primeira coisa que Verônica notou foi que era ao menos um palmo mais alta que o coronel Olho de Cobra.

– É um belo jardim – concordou Verônica. – Achei que não existissem mais lugares assim no mundo em que vivemos.

O coronel Olho de Cobra parou em frente a ela.

– Faço o que posso para manter viva a faísca dos velhos tempos – comentou. – Mas onde estão meus modos? É um prazer conhecer a senhorita – continuou, pegando a mão de Verônica e plantando um beijo nas costas dela, como se fosse o personagem de algum romance do século XIX.

– O prazer é todo meu – respondeu Verônica, educadamente.

Nisso Leandro alcançou os dois e o coronel Olho de Cobra se virou para ele. O jornalista abriu um largo sorriso e esticou a mão para cumprimentar o anfitrião.

– Leandro Fuentes, ao seu dispor, senhor – cumprimentou.

O coronel Olho de Cobra observou a mão estendida com um sorriso fino, mas manteve as próprias mãos unidas atrás de si. Ele se virou para Verônica.

– Esse é o colunista social que trouxe para registrar o nosso encontro? Leandro recolheu a mão, embaraçado.

– Ele é repórter investigativo, na verdade – detalhou Verônica. – Ainda não temos uma coluna social, visto as dificuldades que temos tido só para colocar o jornal em circulação, como tenho certeza de que o senhor está a par.

O coronel Olho de Cobra voltou a encarar Leandro, dessa vez, sem sorrir.

– É para isso que veio aqui? – quis saber, inquisitivo. – Para me investigar?

Leandro engoliu em seco, olhando para Verônica em busca de socorro.

– De forma alguma, senhor – garantiu a editora. – Ele está aqui

apenas para registrar nosso encontro e tomar notas, caso o coronel nos presenteie com alguma novidade digna de uma matéria exclusiva para o jornal.

O Coronel Olho de Cobra voltou a sorrir.

– Então, acertei! – comemorou, exultante. – Ele está hoje no papel de colunista social. Agora, imagino que estejam com fome, não? Acompanhem-me. Pedi que servissem o jantar na plataforma superior do jardim. Podemos continuar nossa conversa lá em cima, entre taças de vinho e *As quatro estações* de Vivaldi. O que acham?

5

A plataforma superior do jardim de inverno ficava acima das copas das árvores, a uma altura de dez metros do solo, com um piso gradeado que permitia a passagem da luz, tão necessária às plantas, embora não fosse ideal para pequenos objetos, como chaves, que poderiam escorregar por entre os vãos e se perder na mata abaixo. Era preciso ter cuidado com os pertences ali em cima. Para compensar, a vista das plantações e das montanhas além delas era fabulosa, com as luzes dos holofotes refletindo nas águas negras do lago artificial em ondulações luminosas.

A mesa estava posta sobre um tablado metálico mais robusto, para o conforto dos convidados, especialmente aqueles que tinham medo de altura, como parecia ser o caso de Leandro. Pizzas de suor se formavam nas axilas do pobre jornalista, que evitava olhar para baixo a todo custo. A mesa era redonda e grande para os três, deixando muitos espaços vazios que foram rapidamente sendo preenchidos por pratos de todos os tipos e sabores imagináveis. Os criados trabalhavam como autômatos, em silêncio e eficientemente, servindo taças de vinho ou ajeitando talhares sobre a toalha escura. Havia até um empregado exclusivamente responsável por virar o disco na vitrola. Sem contar os seguranças armados parados em cantos estratégicos, talvez devido a toda a prataria na mesa. As facas pareciam bem afiadas.

– Não se acanhem – aconselhou o coronel, indicando o festim. – Sirvam-se!

Leandro atendeu ao pedido prontamente, enchendo o prato de bifês,

pedaços de galinha, vitela, bacon, purê de batata, feijão e o que mais visse pela frente. Verônica foi mais comedida, servindo-se de salada ao molho caesar e filé de frango. Na verdade, quase não tinha fome e sentia um mal-estar ao ver tanta comida preparada somente para três pessoas. O desperdício era algo que não lhe passava despercebido, mas sabia que tudo fazia parte do teatro do coronel Olho de Cobra. Seus lábios sorriam, cheios de simpatia, porém seu único olho a observava de forma clínica, como se quisesse descobrir seus pensamentos mais secretos.

– Obrigada pelo convite – agradeceu Verônica, cortando a salada e determinada a manter algum controle sobre a conversa. – Mas não teremos a companhia de mais ninguém? Seu filho, talvez? Ou o rapaz que mandou entregar o convite. Como era mesmo o nome dele?

– Ed Tempestade – respondeu o coronel, torcendo o lábio, como se algo o incomodasse enquanto um criado o servia. – E não, eles não participarão do jantar. O único filho que me sobrou não me acompanha nas refeições desde que a mãe morreu, cinco anos atrás, como se eu fosse o culpado pelo câncer dela. Já meu convidado, não posso afirmar que Ed Tempestade seja exatamente um amigo.

– Não? – insistiu Verônica, percebendo uma falha na armadura do velho.

O coronel a encarou com o olho bom e ofereceu um sorriso mais ameno.

– Acolhi o rapaz como um favor a um aliado – resumiu. – Não estava a par dos problemas dele ou de seu... temperamento, digamos. Isso me causou algumas dores de cabeça, mas está tudo resolvido agora. Acredito que ele irá embora em breve. Logo poderemos esquecer que um dia esteve aqui. Marque minhas palavras.

Verônica se virou para Leandro, que se ocupava em devorar uma coxa de galinha com as mãos, esquecido dos modos à mesa. Ela fez um barulho com a garganta, para chamar a atenção do funcionário. O jornalista entendeu o recado, limpou-se rapidamente com um guardanapo de linho e tirou o bloquinho de anotações e a caneta do bolso interno do paletó. O coronel Olho de Cobra deu uma risadinha.

– Eu não estava falando literalmente, você sabe.

Verônica sorriu educadamente para ele.

– Achei uma boa deixa para começarmos a entrevista – explicou.

O coronel Olho de Cobra parou com o garfo a meio caminho da boca e olhou de um jeito engraçado para a editora.

– Será que não podemos simplesmente jantar, como pessoas normais?
– questionou. – Depois teremos tempo para uma bateria de perguntas e respostas que vocês, jornalistas, adoram.

Verônica mastigou um bocado de alface, assentindo.

– Só estou querendo esclarecer as coisas – garantiu. – Afinal, você nos chamou porque gostaria de ser entrevistado para o jornal, não é mesmo?

O coronel deu uma boa gargalhada, como se houvesse algo de cômico na pergunta da editora. Verônica olhou para os seguranças armados, que permaneciam parados como estátuas em seus lugares. Ela só queria entender o que estava fazendo ali.

– Minha cara, na verdade, só a convidei até aqui hoje por respeito ao seu pai, a quem tenho na mais alta conta, e para lhe perguntar que loucura a senhorita acha que está fazendo?

Pronto! Havia chegado ao cerne da discussão.

– Se o senhor não gostou da nossa primeira manchete... – começou Verônica.

– Não estou falando de nenhuma manchete – interrompeu o coronel, voltando a cortar a carne no prato e olhando de soslaio para o segurança atrás dele. Verônica sentiu um calafrio. Aquilo podia ser um sinal. – Estou perguntando sobre essa ideia de lançar um jornal nos dias de hoje – continuou o coronel. – Quem você acha que vai se interessar por isso?

– Ora, nossa primeira edição esgotou – defendeu-se a jornalista, procurando manter a calma.

– Porque as pessoas adoram uma novidade – opinou o coronel, enchendo a boca de carne de porco. – Mas, diga-me, Verônica, como você pretende manter um público quase inteiramente analfabeto interessado no seu trabalho? Nosso povo é ignorante, como você bem sabe, e está contente indo à igreja aos domingos. Deixe que os padres forneçam as informações de que essa gente tanto precisa, ok?

– Coronel, o senhor bem sabe que temos ao menos algumas centenas de famílias abastadas e letradas para quem notícias do território são sempre bem-vindas – rebateu Verônica, muito séria. – Além disso, acredito que o jornal servirá como um meio para unir nossa comunidade, a fim de nos organizarmos e fazermos o que for necessário para sair do estado de barbárie

a que fomos submetidos nos últimos dez anos. O povo pode viver na ignorância hoje, mas não há motivos para que continuem nessa mesma situação degradante amanhã.

O coronel lançou um olhar fulminante para a convidada.

– Por acaso, está insinuando que não tenho feito um bom trabalho ao cuidar do meu povo?

Verônica engoliu a comida com dificuldade. Percebeu que caminhava sobre gelo muito fino, sabia que o coronel era capaz de matar adversários por simples caprichos e não queria engrossar as estatísticas. Também viu um dos seguranças levar a mão para dentro do paletó, talvez preparado para sacar uma arma ao menor sinal do chefe. Precisava tomar cuidado com as palavras, caso não quisesse que aquela fosse sua última refeição. Sorriu, simpática.

– Estou apenas sugerindo que posso ajudá-lo a fazer esse trabalho, senhor – argumentou, muito calmamente. – Não estou aqui como inimiga. Sei como tem se esforçado para resgatar o orgulho do nosso povo, incentivando o comércio, oferecendo diversão com campeonatos de futebol e nos protegendo dos bandidos espalhados pelo sertão. Mas não acha que está na hora de dar um passo adiante? Levar um pouco de educação ao povo? Saúde?

O coronel levantou uma sobrancelha, parecendo analisar a questão, enquanto destrinchava outra fatia do leitão cozido e a colocava no prato. O segurança atrás dele permanecia imóvel, com a mão escondida dentro do paletó. Verônica deu um gole no vinho, para disfarçar o nervosismo, mas o gosto de uvas amargas não caiu bem em seu estômago ansioso.

– Para quê? – indagou o coronel. – Você já deu uma boa olhada no mundo lá fora? Olhe no meu olho e me diga que realmente acredita que a humanidade pode se recuperar do estrago causado pela Grande Guerra.

– Por que não? – insistiu Verônica. – Veja o que o senhor fez aqui. Esse castelo que construiu, o lago que formou no vale lá embaixo, as plantações que cultivou para garantir nossa subsistência, esse próprio jardim maravilhoso sobre o qual estamos jantando! Será que não percebe os milagres que é capaz de realizar?

O coronel estufou o peito, mas não sorriu. Em vez disso, olhou discretamente para trás e balançou a cabeça negativamente. Na mesma hora, o segurança tirou a mão de dentro do paletó, vazia, para alívio dos jornalistas, e retornou à posição inicial, fingindo ser uma estátua novamente. Então, Verônica percebeu que vencera o debate. Tudo que precisou fazer foi apelar

para a vaidade do anfitrião. Ele cortou um pedaço de carne e a levou a boca, pensativo, dando continuidade ao teatro.

– Nem mesmo eu sou capaz de afastar essas malditas nuvens escuras do céu – resmungou, como se não estivesse convencido. – Talvez você não tenha percebido, mas elas se tornam mais espessas a cada dia que passa. A luz solar fica cada vez mais escassa. Tudo isso dificulta nossa sobrevivência, dificulta o sucesso de nossas lavouras. E você me pede que dê esperança ao povo?

– Novamente, coronel, por que não? – insistiu. – Meu pai é fazendeiro e tem passado por dificuldades maiores que o senhor. Perdemos diversas plantações no último semestre, devido à falta de iluminação adequada. Infelizmente, não temos energia elétrica ou lâmpadas de alta potência, como o senhor. No ano que vem, provavelmente só conseguiremos produzir batatas. Mas nem por isso desistimos, porque precisamos acreditar no futuro. Sem esperança no amanhã, o que nos resta?

– O presente – respondeu o coronel, automaticamente, com ar melancólico.

– E não há hora melhor para agir do que agora – continuou Verônica, sem dar tempo para o anfitrião retorquir. – Pense comigo. Já conseguimos montar uma sociedade relativamente estável depois de tudo por que passamos, e isso não é pouca coisa. Com algumas aulas práticas, podemos retomar parte do conhecimento que perdemos quando o mundo veio abaixo. Imagine poder levar eletricidade para o restante da população, os avanços de que não seríamos capazes! Para isso, precisamos nos unir, deixar nossas diferenças de lado e trabalhar para que o futuro seja mais iluminado do que este nosso presente sombrio.

O coronel já não comia mais, encarando a convidada com o olho semicerrado. Mantinha uma expressão neutra. Era impossível saber o que estava pensando. Verônica se calou. Havia exposto os problemas que tanto a incomodavam da melhor maneira que pôde, agora restava aguardar a resposta do homem do outro lado da mesa.

– Esperança – considerou o coronel, passando a mão no queixo, como se degustasse o som que tal palavra fazia ao ser dita em voz alta. – Sim, acredito que a senhorita tenha razão – concedeu e sorriu. – Posso ver que puxou ao seu pai. O velho Bastiano sempre teve ideias ousadas.

Verônica enrubesceu contra a vontade, pois não era invulnerável a

elogios.

– Sabe, seu velho salvou minha vida uma vez – comentou o coronel, mais leve.

– É mesmo? – incentivou Verônica. Ela já havia ouvido aquela história milhares de vezes, mas nunca pelo ponto de vista do homem à sua frente.

O coronel assentiu, entrelaçando os dedos, com os cotovelos na mesa.

– Lembro como se fosse ontem – começou. – Foi logo após o fim da Grande Guerra, quando o êxodo urbano deu início a uma série de conflitos pelo interior, antes que as fronteiras do meu território fossem demarcadas. As pessoas ainda se apegavam aos nomes dos velhos estados e cidades. Eram dias confusos, cheios de inimigos e desespero. Aconteceu numa de nossas visitas às ruínas daquela cidade ao sul, não lembro mais o nome dela, só que acreditávamos que ela ainda tinha recursos importantes para a nossa sobrevivência. Fiquei de encontrar com o grupo do seu pai por lá, mas acabei emboscado por um bando de pistoleiros atrás da minha cabeça. Um rival que já se foi havia colocado um prêmio nela. Se não fosse pela chegada providencial do seu pai, provavelmente eu não estaria aqui hoje, aproveitando esse delicioso banquete em tão formosa companhia.

Verônica atendeu às expectativas do coronel com um sorriso educado. A versão que ela conhecia era um pouco diferente. O pai contou que o coronel deu especificações do local e horas exatos onde deveriam se encontrar, inclusive do caminho que deveria tomar para chegar até ali, o que o colocou atrás do bando de pistoleiros. Sua chegada não foi apenas providencial, e sim planejada, como se seu anfitrião soubesse de antemão como seria o desenrolar daquela tarde sangrenta. Não era uma lembrança que mencionava à toa. Ele queria lembrar a jornalista do que os boatos diziam sobre sua pessoa, de que podia ver o futuro e, justamente por isso, ninguém conseguia surpreendê-lo. Era algo a se pensar, em especial dada a rapidez com que a editora convenceu o homem a aceitar seu ponto de vista na mesa de jantar.

– Direi ao meu pai que o senhor manda lembranças – agradeceu Verônica.

– Peça que ele me visite qualquer hora dessas – acrescentou o coronel.

– É sempre um prazer receber visitas de bons amigos.

– Direi, sim, senhor – concordou Verônica, debruçando sobre a mesa.

– Agora, se não se importa, pode me dizer o que tem em mente? O que fará para dar esperança de volta ao povo?

O coronel se virou para Leandro, que, esquecido em seu canto, devorava o que encontrava pela frente.

– Acho bom seu colunista social voltar a tomar notas – recomendou. – Porque decidi conceder aquela entrevista exclusiva que me pediu.

6

Passava da meia-noite quando James deixou os jornalistas de volta no jornal. Tanto Verônica quanto Leandro estavam exaustos após a curta viagem e o falatório interminável do motorista, sem falar no jantar tenso do qual participaram e escaparam com uma história para contar. Ambos respiraram aliviados quando o jipe negro desapareceu numa curva, com o barulho do motor se distanciando cada vez mais. Leandro aproveitou para sacar o cantil prateado e dar um bom gole na bebida amarga que carregava sempre consigo.

– Rapaz, que noite! – resumiu o repórter. – Sabe, cheguei a ficar preocupado no começo, com todos aqueles guardas armados e o coronel perguntando o que lhe havia passado na cabeça para criar um jornal. Juro por Deus! Achei que ele fosse nos matar ali mesmo.

Verônica tamborilava os dedos no cabo do revólver, devolvido com todas as balas no tambor, ainda de olho na curva pela qual o jipe desapareceu, pensativa.

– Você também teve a impressão de que ele nos convidou até lá para acabar com nosso jornal?

Leandro parou ao lado da chefe.

– Por um momento, sim – admitiu. – Acho que ele ficou incomodado com nossa primeira manchete.

– Com certeza ficou – assentiu Verônica. – Ele conhece o poder da informação e da palavra escrita, sabe como um jornal pode ser perigoso. Seria melhor para ele cortar o mal pela raiz, nos esmagar antes que nos tornemos um problema.

– Mas você conseguiu fazê-lo mudar de ideia – apontou Leandro.

– Sim – concordou Verônica, desconfiada. – Só que aquilo não me pareceu muito natural.

Os dois ficaram em silêncio na rua deserta. Era tarde, a cidade estava um breu só e até os lobos dormiam, talvez por não terem lua para a qual uivar.

– Está tudo bem, chefe?

Verônica bufou de raiva.

– Aquele maldito está escondendo alguma coisa – respondeu, furiosa.

– Não sei exatamente o que é, mas imagino que não deva ser nada bom. Não depois de todas as abobrinhas que ele nos enfiou goela abaixo para colocar no jornal.

– Também achei as promessas dele meio furadas.

– Porque ele quer nos usar – detalhou Verônica. – Ou melhor, quer usar nosso jornal para colocar em andamento a agenda política dele, como se eu fosse cega para não perceber o que ele fez.

– Prefere abortar a matéria? – sugeriu Leandro.

– De jeito nenhum – respondeu a chefe. – Não queremos esse desgraçado como inimigo no momento. Ele é poderoso demais – disse, fazendo uma pausa, pensativa. – Por enquanto, vamos fazer o jogo dele, deixá-lo pensar que somos os fantoches que ele deseja.

– E enquanto isso?

– Não é você o repórter investigativo? – questionou Verônica. – Vamos investigar esse puto, descobrir o que está escondendo e, assim que tivermos os podres dele, jogar as notícias aos quatro ventos.

Capítulo 7

Miradouro

1

Upiara esquentou o café e, apesar de morar sozinho, colocou a mesa para três. Sonhou com o Grande Espírito naquela noite, que lhe trazia notícias de visitantes vindo do sul. Dois deles: um velho conhecido e um estranho, que caminhava sempre acompanhado por um exército de condenados – as almas de todos os homens que matou. O índio verteu o café na garrafa térmica e a tampou, de modo a conservar o calor. Amanhecia do lado de fora, como indicava uma claridade azulada. O sol brilhava através das nuvens, como um fantasma luminoso a passar por trás de águas turvas, mas fazia frio, como era cada vez mais comum, independente da época do ano.

O índio jogou uma manta escura com desenhos pictóricos sobre os trajes para se esquentar, serviu-se de uma xícara de café e se sentou na mureta em frente à loja de conveniência na qual morava, com olhos fixos no horizonte. Deixou a escopeta com a qual costumava receber os clientes dentro de casa. Não queria parecer ameaçador, ao menos, naquela manhã. Logo o dia começou a ficar mais claro e Upiara viu duas sombras bruxuleantes se aproximarem pelo sul, uma em cima de um cavalo e outra, bem mais baixa, a acompanhando a pé. O índio deu um gole no café, colocou-o sobre a mureta e se levantou.

João dos Mistérios chegou montado em Lucinda, que seguia em trote lento. Apesar de não se verem havia anos, o bruxo parecia o mesmo de sempre, com os cabelos brancos arrepiados, olhos alaranjados sempre atentos e a sombra de um sorriso nos lábios que aludia a uma inteligência matreira e perigosa. Ao lado dele, caminhava um homem baixo, atarracado, de cabelos pretos e rebeldes, olhos azuis, barba por fazer e uma carranca de quem não aprendeu a sorrir. Upiara aproveitou a distância para estudar melhor o estranho, que caminhava com um par de chinelos e roupas brancas, sujas de poeira, com uma trouxa a tiracolo. Ele mancava levemente ao andar, mas não parecia machucado. O sujeito fazia o índio se lembrar de uma onça à espreita, capaz de se mover como um relâmpago em caso de provocação.

– Upiara – cumprimentou João dos Mistérios, quando os dois viajantes já estavam a poucos metros da loja de conveniência.

– João dos Mistérios... – respondeu o índio, virando-se para o segundo viajante. – Vejo que trouxe um amigo.

– Tião Peixeira, Upiara. Upiara, Tião Peixeira – apresentou João dos Mistérios. – Este é o pajé de quem lhe falei.

Tião Peixeira resmungou qualquer coisa e assentiu para o índio, olhando para a loja além dele.

– Tem um banheiro que eu possa usar? – quis saber.

Upiara apontou para uma casinha na parte de trás do estabelecimento.

– Gradecido – disse Tião Peixeira, rumando para lá.

Upiara esperou ele se afastar antes de se virar de volta para João dos Mistérios.

– Seu garoto tem uma aura vermelha como o inferno – comentou, casualmente.

João dos Mistérios desmontou de Lucinda, dando tapinhas amistosas no pescoço da égua, que bufou, sedenta.

– O inferno não é nada comparado ao que esse garoto passou – respondeu. – Imagino que possamos contar com sua discrição e hospitalidade, certo?

– O café está servido lá dentro e tenho alfafa e água no cocho para a égua também – indicou Upiara. – Só gostaria de saber no que você está metido desta vez, meu amigo. Nada de bom pode vir daquele rapaz – apontou. – Ele está numa trilha de morte e destruição, seu destino é negro como a boca do abismo mais profundo. Você sabe disso, não sabe?

João dos Mistérios assentiu, sério, como se medisse as palavras a serem ditas a seguir, o que exatamente poderia revelar a um amigo. Upiara esperou, estudando as feições do bruxo com interesse.

– O garoto busca vingança contra um protegido do coronel Olho de Cobra – revelou, decidindo jogar limpo com o índio.

Upiara se virou, olhando a porta fechada do banheiro distante.

– Então você acredita que seu destino possa estar ligado ao dele?

João dos Mistérios não respondeu. Não era preciso.

– Viemos a Miradouro buscar algo que pertence a ele – continuou, desviando o assunto. – Duas peixeiras tomadas pelo delegado Gregor Carrapato após um confronto em Água Parada. Talvez tenha ouvido algo a

respeito?

Upiara abriu os braços para a terra deserta ao redor. Sua loja de conveniência ficava afastada da cidade, onde não era incomodado pelos homens da lei ou por suas taxas abusivas. Normalmente, negociava com os viajantes que por ali passavam em busca de mantimentos, roupas e utensílios domésticos. Só que pouca gente usava aquela rota e menos ainda se dispunha a negociar com um índio, graças a preconceitos arraigados. No entanto, dependendo do cliente, Upiara podia fornecer coisas que nenhum outro comerciante tinha, como armas e munições em condições de uso. Ele era um dos únicos agentes fora da rede oficial do coronel Olho de Cobra com acesso a um arsenal decente, embora esse fosse um segredo conhecido por poucos.

– Fora mensageiros apressados, vocês são os primeiros clientes que aparecem em uma quinzena – contou.

João dos Mistérios sorriu e tirou um calhamaço amassado de papel de dentro da sacola que carregava e o estendeu ao amigo. Upiara franziu o cenho, lendo as palavras que aquelas páginas guardavam com curiosidade.

– Parece que alguém decidiu ressuscitar um pedacinho dos velhos tempos – disse João dos Mistérios.

Upiara tirou os olhos do jornal, guardando-o debaixo dos braços.

– Tenho peixeiras lá dentro – indicou. – O que essas peixeiras têm de especial para que vocês se arrisquem a invadir uma delegacia com uma guarnição fortemente armada do coronel Olho de Cobra?

– Valor afetivo – respondeu João dos Mistérios, entregando uma lista rabiscada num papel amassado para o índio. – E esses são os itens que vou precisar para recuperá-las.

Upiara deu uma lida rápida na lista e sorriu.

– Acredito que você poderia recuperar as tais peixeiras com metade desses itens.

João dos Mistérios deu de ombros.

– Mas aí a gente perderia a chance de virar manchete de jornal, não concorda?

E deu uma piscadela para o índio, que riu mostrando os dentes.

Miradouro era um importante entreposto comercial localizado entre duas grandes ruínas e uma das principais rotas entre os territórios do coronel Olho de Cobra e aquele que pertencia ao general Peregrino. Era uma cidade de muitos bares e casas de jogos de azar, com um dos maiores índices de homicídios da região, graças à presença constante de garimpeiros e mensageiros de regiões diferentes a caminho de outros lugares. Exatamente por isso contava com uma força policial robusta, fortemente armada, e que no momento estava desfalcada devido à morte de alguns militares em um conflito recente em Água Parada, dos quais todos falavam nos últimos dias.

Eram tempos difíceis para o delegado Gregor Carrapato. O número de assaltos e tentativa de roubos aumentara de forma considerável após a publicação do *Edição Extraordinária*, como se os marginais vissem nas notícias motivos para comemoração e para afrontar as forças da lei. Como se não bastassem os relatórios acumulados em sua mesa e os presos que lotavam suas celas, ainda precisava lidar com os imprevistos do dia a dia, como ter a sala invadida por dois soldados escoltando um adolescente mirrado algemado com um padre na cola do trio.

O delegado se esforçou para levantar seus 120 quilos da cadeira. Era um homem gordo, que gostava de comer e aproveitar as coisas boas da vida sem nenhum pudor. Equilibrou-se sobre as botas apertadas enquanto seus homens sentavam o adolescente numa cadeira e o mandavam ficar quieto.

– Alguém pode me explicar o que está acontecendo aqui?

O padre enxergou na pergunta a deixa para tomar a frente do grupo.

– Pegamos esse marginal depredando a propriedade do Senhor, delegado – acusou, apontando para o adolescente e lançando perdigotos pelo ar. – E não é a primeira vez! É a terceira que o encontramos pichando blasfêmias nas paredes da igreja! Ele é um servo sem vergonha de Satã, condenado a queimar eternamente no inferno!

O delegado encarou o garoto, que ostentava um belo olho roxo e uma expressão de cachorro acuado pego no flagra ao praticar alguma estripulia.

– Como é seu nome, guri?

O jovem levantou a cabeça raspada.

– Doninha, senhor – respondeu. – Dos Patos Punks da Cordilheira.

O delegado segurou uma risada.

– Patos Punks da Cordilheira – repetiu. – Deve ser uma gangue nova, não me lembro de prender nenhum de vocês antes.

– Os outros são mais rápidos do que eu, senhor – lamentou Doninha.
– Tenho a perna torta, defeito de nascença. Ruim para correr.

– São os pés tortos do capeta, delegado – retomou o padre, ficando vermelho do pescoço para cima. – Estou lhe dizendo que esse moleque é mancomunado com o demo! Sabe o que ele escreveu nas paredes da igreja?

– O quê? – quis saber o delegado, mordendo a isca.

– “Deus é uma mentira!” – lembrou o padre, fazendo o sinal da cruz, como se ao repetir tais palavras colocasse sua alma imortal em jogo. – Como se recusar a existência do Nosso Senhor não fosse o pior dos pecados! E ele ainda teve a pachorra de discutir comigo, me chamando de velho ignorante. Veja só! Logo eu, um servo tão leal do Senhor, sendo chamado de velho ignorante por um traste como este!

O delegado se virou de volta para o adolescente.

– O que você disse para ele?

Doninha deu de ombros.

– Só o aconselhei a ler um livro do Darwin – explicou. – Um pouco de ciência não faz mal a ninguém.

– É por conta dos seus cientistas que o mundo se encontra do jeito que está hoje – acusou o padre. – Dizer que os homens evoluíram dos macacos, como se não passássemos de meros animais, chafurdando na lama junto aos porcos. Deus já dizia: o orgulho provocará a queda do homem! E foi isso que aconteceu. Mas, graças a Ele, alguns de nós sobreviveram para repovoar o planeta e educar nossas crianças da maneira correta.

Percebendo que aquele sermão iria longe, o delegado resolveu interromper:

– Bom, se estiver tudo ok com o senhor, padre, posso pedir a meus homens que o acompanhem de volta à paróquia e fazer com que obriguem nosso caro Doninha aqui a limpar as blasfêmias que pichou em suas paredes. Que tal?

Todos os olhares se voltaram para o padre, que se movia de um lado para outro com a boca e os olhos bem abertos.

– Mas é muito pouco – reclamou quando enfim recuperou a voz. – Ele tem que pagar pelo que fez! Negar o nome do Nosso Senhor é um pecado mortal! Ele precisa entender que, se não mudar, vai queimar no fogo do inferno!

O delegado coçou a cabeça.

– Padre, não posso mandar o garoto para o inferno – argumentou. – Isso está fora da nossa jurisdição.

– Mas você poderia prendê-lo – apontou o padre. – Colocá-lo atrás das grades, junto dos ímpios e dos condenados, onde é seu lugar!

– Também não posso fazer isso, padre – lamentou o delegado.

– Por que não?

O delegado se virou para o rapaz.

– Quantos anos você tem, guri?

– Dezesseis – respondeu Doninha. – Quinze e meio, na verdade. Faço aniversário mês que vem.

O delegado bateu na mesa.

– Está aí seu motivo, padre.

– Mas assim ele não vai aprender nenhuma lição – insistiu o religioso.

– O senhor precisa ser mais duro com ele. Preciso lembrá-lo que sua mulher frequenta nossa paróquia? Você quer que ela leia as blasfêmias que esse rascunho do capeta rabisca em nossas paredes toda semana?

O delegado suspirou, cansado.

– Tudo bem, você venceu – concordou. – Vou colocá-lo numa cela com outros bandidos por uma noite. Para ver se ele fica mais esperto.

Os olhos do adolescente se abriram, preocupados.

– Sabia que o senhor veria a luz – alegrou-se o padre. – Esse moleque não presta. Não precisa tomar muitos cuidados com ele. Pode colocá-lo com assassinos e estupradores, a escória da Terra, que Nosso Senhor se encarregará de castigá-lo devidamente. Talvez até colocá-lo no caminho correto da salvação.

– Claro, padre, claro – o delegado fez um sinal para que os soldados levassem o rapaz para a cela de número cinco, que não guardava nenhum criminoso perigoso, só dois ladrões de galinha, um estelionatário e um velho bêbado. – Meus homens cuidarão de tudo. Deixe-me acompanhá-lo até a saída.

O padre ainda perdeu tempo com mil agradecimentos, promessas de manter o delegado e seus familiares em suas rezas diárias e pedidos para que desse um exemplo aos jovens indo à igreja no domingo seguinte. O delegado fez o melhor que pôde para dispensar o religioso insistente sem parecer grosseiro. Uma tarefa difícil, porém necessária. A última coisa de que precisava no momento era problemas com a igreja. Quando finalmente

conseguiu se livrar dele, afundou de volta na cadeira e enterrou a cabeça entre as mãos, exausto. Três batidas na porta. O delegado se sentou direito e suspirou, procurando conter o nervosismo.

– Entre – ordenou com a voz um pouco mais irritada do que pretendia.

Um soldado de expressão cansada abriu a porta.

– O que foi agora, Martinho?

– Senhor, odeio incomodá-lo de novo com este assunto, mas tem um preto velho aí fora que...

– Já lhe disse para dispensar esse mendigo – irritou-se o delegado. – Você já é o terceiro soldado que entra aqui com esse papo! Quantas vezes preciso repetir?

– Desculpe, senhor, mas ele é insistente – lamentou o soldado.

– Apenas o mande embora, está bem?

O soldado teve pressa em assentir.

– Claro, senhor. Deixe comigo, senhor.

O delegado balançou a cabeça de um lado para o outro e encarou o soldado, que permanecia parado com a porta aberta, como se o assunto não estivesse encerrado.

– Mais alguma coisa, soldado?

– Bom, sim, senhor – respondeu Martinho, sem graça. – Tem outra pessoa querendo falar com o senhor.

O delegado esfregou os olhos.

– Se for mais um padre...

– É um mensageiro, senhor – revelou o soldado.

As palavras serviram como um balde de água fria na cabeça do delegado.

– Mensageiro? – repetiu. – De onde?

O soldado demorou a responder:

– Do Ninho da Serpente, senhor.

Por um momento, os dois apenas se olharam, sem dizer nada. Então, o rosto do delegado se fechou.

– E o que você está fazendo parado aí? – rosnou. – Não o deixe esperando. Mande-o entrar de uma vez!

– Claro, senhor – concordou o soldado, nervoso. – É para já, senhor.

Em seguida, ele fechou a porta e se foi. O delegado arrumou os

cabelos com as mãos gordas, sentindo um frio desconfortável no estômago. Um mensageiro do Ninho da Serpente era algo raro de ver e era o segundo que recebia em menos de um mês. Não sabia o que ele queria, mas desconfiava que não trazia boas notícias.

3

Mensageiros costumavam ser homens duros, truculentos e espertos como raposas. Precisavam ser assim, visto as distâncias que percorriam sozinhos para levar recados, produtos ou sentenças. Ganhavam bem pelo trabalho que realizavam, embora a maioria gastasse tudo em bebidas, jogos e mulheres fáceis. Muitos levavam fama de bandidos, não se contentando apenas com o soldo que recebiam por missão realizada. O homem que adentrou a sala do delegado Gregor Carrapato não só agregava tais qualidades da categoria como demandava um tratamento diferenciado, pois trabalhava diretamente para o coronel Olho de Cobra.

O delegado abriu um largo sorriso, indicando uma cadeira ao visitante.

– Boa tarde, amigo – cumprimentou. – Por favor, sinta-se à vontade. Sua viagem deve ter sido longa, certo? Gostaria de um copo d’água? Uma cachaça?

O sujeito de cabelos longos e pretos como piche parou no meio da sala, contemplando a parede atrás do delegado, onde havia duas peixeiras cruzadas por trás de uma proteção de vidro. Ele apontou para elas.

– Bonito troféu – elogiou.

O sorriso do delegado diminuiu visivelmente. O homem de roupas escuras e empoeiradas permaneceu parado no meio da sala. Ele era diferente de outros mensageiros, com um rosto de traços finos, nariz avantajado e uma pele morena e lisa, como se nunca tivesse levado um soco da vida.

– O que posso fazer por você? – quis saber o delegado, cortando o papo-furado.

O mensageiro deu de ombros e se sentou na cadeira que lhe foi oferecida.

– Trago notícias do grande chefe – contou. – Ele recebeu o relatório sobre Água Parada que o senhor enviou.

O delegado engoliu em seco.

– E o que ele achou?

O mensageiro semicerrou os olhos.

– Sabe, minha garganta está um pouco seca – disse, desviando da pergunta. – Acho que vou aceitar aquele copo d’água agora.

O delegado o encarou, furioso, mas o homem apenas sorriu de volta para ele, como se fossem bons amigos. Contra a vontade, o delegado tirou uma garrafa térmica de dentro da gaveta e serviu o visitante. O mensageiro pegou o copo, levantou-o num brinde silencioso e virou o líquido em três longos goles.

– Aaaah – alegrou-se ao terminar a bebida. – Se incomoda em me servir outro desses? Foi uma longa viagem afinal.

O tom jocoso não passou despercebido ao delegado, que atendeu ao pedido do visitante mesmo assim. Não era educado ou inteligente contrariar um mensageiro do coronel Olho de Cobra.

– Boa, a sua água – elogiou ao esvaziar o segundo copo. – Diferente da do resto da cidade, que tem um gosto terroso e metálico, de encanamentos malcuidados e enferrujados. Um homem da sua estatura faz bem em gastar um pouco a mais por uma água de qualidade como essa.

– O coronel o mandou até aqui para falarmos da minha água? – questionou o delegado, perdendo a paciência.

O mensageiro percebeu que forçava a barra e se calou. Em seguida, retirou um jornal de dentro da mochila e o jogou sobre a mesa. A manchete da morte de Tião Peixeira voltada para cima. O delegado manteve o rosto impassível.

– O que significa isso?

– É o que o coronel Olho de Cobra gostaria que você respondesse.

Uma gota de suor desceu pela lateral do rosto do delegado.

– Posso explicar...

– Você já teve essa chance – cortou o mensageiro. – Devo dizer que o coronel não ficou nada impressionado com o relatório que encaminhou a ele.

– Eu não tinha como saber o que aquele jornalista iria escrever – defendeu-se.

– O coronel pede que arrume suas coisas e deixe a delegacia num prazo de dez dias, quando seu substituto deve chegar – anunciou o mensageiro.

O delegado abriu a boca, mas não disse nada. As palavras lhe faltavam. Cumprida a missão, o mensageiro se levantou e colocou o chapéu.

– Obrigado pela água – disse antes de sair.

A porta se fechou e o delegado ficou sozinho, ainda em choque por ter sido demitido de forma tão inesperada do posto que ocupava havia anos. Então, percebeu o jornal abandonado sobre a mesa e, num acesso de fúria, começou a rasgá-lo ferozmente, jogando pedaços de papel para cima. Ouviu três batidas na porta.

– O que diabos foi agora? – urrou, vermelho de raiva.

A porta se abriu lentamente para revelar um negro de cabelos brancos, costas encurvadas e magro, roupas coloridas, um colar brilhante cheio de espelhos e um cajado com pedras de vidro vermelhas, verdes e amarelas. O delegado encarou o homem maltrapilho como se tentasse traduzir o que ele fazia ali. O desconhecido se aproveitou da confusão mental do militar para entrar na sala e fechar a porta atrás de si.

– Delegado, preciso dar uma palavrinha com o senhor – anunciou o negro.

– Ora, seu preto abusado – reagiu o delegado, levantando-se com dificuldade e uma súbita dor de cabeça. – Achei que já o haviam mandado embora a essa altura!

– Seus homens tentaram – admitiu o visitante, mudando o peso de um pé para o outro, o colar cheio de espelhos a brilhar enquanto fazia isso. –, mas eu não poderia ir embora sem avisá-lo: sua vida corre perigo.

O delegado franziu o cenho. O negro continuava a mudar o peso de um pé para o outro, como se não pudesse conter a ansiedade que sentia. Ele também batia no cajado de forma rítmica, com as pedrinhas vermelhas, verdes e amarelas a dançarem na ponta do objeto num carrossel hipnotizante. A dor de cabeça do delegado aumentou.

– Do que diabos você está falando, homem? – perguntou, apoiando-se na mesa.

O negro o olhou de lado.

– Estão tudo bem, delegado? – quis saber. – O senhor parece um pouco enjoado.

O delegado se virou para responder ao velho, mas foi ofuscado por uma luz refletida no colar do maltrapilho. As batidas no cajado seguiam continuamente: *tap, tap, tap*, como as voltas de um carrossel. Vermelho,

verde e amarelo. O delegado se sentia tonto. *Tap. Tap. Tap.* Vermelho, verde e amarelo. *Tap. Tap. Tap.*

– É melhor o senhor se sentar, delegado – disse uma voz distante, desconhecida. – E preste atenção no que vou lhe dizer...

O delegado tentava prestar atenção às palavras, mas sentia o mundo escurecer ao seu redor, abatido por um sono que lhe suplicava para baixar as pálpebras e deixar todas as preocupações para trás.

4

– Delegado? – uma voz o chamava de algum lugar distante e sombrio.
– Pode me ouvir, delegado?

A voz atravessava a escuridão, persistente, tirando-o da sonolência agradável em que se encontrava. Ele gemeu qualquer coisa, confuso.

– Sim, delegado, o senhor precisa acordar.

Lentamente, com um esforço hercúleo, o delegado Gregor Carrapato levantou uma das pálpebras. A luminosidade o ofuscou, fazendo-o voltar a fechar os olhos. Sentia dor de cabeça e tinha a boca seca.

– Delegado?

Ele abriu os olhos e deu de cara com um negro de cabelos brancos e olhos alaranjados debruçado em cima dele. Procurou se afastar do homem, que imediatamente deu um pulo para trás e levantou as mãos em sinal de paz.

– Mas... o que infernos aconteceu aqui? – quis saber, olhando ao redor.

Percebeu que estava sentado em sua cadeira, no seu lugar de direito, mas não fazia ideia de quem era o negro maltrapilho e de pés descalços à sua frente.

– O senhor desmaiou – informou o desconhecido. – Acho que ficou nervoso com alguma notícia que viu no jornal.

– Jornal? – repetiu o delegado, sem entender nada.

O negro apontou para os pedaços de papel picado sobre a mesa e espalhados pelo chão, então o delegado lembrou o que ocorrera, a visita do mensageiro, sua demissão e o acesso de fúria subsequente antes de ter a sala invadida por aquele mendigo intrometido.

– E você, o que faz aqui?

O negro se encolheu atrás do cajado, como se pudesse ser atingido pelas palavras do delegado.

– Não se aborreça, senhor, sou só um pobre-coitado sem ter onde cair morto.

– Isso eu posso ver – aborreceu-se o delegado, sem ânimo para expulsar o mendigo do escritório. – Diga-me algo que eu não saiba.

– Sua vida corre perigo – disparou o negro.

– Sei – concordou o delegado. – Que tipo de perigo?

O negro trepou na cadeira, sentando-se acorado em seu encosto.

– O pior tipo – respondeu, muito sério. – Perigo que vem do além túmulo.

– Mas do que você está falando?

O negro apontou para as peixeiras penduradas na parede.

– As armas do morto – anunciou. – Enquanto elas não forem devolvidas a ele, seu espírito não dormirá em paz.

O delegado observou os facões expostos atrás do painel de vidro e olhou de volta para o negro maluco.

– Superstições – desconversou. – Tião Peixeira está morto e enterrado. Não há nada que ele possa fazer contra mim.

– Tem certeza? – insistiu o negro, num tom diferente. – As coisas não têm dado errado para o senhor? Não foi por isso que fez este jornal em pedaços?

O delegado não respondeu de imediato. Um trovão soou distante do lado de fora da delegacia. O negro levantou a cabeça, preocupado, como se ouvisse espíritos na esteira dos humores sombrios das nuvens negras acima.

– É tarde demais – anunciou, com expressão assustada, apontando um dedo acusador para o delegado. – Vocês despertaram a fúria divina do anjo vingador do Senhor. Oh, como fui tolo de ter vindo até aqui! Não há nada que eu possa fazer agora. O Juízo Final já está a caminho.

– Ei! – chamou o delegado, preocupado. – Acalme-se, homem. Só estamos nós dois aqui. Não há nada a temer.

O negro, porém, não o escutava e pulava de um lado para o outro, como se tivesse medo da própria sombra, repetindo sílabas desconexas e sem sentido. O delegado se levantou, disposto a conter a loucura que se apossava do homem em seu escritório. Ao vê-lo se aproximar, o negro saltou no sofá e, com um impulso, trepou em cima de uma estante, fora de alcance.

– Ora, desça já daí, seu preto safado!

– Os espíritos, delegado – alertou, de olhos bem abertos. – Eles avisam que o morto está chegando para recuperar o que é seu.

– Não diga bobagens ou o coloco atrás das grades, entendeu?

De repente, um novo trovão muito mais próximo soou fora da delegacia e o vidro que protegia as peixeiras na parede estilhaçou como num passe de mágica. O delegado encarou as lâminas prateadas, que refletiam um brilho sinistro em suas lâminas prateadas, e sentiu um calafrio.

– Eu avisei – disse o negro, saltando de volta para o sofá e se escondendo atrás dele. – O morto chegou, ele está aqui. Está tudo perdido.

O delegado queria retorquir, dizer que o mendigo estava errado, que havia uma resposta racional para o que acabavam de presenciar, mas a voz lhe faltava. Ele não conseguia tirar os olhos das peixeiras nem entender o que estava acontecendo. Então, uma voz familiar, forte como o trovão, chegou até eles e fez o militar tremer da cabeça aos pés:

– Delegado Carrapato! Sei que está aí dentro. Venha me encarar, se for macho.

O delegado estacou onde estava. O negro, que fazia uma algazarra até então, se calou e o encarou com olhos de coruja. De repente, a porta do escritório se abriu e Martinho, um dos soldados que cuidava da recepção da delegacia, apareceu branco como um fantasma. Ele abria e fechava a boca sem conseguir dizer nada, seu dedo apontava para a entrada do departamento e tremia. O delegado entendeu o recado.

Era Tião Peixeira. O morto retornava para recuperar suas armas.

5

Os soldados apontavam as armas para a entrada da delegacia. Alguns deles, com cicatrizes ainda visíveis do último combate, tremiam. Outros apenas buscavam entender o que estava acontecendo. Quando deixou o escritório, o delegado Gregor Carrapato sentiu a pressão entrar em queda livre ao se dar conta de que não estava tendo um pesadelo. Uma aparição realmente o aguardava, solitária, no pátio diante da delegacia. Era um homem em vestes de cangaceiro, esfarrapadas, cheias de furos e sujas de sangue. O rosto estava coberto por sombras devido ao chapéu em formato de meia lua

que usava. Mesmo assim, conseguiu enxergar o par de olhos azuis que o fuzilava com uma raiva que nem a morte podia deter.

– É ele – sussurrou, apoiando-se em Martinho para não cair. O soldado fraquejou, mas conseguiu aguentar o peso do chefe. – É o Tião Peixeira.

O sujeito atarracado se enfureceu diante do delegado. O vento uivou por trás dele, levantando a poeira na rua, enquanto um relâmpago distante projetou sua sombra sobre os soldados que o vigiavam.

– Não adianta se esconder, cabra safado! – berrou, autoritário. – Você tomou o que era meu e deve pagar por isso. Voltei para pegar minhas peixeiras de volta.

Os soldados permaneciam de prontidão, à espera de uma ordem. O delegado se virou para eles, como se fosse um bando de palermas.

– O que estão esperando? – quis saber. – Atirem!

Imediatamente, uma dezena de armas engatilhadas disparou, cuspidando fogo e espalhando o cheiro de pólvora queimada pelo ar. O cangaceiro não se moveu um milímetro sequer. Os soldados continuaram a atirar, sem misericórdia, até esvaziarem os tambores dos revólveres. No meio da nuvem de fumaça que se formou, Tião Peixeira os encarava como se fossem insetos a serem esmagados.

– Isso é o melhor que podem fazer?

Os homens recuaram, assustados. Nunca haviam visto nada igual. O delegado Gregor Carrapato lembrou que também estava armado e sacou o revólver, apontando-o para o homem parado na entrada.

– Já o matei uma vez, filho de rapariga – afirmou. – Não me importo de matar duas.

Calmamente, ele mirou a cabeça do inimigo e disparou. Tião Peixeira permaneceu de pé, incólume. Um novo tiro e o morto insistia em o encarar, de peito estufado. Mais três tiros seguidos. Nenhum efeito. As balas não o atingiam.

– Um fantasma – anunciou um dos soldados, fazendo o sinal da cruz. – É uma assombração que voltou para se vingar de nós.

O medo começou a se espalhar pela guarnição, e o delegado não estava em condições de impedi-lo. No entanto, nem todos os soldados eram covardes supersticiosos. Muitos deles se consideravam guerreiros e matadores profissionais. Um deles, um sujeito conhecido como Bronco,

sacou uma faca e pulou a bancada, estalando o pescoço pronto para a briga.

– Vamos ver se esse fantasma sangra!

Tião Peixeira se manteve imóvel no seu lugar até que Bronco atacou. Só então se esquivou do golpe, rápido como um relâmpago, pegando o inimigo pelo pulso com uma das mãos e aplicando um golpe na parte de trás do cotovelo com a outra, produzindo uma fratura exposta e um grito intenso de dor. O gigante Bronco foi ao chão e Tião Peixeira se virou para o restante da guarnição.

– Alguém mais quer brincar?

Imediatamente, metade da guarnição largou as armas e deu no pé, enquanto a outra metade saltou a bancada para encarar o inimigo. Gregor Carrapato, que ainda tinha pesadelos com o confronto em Água Parada, não ficou para assistir ao resultado da confusão. Ele retornou ao escritório e trancou a porta, olhando ofegante ao redor. O negro que o avisara do perigo havia desaparecido, como se nunca houvesse estado ali, mas as peixeiras continuavam penduradas na parede, brilhantes como nunca.

Tiros e gritos vinham do lado de fora, assim como o som de vidraças estilhaçadas e cadeiras quebradas. Era um caos conhecido e nem um pouco bem-vindo. O delegado caminhou até a parede e retirou as peixeiras do local de descanso. Segurou uma em cada mão e reparou mais uma vez nos cabos de madrepérola requintados e na prata da qual as lâminas eram feitas. Quem mandava fazer algo assim? Definitivamente, não eram armas comuns.

Estava assim, perdido em devaneios, quando um corpo atravessou a porta fechada e despencou inconsciente contra o sofá. Era João, um dos seus soldados mais experientes e o último dos guerreiros a cair naquela briga insana que tomou a delegacia de assalto. Tião Peixeira adentrou o escritório, com o chapéu pendurado sobre os ombros, de modo que o rosto se encontrava bem visível e eliminava qualquer dúvida a respeito de sua identidade. O delegado se colocou imediatamente em posição defensiva. O invasor torceu o pescoço e levantou uma sobancelha.

– Tem certeza de que quer me enfrentar?

O delegado ficou parado por um momento. Não queria lutar, pois sabia que não tinha chances, ainda mais contra um espírito vingativo vindo do além. O medo o fez se ajoelhar, de cabeça baixa, e oferecer as peixeiras em mãos abertas para o inimigo.

– Eu não sabia o que estava fazendo – chorou. – Estávamos apenas

cumprindo ordens. Não fazíamos ideia com quem estávamos mexendo.

Tião Peixeira não disse nada. Pegou as armas, uma de cada vez, e colocou a ponta de uma delas debaixo do queixo do delegado. O pensamento de que teria a garganta cortada fez com que o militar sujasse as calças. Mas Tião Peixeira apenas levantou seu rosto, para que pudesse encará-lo.

– Quero que preste muita atenção ao que vou lhe dizer – pediu. – Eu poderia matá-lo aqui e agora, mas um verme como você não vale meu esforço. Por isso, quero que se lembre de uma coisa – ele se aproximou, ficando na mesma altura do delegado derrotado. – Sua vida me pertence – anunciou. – E um dia vou voltar para cobrá-la. Entendeu?

Lágrimas escapavam dos olhos do delegado, que concordou em silêncio. Tião Peixeira voltou a se levantar.

– Ótimo – disse. – Agora suma daqui antes que eu mude de ideia.

Ele não precisou falar duas vezes. O delegado disparou para fora do escritório, passando pelos soldados feridos espalhados pelo caminho, até que tomou as ruas. Ele não deixaria de correr tão cedo.

6

João dos Mistérios descascava uma mexerica debaixo de uma árvore tétrica no topo de um morro, onde aguardava com Lucinda. Dali se tinha uma boa visão das ruas emaranhadas de Miradouro, com os letreiros de seus muitos bares, pousadas e casas de jogo de azar competindo por atenção, assim como a nuvem negra e grossa de fumaça que se levantava de um dos principais prédios. Um incêndio descontrolado consumia a delegacia local, fazendo com que uma multidão de curiosos se reunisse ao redor do fogo enquanto os mais corajosos procuravam apagá-lo com baldes de areia, haja vista que água era um bem precioso demais para ser gasto em tal tarefa.

Saindo da cidade, apareceu um cavaleiro, que tomou a estrada do morro em alta velocidade. João dos Mistérios não parecia preocupado. Ele amontoou as cascas de mexerica no banco, separou um cacho da fruta e guardou o resto na bolsa. Depois, pegou um gomo suculento e o levou à boca, mastigando mecanicamente. Cuspiu o caroço no terreno arenoso e se serviu de um novo gomo. Já estava indo para o terceiro quando o cavaleiro, enfim, o alcançou, fazendo o cavalo empinar ao parar com um relincho. João dos

Mistérios levantou os olhos para ele. Tião Peixeira sorriu para o amigo, faceiro, com suas armas prediletas de volta nas bainhas que lhe pertenciam. Ele desmontou do animal num salto.

– Não acredito que saiu tudo conforme o plano – comentou, animado.
– Confesso que fiquei meio ressabiado quando vi aquele monte de armas apontadas na minha direção. Cheguei a pensar que estivesse encrocado. Como foi que você substituiu a munição de todos os soldados por balas de festim?

João dos Mistérios limpou os lábios com as costas da mão e sorriu.

– Vejo que pegou suas peixeiras de volta – apontou.

– E arranjei um cavalo também – acrescentou Tião Peixeira, dando tapinhas no pescoço do animal. – O melhor que encontrei no celeiro deles. Vou chamá-lo de Furacão. O que acha?

– É um bom nome – opinou João dos Mistérios. – Você cumpriu o que prometeu?

Tião Peixeira revirou os olhos e suspirou.

– Dei minha palavra, não dei? Claro que tirei todos os soldados de lá e soltei os presos antes de tocar fogo na delegacia.

– E o delegado? – insistiu João dos Mistérios.

Tião Peixeira mostrou-se contrariado.

– Deixei vivo – respondeu.

João dos Mistérios assentiu, servindo-se do último gomo da mexerica.

– E disse a ele o que lhe pedi?

– Cada palavra – confirmou Tião Peixeira. – Olha, não é como se eu fosse um matador inconsequente, certo? Aquele canalha pode ter tentado me matar, mas não é dele que estou atrás. Você sabe disso.

João dos Mistérios se levantou, batendo a poeira das calças.

– Logo, meu caro, você aprenderá as vantagens de deixar um inimigo vivo.

Tião Peixeira se agachou ao lado do amigo, assistindo o incêndio ao longe.

– Por quê? – quis saber. – O que faremos agora?

João dos Mistérios cruzou os braços, de olho nos viajantes que deixavam a cidade apressados, especialmente os mensageiros.

– Agora vou ensiná-lo a caçar.

Capítulo 8

Visita noturna

1

Como chefe de segurança, Berne era o único com permissão para adentrar o jardim de inverno quando o coronel Olho de Cobra se refugiava lá, a fim de meditar ou ler um livro, após cumprir todas as obrigações diárias. Não era um direito que usasse com frequência. Na verdade, evitava incomodar o chefe sempre que possível, até porque tinha autonomia para resolver a maioria dos problemas que os subalternos insistiam em levar para instâncias superiores e o fazia de modo eficiente e discreto, sem que ninguém além dos envolvidos precisasse saber do que havia acontecido. Talvez por isso fosse um funcionário tão estimado.

Aquela, todavia, não era uma noite como as outras. A chegada inesperada de um mensageiro com as piores notícias possíveis o convenceu de usar a prerrogativa para interromper o descanso do seu senhor. Pelo modo apressado como caminhava, qualquer um perceberia que Berne não estava em seu perfeito juízo. Andava rápido e piscava demais, como se estivesse abalado com o que ouvira havia pouco. Normalmente, o coronel Olho de Cobra previa qualquer catástrofe com dias de antecedência. Mesmo crises menores, de fácil resolução, chegavam aos seus ouvidos antes de qualquer mensageiro. Mas não naquela noite, o que indicava algo de errado no ar.

– Berne – cumprimentou o coronel, sem tirar os olhos do livro que tinha em mãos, sentado em seu lugar predileto do jardim. Seu tom era calmo e ponderado, mas um fio de irritação se insinuava por trás do cumprimento, como um aviso de cautela para o ouvinte. – Imagino que não veio interromper minha leitura por conta das excentricidades do nosso atual hóspede, certo?

Berne se ajoelhou diante do coronel e baixou a cabeça, respeitosamente, como se fosse um cavaleiro da tábua redonda.

– Peço perdão por incomodar seu descanso, senhor – disse em voz alta e clara. – Mas acabo de receber um mensageiro que traz más notícias de Miradouro.

O coronel Olho de Cobra virou uma página do livro, inabalado.

– Ora, nós já esperávamos que o delegado Carrapato não fosse aceitar a demissão de bom grado – considerou. – Seja lá o que aquele incompetente tenha aprontado, tenho certeza de que podemos conversar sobre isso amanhã, não?

Berne levantou levemente a cabeça.

– Puseram fogo na delegacia, senhor – anunciou, sem meias palavras.

O coronel Olho de Cobra, então, fez algo que o chefe da segurança, em todos os seus anos de serviço, nunca havia visto antes. Ele levantou o rosto, com o olho esverdeado bem aberto, numa demonstração claríssima de espanto.

– Carrapato? – quis saber o coronel, recuperando rapidamente a máscara implacável pela qual era tão conhecido.

– Não, senhor – negou Berne, voltando a baixar a cabeça e engolindo em seco. A próxima parte seria difícil de revelar. – O mensageiro disse que um morto é responsável pelo incêndio, senhor.

– Quem? – exigiu o coronel, fechando o livro com força.

– Tião Peixeira, senhor – respondeu Berne.

Novamente o coronel demonstrou surpresa, como se nada daquilo fosse esperado. Havia algo errado no território e ele não sabia o que era. Logo cerrou os punhos e rilhou os dentes, dominado por uma fúria que nunca demonstrara antes. Todos achavam que ele tivesse sangue frio como as cobras. Berne acabava de descobrir que isso não era inteiramente verdade.

– Onde está Ed Tempestade?

– Não sei dizer, senhor – respondeu Berne. – Aquele bastardo não presta contas a ninguém.

– Pois trate de encontrá-lo imediatamente – ordenou o coronel. – Quero dar uma palavrinha com ele e esse mensageiro no meu escritório daqui a meia hora. Vou só dar um pulo no quarto, para me arrumar.

Berne assentiu. Pelos seus anos de experiência, sabia que a necessidade do coronel Olho de Cobra de passar no quarto antes da audiência requisitada não se dava por simples vaidade, pois também sabia do cofre escondido por trás de uma parede falsa no armário, embora seu conteúdo lhe fosse desconhecido. No entanto, desconfiava que era lá que o coronel guardava seu maior segredo, o método pelo qual adivinhava o futuro, onde seus inimigos se encontravam e o que fazer para eliminá-los.

– Sim, senhor – respondeu, levantando-se. – Agora mesmo, senhor.

Partiu em passos rápidos sem dizer mais nada, completamente desperto e consciente do seu dever. Era hora de se preparar. Tinha certeza de que aquele incêndio criminoso não ficaria impune. O coronel Olho de Cobra se preparava para a guerra.

2

Em poucos minutos, o castelo inteiro estava em estado de alerta, mesmo que ninguém soubesse direito o que estava acontecendo. Berne tomava medidas preventivas para garantir a segurança do reino, trocando palavras rápidas com tenentes em posições estratégicas e acionando os serviços dos mensageiros, que chegavam ao seu gabinete, sonolentos ou meio bêbados, curiosos para saber o que era tão importante a ponto de não poder esperar o dia seguinte. O chefe da segurança não lhes revelava nada, somente entregava ordens e os despachava, sem tirar os olhos do relógio, atento ao tempo que lhe sobrava antes da reunião no escritório do coronel Olho de Cobra.

De repente, um negro alto de cabelos trançados e olhos escuros entrou no gabinete todo paramentado, de coturnos cuidadosamente amarrados, calças escuras cheias de bolsos, pistola presa à cintura juntamente com cassetete, spray de pimenta e uma Taser, uma camiseta preta sem estampa bem justa, destacando o torso bem-definido, duas armas menores presas em coldres próximos às axilas, luvas, e um fuzil de assalto atravessado nas costas. Era um soldado pronto para a guerra. Ele bateu os pés juntos e prestou continência.

– Mandou me chamar, senhor?

Berne acabava de assinar algumas ordens de serviço e indicou uma cadeira.

– À vontade, tenente. Isso só vai levar um segundo.

O negro ficou de pé, com os braços nas costas, em posição de descanso. Berne entregou os papéis para um valete, que partiu apressado, e se virou de volta para o oficial, que aguardava com uma expressão neutra. Komodo era seu nome de guerra e ele era o segundo em comando no castelo.

– Temos encrenca a caminho – anunciou Berne, indo direto ao ponto.

– Tenho uma reunião com o coronel Olho de Cobra daqui a poucos minutos e desconfio que terei que me ausentar por alguns dias. Estou convocando nossas forças em campo para garantir a segurança do castelo e o nomeando como chefe de segurança interino. Preciso que você tome conta do forte por uns dias. Estamos entendidos?

O rosto de Komodo normalmente era uma máscara impassível, mas mesmo ele não conseguiu esconder a surpresa diante da notícia. Um valete parou atrás do soldado, ofegante e com expressão agoniada.

– Será uma honra cuidar do castelo na sua ausência, senhor – respondeu, agradecido. – Devemos esperar alguma encomenda?

– Provavelmente não – admitiu Berne. – Acredito que tudo se resolverá em poucos dias, mas nunca se sabe. Só um segundo – ele se virou para o jovem que aguardava na porta do gabinete. – E então, encontrou Ed Tempestade?

Ao perceber que a palavra era dirigida a ele, o valete esticou as costas, deixando-a totalmente ereta, e assentiu como um cachorrinho assustado. Berne torceu os lábios.

– E cadê ele?

O jovem engoliu em seco.

– E-e-e-ele não quis deixar o quarto, senhor – revelou.

– Como? – quis saber Berne, num tom pouco amigável.

O valete encolheu a cabeça entre os ombros.

– O hóspede se negou a deixar o quarto – disparou a falar. – Reclamou que está muito tarde para reuniões e que não queria ser incomodado. Ele não estava sozinho, senhor. Tentei argumentar que era o coronel quem o chamava, mas ele não me deu atenção. Discutia com alguém lá dentro e começou a quebrar coisas. E-e-e-eu fiquei sem saber o que fazer e vim lhe informar o ocorrido, senhor.

Berne soltou um suspiro, cansado.

– Quer que eu dê um jeito nisso? – sugeriu Komodo.

Berne olhou para o relógio, irritado.

– Não, você já terá as mãos cheias pelos próximos dias – considerou.

– Deixe que eu mesmo converso com nosso simpático hóspede.

Havia uma mulher chorando encolhida no meio do corredor. Berne sentiu o sangue esquentar nas veias, mas se conteve. Ele se aproximou devagar. A pobre moça usava um uniforme de empregada parcialmente rasgado e buscava cobrir a nudez segurando pedaços de pano sobre os seios. Um hematoma se apresentou roxo em seu ombro esquerdo. O rosto estava escondido por baixo dos cabelos emaranhados. O chefe de segurança se agachou ao seu lado.

– Ei – chamou em voz baixa. –, tudo bem com você?

A moça espiou o recém-chegado e se assustou por um momento, reação com a qual Berne estava acostumado. Graças à sua condição duplamente miserável, de albino e portador de ictiose severa, não venceria nenhum concurso de beleza nesta vida. Ainda assim, esforçava-se para mostrar aos outros que também era um ser humano e que nem todos precisavam temê-lo, em especial aqueles mais próximos a ele.

– Ruth? – perguntou, reconhecendo o rosto da serviçal. – É você?

O lado direito do rosto da mulher estava bastante inchado. Lágrimas escorriam por suas bochechas. Ela tremia de medo. Berne não a tocou. Sabia que o toque de um homem, ainda mais um homem com o aspecto dele, não seria bem-vindo no momento.

– Só fui levar o jantar dele – explicou a moça. – Ele não me deixou ir embora. Disse que me achou bonitinha, parecida com alguém que conhecera. Fiz tudo que ele queria, até que bateram na porta e ele perdeu a paciência...

Nesse instante, a moça desatou a chorar e buscou refúgio no peito de Berne, que a abraçou com cuidado, embora ardesse de raiva por dentro.

– Shhh, vai ficar tudo bem, Ruth – consolava a moça. – Vai ficar tudo bem – nisso viu um valete passar. – Você! – chamou, autoritário. – Leve essa mulher a um médico. Acorde um, se necessário. Garanta que ela tenha o tratamento adequado ou ficarei sabendo, entendeu?

O valete concordou, apressado, e Berne deixou a moça com ele, seguindo pelo corredor até uma porta aberta, com flores caídas no chão entre os destroços de um vaso quebrado. Lá de dentro vinham os refrãos repetidos de um rock raivoso, presos num *loop* infinito de um disco arranhado. Berne parou na passagem aberta. Não carregava armas. Raramente precisava de uma, mas sabia que não era aconselhável abordar o hóspede despreparado. Ed Tempestade era um homem perigoso, matador da pior estirpe, homem

completamente desprezível. Os destroços se amontoavam no *hall* de entrada do quarto, espelhos partidos, portas de armário quebradas, garrafas estilhaçadas... O ar cheirava a uísque barato. A habitação se encontrava imersa na escuridão, mas Berne acreditou ver um vulto sentado na beira da cama.

– Ed Tempestade? – chamou, procurando manter a voz calma.

O vulto no escuro não se moveu.

– Ele voltou, não é? – quis saber uma voz amarga lá dentro. – Por que outro motivo o coronel viria me incomodar a essa hora da noite?

Berne entrou no *hall* de entrada e testou o interruptor. Nenhuma luz se acendeu.

– Sua presença é requisitada no escritório do coronel – recitou friamente. – Você será informado do motivo da reunião no momento adequado. O que aconteceu aqui?

A voz no escuro não respondeu de imediato. Berne deu mais um passo adiante. De repente, uma luz diminuta se acendeu no centro do recinto. O chefe de segurança parou. Era um isqueiro. O hóspede acendia um cigarro, sentado na beirada da cama, vestido apenas com uma calça de couro preta e a expressão de poucos amigos nos lábios. O fogo logo se apagou, mas não antes que Berne visse as cicatrizes que preenchiam boa parte do peito magro e cabeludo de Ed Tempestade.

– Ela tropeçou – respondeu, como se não fosse uma pergunta interessante.

Berne cerrou os punhos. O desdém na voz do hóspede foi a gota d'água. Por um momento, ele esqueceu quem era ou onde estava e avançou, fechando as mãos sobre o pescoço de Ed Tempestade levantando-o da cama com a força fornecida pela adrenalina e o pressionando contra a parede, furioso.

– Você viu o que fez com aquela pobre garota? – rosnou. – Seu monstro insensível e intratável! Vou lhe ensinar uma lição!

Ed Tempestade não tentou escapar das mãos que o sufocavam. Em vez de reagir, partiu para o contra-ataque. Com as palmas das mãos abertas, acertou ambos os ouvidos de Berne, com força. O chefe de segurança o soltou, tonto, buscando recuperar o equilíbrio. Ed Tempestade ainda não estava satisfeito e acertou um golpe com o joelho entre as pernas de Berne, fazendo-o desabar no chão.

Massageando o pescoço, Ed Tempestade caminhou até uma cômoda, na qual um abajur ainda estava milagrosamente intacto, e acendeu a luz. Berne procurava recuperar o fôlego, afastando-se do hóspede com a mão direita a massagear a genitália dolorida. Os dois se encararam na semiescuridão com um ódio profundo e venenoso.

– Você vem me chamar de monstro? – questionou Ed Tempestade, pegando uma camisa preta abandonada sobre a cama desarrumada. – Logo você, o Dragão Albino? Eu pediria que se olhasse no espelho, se não tivesse quebrado o meu ainda há pouco.

Berne se levantou, com a cabeça zunindo e uma dor intensa nas partes baixas.

– Não sou eu quem estupra mulheres indefesas – defendeu-se.

Ed Tempestade fechava os botões da camisa, sem pressa.

– Aquela vagabunda? Não foi estupro. Nunca precisei estuprar ninguém ou pagar para ter uma mulher ao meu lado, como deve ser o seu caso. De que outro modo uma aberração como você conseguiria molhar o biscoito?

Berne passou a mão pelo terno, um pouco amassado após a escaramuça.

– E devo acreditar que ela simplesmente tropeçou?

Os ombros de Ed Tempestade caíram e ele expirou longamente.

– Qual é, cara? – disse, pegando um paletó sobre uma mesa tombada de lado. – Perdi a cabeça por alguns minutos, como qualquer um que der uma olhada nesse quarto pode perceber. A moça ficou no caminho, ela deu azar. O que mais posso dizer? Não é como se eu estivesse orgulhoso do que fiz, está legal?

Berne ajeitou a gravata, engolindo a raiva.

– Monstro! – repetiu, entredentes.

Ed Tempestade se virou para o chefe de segurança, esticando a mão direita até ela sair pela manga do paletó.

– Não fui eu quem ganhou o apelido de Dragão Albino por cuspir fogo na cara de um prisioneiro – respondeu, atrevido. – Sim, escutei as histórias – continuou diante do silêncio do chefe de segurança, enquanto voltava a sentar na beira da cama para calçar os sapatos. – de como você costumava carregar uma garrafinha de querosene e um isqueiro para os interrogatórios. Só para casos de emergência, como gostava de dizer, não é

mesmo? E todos eles cantavam como passarinhos. Devia ser lindo...

Berne cruzou os braços.

– Terminou de se arrumar?

Ed Tempestade se levantou, ajeitando o paletó.

– Pelo menos não escondo o que sou – disse, ao passar pelo chefe de segurança. – Agora, onde raios será essa maldita reunião?

4

O fogo crepitava na lareira, com labaredas a dançarem agitadas sobre a lenha seca. Faíscas subiam enquanto o coronel Olho de Cobra reordenava os tocos em chamas com uma tenaz de metal, parecendo uma enorme sombra delineada pela iluminação direta do fogo. O mensageiro aguardava atrás dele, sentado numa cadeira baixa, sem encosto, ainda vestido com os trajes empoeirados da viagem. Berne permanecia de pé, com os braços cruzados, ao lado da lareira. Ed Tempestade sentava-se de maneira desleixada numa poltrona, carregando a expressão de tédio, como se nada daquilo realmente o interessasse.

O coronel se virou de volta para o visitante, contemplando a ponta alaranjada da tenaz. Os olhos escuros do mensageiro se fixaram naquela imagem, cheios de temor.

– Qual seu nome, rapaz? – quis saber o coronel.

– Amir, senhor – respondeu prontamente o mensageiro. – Amir Salek.

O coronel caminhou em volta da cadeira do visitante.

– Amir Salek – repetiu, como se experimentasse o sabor do nome na boca. – Nome estranho para um mensageiro...

– Venho de uma família libanesa, senhor – explicou Amir. – Trabalhei como diplomata por muitos anos antes da Grande Guerra. Sempre gostei de viajar e conhecer gente nova. A profissão de mensageiro pode ter seus riscos, mas estou acostumado a eles. Sei me virar.

O coronel parou ao lado de Amir, colocando a mão sobre o ombro do funcionário. Na outra, ainda carregava a tenaz com a ponta incandescente. O mensageiro evitava olhar diretamente para o chefe.

– Você me parece um rapaz inteligente, Amir – considerou. – Deve imaginar que não gosto de receber más notícias, não é mesmo?

O mensageiro engoliu em seco. Os olhos fixos na ponta brilhante da tenaz.

– Quando as recebe com atraso? Com certeza – procurou justificar. – Mas deixei Miradouro naquela mesma tarde e vim para cá o mais rápido que pude. Sabia que o senhor gostaria de ter notícias do incidente quanto antes.

– É mesmo? – incentivou o coronel. – E por que eu gostaria de saber disso quanto antes, Amir?

O mensageiro levantou a cabeça, olhando diretamente para o chefe pela primeira vez. Era um rapaz bonito, de pele morena, nariz avantajado e olhos escuros, com cabelos pretos e longos a esconderem parcialmente suas feições.

– Para dar uma resposta à altura – respondeu, sem hesitar.

O coronel o encarou, com o olho bom semicerrado. Em seguida, agachou-se ao lado do funcionário e levantou a tenaz com a ponta incandescente entre os dois. Amir ficou tenso, mas não desviou o olhar. O olho esverdeado do coronel se fixava nele sem revelar absolutamente nada, como se fosse capaz de desnudar sua alma. Ficaram assim por um momento que pareceu longo demais. Então, o coronel se afastou, entregando a tenaz nas mãos de Berne e se sentando numa poltrona vermelha de espaldar alto.

– Pois bem, Amir – disse, com as pontas dos dedos se tocando numa posição reflexiva. – Conte-me o que aconteceu.

O mensageiro desatou a falar, começando pelos três dias que levou para chegar de Miradouro até ali. Desculpou-se pela demora, afirmando que faria o percurso mais rapidamente, caso tivesse um veículo adequado no lugar de um cavalo velho e cansado. Em seguida, partiu para a história em si. Como era do conhecimento do coronel, Amir fora a Miradouro entregar a notícia da demissão do delegado Gregor Carrapato após a divulgação do fiasco em Água Parada. Havia acabado de cumprir a missão e pediu um trago num bar, do outro lado da rua, quando uma balbúrdia chamou sua atenção. Um cangaceiro em roupas ensanguentadas bradava desafios a plenos pulmões para que todos pudessem ouvir. Imediatamente, curiosos se amontoaram nas janelas do bar – entre eles, Amir – para assistir ao que estava acontecendo. Dentro da delegacia, viram um pelotão de soldados com armas engatilhadas e apontadas para o baderneiro. Os clientes perceberam o que estava prestes a ocorrer e, como bons cidadãos, iniciaram uma rodada de apostas.

Amir afirmou que não conseguira escutar o que o cangaceiro gritava

na rua graças à algazarra no bar, mas que todos se calaram quando os soldados abriram fogo. Foram dezenas de tiros num único alvo, porém, para surpresa de todos, o cangaceiro permaneceu de pé, como se balas não pudessem matá-lo. Por um minuto, o mensageiro acreditou que estivesse diante de um fantasma, até um soldado munido de uma faca atacá-lo e levar uma surra, que deu início a uma briga generalizada na delegacia. Segundo Amir, o cangaceiro era rápido e implacável, quebrando braços, pernas e queixos com a velocidade de uma cascavel enquanto avançava delegacia adentro, sem parar para descansar ou respirar. Os soldados feridos começaram a deixar o local, junto daqueles covardes demais para encarar o invasor, e tudo ficou no mais completo silêncio por vários minutos, até que o delegado saiu correndo lá de dentro e desceu a rua sem olhar para trás.

Amir saiu do bar, acreditando que o pior havia passado, e chegou a olhar o caminho que o delegado havia percorrido. Como muitos outros, o mensageiro esperava pela chegada da cavalaria. Sabia que um insulto daqueles nunca passaria impune pelo coronel Olho de Cobra. Mas ninguém apareceu. Em seguida, assistiu à debandada de prisioneiros da delegacia. Amir conseguiu parar um deles na saída, um velho bêbado, que lhe contou o nome de seu inesperado salvador.

– Ele disse que o sujeito se chamava Tião Peixeira – revelou.

Ed Tempestade saltou da poltrona como uma mola.

– Eu lhe disse – acusou. – Eu lhe disse que balas e facas não são suficientes para acabar com a existência daquele desgraçado! O maldito se recusa a permanecer morto!

– Tempestade! – repreendeu o coronel Olho de Cobra, encarando o hóspede com uma frieza glacial.

Ed Tempestade entendeu o recado, voltando ao seu lugar sem dizer mais uma palavra e com o rosto carrancudo fechado numa expressão assombrada. O coronel virou-se de volta para Amir.

– Continue – incentivou.

O mensageiro, todavia, não tinha muito mais a relatar. Após soltar os presos, Tião Peixeira arrastou alguns soldados inconscientes para fora da delegacia e tocou fogo no lugar, fugindo num cavalo roubado no estábulo. Ninguém mais o viu depois disso, e, percebendo que algo estava errado, Amir julgou melhor deixar a cidade o quanto antes, para informar o coronel acerca do ocorrido. Vários mensageiros deixaram a cidade naquela tarde com

destinos incertos. Ao menos três deles seguiram para Riacho Doce. Outros foram para pontos mais distantes do território, como Café Amargo, Peixe Morto, Ventos Uivantes e Boi Bravo.

– Isso é tudo que sei, senhor – concluiu Amir, de cabeça baixa. – Peço que perdoe minha ignorância por não saber mais do que isso, mas juro ter feito meu melhor para conseguir o máximo de informações com o pouco tempo que tive antes que a notícia do incêndio começasse a se espalhar. Aceitarei de bom grado qualquer punição que vossa senhoria julgar adequada pela minha demora.

O mensageiro se prostrou diante do coronel, com as costas esticadas e o rosto voltado para o chão, como se o adorasse igual a uma divindade.

– Levante-se, mensageiro – ordenou o coronel. – Você fez bem em vir direto à minha presença, mesmo que carregasse apenas más notícias na bagagem. Admiro sua coragem por tal feito. Garantirei que, pela manhã, alguém lhe entregue uma recompensa por seus serviços assim como suas novas ordens. Agora vá. Deixe-me sozinho com meus conselheiros, pois ainda tenho negócios a tratar com eles.

Amir se levantou, fazendo mil reverências de agradecimento, e deixou o gabinete com passos rápidos, aliviado por não ter sofrido nenhum dano físico. Nem todos os mensageiros tinham aquela sorte. Os três esperaram até que o mensageiro tivesse deixado o recinto, então Ed Tempestade voltou a se levantar, nervoso.

– Eu lhe disse que ele não estava morto, não disse? – repetiu. – Já vi Tião Peixeira ser queimado, afogado, enforcado e baleado mais de dez vezes. Eu mesmo acabei com a raça dele uma vez e, ainda assim, o bastardo retornou para me perseguir. Ele não vai parar até que tenha a cabeça cortada e o corpo carbonizado. É preciso transformá-lo em pó, entenderam? Pó!

– Tempestade – voltou a repreender o coronel Olho de Cobra. –, lembre-se que é um convidado aqui e trate de agir como tal.

– Ou o quê? – desafiou Ed Tempestade, insolente. – Os outros podem ter medo do senhor, mas nós dois sabemos que suas ameaças não valem nada no meu caso, certo?

– Não é bem assim – irritou-se o coronel, levantando-se para encarar o hóspede. Berne se aproximou por trás dele, com punhos cerrados. – Prometi a seu mestre que o protegeria dos ataques desse Tião Peixeira, é verdade, mas ele também me deu carta branca para tratar você como bem entendesse

enquanto estiver debaixo do meu teto.

O sorriso de Ed Tempestade morreu lentamente.

– Então, quer dizer que...

– Que se você não se comportar a partir de agora, mando alguém cortar suas bolas para fazer um chaveiro – ameaçou o coronel. – Estamos entendidos?

Ed Tempestade assentiu, voltando a se sentar.

– Ótimo – agradeceu o coronel, retornando ao seu lugar. – Isso é tudo por hoje. Pode voltar para os seus aposentos.

– Mas e o...

– Acho que fui bem claro, Tempestade – interrompeu o coronel, sério.

– Sim, senhor – concordou o hóspede, voltando a se levantar, sem graça. – Boa noite, senhor.

O coronel suspirou irritado quando o hóspede enfim partiu.

– Quanto tempo ainda precisarei suportar a presença desse idiota? – reclamou.

Mesmo que compartilhasse do sentimento do patrão, Berne permaneceu em silêncio. Sabia que não era hora de falar. O coronel Olho de Cobra virou-se para ele, voltando a adotar uma expressão reflexiva.

– Esse Tião Peixeira está se provando um problema maior do que antecipamos – considerou. – Precisaremos tomar uma atitude mais drástica para dar um jeito nele.

– Tenho um pelotão com nossos melhores homens preparado para cuidar do problema, senhor – informou Berne, prestativo. – Sabemos onde ele se encontra?

O coronel torceu os lábios e fez que não com a cabeça.

– Ele não está sozinho – revelou. – Alguém esconde seus movimentos de mim.

Berne piscou três vezes.

– Não sabia que isso era possível, senhor.

O coronel rilhou os dentes.

– Precisamos descobrir a identidade do aliado desse psicopata – orientou. – Não teremos paz enquanto os dois estiverem soltos por aí. Coloque um prêmio na cabeça de Tião Peixeira e quem quer que esteja com ele. Cem coroas de ouro, o suficiente para deixar todo matador com sede de sangue daqui até o fim do mundo.

– Será feito, senhor – concordou Berne. – E quanto à situação em Miradouro?

O coronel voltou a entrelaçar os dedos, com os indicadores e polegares se apoiando, uns contra os outros.

– Não podemos deixar as coisas como estão. Você ouviu o mesmo que eu. Vários mensageiros deixaram a cidade após o ocorrido e pelo menos três deles seguiram para Riacho Doce, o que significa que nossos amigos jornalistas já devem estar a par do caso. Não podemos permitir que a notícia se espalhe mais. Precisamos de uma demonstração de força que desencoraje qualquer um a me desafiar.

– Um incêndio no jornal? – sugeriu Berne. – Posso fazer com que pareça acidental...

– Não – descartou o coronel. – Verônica não é idiota, ela saberia que fui eu e Bastiano pode ser um simplório, mas ainda é um dos meus aliados mais próximos e o segundo homem mais poderoso da região, diferente do Caranguejo Manco e do Pastor Teixeira. Os dois têm criticado abertamente minha administração. Vou precisar lidar com eles quando essa crise acabar. Aliás, como vai a construção do muro?

– De vento em popa, senhor – informou Berne, alegre por ter boas notícias nesse sentido. – Temos equipes trabalhando em três turnos, dia e noite, sem parar. Já temos 60% do muro construído e acreditamos que ele estará completo até o fim do ano.

– Bom, muito bom – animou-se o coronel, pensativo. – Quando o muro estiver completo, todos os outros problemas ficarão para trás. Mal posso esperar para ver o dia em que essas paredes ficarão prontas.

– E nesse meio-tempo?

– Quero cem dos nossos melhores soldados em Miradouro – determinou. – Quero a cidade em estado de sítio. Ninguém entra ou sai de lá sem autorização. Toque de recolher a partir das oito da noite. Também quero que todos os prisioneiros libertos sejam recapturados e enforcados em praça pública, para que o povo veja o que acontece com quem desafia meu poder.

– Será feito como deseja, senhor – concordou Berne. – Mais alguma coisa?

O coronel respirou fundo.

– O que sabemos sobre o ex-delegado de Miradouro?

Berne puxou a informação da memória.

– Gregor Carrapato? Um parasita preguiçoso, como a própria alcunha indica. Policial corrupto contente em arrancar dinheiro de prostitutas e comerciantes locais em troca de proteção. Temos indícios de que também estava na folha de pagamento de Dentes Dourados, um salafrário com domínio sobre dois terços das casas de jogos de azar da cidade.

– Vida pessoal?

– Duas ex-mulheres, um filho com cada. Paga pensão a contragosto e não visitou as crianças nos últimos cinco anos. Atualmente, está casado com a filha de Sergei Cesário, uma perua de peitos fartos e gostos caros.

O coronel assentiu, o olho semicerrado a fitar Berne com a frieza dos répteis.

– Parece a descrição de alguém de quem não sentiremos muita falta, certo?

Capítulo 9

Missão Extraordinária

1

Um solavanco fez a carruagem dar um pulo e lançou seu único passageiro no vão entre os bancos, arrancando-o violentamente de um sono conturbado e precário.

– *Hijo de la puta madre!* – xingou Leandro Fuentes recorrendo à língua materna num momento de exasperação.

Naturalmente, não houve resposta. A carruagem tremia de modo característico ao seguir pela estrada de terra. O cocheiro nem sequer diminuiu de velocidade. O jornalista se levantou, ajeitando o chapéu na cabeça e se sentando no banco. Puxou um pouco a cortina e viu que ainda era noite lá fora. Sentia-se um pouco grogue devido à falta de sono e de distrações disponíveis. Fazia quase dois dias desde que partira de Riacho Doce numa carruagem expressa rumo a Miradouro.

Os cocheiros paravam em estábulos pelo caminho apenas para substituir os cavalos e trocar de lugar com profissionais descansados. Essas paradas duravam mais ou menos uma hora, tempo suficiente para ir ao banheiro e fazer uma refeição rápida, mas longe de fornecer o descanso necessário para uma viagem agradável. A culpa era de Verônica, é claro. Ela queria que Leandro chegasse a Miradouro o mais rápido possível e não poupava esforços para ter suas vontades atendidas, como a bolsinha com cinquenta peças de prata que o rapaz carregava no bolso interno do paletó deixava bem claro.

– São para as despesas da viagem – justificou Verônica. – Não me gaste esse dinheiro com bebidas, entendeu? Traga os recibos com todos os gastos eventuais, fora as propinas de praxe para informantes, desde que não ultrapassem cinco peças de prata. E me volte com o troco ou vá procurar emprego em outro lugar!

Rememorar as palavras da chefe deixou Leandro de mau humor. Não gostava de ser tratado como se fosse um moleque ou não compreendesse as responsabilidades que lhe eram impostas. O jornalista tirou o cantil prateado

do bolso e desatarraxou a tampa, levando-o à boca, sem o efeito esperado. Esquecera que havia secado a pequena garrafa antes de tentar dormir. Derrotado, voltou a guardar o recipiente, sonhando com uma bebida para aquecer as tripas. Viajava só com as roupas do corpo, pois não teve tempo nem mesmo de preparar uma mala.

Leandro abriu a janela da carruagem, tremendo com o vento frio que adentrou o cubículo, e colocou a cabeça para fora. O cocheiro chicoteava o lombo dos cavalos com uma das mãos e segurava as rédeas com a outra.

– Falta muito? – berrou Leandro.

O homem se virou para ele, com o rosto escondido por trás do chapéu, um par de óculos reflexivos e a echarpe que lhe cobria a boca e o pescoço. Àquela hora da madrugada e em meio ao cansaço do passageiro, parecia um extraterrestre.

– O que disse?

– Para Miradouro – detalhou Leandro. – Falta muito?

O cocheiro assentiu, mostrando que o compreendera em meio ao vento frio.

– Duas horas e meia – respondeu. – Três, no máximo. Vou deixá-lo no Plaza, perto do centro.

Leandro sorriu e colocou a cabeça para dentro da carruagem, fechando a janela em seguida. Era óbvio que o cocheiro queria conversar, estendendo a conversa daquela maneira, como se o passageiro não soubesse para onde estava indo. Devia estar se sentindo sozinho lá em cima. No entanto, fazia muito frio para ficar de papo-furado e o jornalista continuava com sono. Assim, espichou-se, esticando as pernas até o assento da frente, puxou o chapéu sobre os olhos e voltou a dormir. Ou o mais próximo disso que a viagem permitia.

2

Quando despertou, a carruagem seguia num ritmo bem mais lento, cadenciado, e era possível ouvir vozes do lado de fora. Leandro afastou a cortina da janela e foi recebido por uma claridade acinzentada, típica daquela hora da manhã. Pessoas caminhavam apressadas pelas calçadas ou observavam o movimento da rua pelas janelas de casa. O comércio parecia

estar todo fechado. Ao passar por uma igreja, o jornalista viu um padre enfurecido ordenando aos coroinhas que apagassem uma pichação na parede. Uma frase que dizia “Eles querem que você acredite em Deus porque assim é mais fácil te f...”. A última palavra estava quase inteiramente apagada, mas Leandro conseguia imaginar seu significado com facilidade.

Miradouro. O fedor do lixo acumulado em terrenos baldios e do esgoto correndo a céu aberto lhe dava as boas-vindas. Leandro deixou a fragrância putrefata penetrar as narinas com um sorriso satisfeito no rosto. Era o cheiro da civilização, erguendo-se da lama, pronta para encarar qualquer encrenca. Pivetes corriam ao lado da carruagem, oferecendo serviços, passando rasteiras nos concorrentes e tomando seus lugares como se nada tivesse acontecido. Todos loucos para verem o brilho das moedas do estrangeiro que adentrava a cidade como rei. Outros tipos mais soturnos e desconfiados também acompanhavam o movimento da carruagem de mesas de bar ou encostados em muros, à toa, provavelmente com facas escondidas por baixo das roupas baratas.

Leandro trazia um revólver enferrujado na cintura, uma arma fora de uso e sem munição que não lhe parecia muito ameaçadora, mas devia fazer com que ao menos uma parte dos bandidos mantivesse a distância. Era uma estratégia comum, muito utilizada em Riacho Doce e que surtia o efeito esperado. Afinal, ninguém queria levar um tiro de graça. A carruagem fez uma curva e parou na frente de um prédio de dois pavimentos, com um portão de ferro pesado e muros com espinhos para manter visitas indesejadas do lado de fora. Estava diante do Plaza, o hotel mais luxuoso de Miradouro. Não era uma visão muito impressionante.

Os pivetes se reuniram ao redor da carruagem e pareceram decepcionados quando seu ocupante, enfim, se revelou.

– Não sabia que mendigos andavam de carruagem – provocou um deles, fazendo todos os outros rirem.

Leandro ajeitou o chapéu amassado na cabeça e desceu para a rua empoeirada. Usava um terno surrado e uma calça velha, com remendos nos joelhos e nos fundilhos, além de um par de sapatos que pareciam ter sido roubados de um morto. Ele se virou para o cocheiro.

– Obrigado pela carona.

O homem na boleia tocou a aba do chapéu antes de agitar as rédeas, colocando os cavalos para andar. Os pivetes também aproveitaram para se

dispersar, embora dois deles insistissem em oferecer serviços nos quais o viajante não parecia interessado. Leandro parou diante do portão de ferro trancado e bateu palmas três vezes. Uma senhora gorda, de vestido azul florido e uma verruga enorme em cima dos lábios, abriu a porta do hotel e olhou feio para ele.

– Lamento, mas não damos esmolas – anunciou.

Ela estava prestes a fechar a porta quando Leandro gritou:

– Sou um viajante! Quero me hospedar com vocês!

A mulher parou, olhando-o de cima a baixo, desconfiada.

– Cobro 25 peças de cobre por noite – definiu. – Pagamento adiantado ou não temos conversa.

Leandro tirou duas moedas de prata da bolsinha que carregava dentro do paletó e as ergueu no ar, para que a dona do hotel pudesse ver.

– Servem duas peças de prata?

Mesmo a distância, deu para notar o brilho no olhar da mulher, que desceu as escadas da entrada e chegou até o portão fechado, com uma expressão curiosa, estudando o jornalista com novos olhos. Ela estendeu a mão pelas grades.

– Deixe-me dar uma olhada nisso – pediu.

Leandro depositou uma moeda na mão da gorda, que a mordeu com força na frente do visitante. Seja lá que teste fosse aquele, a mulher ficou feliz com o resultado, visto que um sorriso se abriu em seu rosto de lua e ela destrancou o portão. A moeda desapareceu rapidamente entre as dobras do vestido dela.

– Desculpe-me os maus modos – disse, abrindo a passagem para o viajante. – Normalmente, não sou tão desconfiada, mas passamos por tempos difíceis em Miradouro. O senhor ouviu falar no ataque à delegacia?

– É por isso que estou aqui, minha senhora – anunciou Leandro, tirando o chapéu num cumprimento modesto. – Vim descobrir o que aconteceu.

A mulher parecia cada vez mais espantada.

– O senhor é um dos homens do coronel Olho de Cobra, por acaso?

– Sou só um pobre jornalista sul-americano em busca de informação – revelou. – Leandro Fuentes, à sua disposição – concluiu, dando um beijo na mão da gorda, que ficou toda envaidecida.

– Pode me chamar de Dolores – apresentou-se, passando a mão pelo braço do jornalista. – Quanto tempo pretende ficar conosco? Aliás, pode me

passar aquela outra moeda para sua primeira noite?

– Está na mão, Dolores – concordou Leandro, estendendo a moeda para ela, que a arrebatou e a fez desaparecer como uma mágica profissional. – Se dependesse de mim, ficaria uma temporada, mas provavelmente só uns três ou quatro dias mesmo. Tempo suficiente para apurar o incêndio na delegacia.

Os dois subiram pela escada da entrada do hotel, que contava com duas carrancas para recepcionar os hóspedes e algumas samambaias de plástico, além de pinturas de praias e dias ensolarados. Leandro notou infiltrações no teto e rachaduras nas paredes esverdeadas. Dolores seguia dizendo como se sentia honrada por receber um membro legítimo da imprensa enquanto colocava três chaves unidas por uma argola sobre o balcão.

– Esta é para a suíte – explicou, apontando para a chave menor. – Esta é a da porta da frente – seguiu apontando para uma chave escura – e esta é para o portão de ferro lá fora – concluiu, pondo o dedo sobre a chave maior. – É importante mantê-lo sempre trancado. Sem polícia nas ruas, os bandidos estão fazendo a festa. Todo cuidado é pouco. Posso servi-lo em mais alguma coisa?

Leandro coçou o pescoço.

– Um banho cairia bem...

Dolores assentiu.

– Temos uma banheira na suíte. Posso pedir a um dos meus meninos para esquentar a água e levar até lá, mas receio que isso custará uma peça de prata extra. O senhor entende, dado o preço da água esses dias. Eu mesmo tenho tomado apenas um banho por semana e mantenho a higiene com lenços úmidos e perfume.

Leandro tirou uma peça de prata e a pôs sobre o balcão. Dolores sorriu. O hóspede nem viu a moeda desaparecer dessa vez. Ela ficava cada vez melhor com aquele truque. O jornalista apoiou o cotovelo no balcão.

– Mais uma coisa – continuou, olhando para o movimento na rua lá fora. – Como deve ter dado para perceber, cheguei aqui apenas com as roupas do corpo e gostaria de comprar um terno novo, mas não notei nenhuma loja aberta quando entrei na cidade.

Dolores riu como uma menininha.

– Não precisa se preocupar, querido – garantiu. – Conheço o melhor alfaiate da cidade. Pedirei a outro dos meus meninos que o chame enquanto o senhor descansa em seu quarto. Deve ter sido uma viagem cansativa, não é

mesmo?

Leandro riu, satisfeito. Podia se acostumar a ser tratado assim.

3

Leandro se admirou no espelho. De banho tomado, metido num terno branco com calças novas e sapatos de um preto brilhante, parecia outro homem. Ainda assim, faltava algum detalhe. Ele se virou para o velho Armando, o alfaiate de óculos de leitura e fitas métricas penduradas no ombro que o auxiliava.

– Chapéu?

Armando assentiu e estalou os dedos. Um dos garotos trouxe uma mala enorme, colocou-a sobre a cama e abriu.

– Se me permite, senhor, sugiro uma cartola – disse, tirando-a de dentro da mala. – Deixe os chapéus de caubóis para a gente comum. Um homem distinto como o senhor merece o melhor que a moda pode oferecer.

– *No lo sé* – considerou Leandro, virando a cartola na mão e a colocando na cabeça. – Parece-me um tanto exagerado, *no*?

– É porque não lhe mostrei a bengala que a acompanha – destacou Armando, apresentando uma peça de madeira de nogueira com um cabo de vidro imitando um diamante. – E ela ainda conta com uma vantagem especial – detalhou, desatarraxando a ponta para revelar uma lâmina embutida. – Desse modo, o senhor poderá se defender de qualquer malfeitor que se atreva a lhe fazer mal.

O jornalista pegou a arma e a encaixou de volta na bainha de madeira, transformando-a novamente numa bengala.

– O senhor certamente conhece seu ofício – elogiou. – Ficarei com a cartola e a bengala, além dessas belas roupas. Quanto lhe devo?

– Sete peças de prata, senhor – respondeu Armando, prontamente.

Leandro retirou oito peças da bolsa que carregava e entregou ao homem.

– Uma peça de prata extra para o seu ajudante – arrematou.

Armando fez cara de surpresa, mas sumiu com as moedas tão rapidamente quanto Dolores, talvez por medo de que o cliente se arrependesse do gesto altruísta ou percebesse que o velho lhe passara a perna

no preço das roupas. Leandro não deu a menor bola, ainda admirando o próprio reflexo no espelho.

– O senhor precisa de mais alguma coisa? – perguntou Armando, esperançoso.

Leandro ajeitou o terno e deu um peteleco na cartola, virando-se para o alfaiate.

– Adoraria ter tempo para papear e aproveitar a hospitalidade de uma cidade tão atenciosa – argumentou. – Mas o tempo não para e tenho uma missão a cumprir. Não preciso de mais nada além de direções para a delegacia. É hora de correr atrás das notícias, meu velho. É hora de fazer um jornal.

4

Da delegacia não sobrou muita coisa para contar a história. O fogo afetou as fundações de tal modo que o teto inteiro veio abaixo. As colunas negras de fuligem e paredes semidestruídas eram tudo que restava do antigo prédio, além do cheiro de borracha queimada e enxofre, que o vento distribuía igualitariamente pelas ruas adjacentes. Leandro tirou o caderno e a caneta do bolso interno do paletó e passou a fazer algumas anotações, sem notar a aproximação de um garoto maltrapilho.

– Moço, o que o senhor está fazendo? – quis saber o rapaz.

Leandro levantou o rosto e, com uma olhadela rápida, registrou a presença do garoto, um adolescente de pele morena, cabeça raspada, hematomas leves no rosto e um pé torto, virado num ângulo esquisito. Percebeu a curiosidade genuína no rosto do menino e concluiu, aliviado, que não era uma ameaça.

– Jornalismo – respondeu, terminando de rabiscar uma frase. – Vim fazer uma matéria sobre o incêndio na delegacia e o impacto que isso teve *en la ciudad*.

Leandro não esperava nenhuma reação em especial do garoto. Talvez um dar de ombros e alguma tirada maldosa, como era comum a adolescentes daquela idade, mas certamente não o reconhecimento que recebeu.

– O senhor trabalha no *Edição Extraordinária*? – quis saber o garoto, interessado. – Por acaso não seria o repórter Leandro Fuentes, responsável

pela matéria sobre a morte de Tião Peixeira?

Leandro parou imediatamente de escrever e piscou várias vezes, confuso. Era a primeira vez que se encontrava com um fã do seu trabalho.

– Você leu a matéria? – perguntou, abismado.

O rapaz assentiu.

– Minha mãe me ensinou a ler e escrever antes de morrer. Que Deus a tenha! – revelou, como se fosse um mistério um garoto como ele não ser analfabeto. – Também trabalhei como faxineiro na casa de um senhor que tinha uma biblioteca enorme, na qual ele nunca entrava. Como o salário era pouco, eu complementava a renda pegando alguns livros emprestados. Ainda guardo alguns comigo. Ele nunca sentiu falta.

Leandro observava o garoto, fascinado, e desconfiando de que tivesse acabado de apresentar seu currículo, visto a expectativa evidente em suas expressões.

– Como se chama, *chico*?

– Carlitos, senhor, mas os amigos me chamam de Doninha.

– Sei – disse Leandro. – Faz parte de alguma gangue?

O garoto abriu a boca, mas se deteve, provavelmente pensando em contar uma mentira. Em seguida, baixou a cabeça.

– Sim, senhor – respondeu. – Faço parte dos Patos Punks da Cordilheira.

Leandro levantou a sobrancelha.

– Que Cordilheira?

– A dos Andes, senhor – esclareceu Doninha. – Escutamos de um viajante, uma vez, que o sol ainda brilha por lá e que as montanhas escondem selvas secretas, cheias de bichos, árvores frutíferas e cachoeiras com águas cristalinas. Às vezes, sonho com esses lugares. Tenho até juntado um dinheiro, para ver se um dia consigo me mudar para lá. Parece um lugar melhor para viver, não acha?

– Parece as invenções de um viajante cansado, *chico*. Sem querer desmerecer seus sonhos, mas as cordilheiras devem estar tão geladas quanto o polo norte e as florestas certamente estão assombradas por feras e índios famintos.

– O senhor tem um sotaque engraçado!

– Garoto, não sou seu pai. Pare de me chamar de senhor, ok?

Doninha assentiu, ressentido.

– Desculpe.

Leandro suspirou.

– Escute, quer um trabalho?

Doninha prendeu a respiração.

– Está falando sério?

Leandro estendeu o caderninho e a caneta para ele, que os pegou como se fossem algo sagrado, cheio de admiração, antes de se voltar novamente para o jornalista.

– O que é isso?

– *Tu espada y tu escudo* – respondeu Leandro. – São seus novos instrumentos de trabalho. Você não disse que sabe ler e escrever? Então, prove. Ajude-me a fazer esta matéria que lhe arrumo uma peça de prata no fim do dia. O que acha?

– O senhor vai me ensinar a ser um jornalista?

– Vamos ver como se sai como estagiário primeiro, certo? Pronto para sua primeira missão?

Doninha abriu o caderninho e se preparou para anotar alguma coisa.

– É só dizer, senhor!

– Ótimo – concordou Leandro, encarando o novo funcionário de olhos semicerrados. – Então me encontre um bom estabelecimento para almoçarmos, porque não há como trabalhar direito de barriga vazia.

5

As duas primeiras opções sugeridas por Doninha não foram aceitas por Leandro, que achou os ambientes muito muquiranas e sujos. O garoto, então, o levou ao Panela de Barro, considerado o melhor e mais caro restaurante de Miradouro. Por duas peças de prata, o dono do estabelecimento acatou a presença de Doninha e serviu a dupla com um frango assado, arroz com passas, feijão e farofa de banana, com uma cerveja artesanal um pouco rançosa para acompanhar.

– Imagino que queira entrevistar alguns policiais, certo? – comentou Doninha entre garfadas, com a boca cheia de comida. – Se for o caso, devo avisar que tive uns probleminhas com a lei por conta de umas pichações.

– Não se preocupe – cortou Leandro, levando um pedaço de frango à

boca. – Agora você é meu estagiário. Podemos dizer a eles que você se arrependeu de seus erros e que está entrando na linha. Não há nada como um trabalho honesto para mudar a opinião do público em geral. Você está entrando na linha, correto?

Doninha concordou vigorosamente.

– Pois bem então – tranquilizou Leandro. – Não há motivos para preocupações.

Doninha respirou aliviado.

– Quer entrevistar os policiais depois do almoço? – continuou. – Sei de alguns deles que estão internados num hospital aqui perto.

Leandro largou os talhares na mesa.

– Mas para que a pressa? A polícia vai me dar apenas a versão oficial dos fatos e qualquer jornalista que se preze sabe que a versão oficial dos fatos é uma tremenda lorota feita para enganar trouxas e apaziguar os ânimos.

Doninha parecia um hamster com as bochechas inchadas de comida.

– Então começamos por onde?

Leandro olhou ao redor.

– Este me parece um lugar tão bom quanto qualquer outro.

– Está falando sério?

Leandro levantou a mão, chamando a atenção do garçom, que correu para atender os clientes com um sorriso no rosto.

– Como vai o almoço de vocês? Algo mais que eu possa fazer pelos senhores?

– Claro, amigo – disse Leandro, indicando a cadeira ao lado dele. – Sente-se um minuto, *sí*?

O sorriso do garçom murchou rapidamente.

– Desculpe, senhor, mas não posso abandonar meu posto.

Leandro fez surgir uma peça de prata, que pôs sobre a mesa.

– Só vai levar um minuto – insistiu. – E farei valer seu tempo, ok?

O garçom olhou ao redor, encarou a moeda e deu de ombros.

– Não me pagam tão bem aqui mesmo – comentou, metendo a moeda no bolso e se sentando. – Mas não me peça para fazer nada ilegal ou imoral, está entendendo? Não sei que tipo de pessoa acha que sou, mas...

– Calma, *mi amigo*, calma – aconselhou Leandro. – Como se chama?

– Manuel Silva.

Leandro se virou para Doninha, que continuava devorando o almoço

sem entender o motivo daquela conversa. O jornalista fez um barulho com a garganta. O estagiário o encarou.

– Não vai anotar nada?

Doninha entendeu o recado, engoliu a comida, limpou os lábios e sacou o caderninho e a caneta, colocando-se a trabalhar.

– O que está acontecendo? – quis saber Manuel.

Leandro se voltou para ele.

– Nada demais, amigo – garantiu. – Só estamos fazendo uma matéria para o jornal *Edição Extraordinária*. Já ouviu falar?

– Não sei ler, mas vi uns exemplares por aí – concedeu o garçom, mais animado. – Vou virar notícia?

– Depende do tipo de informação que tiver para nós – afirmou Leandro. – Agora, o que pode nos dizer sobre o incêndio na delegacia?

O garçom deu de ombros.

– Só o que tem sido comentado por aí – contou, lacônico.

Leandro suspirou.

– E o que tem sido comentado por aí? – insistiu.

Manuel se debruçou sobre a mesa.

– Bom, que foi um fantasma quem tacou fogo na delegacia – disse, em voz baixa. – Um cabra arretado da peste conhecido como Tião Peixeira, que o delegado Carrapato e os *homi* dele mataram, lá para os lados de Água Parada. O povo *tá* dizendo que o morto levantou da tumba decidido a se vingar do coronel Olho de Cobra, que não previu o ataque à delegacia porque só consegue *espiá* o que os vivos andam tramando. Tem quem diga que o demônio enviou Tião Peixeira para cobrar as dívidas do *coroné* e que foi por isso que ele tocou fogo na delegacia: para enviar um recado.

Leandro observou Doninha, que anotava as palavras no caderninho o mais rapidamente que podia, atento à conversa.

– E do incêndio em si? – perguntou, voltando-se para Manuel. – O que pode me dizer sobre ele?

– Que foi um fogaréu dos infernos – afirmou o garçom. – Levou uns quatro dias para ser apagado e queimou a delegacia todinha. Dava para sentir o calor do outro lado da rua. Não sobrou pedra sobre pedra para contar a história.

– E não morreu ninguém?

Manuel balançou a cabeça negativamente.

– Tião Peixeira soltou os *bandido* antes de pôr fogo em tudo – detalhou. – E também tirou os *policia* machucado lá de dentro. É por isso que o povo fala que a treta dele é com o *coroné*. Até o delegado ele poupou.

– E como esse incêndio afetou a cidade? Você notou alguma diferença nas ruas nestes últimos dias?

O garçom deu risada.

– Ora, queimaram a delegacia, então os *bandido* têm feito a festa – respondeu. – Por isso que *tamo* trabalhando com as portas fechadas e segurança *nas entrada*. Os *marginal* tá de olho em geral e quase não tem polícia para enfrentar os safados. Tirando que não dá para prender ninguém, né? A prisão também queimou.

Nisso o dono do restaurante saiu da cozinha e se aproximou da mesa.

– Ô Manuel! – chamou. – O que está fazendo aí? Não lhe pago para ficar de papo-furado com os clientes, não.

O garçom se levantou, sobressaltado, e olhou assustado para Leandro.

– Tudo bem – disse o jornalista. – Você fez por merecer sua moeda de prata.

Assim, Manuel se retirou, deixando o jornalista e seu aprendiz terminarem o almoço sossegados. Leandro deu um gole na cerveja rançosa.

– Então, *chico*, o que podemos tirar dessa conversa?

Doninha releu as anotações, procurando encontrar algo de valor.

– Uma versão fantasiosa do evento? – chutou. – Na verdade, não me parece que dê para salvar muita coisa. Acho que gastou uma peça de prata à toa.

– Aí é que você se engana, amigo – rebateu Leandro. – Conseguimos dois elementos essenciais para qualquer notícia que se preze. Primeiro, temos um personagem fora das fontes oficiais, o que nos ajuda a aproximar a matéria do público leitor e a tornar mais real. Afinal, isso poderia ser algo que aconteceu com seu vizinho, certo? Em segundo lugar, temos o contexto. Um incêndio que durou quatro dias, fechou os comércios da cidade e mexeu com a imaginação de toda uma população. Por isso, o que você considera uma entrevista perdida, chamo de um bom começo. Pronto para continuar o aprendizado?

Leandro se levantou da mesa, colocando a cartola e pegando a bengala de volta. Doninha se apressou em acompanhá-lo.

– Quer entrevistar a polícia agora? – indagou. – Ou prefere procurar o

delegado?

Leandro deu uma risada.

– Não apresse seu aprendizado, *chiquito* – recomendou. – Na verdade, antes de continuarmos, preciso pagar uma promessa.

– Que promessa? – quis saber Doninha, curioso.

– Bom, prometi a mim mesmo algum tempo atrás que, se algum dia viesse a Miradouro e tivesse dinheiro, faria uma visita à famosa Mona Lisa – revelou. – E não me olhe com essa cara. Garanto que será uma parada muitíssimo instrutiva para você também.

6

Como Doninha bem sabia, a Mona Lisa que Leandro procurava não era nenhuma pintura renascentista de valor incalculável na parede de um museu, e sim uma moça de pele cor de chocolate, corpo de violão e seios arrebitados que as más línguas diziam ser uma loucura na cama. Ela era provavelmente a garota de programa mais famosa do território do coronel Olho de Cobra, dona da atenção de homens que cruzavam centenas de quilômetros para visitá-la e do ciúme de milhares de esposas e mulheres que a invejavam – figura singular da cosmologia local, que certamente merecia a alcunha de obra de arte, uma vez que vivia para e pelo o prazer.

Mona Lisa morava sozinha numa casa afastada do centro, onde atendia seus clientes com auxílio de dois leões de chácara para espantar curiosos e visitantes indesejados. Garota esperta, nunca precisou de cafetão para agenciá-la, conseguindo clientes pelas habilidades na cama e pela capacidade de fazê-los esvaziar os bolsos com um sorriso no rosto. Sua fama se fez no boca a boca, e logo todos os ricos e poderosos da região ficaram interessados em conhecê-la. Dizia a lenda que ela era capaz de enlouquecer os homens e que mais de um perdeu tudo tentando conquistar seu coração.

Leandro sabia de tudo isso quando bateu em sua porta, inclusive que não era o tipo de cliente aceito entre aquelas paredes. Mas não cairia sem luta. Mona Lisa não se deixou enganar por suas roupas novas, aparência limpa ou mesmo pelas dez peças de prata oferecidas para passar a tarde com ela. O jornalista precisou usar sua melhor prosa, apelando para a vaidade da moça e a capacidade que ele tinha como escritor de imortalizá-la com

palavras em poemas e histórias em sua homenagem a serem passadas de uma geração a outra. Algo no discurso dele fez a moça pensar duas vezes e aceitar a proposta. Pelo dobro do preço, que Leandro pagou alegremente. A Doninha coube esperar o interlúdio amoroso na varanda, junto dos dois leões de chácara, que jogavam dominó para passar o tempo.

Adolescente irascível, o rapaz logo perdeu a paciência com a espera e demonstrava ansiedade ao chutar pedras pela rua, mas nem isso era o suficiente para distraí-lo. Frustrado, sentou-se num balanço e tirou o caderninho que vinha carregando no bolso. Imaginou que aprenderia mais sobre jornalismo lendo as anotações de Leandro do que o seguindo em peregrinações sem sentido. No entanto, por mais que espremesse os olhos, era praticamente impossível decifrar os garranchos do jornalista. Não havia jeito: não poderia fazer nada além de assistir ao tempo passar. Por volta das quatro da tarde, quando o fantasma do sol já avançava em sua descida rumo ao horizonte, a porta da casa se abriu.

Doninha pulou fora do balanço. Um sorridente e desalinhado Leandro ressurgia com as roupas amassadas, camisa com botões nas casas erradas, os cabelos arrepiados e o terno enrolado nas mãos junto da bengala. Na porta, encontrava-se a morena de olhos verdes de quem todos falavam, coberta apenas com um lençol branco, que não escondia muita coisa, e a cartola perdida do jornalista.

– Adorei nossa tarde juntos, meu poeta – disse a moça, soprando um beijo para o cliente. – Não deixe de me mandar seus escritos, viu?

– *Mi corazón* – respondeu Leandro, todo meloso. – Farei mil versos em vossa homenagem. Escreverei livros de fazer inveja a Borges, García Márquez e Machado de Assis juntos. Tenha certeza, *cariño mío*, que nossa tarde será imortalizada e cantada até o fim dos tempos. Isso eu juro a você.

A morena deu uma risadinha, piscou para o amante e fechou a porta sem mais cerimônias. Leandro ficou ali, parado, a observar o verniz da madeira como se fosse um quadro. Os leões de chácara não lhe deram a menor atenção. Aquela devia ser uma situação comum por ali. Doninha se adiantou até parar ao lado do jornalista.

– E então? – perguntou, tirando Leandro de seu torpor.

– Se eu morresse agora, morreria feliz – comentou o jornalista, avoado.

– Quer dizer que podemos continuar com nossas lições de jornalismo?

– insistiu Doninha.

Leandro se endireitou, talvez percebendo pela primeira vez quanto parecia um tolo, com as roupas todas desarrumadas. Logo se pôs a colocar os botões nas casas certas da camisa.

– E quando paramos? – quis saber, saindo da varanda. – Não vai me dizer que ficou à toa esse tempo todo?

Doninha mancava atrás do jornalista.

– Você me mandou esperar – acusou, ofendido. – O que queria que eu fizesse?

Após arrumar a camisa, Leandro começou a trabalhar no terno, que estava virado ao contrário.

– Ora, meu caro Carlitos, chá de cadeira é uma das principais constantes na vida de um jornalista, principalmente quando se entrevista autoridades, que tentam nos vencer pelo cansaço, como se *la mierda* deles não fedesse que nem a nossa. Por isso é importante aprender algumas técnicas para aproveitar esse tempo relativamente perdido. Peguemos nossa breve visita à bela Mona Lisa, *qué mujer!*, como exemplo. Por que não tomou a iniciativa e entrevistou os dois leões de chácara dela?

– O que aqueles dois paspalhos poderiam saber do incêndio? – protestou Doninha. – Eles passam o dia todo jogando dominó. Se juntar os dois não dá um neurônio. E quanto a você, que ficou só lá no bem-bom com a dona Mona Lisa?

Leandro parou de caminhar, terminando de colocar o terno, e levantou o indicador, como um pedido para que o aprendiz prestasse atenção.

– Ora, não me venha com acusações, pois nunca abandonei a missão, *chico* – respondeu. – Posso ter aproveitado umas poucas horas para satisfazer a minha libido, é bem verdade, mas também descobri que o delegado Carrapato deixou a cidade pela saída leste em uma carroça lotada de tranqueiras na noite do incêndio.

Doninha piscou várias vezes, com o queixo caído.

– Como descobriu isso?

Leandro sorriu, enigmático.

– Quando se chega ao meu grau de excelência, meu caro, é como se as notícias caíssem no meu colo. Algumas vezes, literalmente. É por isso que sou um profissional e você, meu aprendiz. Agora, não estou vendo você anotar nada disso.

Doninha tirou o caderninho e a caneta do bolso, voltando a rabiscar as páginas com a diligência habitual.

– O que mais a moça lhe disse? – quis saber.

– Além da fuga do nosso delegado, você quer dizer? Isso só já daria um belo *lead* para a matéria. Mas fiquei sabendo também que ele deixou a mulher para trás. Uma tal Rosalinda Cesário, que mora numa mansão na Travessa dos Apaixonados e deve se mudar de lá, para voltar à casa do pai, na semana que vem.

Doninha bateu com a caneta no caderninho.

– Imagino que devemos prestar uma visita a essa senhora, não?

– Com toda a certeza – concordou Leandro. – Será nossa primeira missão amanhã.

Doninha não acreditava em seus ouvidos.

– Mas porque não fazemos isso agora? Não são nem cinco da tarde ainda.

– Carlitos, Carlitos, Carlitos – cantarolou Leandro, de bom humor. – Jornalismo não é só bater ponto e entrevistar as pessoas certas, sabia? É preciso viver, conhecer as pessoas, caminhar pela cidade e sentir a informação correndo por nossas veias. O bom jornalista nunca apressa a notícia. Ele a estuda, desenvolve, cuida dela e a acalenta. Tudo isso antes de colocar uma palavra no papel. Então, por que toda essa pressa?

Doninha torceu o nariz, pouco convencido.

– Nesse caso, para onde vamos agora?

Leandro tirou a bolsa com as peças de prata de dentro do terno, mostrando que estava bem mais leve e vazia do que quando chegou à cidade.

– Preciso recuperar os custos que tive com minha pré-avaliação da pauta – explicou. – Espero que você saiba onde ficam as melhores mesas de pôquer de Miradouro.

7

Doninha levou o jornalista ao Cabeça da Onça, um bar de reputação duvidosa com uma clientela que abarcava maus elementos e os chamados cidadãos de bem, que buscavam esquecimento no fundo de um copo de cachaça. Por ficar próximo à delegacia incendiada, o bar era considerado um

terreno neutro pelos bandidos, uma vez que muitos policiais também o frequentavam, tanto que Doninha estacou ao ver um rosto conhecido numa mesa de pôquer. Era o soldado Martinho, que jogava cartas com velhos conhecidos ainda com o uniforme do regimento e que era o homem que trancara o adolescente atrás das grades.

Para horror de Doninha, o soldado levantou uma sobrancelha ao vê-lo.

– Oxe, veja só quem temos por aqui hoje – comentou Martinho, virando-se para um colega. – Diz aí, Valdemar, aquele ali não é o moleque que andava infernizando o padre Olegário antes de a delegacia pegar fogo?

O soldado Valdemar se virou e sorriu ao ver o adolescente assustado.

– Mas é o próprio pestinha – confirmou. – E sabe do que mais, Martinho, ouvi dizer que ele pichou a igreja novamente.

Martinho se levantou da cadeira.

– Esses pivetes nunca aprendem...

Nisso Leandro se interpôs entre Doninha e os soldados.

– Senhores, acredito que estejam enganados – afirmou. – Embora Carlitos possa ter cometido erros no passado, hoje ele trabalha para mim e tem demonstrado ser um profissional exemplar.

Os soldados se entreolharam, desconfiados, de mão na cintura, próximas aos revólveres que carregavam. Pelo olhar embriagado e as bebidas distribuídas na mesa, dava para perceber que os dois estavam ali havia algum tempo.

– E quem é você? – quis saber Martinho, indo direto ao ponto.

– Leandro Fuentes, repórter do *Edição Extraordinária* – apresentou-se, entregando cartões para ambos. – Estou produzindo uma matéria sobre o incêndio da delegacia e o impacto que isso teve para a comunidade local. Se for possível, adoraria conversar com os senhores sobre o que aconteceu aquele dia.

Martinho e Valdemar recuaram.

– Acho que é melhor o senhor procurar o delegado – disse um deles.

– Somos só soldados rasos – justificou o outro.

– Não temos nada muito interessante para falar.

– Estava de folga naquele dia.

– E eu saí mais cedo.

Leandro assentiu, dando de ombros.

– Bom, agradeço aos senhores pela atenção e peço desculpas por atrapalhar o jogo de vocês. Prometo não incomodar mais.

Os soldados voltaram para a mesa de pôquer, sem se importarem mais com a presença de Doninha. Leandro se abaixou e cochichou para o aprendiz:

– Está vendo? Nem sempre procurar policiais é a melhor fonte de informação para uma matéria. Alguns podem até passar umas dicas quentes, mas a maioria não vai abrir a boca, principalmente para um jornalista que mal conhecem, como eu. Agora, vamos atrás de uma mesa que tenho um encontro com a dona sorte.

Faltou, no entanto, avisar a dona sorte sobre o tal encontro. As peças de prata de Leandro começaram a se esvair no minuto em que ele se sentou na mesa, que já contava com outros três jogadores mal-encarados. As cartas também não ajudavam. Números inúteis dançavam entre seus dedos enquanto reis, rainhas e ases davam as caras em duplas e trios nas mãos dos oponentes. O volume da fortuna do jornalista diminuía a olhos vistos com o passar das horas.

Doninha se aproximou do jornalista.

– Não é melhor deixar a mesa enquanto ainda lhe sobra alguma dignidade, senhor? – cochichou.

– Bobagem – desconsiderou Leandro. – É preciso perder um pouco para que se possa ganhar um monte. Aguarde e verá. Sinto que minha sorte está prestes a mudar.

– Bom, nesse caso, será que pode me pagar aquela peça de prata prometida pelos serviços que lhe prestei hoje?

Os dois discutiam os pormenores do pôquer e de pagamentos quando um homem esbaforido entrou aos berros no bar:

– Os soldados estão chegando! Os soldados estão chegando!

O pianista imediatamente parou de tocar e todos os jogos sofreram com pausas forçadas. Além do burburinho que se levantava das mesas, os clientes do bar começaram a ouvir algo mais, como as pessoas que corriam nas ruas lá fora, levando a notícia adiante, e um barulho distante, mecânico, que todos conheciam muito bem. Jogadores recolheram seus ganhos e alguns deles escaparam sorrateiramente, com medo do que estava por vir. Uma tensão geral deixou todos com os nervos à flor da pele. Os clientes se levantaram e se dirigiram para a rua, como se essa fosse a atitude esperada. Doninha puxou Leandro pela mão.

– O que está acontecendo? – quis saber.

O jornalista encarou o adolescente com uma preocupação que não tinha demonstrado até então.

– São os homens do coronel Olho de Cobra – respondeu, num tom baixo. – Acho que eles finalmente chegaram à cidade.

Uma multidão se formou naturalmente pelas calçadas, nas portas de bares e restaurantes, com pessoas amontoadas umas ao lado das outras, sem se atreverem a colocar os pés na rua. Leandro percebeu que os moradores das proximidades fechavam as janelas e trancavam as portas. Ninguém era bobo. Todos ouviam o barulho das máquinas que se aproximavam, distantes. Elas soavam como o rosnado de uma fera primordial, que aumentava conforme a besta faminta se aproximava das vítimas indefesas. O jornalista passou o braço sobre o ombro de Doninha, puxando-o para junto de si. O adolescente tremia, assustado.

– Vai ficar tudo bem – mentiu.

Num instante, o primeiro par de faróis cortou a escuridão do início da noite enquanto o motor do caminhão rugia, soltando uma fumaça escura no céu. Atrás deles, vinham outros veículos: camburões blindados com metralhadoras em torres móveis no topo e jipes grandes e pesados. Os automóveis levantavam poeira na medida em que estacionavam no descampado em frente à delegacia destruída. Soldados vestidos todos de preto com fuzis, escopetas e metralhadoras desciam das feras metálicas e tomavam posições estratégicas pelas ruas adjacentes. Quando preciso, berravam ordens para os locais, afugentando-os ou os conduzindo para onde queriam.

Leandro e Doninha seguiam o fluxo, agarrados um ao outro, com medo de levarem um tiro acidental caso tentassem fugir. Fazia muito tempo que nenhum deles via uma aglomeração de militares como aquela. Então, um homem grande de coturnos com biqueiras de aço, calças militares e uma camiseta preta com uma pequena caveira no peitoral direito tomou a frente do grupo. Sua pele era branca e rachada como a terra do sertão, lembrando as escamas de um lagarto branco. Seus olhos eram dois pontos vermelhos a esquadriharem a multidão. Leandro conhecia aquele homem e engoliu em seco ao vê-lo. Berne, o Dragão Albino, acabava de chegar a Miradouro.

Ele levou um megafone até a altura da boca.

– Povo de Miradouro – anunciou, em alto e bom som, conquistando a

atenção de todos. —, em nome do coronel Olho de Cobra e da segurança de seu território, eu, major Berne, declaro estado de sítio nesta cidade a partir de hoje!

A multidão recebeu a notícia no mais completo silêncio, todos muito conscientes das armas que os soldados empunhavam e apontavam ocasionalmente para alguém suspeito. Leandro não ouvia uma respiração sequer ao redor.

— A partir de agora, todo e qualquer cidadão que for pego circulando pelas ruas após as oito da noite será detido para averiguação — continuou Berne, em tom autoritário. — Entradas e saídas da cidade serão rigorosamente vigiadas, e todos devem se identificar nos postos oficiais que estão sendo montados nas passagens. Estamos aqui para garantir a segurança de todo cidadão de bem e não toleraremos qualquer tipo de crime, que serão punidos com o máximo rigor da lei. Inclusive, daremos início na noite de hoje à construção de forcas coletivas aqui mesmo, na praça principal da cidade, onde vamos pendurar todos os bandidos que estavam presos e conseguiram escapar na confusão criada por inimigos do território.

Doninha apertou a mão de Leandro com força.

— Daremos trinta peças de cobre por cada criminoso capturado — completou Berne.

Foi o que bastou para que a confusão se instaurasse. Dois tipos suspeitos tentaram fugir, um correndo pela rua e o outro partindo em disparada por um beco, mas os soldados estavam preparados. Gatilhos foram apertados. Duas balas acertaram as costas de um fugitivo e o outro ganhou uma na nuca. Ambos estavam mortos quando chegaram ao chão. Menos dois para a forca. A multidão se movimentava, nervosa e assustada. Leandro e Doninha se abraçavam, até que um soldado se meteu entre os dois e agarrou o adolescente pela barriga. Era Martinho.

— Tenho um criminoso para a forca aqui comigo — gritou, levantando o garoto, que se debatia como podia. — Eu mesmo o coloquei atrás das grades antes de colocarem fogo na delegacia.

— Não — protestou Leandro, procurando se desvencilhar da multidão. — Ele é só um garoto. Não façam isso.

De repente alguém desferiu um soco no rosto do jornalista, lançando-o para trás. Era o soldado Valdemar, que lhe sorria como uma hiena e falava palavras sem sentido antes de acertar seu rosto novamente. O mundo

escurecia ao redor, as luzes se apagavam e a esperança chegava ao fim...

Capítulo 10

Demonstração de força

1

BAM! BAM! BAM! BAM! BAM!

Aquela noite foi impossível dormir em razão do bater incessante dos martelos, que atravessou a madrugada e entrou firme pela manhã seguinte, uma sinfonia fúnebre que cobria a cidade com o terror dos velhos tempos. Berne mandou uma cápsula de anfetamina para dentro, de modo a se manter alerta, concentrado na difícil tarefa de caçar bandidos. Uma prisão provisória montada num estábulo vazio já contava com quase dez infratores com hora marcada com a força. Todos, porém, eram peixe pequeno. Ainda não havia sinal de Tião Peixeira ou de seu misterioso cúmplice, um negro de costas encurvadas, cabelos brancos, roupas coloridas e um cajado esquisito.

BAM! BAM! BAM! BAM! BAM!

Cinco soldados de Miradouro passavam os detalhes de ambos os marginais para o sargento Malhado, que produzia o retrato falado a ser usado nos cartazes de “Procurados”, que logo seriam espalhados pelas ruas da cidade e levados para outros pontos do território do coronel Olho de Cobra. Berne pegou o desenho assim que ficou pronto e deu uma boa olhada na cara dos inimigos antes de mostrar a imagem para os cinco soldados.

– Estes são os homens que atacaram a delegacia?

Os cinco soldados assentiram, todos ao mesmo tempo, como se tivessem coreografado o movimento.

– O negro era baixo, parecido com uma tartaruga, com pernas e braços longos.

– Já o Tião Peixeira era um cabra alto, forte e com olhos de matador.

Berne devolveu o desenho ao sargento Malhado.

– E qual era mesmo o nome do negro? Como ele se identificou para vocês?

Os cinco soldados se entreolharam.

– Macumba – respondeu um deles. – Ele disse que se chamava João Macumba.

BAM! BAM! BAM! BAM! BAM!

Berne se virou para o sargento Malhado.

– Você ouviu os homens. Mande o desenho para nossos rapazes do departamento de comunicação, com os nomes da dupla em caixa-alta assim como a recompensa pela cabeça deles: cem peças de ouro. Não esqueça de incluir os crimes cometidos pelos dois e uma descrição por escrito de suas fisionomias. Quero os cartazes distribuídos pela cidade até o meio-dia, entendeu?

O sargento Malhado se levantou e prestou continência. Berne o dispensou juntamente com os demais soldados. Aquilo cuidava de uma parte de suas obrigações, mas ainda havia muito trabalho pela frente. Ele despachava ordens de uma tenda militar levantada em poucos minutos em frente à delegacia destruída – um recado para qualquer criminoso de que a ordem seria restabelecida na marra, como a construção dos dois cadafalsos em ambos os lados da tenda deixava bem claro.

BAM! BAM! BAM! BAM! BAM!

Nesse momento, entrou na tenda um homem todo de preto, com os braços tatuados dos ombros aos dedos, com desenhos intrincados e sinistros e um rosto marcado por um nariz de papagaio meio torto e cabelos arrepiados cor de cobre. Berne levantou os olhos dos papéis em sua mesa. O homem prestou continência.

– Tenente Lucas Guará – cumprimentou. – O que tem para mim?

O homem de preto se aproximou parando diante da mesa.

– Garantimos a segurança do perímetro externo da cidade, senhor – informou. – Montamos postos de vigilância em cada entrada e saída de Miradouro. Pegamos alguns suspeitos tentando escapar na escuridão, mas já mandamos todos para averiguação na cadeia provisória. Temos a identificação positiva de ao menos um deles, um ladrão de cavalos conhecido da região.

Berne assentiu.

– Mais um bandido para a forca – determinou. – E o resto da cidade? Como tem encarado nossa ocupação?

Lucas juntou as mãos na frente do corpo, mudando o peso de um pé para o outro, mais à vontade.

– Como previmos, há medo e desconfiança nas ruas – afirmou o tenente. – Mas a população tem nos recebido de braços abertos. Conseguimos

alojamentos para a maior parte de nossos homens e recebemos propostas de seis restaurantes para alimentar a tropa a um custo baixo. Pedirei a um dos homens que traga a papelada daqui a pouco, para que o senhor possa avaliá-la. No entanto, o mais importante é que o comércio voltou a abrir e os criminosos estão entocados, com medo de dar as caras nas ruas. Acredito que não tenhamos problemas daqui em diante, senhor.

BAM! BAM! BAM! BAM! BAM!

Berne olhou para o lado, sentindo um princípio de dor de cabeça. Os martelos não paravam de cantar do lado de fora da tenda. Ossos do ofício.

– E quanto a pistas do paradeiro de Tião Peixeira e João Macumba? – quis saber.

Lucas se remexeu, como se a pergunta o incomodasse.

– Temos relatos de que os dois foram vistos, juntos, no topo de um morro ao norte daqui, no dia do incidente, senhor – contou. – Eles permaneceram lá pelo restante daquele dia. Ninguém teve coragem de abordá-los. Os dois desapareceram em algum momento da noite e não foram vistos desde então.

Berne segurou o queixo, pensativo.

– Isso não nos dá muito com o que trabalhar, certo?

– Não, senhor. Receio que não.

BAM! BAM! BAM! BAM! BAM!

Os dois ficaram em silêncio por um momento.

– Ok, tenente – concluiu Berne. – Mande algum dos homens me trazer a papelada dos restaurantes. Vamos ver quanto poderemos economizar por aqui.

Lucas prestou continência mais uma vez e estava prestes a deixar a tenda quando pareceu se lembrar de algum outro assunto e se virou de volta.

– Senhor? – chamou.

Berne levantou os olhos para ele.

– Sim?

Lucas se aprumou, meio sem graça.

– Tem um homem lá fora querendo dar uma palavrinha com o senhor – revelou. – Ele passou a noite inteira importunando a guarnição. Algo sobre uma prisão irregular. Também diz ter informações que podem lhe interessar, mas não conseguimos arrancar nada dele. Ele diz que só vai revelar o que tiver para o senhor. Pode não ser nada. Pode ser só mais um maluco, mas

achei que o senhor gostaria de saber.

BAM! BAM! BAM! BAM! BAM!

Berne trincou os dentes, sentindo a anfetamina bater.

– Esse homem, por acaso, tem um nome?

Lucas assentiu.

– O nome dele é Leandro Fuentes, senhor – revelou. – Ele diz que é jornalista.

2

Em seguida, um homem de roupas amarrotadas entrou na tenda. O terno branco estava sujo de poeira e sangue. As calças sociais, manchadas de terra na altura dos joelhos e com um rasgo considerável na lateral esquerda. Os sapatos pretos haviam perdido o brilho. Apenas os cabelos encaracolados lembravam o repórter que visitara o Ninho da Serpente, uma vez que o lado direito de seu rosto se apresentava parcialmente deformado, com lábios arrebitados, o nariz quebrado e um olho que não passava de uma fenda em meio a todo o inchaço.

– Jesus! – comentou Berne, levantando-se. – Parece que sua cara passou por um moedor de carne, Leandro.

O jornalista se aproximou, com as mãos tremendo.

– Eu vou melhorar – afirmou. – Mas o mesmo pode não acontecer com um garoto que vocês prenderam injustamente. O nome dele é Carlitos, embora seja mais conhecido como Doninha. Ele tem apenas quinze anos. Não merece a força. Vocês precisam reconsiderar o caso dele.

Berne parou ao lado do jornalista, olhando-o de cima.

– Por favor, sente-se – disse, indicando uma cadeira. – Aceita um copo d’água?

O jornalista se sentou, desabando na cadeira.

– Estou bem, obrigado – respondeu. – Podemos falar sobre Carlitos?

Berne apoiou o peso contra a mesa, cruzando os braços.

– Primeiro, diga o que tem para mim – exigiu.

Uma lágrima involuntária escorreu pelo olho de Leandro, que fez questão de secá-la com as costas da mão, como se odiasse tal demonstração de fraqueza diante do homem responsável pelo estado de sítio em Miradouro.

– Você não tem coração? – atacou. – Ele é só um adolescente.

Berne permanecia impassível.

– Que estava atrás das grades no dia em que atacaram esta cidade – rebateu. – Goste você ou não, ele tem culpa no cartório e merece balançar na corda do carrasco tanto quanto qualquer outro criminoso que capturamos.

– Por picar algumas paredes? – insistiu Leandro.

– Diga o que tem para mim – repetiu Berne. – E então falaremos sobre Doninha.

Leandro mordeu os lábios, remexendo-se na cadeira, claramente desconfortável. Berne aguardou, encarando o jornalista de olhos semicerrados. Ele havia se colocado naquela situação, para a qual só se apresentava uma saída disponível. Berne não lhe daria nenhuma outra opção.

– Carrapato – disse, entredentes. – Ele fugiu da cidade na calada da noite, no dia em que a delegacia queimou – revelou.

Berne descruzou os braços, interessado.

– Você sabe onde ele está?

Leandro encarou o outro em silêncio, como se avaliasse suas opções.

– Sei quem pode lhe dar esta informação – revelou, enfim.

Berne circulou o jornalista.

– Quem?

Leandro não disse nada. Berne parou diante da cadeira e se agachou, invadindo o espaço pessoal do visitante até ficar com o rosto a poucos centímetros do outro, uma expressão enfezada nos olhos.

– Quem? – repetiu, num tom mais baixo e ameaçador.

Para mérito do jornalista, ele não cedeu.

– Primeiro preciso da sua garantia de que Doninha será libertado – exigiu.

Berne se afastou, colocando a mão no ombro do jornalista e apertando, sem nenhuma gentileza.

– Você não está em condições de fazer exigências – alertou Berne.

Leandro soltou um gemido involuntário, tentando se livrar do aperto, logo percebendo que não contava com forças para tanto.

– Você não arrancará nada de mim – prometeu Leandro.

– Vamos ver.

Berne puxou o jornalista, que se levantou, procurando inutilmente resistir.

– Você não pode fazer isso – reclamou. – Sou um profissional da imprensa. Tenho direitos.

Berne não lhe deu ouvidos, apalpando seus bolsos até encontrar o que queria. Ele tirou um caderninho amassado de um bolso interno do paletó do jornalista.

– Não – protestou Leandro. – Isso é meu, não é para os seus olhos.

Berne o empurrou de volta para a cadeira. O jornalista ameaçou levantar, mas o indicador do outro apontou para sua cara, fazendo-o parar.

– Levante o rabo dessa cadeira e a surra que lhe deram vai parecer um passeio no parque, entendeu?

Leandro recuou, assustado. Berne não tirou os olhos dele, enquanto voltava a se apoiar contra a mesa. Ele abriu o caderninho. A princípio, não compreendeu nenhum dos garranchos que marcavam aquelas páginas. As palavras eram ininteligíveis, nada além de traços malfeitos e marcações misteriosas. No entanto, quando se aproximou das últimas páginas, percebeu uma mudança tremenda na grafia, que passou a adquirir um estilo mais claro e conciso. Ele sorriu.

– Deixe-me adivinhar – disse. – O tal Doninha estava atuando como seu secretário pessoal?

– Estagiário – respondeu Leandro, amuado. – Ele queria ser jornalista.

Berne parou na última página, onde encontrou a informação que lhe interessava.

– Rosalinda Cesário – leu.

Leandro baixou a cabeça. Berne jogou o caderninho no colo do jornalista.

– Isto é o melhor que tem a oferecer? – indagou. – O nome da mulher que o delegado deixou para trás? Como se essa não fosse a primeira parada que meus homens farão quando eu ordenar que me tragam a localização desse bastardo incompetente...

Leandro não disse nada, reconhecendo que estava derrotado. Berne desencostou da mesa e caminhou até a entrada da tenda.

– Tenente Guará – chamou. – Um minutinho do seu tempo, por favor?

Leandro segurou o braço da cadeira, seu olho bom aberto como uma coruja.

– O que você está fazendo? – quis saber.

Berne não disse nada, até o tenente Lucas Guará entrar e lhe prestar

continência.

– Como posso ajudá-lo, senhor?

Berne apontou para o jornalista.

– Tenente Guará, por favor, prenda este homem por perturbação da paz – determinou.

Leandro se levantou, assustado.

– Mas não fiz nada – protestou. – Você não pode fazer isso.

O tenente avançou, pegando o jornalista e forçando suas mãos para trás, de modo a algemá-lo.

– Pelo contrário, meu caro – disse Berne, muito calmo. – Esta cidade se encontra em estado de sítio. Minha palavra aqui é a lei e certamente não podemos permitir que jornalistas enxeridos como você circulem livremente por aí, espalhando caos e pânico com algumas palavras malcolocadas. Ao menos, não até a ordem ser restabelecida.

O rosto de Leandro se avermelhou.

– *Hijo de puta* – xingou na língua materna. – *Chinga tu madre, pendejo!*

Berne se virou para o tenente.

– Não o deixe na mesma cela que os outros – recomendou. – Apesar de ser um incômodo, nosso amigo não merece a força e deve ser libertado quando tivermos resolvido os problemas da região, entendido?

– Perfeitamente, senhor – concordou o tenente, escoltando o prisioneiro.

– Faça o que quiser comigo, Berne – protestou Leandro enquanto era levado embora. – Mas liberte o garoto. Se quer fazer justiça, não se torne um monstro. Ele não merece esse destino. Solte o menino.

Berne trincou os dentes: odiava ser chamado de monstro.

– Espere um minuto, tenente – ordenou.

Lucas parou, já na entrada da tenda. Leandro se permitiu encarar Berne com um pingo de esperança, enquanto ele se aproximava com passos pesados. Ele parou a poucos centímetros do jornalista, de cara fechada.

– Tudo que seu garoto vai ganhar é um laço no pescoço – rosnou. – E eu estarei na primeira fila para ver as pernas daquele merdinha balançarem.

Por volta do meio-dia, o major Berne estava elétrico, ainda que com uma dor de cabeça insistente que se recusava a ir embora. Parte disso se devia a todos os apelos e súplicas que recebeu pela vida de prisioneiros condenados. Eram mães, pais, amigos e colegas de trabalho implorando para que ladrões, estupradores e assassinos escapassem da força. Alegações de provas insuficientes, prisões errôneas e acusações injustas não faltavam. Nada que fizesse o major mudar de ideia. Nem a aparição do padre responsável pela prisão de Doninha foi capaz de comovê-lo.

– Nunca quis a força para o garoto – argumentou o religioso. – Só queria dar um susto nele para ver se criava um pouco de juízo. Ele é jovem, sua alma ainda pode ser salva.

Berne prometeu pensar no caso. Uma promessa vazia. Mesmo que a prisão de Doninha fosse irregular, o major não podia recuar. Tinha ordens a cumprir e não podia facilitar para ninguém. Ele trincou os dentes ao chegar à Travessa dos Apaixonados e parar na frente da casa de dois pavimentos, que contava com um jardim enfeitado com plantas de plástico. Coqueiros, samambaias e até flamingos de mentira evocavam tempos mais felizes. Dois homens armados faziam vigia na frente da casa. Eles prestaram continência ao verem o major se aproximar.

– Ela está lá dentro? – quis saber Berne.

Os dois soldados assentiram ao mesmo tempo.

– E ainda se recusa a falar?

– A moça alega que o pai dela controla a região e não temos o direito de ficar aqui – respondeu um dos soldados. – Ela apresentou documentos, inclusive – continuou, sem graça. – Por isso mandamos chamá-lo...

O rosto de Berne revelava seu mau humor com a situação, o que, por sua vez, deixava os soldados desconfortáveis. Ninguém gostava de atrapalhar o chefe com problemas inúteis, não obstante fosse um caso de hierarquia. Eles não podiam tocar um dedo em Rosalinda Cesário para que ela confessasse o que quisessem, não enquanto ela fosse filha de Sergei Cesário, o preguiçoso senhor de terras responsável por Miradouro que nem se dignificou a ir à cidade em seu momento de maior necessidade.

– Vocês fizeram a coisa certa – concedeu Berne. – Onde ela está?

Os soldados deram orientação. Ao entrar na casa, Berne notou as caixas cheias de prataria encostadas num canto, as estantes vazias e as

cômodas nuas. Fez uma anotação mental e subiu para o segundo andar, ao quarto do casal, de onde vinha a voz indignada de uma mulher a discursar sobre as injustiças vigentes. Protegido pelas sombras, Berne deu uma espiada no quarto. Havia uma negrinha em vestes de empregada de pé, no meio do recinto, escutando as reclamações da patroa com a paciência dos submissos.

Berne deu uma boa olhada em Rosalinda, sentada de frente para um espelho e pintando os lábios de vermelho. O que mais chamava a atenção em seu rosto era o nariz perfeito, empinado como uma bandeira, abrindo espaço para olhos verdes sensuais e dominadores. Mesmo sem sair de casa, ela se arrumava como se estivesse a caminho de uma festa, com um corselete de couro a destacar o busto avantajado e calças justas parecendo a segunda pele de uma onça. Não era uma combinação muito elegante, mas nada indicava que Rosalinda fosse uma moça muito instruída.

– Quem eles pensam que são? – reclamou a mulher, largando o batom para retocar as sombras em cima dos olhos. – Me colocando em prisão domiciliar, veja só! Como se eu fosse uma bandida. Isso não vai ficar assim, Salete. Mas não vai mesmo. Meu pai vai ficar sabendo de tudo e terá uma palavrinha com o coronel Olho de Cobra, aí quero ver esses soldadinhos de merda se ajoelharem na minha frente e pedirem perdão pelo modo como me trataram.

Berne considerou que havia ouvido o suficiente. Saindo das sombras, entrou no quarto com passos leves, sem ser notado por nenhuma das duas.

– Pode reclamar diretamente comigo, senhorita – anunciou.

Pelo espelho, Berne notou o susto que Rosalinda levou ao vê-lo, mas foi Salete quem gritou. A negrinha se virou para ele e não se conteve. Era uma reação natural, à qual estava acostumado, especialmente vinda de mulheres com os nervos à flor da pele. Em tais ocasiões, sabia que o melhor a fazer era se manter sério. Seu sorriso costumava assustar ainda mais as pessoas que acabavam de conhecê-lo.

– Sou o major Berne – apresentou-se, como se nada tivesse acontecido. – Braço direito do coronel Olho de Cobra e responsável pela intervenção em Miradouro. Receio que haja um engano. Meus homens não a colocaram em prisão domiciliar: apenas a mantiveram aqui para a sua segurança e para que estivesse em casa quando eu chegasse. Temos muito o que conversar...

Rosalinda se levantou, procurando disfarçar o medo ao ajeitar os

cabelos louros. Ela era mais alta do que parecia, com pernas longas e finas. A mulher se forçou a sorrir. Salette ainda tremia, próxima à cama, sem conseguir tirar os olhos assustados de Berne e de sua pele cheia de placas e manchas estranhas.

– Major Berne – cumprimentou com uma voz doce, muito diferente da que usava antes. – Que surpresa! Não o esperava tão cedo.

Berne olhou para as malas acomodadas perto da porta.

– Preparando-se para alguma viagem, senhorita?

Rosalinda ainda sorria, com os cantos dos lábios repuxados demais, como se não conseguisse esconder o nojo que sentia.

– Fui abandonada pelo meu marido, como o senhor bem sabe – respondeu ela, fazendo um sinal para a empregada, que saiu do quarto, apressada. – E nunca gostei muito de Miradouro. Pretendo voltar para a casa de meu pai.

Berne assentiu, com as mãos nas costas, sem conseguir ignorar a maneira vidrada com que a mulher o encarava.

– Caso esteja se perguntando, sou um albino com ictiose severa – informou. – É isso que faz minha pele parecer escamas de cobra. Como a doença não tem cura, também deixei as unhas crescerem como garras. Se Deus me deu uma máscara que não posso tirar, é melhor usá-la com orgulho, não concorda?

– Desculpe – disse Rosalinda se aproximando dele, timidamente. – Claro que já ouvi falar no senhor. O Dragão Albino é famoso por essas bandas. Só nunca esperei encontrá-lo assim, frente a frente.

Só então Berne notou que não era medo o que via nos olhos de Rosalinda. Era alguma outra coisa. Fascínio, talvez – situação à qual não estava nem um pouco acostumado. Ele estendeu o braço para ela, que recuou um passo, insegura.

– Pode tocar – concedeu. – Não sou contagioso.

Por um momento, pareceu que Rosalinda fosse recusar o convite, mas então ela se aproximou com as unhas pintadas de vermelho e pegou a mão dele com gentileza. Berne deixou a mulher passar os dedos pelas costas do braço, mal sentindo o toque por causa da pele seca, dura e cheia de rachaduras. Era sua maldição pessoal, a barreira que o impedia de perceber o mundo com mais intensidade. Sua pele era como uma armadura natural, que o isolava e protegia de tudo, até das coisas belas do mundo.

Rosalinda levantou o rosto para ele.

– Isso dói? – quis saber.

Berne balançou a cabeça.

– Podemos falar do seu marido agora?

O brilho desapareceu dos olhos de Rosalinda, que recolheu as mãos, fazendo Berne quase se arrepender da escolha de palavras que fez. Era raro sentir o toque de uma mulher, quanto mais de uma tão bonita quanto aquela, mas a ocasião não permitia o estabelecimento de intimidades. Precisava cumprir sua missão.

– O que vocês querem com meu marido? – perguntou ela, de costas.

Berne relaxou um pouco e indicou uma poltrona ao lado da cama.

– Você se incomoda?

Rosalinda o olhou de soslaio e balançou a cabeça, recuando até a cadeira em que estava sentada antes da chegada do major.

– Fique à vontade.

Berne se sentou, cruzando as pernas e descansando as mãos nos braços da poltrona. Ele olhou ao redor e notou um cinzeiro na cabeceira da cama com um cemitério de guimbas, enterradas em montes de cinza. Dirigiu o olhar novamente para Rosalinda e percebeu que seus dedos tremiam levemente. Ela sabia que aquela não era uma visita social.

– Pelo que ouvimos dizer, Carrapato deixou a cidade com bastante pressa após o incêndio na delegacia – contou, levantando os olhos para ela.

Rosalinda engoliu o sorriso como se fosse algo amargo, remexeu os dedos, nervosa, e tirou um maço de cigarros de uma gaveta.

– Vocês querem saber para onde ele foi?

– O coronel Olho de Cobra gostaria de saber – corrigiu Berne.

Rosalinda assentiu, puxando um cigarro do maço com os lábios carnudos.

– Meu marido não é nenhum idiota, senhor Berne – respondeu a mulher, decidindo deixar a conversa fiada de lado enquanto procurava um isqueiro na bolsa. – Ele sabia que seria um homem morto se ficasse na cidade após o incêndio. Acredita mesmo que ele me revelaria para onde estava indo, sabendo que um de vocês bateria na minha porta justamente atrás dessa informação?

– Por que não foi com ele?

Rosalinda fez uma careta e se segurou para não rir, abrindo as mãos

num gesto de inocência.

– Eu não fiz nada de errado – defendeu-se. – Devia me tornar uma fugitiva só porque aquele gordo idiota meteu o pé na jaca?

– Achei que tivesse dito que ele não era idiota – apontou Berne.

– Ele era meu marido – respondeu Rosalinda, acendendo o cigarro. – Só eu posso chamá-lo de idiota.

O rosto de Berne se contorceu num sorriso involuntário.

– Mas certamente a senhorita o amava, não?

Rosalinda soltou a fumaça com um suspiro.

– Ele me comprava coisas bonitas – respondeu, indiferente. – E tinha uma posição importante na comunidade. Como uma moça de família, preciso manter certo *status*. É importante manter as aparências. Mas, amor, não. Acho que nunca amei meu marido, se posso ser sincera com o senhor.

Berne descruzou as pernas e se inclinou para a frente.

– Mas ele a amava, não é verdade?

Rosalinda encarou o major de olhos semicerrados, estufou o peito e sorriu.

– Você não amaria? – provocou.

Berne acusou o golpe baixo. Ela era sensual, mas ele não estava ali para joguinhos.

– Ele deve ter lhe prometido alguma coisa – supôs. – Nenhum homem em sã consciência deixaria seu maior tesouro para trás.

Rosalinda baixou a cabeça, enrubescendo, mordendo os lábios, e então assentiu.

– Ele prometeu mandar notícias – revelou. – Quando a poeira baixasse. Daqui a um ou dois anos. tempo suficiente para que vocês percam o interesse nele.

Berne precisava lhe dar crédito. Ela parecia sincera. O major se levantou.

– Entendo – comentou. – Só que não vamos deixar esse assunto quieto. A senhorita entende isso, não é mesmo?

Rosalinda assentiu, com uma expressão neutra. Berne tirou um isqueiro metálico do bolso. Um Zippo. Ele o abriu, com um clique audível, e riscou a roleta, produzindo uma chama longa e viva.

– A senhorita disse que meu apelido é famoso por essas bandas, não é mesmo? – continuou. – Imagino que também saiba o motivo pelo qual me

chamam de Dragão Albino, certo?

Pela primeira vez, Rosalinda pareceu verdadeiramente assustada.

– Meu pai... – começou.

Berne, porém, cortou a chama do Zippo com um movimento brusco, fazendo com que Rosalinda também se calasse. Ele voltou a sorrir seu sorriso hediondo.

– Não se preocupe – disse, com voz mais compreensiva. – Eu não seria capaz de queimar um rosto tão bonito quanto o seu. Não sou um monstro.

Rosalinda não disse nada, mas uma lágrima lhe percorreu a face esquerda, manchando a maquiagem. Berne caminhou pelo quarto, admirando-o.

– Mas esta casa e todas as coisas dentro dela, isso eu poderia queimar sem pensar duas vezes – continuou.

– Não – protestou Rosalinda, colocando-se de joelhos diante do major. – Por favor, não queime minhas coisas. É tudo que tenho.

Berne se agachou diante da mulher, como um predador.

– Então conte o que quero saber.

4

Era aquela hora do dia em que as nuvens se tingiam de vermelho no oeste. Os martelos estavam calados, para o alívio de uns e a angústia de outros. Uma pequena multidão se reunia no descampado diante da antiga delegacia, onde dois cadafalsos de sete metros de altura cada um foram construídos e delicadamente enfeitados com grossas cordas de cânhamo que terminavam em laços redondos e vazios. Os marceneiros ainda se deram ao trabalho de construir um pequeno palanque, na frente do qual foram postas três filas de cadeiras, para autoridades e personalidades mais importantes de Miradouro. Um cordão de isolamento e guardas armados separavam a área do restante do público.

Para a ocasião, o major Berne se vestiu com algumas de suas melhores roupas, como um colete militar cheio de medalhas e condecorações que não valiam nada. Eram apenas parte da fantasia que usava quando o coronel Olho de Cobra precisava que fosse à guerra, assim como seu posto de

major. Ordem e hierarquia tranquilizavam as pessoas, faziam-nas pensar que tudo aquilo contava com um motivo claro e consistente, a despeito de talvez não serem muito espertas para compreender todas as implicações das ações em andamento. Deixavam que as autoridades se preocupassem com tais pequenos detalhes: eram somente testemunhas das forças do Estado.

Berne passou os olhos pelo público. Parecia que a cidade inteira fora ao evento. Notou olhares de nojo e repulsa na multidão, com os quais já estava acostumado, e deteve o olhar em famílias reunidas, mães com bebês de colo e crianças remelentas na barra da saia, assim como em ambulantes, que aproveitavam o movimento para vender pipoca e cervejas de procedências duvidosas. Eles o chamavam de monstro pelas costas, mas se empurravam em busca dos melhores lugares para assistir às mortes de um bando de criminosos, como se não tivessem parte no espetáculo hediondo em andamento.

O tenente Lucas Guará se aproximou com passos decididos.

– Os prisioneiros estão a caminho, senhor – informou, após uma rápida continência de rotina.

Berne acabava de calçar um par de luvas brancas.

– Ótimo – respondeu. – Peça ao sargento Malhado que me encontre após a conclusão dos serviços e separe dois dos nossos melhores homens para uma missão especial. Quero-os de prontidão. Partiremos amanhã, antes do nascer do sol.

O tenente levantou uma sobrancelha.

– Sabemos onde o delegado se escondeu? – sussurrou.

Berne assentiu levemente, com um sorriso discreto.

– Cuidarei disso agora mesmo, senhor – garantiu o tenente, que partiu do mesmo modo como chegou após uma segunda continência.

O major Berne se voltou para o público outra vez. A maioria das pessoas mais importantes da cidade já se encontrava por ali, inclusive Rosalinda Cesário, que usava um par de óculos escuros gigantesco e parecia muito entretida em um bate-papo com o padre Olegário para olhar na direção dele. Berne reconheceu os rostos de três donos de restaurante, se bem que não lembrasse seus nomes, bem como de dois médicos e um representante de Dentes de Ouro, o homem que controlava as principais casas de jogos de azar de Miradouro. Entre os convidados, também viu Mona Lisa, a garota de programa mais famosa da região, acompanhada de dois leões de chácara de

aparência nada amistosa. Tudo parecia um grande circo ou festa a fantasia, com os figurões aproveitando o momento para fazer contatos e exibir as roupas caras que só tiravam do armário em ocasiões especiais.

O som de um caminhão se aproximando fez com que as conversas baixassem para um burburinho ansioso. O major Berne aproveitou o momento para assumir o lugar no palanque. Os carrascos com as identidades ocultas por trás de máscaras de couro e uniformes pretos também subiram os cadafalsos como os espectros da morte que representavam. O público se calou por inteiro, estabelecendo uma tensão absurda ao ambiente que não se encontrava lá antes. Dava para ouvir um bebê chorando, solitário, em meio à multidão, assim como tosses breves e um ou outro sussurro. O motor do caminhão se encarregava de quebrar o resto do silêncio que sobrava. Todos sabiam o que o ronco nervoso da máquina anunciava: os condenados se aproximavam.

O caminhão levou um tempo para atravessar a multidão, que hesitava em perder o lugar ao abrir caminho para ele, mas finalmente parou próximo a um dos cadafalsos. Soldados armados pularam da caçamba, abriram-na e ordenaram que os prisioneiros descessem em fila indiana. Não dava para vê-los num primeiro momento, graças ao toldo que cobria a carroceria do caminhão. No entanto, o público podia escutar as correntes, com os elos batendo uns contra os outros enquanto os criminosos se movimentavam. Outro burburinho atravessou a multidão. Aquele era o show ao qual haviam ido assistir: os últimos passos de diversos homens.

Uma ave negra pousou sobre um poste e grasnou, agourenta. De súbito, os condenados apareceram: descalços, em roupas brancas, de linho cru, com mãos algemadas e pernas acorrentadas uns aos outros, para que ninguém fugisse na última hora. Um a um, desceram do caminhão com a ajuda dos soldados, uma vez que um saco cobria suas cabeças de modo a esconder suas identidades e proteger o público das caretas mortuárias que fariam ao dançarem na forca. No entanto, havia um prisioneiro que era impossível deixar de reconhecer, apesar da estratégia dos organizadores do evento, não só pelo seu aspecto mirrado, como pelo pé torto que o impedia de caminhar direito.

Carlitos Doninha foi o último a descer do caminhão, e uma mulher na multidão abriu um berreiro ao vê-lo daquele jeito. Não podia ser a mãe do garoto. Berne sabia que ele era órfão, sem nenhum outro parente próximo.

Talvez fosse só uma desconhecida, triste com a situação do menino, como algumas outras mulheres na multidão. Até Rosalinda levou a mão ao coração ao perceber que o último prisioneiro não passava de um adolescente. Berne trocou o peso de uma perna para a outra, incomodado com a situação.

– Estes que estão diante de vocês hoje são criminosos da pior espécie – anunciou sem deixar a voz fraquejar, atraindo a atenção da multidão. – Trata-se de homens que cometeram crimes como homicídios, latrocínios, estupros e atentados violentos ao pudor. São homens incapazes de viver em sociedade, muitos deles reincidentes em seus crimes e nem um pouco arrependidos das famílias que destruíram pelo caminho. Soltos, voltariam a fazer o que sabem: aterrorizar a população.

Uma voz feminina se manifestou em meio aos espectadores.

– Até mesmo o garotinho lá na ponta?

O major Berne preferiu ignorar a pergunta, apontando para os homens que eram distribuídos sobre os cadafalsos enquanto os carrascos prendiam os laços das cordas em seus pescoços e soltavam os grilhões de seus pés. As mãos permaneciam algemadas.

– Foram homens como eles que puseram fogo na delegacia desta cidade – acusou Berne, elevando o tom de voz de modo a não admitir críticas. – Foram homens como eles que aterrorizaram e roubaram o que puderam da população nos últimos dias. Homens que não respeitam a lei. Homens que acreditam ter direitos acima do cidadão comum. Homens que mataram outros homens. Homens que mataram mulheres. Homens que mataram crianças. Homens que renegaram a existência do próprio Deus, Nosso Senhor e Salvador.

O major Berne não deixou de notar como o padre Olegário baixou a cabeça ao ouvir tais palavras. O religioso sabia muito bem a quem ele se referia com a última frase. Ninguém mais reclamou da presença de Doninha entre os condenados, mas muitos balançavam a cabeça em sinal de censura a tal crime. O recado era claro: aquelas pessoas podiam até tolerar estupros e assassinatos, mas não perdoavam quem ofendesse seu deus. Berne trocou o peso dos pés, mais confiante.

– São homens assim que vocês querem ver soltos na rua?

– Não! – bradou a multidão em uníssono.

– Canalhas! – empolgou-se um bêbado, jogando uma garrafa vazia, que acertou o ombro de um dos condenados. – Queimem no fogo do inferno!

A atitude encontrou eco entre outros espectadores, que jogaram tomates, alfaces e ovos podres contra os prisioneiros, que não podiam reagir. Os xingamentos lançados contra eles variavam de bandidos e salafrários até coisas mais criativas como chupa-rola, resto de bosta e até mesmo satanista invertido, fosse lá o que isso quisesse dizer. Após o público extravasar a tensão, o major Berne levantou uma das mãos, pedindo silêncio. Demorou um pouco, e precisou de uma ajudinha dos soldados distribuídos pelo chão, até que todos se calassem. Berne se debruçou sobre o palanque.

– Senhoras e senhores, muitos de vocês não me conhecem nem nunca me viram antes – recomeçou. – Trabalho para o coronel Olho de Cobra, um homem honesto e preocupado com a população, que só deseja ver a humanidade se reerguer do buraco onde a Grande Guerra nos jogou. E é o que ele tem feito nos últimos dez anos. Todos aqui somos testemunhas disso, somos súditos desse homem que nos arrancou da lama e afastou o mal de nossas terras. É por isso que não podemos admitir que o que aconteceu nesta cidade se repita. É por isso que não podemos deixar que homens como esses caminhem livremente, sem prestar contas a ninguém e sem medo dos homens da lei. É por isso que teremos hoje nosso primeiro enforcement coletivo.

Ao fim de tal anúncio, a multidão explodiu numa salva de palmas animada. O major Berne sorriu, mesmo sabendo que tal gesto não seria compreendido pela maioria dos presentes, mas não conseguiu evitar. Havia cumprido seu papel como mestre de cerimônia, portanto, podia retornar para ao seu lugar e apreciar o restante do show.

– Deixo vocês agora com o padre Olegário, que dirá algumas palavras e prestará extrema unção aos condenados – concluiu.

Ao descer do palanque, cruzou com o padre Olegário, que estendeu a mão para um cumprimento rápido, ao qual Berne atendeu de bom grado.

– Ainda dá tempo de salvar o garoto – disse o padre. – Basta uma palavra sua.

– Não sou eu quem vai carregar essa cruz – respondeu o major, sorridente.

Em seguida, acenou para o povo, que ainda o ovacionava, e caminhou até o lugar reservado para ele. Berne se sentou e assistiu enquanto o padre Olegário assumia o palanque como se fosse um púlpito, com a face entristecida e culpada por motivos que a maioria ali desconhecia. Ele conhecia muito bem os pecados do padre e era o único capaz de oferecer o

perdão que o religioso procurava. Berne encarou o garoto com o saco na cabeça e a corda no pescoço, notando a umidade amarelada que se expandia na parte da frente da calça dele. Bastava uma palavra sua para que seus homens o soltassem, mas se manteve em silêncio.

5

No momento adequado, após o fim dos discursos, os carrascos assumiram seus lugares, um no fim de cada cadafalso. Doze homens se encontravam distribuídos entre eles, todos com as cordas no pescoço. Alguns procuravam falar, protestar talvez, ou apenas emitir as últimas palavras, mas o som saía abafado pelo saco que lhes cobria a cabeça. Os carrascos não lhe deram oportunidade de serem compreendidos. Passada a hora das cerimônias, os dois homens puxaram a manivela ao mesmo tempo.

O tampo sobre o qual os doze homens se mantinham equilibrados se abriu. Eles caíram dentro dos buracos como bolas de sinuca, numa queda de dois metros e meio, antes de as cordas se esticarem por completo. Os mais pesados tiveram os pescoços quebrados com o impacto e ficaram completamente imóveis após um tremor momentâneo. Foi o caso de quatro condenados. Os demais não tiveram a mesma sorte e sufocavam, lançando as pernas para todos os lados, em busca de um apoio, qualquer coisa que pudessem usar para afrouxar o nó nos pescoços.

A multidão vibrava, assistindo à morte lenta daqueles homens embaixo do cadafalso, que consistia numa bancada de madeira equilibrada por troncos estrategicamente posicionados como colunas de modo a não esconder o espetáculo do público. Muitos gritavam xingamentos e maldições. Frutas podres e garrafas voavam sobre os condenados, que continuavam a dançar em busca de ar. Morriam lentamente, como moscas na superfície de um refrigerante. Os movimentos cessavam devagar, com espasmos regulares e a liberação de intestinos, que adicionava odores pouco agradáveis ao público, principalmente a quem se encontrava mais próximo dos enforcados.

O último a morrer foi o menor e mais magro dos prisioneiros, que estava numa das pontas do cadafalso. Carlitos Doninha levou mais de dez agoniantes minutos para bater as botas e Berne não tirou os olhos dele por um segundo sequer.

Como bandidos que somem antes de os donos da casa acordarem, eles partiram sem esperar o raiar de um novo dia. Seguiram viagem num jipe, com o major Berne no banco de passageiro, o tenente Lucas Guará na direção e os soldados Jeremias Rancoroso e Rodrigo Baiano no banco de trs. Os quatro seguiam em silêncio graças ao mau humor do chefe, que observava a estrada apoiando a cabeça numa das mãos, pensativo. Seu rosto demonstrava preocupação. A verdade é que dormiu pouco e mal durante a noite, conquanto tenha se embrenhado num pesadelo complexo e longo do qual são restavam resquícios, imagens desconjuntadas de um cenário terrível. Tudo de que se lembrava eram dos olhos alaranjados do inimigo e de relampejos prateados a cortarem a escuridão.

O tenente Lucas Guará decidiu quebrar o silêncio:

– E então?

Berne se virou para o colega e endireitou o corpo, como se saísse de um transe. Olhou para trs e percebeu que Jeremias e Rodrigo também prestavam atenção a seus movimentos. Estavam todos à espera das próximas ordens. Ele tossiu duas vezes, para limpar a garganta.

– Vamos atrás do ex-delegado Gregor Carrapato – anunciou, sem muito ânimo.

– Sabemos onde ele está? – perguntou Jeremias, interessado.

Berne assentiu.

– Conversei com a mulher dele ontem – informou. – Após uma breve resistência, ela revelou que Carrapato deixou Miradouro com planos de se mudar para o território do general Peregrino. Parece que ele conhece umas pessoas por lá que o ajudariam a se estabelecer longe das garras do coronel Olho de Cobra.

O tenente franziu a testa, sem tirar os olhos da estrada.

– Para isso, ele precisaria de documentos – opinou. – Não tem como ele cruzar a fronteira sem ter no mínimo um visto de viagem. Aliás, chegamos a mandar mensageiros para lá? Seria bom deixar a guarda em alerta, não?

– Com certeza – concordou Berne. – Eu mesmo me encarreguei de

mandar mensagens para a fronteira, ainda que existam pontos não vigiados por onde nosso fugitivo poderia fazer a travessia sem ser incomodado.

– A não ser pelos garimpeiros – intrometeu-se Rodrigo. – Ouvi dizer que eles adoram depenar viajantes desavisados em busca de atalhos para outros territórios.

– E dada a natureza covarde de nosso alvo, acredito que ele não se arriscaria a cruzar a fronteira dessa maneira – continuou Berne. – Acontece que ele também tem um primo em Cascata Seca que é um conhecido falsificador de documentos. Segundo Rosalinda, Carrapato pretendia visitá-lo e conseguir os vistos necessários para atravessar a fronteira.

O tenente parecia não estar contente com a informação.

– Cascata Seca fica a um dia de distância de Miradouro, a cavalo. Um dia e meio, se ele levou muita carga – calculou. – De lá para a fronteira é só mais um dia de viagem e ele tem sete de vantagem. É capaz de já estar do outro lado, a essa altura, fora do nosso alcance.

Berne colocou a mão no ombro do tenente e apertou, gentilmente.

– Não tão depressa – discordou. – Se ele já tivesse encomendado os documentos, talvez o tivéssemos perdido, mas o ex-delegado deixou a cidade com pressa, sem contar que queria papéis para ele e a esposa. Falsificadores podem ser bons, mas precisam de tempo para trabalhar, especialmente se não quiserem atrair a atenção das autoridades. Consultei um dos nossos especialistas no assunto, e, segundo ele, o primo precisaria de no mínimo duas semanas para fazer o serviço direito.

– Então ainda temos tempo – comentou Jeremias.

– Mas temos certeza de que ele está em Cascata Seca? – insistiu o tenente.

Berne balançou a cabeça.

– Não vamos para Cascata Seca – informou. – Acredito que o alvo esteja escondido em noutro lugar.

– Onde? – quis saber o tenente.

Berne respondeu. Os soldados no banco de trás demonstraram preocupação. Talvez fossem supersticiosos, talvez não, mas não eram bobos a ponto de admitir que estavam com medo. Já o tenente Lucas Guará apenas grunhiu, sem demonstrar emoção.

– Esperto – comentou, secamente, e mudou de marcha, sabendo exatamente para onde iam agora.

De cima da elevação, Berne espiava a planície adiante através das lentes de um binóculo. Percebeu um fio de fumaça que subia de algum ponto encravado na montanha, que ficava a vinte ou trinta quilômetros de distância. Era difícil dizer com precisão. Ele ajustou as lentes do binóculo. Lá estava. Uma casa num terreno elevado com o que parecia ser um estábulo ao lado. Não via sinais de cavalos ou carroças, mas a fumaça que escapava pela chaminé o convenceu de que aquele era o esconderijo de seu alvo. Era exatamente como Rosalinda Cesário descrevera: uma casa abandonada no meio de um lugar desolado e amaldiçoado.

Berne se virou para os soldados, que aguardavam sua avaliação.

– Bingo! – anunciou, com um sorriso medonho.

Os homens se alegraram com a notícia. O tenente Lucas Guará começou a descer a elevação.

– Vou ligar o jipe – avisou.

– Não, Lucas, deixe o jipe onde está – ordenou Berne. – Não queremos alertar o alvo da nossa aproximação. Peguem o que precisarem no veículo, incluindo nossos rifles de longa distância. Seguimos a pé a partir daqui.

Essa notícia não deixou os homens muito felizes. Jeremias e Rodrigo trocaram um olhar preocupado, mas foi o tenente quem se manifestou:

– Não há onde nos escondermos daqui até aquelas montanhas – opinou. – Se não for cego, ele nos verá chegando de qualquer maneira.

– Só quando for tarde demais – defendeu Berne. – Sem o barulho do motor do jipe, o alvo não terá motivos para vasculhar a planície em busca de perseguidores. A não ser nas vigilâncias esporádicas, que tenho certeza de que ele realiza, mas até nisso podemos ser protegidos pela paranoia dele. Pensem por um segundo. Quanto tempo faz que ele está entocado ali, sozinho, sem conversar com ninguém? Quantas vezes deve ter olhado na nossa direção e ter visto inimigos chegando? Como ele vai ter certeza de que não somos miragens ou alucinações da cabeça dele?

Os homens refletiram sobre a avaliação do major.

– Ainda assim é arriscado – continuou o tenente, num tom diferente. –

Ele pode tentar fugir ao nos ver. Ou, pior, atirar contra a gente. E não teremos onde nos esconder no meio do descampado.

– Por isso que levaremos os rifles: para abatê-lo assim que revelar sua posição – concluiu Berne, confiante. – Ou você acha que um covarde como Carrapato tem a mira melhor do que a nossa?

Era uma pergunta para a qual não precisava de resposta. Os homens se aprontaram, pegaram as armas e cruzaram a elevação. Jeremias fez uma oração e beijou o crucifixo que trazia pendurado no peito. Rodrigo fez o sinal da cruz. Berne e Lucas seguiram em frente, como se não caminhassem por um terreno amaldiçoado.

A Planície dos Mortos era um lugar temido por muitos no território do coronel Olho de Cobra. Nenhum garimpeiro ou gangue de carnicheiros se arriscava por ali. Da terra rachada apareciam detalhes embranquecidos, semienterrados, que cobriam a paisagem de um lado ao outro. Bastava se aproximar de tais pontos para notar que não se tratava de pedras ou galhos secos. Eram ossos humanos, esqueletos deixados ao relento por anos a fio. Muitos ainda se encontravam na pose em que foram deixados no dia em que morreram – abraçados aos filhos e cônjuges ou se arrastando pelo chão, eles dominavam a planície silenciosa: caveiras de bocas abertas e olhos sem fundo, mãos esqueléticas saindo do solo, apontando para lugar nenhum, costelas quebradas mastigadas por cães selvagens... Os ossos contavam as histórias dos que se foram, soprada pelo vento junto de sussurros misteriosos.

Berne conhecia as histórias de como milhares de seres humanos cruzavam a planície quando bombas venenosas foram lançadas dos céus, matando todos em questão de minutos. Isso foi durante a Grande Guerra, no começo dos êxodos urbanos. Ninguém nunca aparecera para recolher os cadáveres, que se tornaram um banquete para as criaturas selvagens das redondezas. Durante muitos anos, aquele lugar fora conhecido como Terra dos Abutres, devido à enorme quantidade de aves carniceras que circulavam os céus e se espalhavam pelo solo, limpando os mortos da carne apodrecida que os cobria. Depois, as aves foram embora e o lugar virou um cemitério a céu aberto que os viajantes evitavam, com medo de incomodar o sono dos que se foram ou das histórias de fantasmas que ouviram em noites escuras antes de chegar ali. Só um homem sem escrúpulos montaria um esconderijo em tal lugar, um homem como Gregor Carrapato.

Mesmo estando em terreno tão tétrico, Berne não conseguiu evitar um

sorriso. O ex-delegado era um completo idiota se realmente acreditara que um dia seria capaz de arrastar Rosalinda Cesário para um lugar como aquele. Parecia-lhe óbvio que a mulher nunca aceitaria tal proposta absurda. Ele devia estar desesperado. Distraído, Berne pisou no crânio de uma criança, que se partiu como a casca de um ovo com um estalar sinistro. O major afastou os pés dos restos mortais, sentindo um arrepio na coluna, muito consciente do silêncio que preenchia aquela parte esquecida do mundo. Ficaria feliz em cumprir a missão e retornar para Miradouro, a fim de esquecer que um dia passara por ali.

As horas passavam devagar demais para os homens que avançavam em linha pelo terreno deserto. Eles marchavam com os rifles de precisão em punho, prontos para atirar caso necessário, sempre de olho na montanha adiante e na fumaça cada vez mais visível. Logo conseguiram distinguir a casa e o estábulo atrás dela a olho nu, e Berne fez sinal para que parassem. Ele pegou o binóculo e deu uma espiada na construção. A residência parecia muito antiga, com o telhado cheio de limo e as paredes cobertas por trepadeiras secas, confundindo-se com a própria paisagem, como se a montanha buscasse engolir o que o homem deixou para trás. Qualquer observador perceberia que o estábulo fora construído posteriormente, de forma tosca e desleixada, como se os trabalhadores tivessem pressa para concluir o serviço e deixar o local. Nada disso interessava a Berne, que concentrou a atenção nas janelas da casa. Achou ter visto algo através de uma delas, mas não conseguia dizer o que era. Trocou o binóculo pela mira do rifle e, então, enxergou uma mão, agarrada ao braço de uma poltrona. Instintivamente, abaixou-se e o gesto foi copiado pelo restante dos soldados.

– Problemas? – sussurrou Lucas, como se alguém pudesse ouvi-los daquela distância.

Berne usou a mira telescópica do rifle novamente para confirmar suas suspeitas. Lá estava ela: a mão apertando o braço da poltrona. Havia alguém sentado de frente para a janela, não obstante o restante do corpo estivesse escondido pelas sombras da casa. Provavelmente Gregor Carrapato, vigiando a Planície dos Mortos, aguardando os assassinos que sabia que viriam em seu encalço. Não tinha como se aproximar da casa sem ser visto. Berne se virou para os soldados.

– A segunda janela, da direita para a esquerda – orientou.

Os soldados se deitaram no chão e espiaram pela mira telescópica dos

rifles.

– Tem alguém sentado lá – confirmou Lucas. – Não consigo uma identificação. Jeremias?

O soldado balançou a cabeça.

– Sombras demais dentro da casa – afirmou. – Só enxergo um vulto.

– Rodrigo?

– Mesma coisa – respondeu. – Tentamos um tiro?

Os olhares se voltaram para Berne, que balançou a cabeça, levantando-se e soltando a trava do rifle.

– Não – ordenou. – Vamos em frente, mas fiquem prontos para entrar em ação a qualquer momento, entendido?

Os soldados assentiram. Os quatro voltaram a caminhar em linha, com armas em punho, dedos próximos do gatilho e olhares concentrados no alvo cada vez menos distante. Berne seguia esperando que, a qualquer momento, a porta da casa se abrisse e alguém saísse correndo. Ou que uma janela se abrisse e balas comesçassem a voar. Não era possível que ainda não tivessem sido vistos. Não daquela distância. Havia algo errado no ar. Lucas e os demais soldados sentiam o mesmo e não conseguiam se livrar da sensação de que eram observados por alguém. O fato de que caminharem sobre os ossos dos mortos também não ajudava. Por mais que fossem guerreiros experientes, o vento produzia sons e movimentos que mexiam com a imaginação.

Seguiram em frente com dificuldade, até que Berne fez sinal para que os homens se espalhassem ao chegar ao pé da pequena montanha. Precisavam cortar as rotas de fuga do alvo. Ele pendurou o rifle no ombro e sacou a pistola, uma arma mais efetiva para combate a curta distância e com um coice bem mais suave. Subiu por uma escada escavada na pedra até a porta de frente da casa. Percebeu Lucas se aproximar por trás da residência e fez sinal para que Jeremias e Rodrigo investigassem o estábulo. Respirou fundo três vezes: haviam chegado ao fim da linha. Era hora de partir para o tudo ou nada.

Bastou um chute para a porta se abrir, escancarada. Uma poeira branca caiu sobre Berne no momento em que entrou, com a arma apontada para a frente, e o cegou momentaneamente. Ele limpou os olhos com os dedos, desesperado, piscando bastante e balançando o braço de um lado para outro, com medo de levar um tiro. Mas não havia razão para ficar assustado,

uma vez que a única pessoa presente na sala de estar estava imóvel na poltrona, de frente para a janela e de costas para ele.

– Não mova um músculo se não quiser morrer – ordenou Berne.

A figura na poltrona continuou imóvel. Os olhos de Berne ardiam, mas ele já enxergava melhor. Percebeu que estava diante de um homem grande e gordo, que provavelmente era o alvo que perseguia, conquanto algo em sua postura lhe provocasse calafrios. Mesmo tendo mandado o homem ficar parado, achou estranho o fato dele não se mover um milímetro sequer nem dizer nada. O silêncio era absoluto.

– Carrapato? – chamou, se aproximando pé ante pé. – É você?

Nenhuma resposta. O homem não se movia. De repente, uma porta à esquerda se abriu e Berne se virou rapidamente, pronto para atirar. Outra arma apontou para ele. Notou quem era o homem atrás dela e levantou a própria pistola. O tenente Lucas Guará fez o mesmo, também coberto por uma poeira branca.

– O que está acontecendo aqui? – sussurrou.

Berne não respondeu, voltou a apontar a pistola para o homem na poltrona e começou a contorná-la. Só então percebeu o por que ele estava tão imóvel. Uma mosca caminhava pelos olhos abertos e opacos do sujeito. Era Gregor Carrapato. Pela expressão em seu rosto e pelos dedos cravados no braço da poltrona, morrera apavorado com alguma coisa. Berne baixou a arma e Lucas fez o mesmo. Os dois se encararam, sem esconder a preocupação que sentiam.

– Você não acredita que ele teve um ataque cardíaco quando nos viu chegando, certo? – perguntou Lucas.

Berne deu uma boa olhada na cara do cadáver, em seus lábios azulados e na língua roxa visível na boca aberta que se recusava a se fechar. O *rigor mortis* já dominava as articulações do morto, fazendo com que se assemelhasse a uma estátua. O cadáver também exalava um mau cheiro que deixou o major nauseado. Ele balançou a cabeça, afastando-se do corpo com o nariz tampado.

– Deve ter morrido a um ou dois dias – considerou. – Mas há algo estranho com ele...

– O quê? – quis saber Lucas, interessado.

Berne deu de ombros. Começava a ver pontos brilhantes no canto da visão e se sentia levemente tonto. A caminhada até ali fora longa, mas não a

ponto de justificar o cansaço que se apossava de seus músculos.

– Não sei – admitiu. – Talvez seja melhor chamar Jeremias e Rodrigo – continuou, esfregando os olhos. – Ver o que mais podemos descobrir.

– Seus homens estão mortos – declarou uma voz desconhecida.

Imediatamente, Berne e Lucas se viraram com armas em punho. Havia um negro enorme, de cabelos brancos, sentado num banco ao lado da lareira. Como não o haviam visto antes? Ele estava no centro da sala, em seu ponto mais iluminado, em roupas brancas ainda por cima.

– Não se mova – ordenou Berne, o dedo sobre o gatilho.

Olhos alaranjados se viraram para ele e o major ficou paralisado. Ele já os vira antes. Tinha certeza, embora não se lembrasse onde. O negro se abaixou, sem dar importância para as armas apontadas em sua direção, e pegou um galho com a ponta em chamas da lareira, usando-o para acender um cachimbo.

– Major – chamou Lucas, com uma ponta de desespero na voz. – Não consigo atirar, major.

Berne virou o rosto para ele.

– Deixe de drama, tenente – ordenou. – É só puxar o gatilho.

O dedo de Berne, todavia, também não se movia, por mais que se esforçasse. Então, notou o enrijecimento que tomava conta do restante do seu corpo e encarou o negro sentado no banco, que fumava seu cachimbo com um sorriso enigmático no rosto.

– O que você fez? – berrou. – O que você fez, maldito?

O negro riu, como se achasse o nervosismo dos homens armados engraçado.

– Não se preocupe com o que fiz, major – aconselhou o negro. – Preocupe-se com o que ele vai fazer – concluiu, indicando a porta aberta.

Berne virou somente os olhos, pois já não conseguia virar o pescoço. Podia ouvir passos pesados ecoando pela varanda de madeira. De repente, um homem apareceu na porta aberta. Vestia-se como os cangaceiros de antigamente, com chapéu estrelado e faixa de medalhas na testa, e olhos azuis tão gelados quanto as cavernas mais profundas da Antártida o encararam. Só depois notou o que o sujeito carregava nas mãos: as peixeiras longas e prateadas com sangue pingando das pontas. A uretra de Berne se abriu contra a vontade, preenchendo as calças do major de um calor incômodo e molhado. O negro sentado ao lado da lareira deu outra de suas risadinhas e o homem na

soleira da porta entrou na casa, fechando a porta ao fazê-lo.

Os gritos que se seguiram logo foram engolidos pelo silêncio da Planície dos Mortos, como se nada houvesse acontecido.

Capítulo 11

Os mortos não guardam segredos

1

Uma a uma, as peças das armas caíram no fundo do poço seco atrás da casa. Tião Peixeira desmontou cada pistola, rifle e revólver carregado pelos homens do major Berne, não poupando nem mesmo a munição, que valia um bom dinheiro e faria os olhos de comerciantes brilharem, caso decidisse levá-las consigo. Concluído o serviço, voltou a fechar a boca do poço com pedaços apodrecidos de madeira, contornou a casa e, ao passar pelo quarto dos fundos, ouviu a voz de João dos Mistérios recitar alguma língua estranha e misteriosa. Se fechasse os olhos, podia quase ver o amigo a fazer pictogramas e espalhar pó pelo corpo do inimigo vencido, que ele próprio ajudara a deitar na cama de casal. Tião Peixeira balançou a cabeça, buscando se livrar de tais pensamentos, e se sentou em um banco ao lado da residência, de frente para a Planície dos Mortos. Não lhe restava nada a fazer além de esperar.

Quando João dos Mistérios deixou a casa já era noite alta e o frio começava a se espalhar pela montanha. Um trovão ecoou na distância. Tião Peixeira notou que o amigo estava abatido, com as mãos tremendo e o equilíbrio abalado, e se adiantou para ajudá-lo, antes que o bruxo desabasse sobre o próprio peso.

– Opa! – disse, ao abraçá-lo ao fraquejar. – Vamos lá agora. Um pé depois do outro, sem pressa. Um pé depois do outro.

João dos Mistérios obedecia como uma criança, a balbuciar palavras sem sentido. Tião Peixeira o conduziu até o banco, onde o amigo se sentou, esgotado. Ele respirava com dificuldade e, ao pegar seu pulso, percebeu que o coração bombeava o sangue de forma inconstante. Seja lá o que tivesse acabado de fazer, obviamente o preço fora alto. João dos Mistérios estava esgotado.

– Vai ficar tudo bem, meu amigo – garantiu Tião Peixeira. – Dê-me só um minuto para acender uma fogueira e vamos esquentar esses ossos, ok?

João dos Mistérios fechou os olhos e assentiu, cansado. Tião Peixeira

se encarregou de montar a fogueira com uma pilha de madeira, deixada para apodrecer na lateral da casa, e a recheou com galhos secos. O fogo pegou facilmente e se levantou alto, rumo aos céus escuros. Logo a vida voltava à face de João dos Mistérios, que esticou as mãos de modo a aproveitar melhor o calor. Tião Peixeira se sentou do lado contrário da fogueira, observando o amigo, resabiado.

– Isso que você fez hoje foi diferente dos outros truques. – disse, quebrando o silêncio. – Foi... mais sério, não foi?

João dos Mistérios levantou os olhos cansados, esfregando as mãos diante do fogo, e assentiu uma única vez.

– Para chegar até Ed Tempestade e ao coronel Olho de Cobra – respondeu, pausando para respirar. – precisamos de algo mais forte que truques de salão.

Tião Peixeira olhou para a casa escura e abandonada, que se antes do sol se pôr parecia mal-assombrada, depois lembrava uma passagem para os mundos inferiores. Pensou nos mortos e no homem que descansava dentro dela, ainda que descansar talvez não fosse a palavra exata.

– Como é que ele está? – quis saber.

João dos Mistérios também contemplou a casa, com olhos sérios.

– No limiar entre a vida e a morte – respondeu. – Onde precisamos que esteja para o que vem a seguir.

Tião Peixeira concordou.

– Quanto tempo para seu feitiço fazer efeito?

João dos Mistérios deu de ombros.

– De três a dez dias. Vamos ter que esperar para ver.

Um galho seco estalou ao queimar na fogueira e Tião Peixeira se levantou, inquieto. João dos Mistérios o acompanhou com os olhos, atento.

– O que o aflige, meu amigo?

Tião Peixeira virou-se para ele, sem conseguir esconder o nervosismo.

– Não sei – admitiu. – Talvez seja só este lugar sinistro, mas você nunca se pergunta se não estamos indo longe demais? Ou melhor, se você não está indo longe demais? Tenho minha vingança, é o que me leva adiante e não vou parar antes de acabar com a raça de Ed Tempestade. Mas e você? Por que continua ao meu lado?

João dos Mistérios observou o amigo em silêncio, completamente imóvel, com o brilho das chamas a cintilar em seus olhos alaranjados. Era

uma conversa que já haviam tido antes e da qual o bruxo se esquivara com explicações rasteiras e pouco convincentes. No entanto, a postura de Tião Peixeira indicava que ele não se contentaria com uma resposta simplista dessa vez. Era hora de terem uma conversa. João dos Mistérios suspirou, vencido.

– Muito bem – concordou. – Acho que você tem o direito de ouvir minha história. Por favor, sente-se, pois o que tenho a lhe contar teve início muito tempo atrás. Antes que eu ou você tivéssemos vindo a este mundo, na verdade. Tudo começou com o meu avô e com a missão que recebeu das mãos de certo coronel Sucuri.

2

Cinquenta anos antes

O céu ainda era azul, o sol ainda brilhava entre as nuvens brancas e as árvores ainda se levantavam altas e verdes, principalmente nas faixas litorâneas do Nordeste e nas fazendas dos homens poderosos daquela época. O velho Lineu descansava à sombra de um jacarandá, com o corpo empapado de suor graças ao calor abrasador que não dava trégua. De tempos em tempos, espiava a peneira camuflada com folhas a pender sobre a armadilha rústica que armou na madrugada. A tarde avançava, preguiçosa, sem ligar para o caçador entediado.

Lineu desatarraxou a tampa do cantil e deu um longo gole na água, bastante morna àquela altura. Não ligou. Estava acostumado a ficar de tocaia por longos períodos de tempo. A solidão não o incomodava e podia ficar imóvel por horas a fio, concentrado somente nos barulhos da mata e no que eles lhe contavam. Sabia que o farfalhar na copa de uma árvore próxima não era produzido pelo vento, e sim por um macaco em busca de frutas apetitosas para matar a fome. Distinguia o canto dos sabiás, dos bem-te-vis e das codornas. Fazia careta diante do grasnar das araras, sempre tão barulhentas. O remexer no capim era um rato do campo, que avançava devagar, com muitas paradas, com medo de atrair a atenção de algum predador.

Aqueles eram sons que Lineu conhecia bem e que o ajudavam a passar o tempo. Ele os acompanhava de olhos fechados, num estado de

vigília sonolenta, com um pé no mundo dos vivos e outro no dos sonhos. Braços e pernas formigavam de forma relaxante, mergulhados num transe que poderia ser quebrado a qualquer momento. O vento soprava pela mata fechada, agitando as folhas, fazendo as cigarras se calarem. Os grilos pararam de cantar em seguida. Lineu abriu os olhos. Algo se aproximava. Ficou no mais completo silêncio, atento, até que ouviu o estalo da armadilha.

No mesmo instante, saltou do lugar onde descansava e ouviu o guincho da criatura que caçava. A peneira perdia suas folhas enquanto algo debaixo de suas linhas de prata lutava para escapar. Lineu contava com poucos segundos para agir. Se fosse lento demais, a presa escaparia e espalharia pragas por plantações de toda a região, para demonstrar seu desagrado, e o caçador perderia não só sua recompensa, mas também sua reputação e provavelmente a vida. O coronel Sucuri não era conhecido por perdoar erros alheios, talvez por isso o coração tenha lhe subido à boca quando viu a borda da peneira se levantar ameaçadoramente acima do chão.

Lineu caiu sobre ela como uma onça, prendendo-a firmemente no solo com ambas as mãos. Respirava, ofegante, à espera de uma reação. A peneira não se mexeu. Era possível que a presa tivesse escapado. Ele não tinha como dizer, por isso aguardou, sem relaxar por um segundo sequer. Podia ser um truque, ele sabia, um desafio para que o caçador espiasse o que havia capturado – se é que havia algo dentro da armadilha. Bastava levantar um pouquinho a borda para descobrir a verdade, só o suficiente para que a presa encontrasse a fresta que aguardava para escapar. Lineu permaneceu imóvel.

Um minuto se passou, depois outro e mais outro. A peneira não se mexia. O caçador começava a duvidar de si mesmo quando algo se manifestou abaixo dela, uma força furiosa que procurava escapar da prisão. Lineu segurou a peneira com força, sorrindo pela primeira vez aquele dia. Continuava tão bom quanto fora na juventude, afinal.

– Não adianta espernear – avisou, colocando todo o peso do corpo sobre a peneira enquanto tirava a garrafa vazia que trazia amarrada ao cinto. – Eu te peguei, seu lazarento!

A coisa abaixo da peneira parou de lutar e começou a chorar.

“Sacanagem”, reclamou uma voz fina e estridente dentro da mente de Lineu. “Como sabia do meu vício por sangue de virgem no mel com limão?”

Lineu demorou a responder. Segurava a garrafa vazia com uma das mãos e uma rolha com a outra, apoiando o peso do corpo sobre a peneira.

Sabia que seu próximo movimento seria essencial para o sucesso da empreitada e não podia se deixar distrair.

– Espero que tenha se esbaldado – disse, começando a se levantar. – Essa é uma iguaria que, se depender de mim, você não verá mais por muitos e muitos anos.

Ele podia sentir a criatura furiosa embaixo da peneira, aguardando o momento ideal. Lineu respirou fundo e levantou minimamente a armadilha, só uma pequena fresta. Foi o suficiente. A presa se lançou para fora com a força de um furacão, entrando pela boca da garrafa antes de se dar conta do que estava acontecendo. O recipiente de vidro quase pulou da mão do caçador, tamanha a força da presa que o adentrou, e fez com que ele perdesse o equilíbrio, caindo sobre os próprios fundilhos sem muita classe. Não havia tempo para se levantar. A boca da garrafa ainda estava aberta, e os chumaços de algodão embebidos em álcool em seu interior conteriam o novo prisioneiro apenas por alguns segundos. Sem demora, Lineu tampou a abertura com a rolha, empurrando-a com força pelo pescoço de vidro até se encontrar firmemente presa.

Pronto! O trabalho estava completo.

Lineu deixou a garrafa de pé no chão e se levantou, batendo a poeira das roupas. Sua presa se agitava dentro do calabouço de paredes transparentes, lançando mil xingamentos contra o pérfido caçador. Era impossível compreender sequer uma palavra pronunciada por aquela criatura em seu acesso de fúria. Recompuesto, Lineu pegou a garrafa que dançava pelo chão e espiou o que ela guardava.

– Engraçado – comentou. – Podia jurar que era um saci quem andava aprontando por essas bandas.

Dentro da garrafa, escondia-se uma criatura feita de fogo e fumaça, com olhinhos vermelhos cheios de ódio e chifres retorcidos de carvão fumegante. Ela mostrou os dentes negros, afiados como agulhas, e sibilou que nem uma cobra.

“Feiticeiro miserável”, reclamou a criatura com seu modo telepático peculiar. “A não ser que me solte agora, acabarei com toda a sua família quando sair desta garrafa!”

Não era uma ameaça leviana. Lineu sabia muito bem. Demônios como aqueles viviam fora do espaço-tempo conhecido pelos humanos e podiam explorar tanto eventos do passado quanto do futuro. Por isso era

perigoso dar ouvidos a eles. Mesmo assim, o caçador não se assustou e chegou até a sorrir.

– Nesse caso, eu lhe desejo boa sorte, uma vez que coloquei um feitiço de ocultamento sobre os membros da minha família justamente para não ser ameaçado por tipinhos como você.

O demônio se desfez numa nuvem de fumaça que circulou o interior da garrafa antes de bater com força contra o vidro que o mantinha preso.

“O que quer de mim, desgraçado?”, bradou o demônio, soltando fogo pela boca. “Mulheres? Fortuna? Poder? Posso lhe dar tudo isso, se prometer me soltar!”

Lineu não deu atenção, guardando a garrafa dentro de uma bolsa de trabalho.

– Seu destino não pertence a mim, pequeno demônio – avisou. – O que acha de irmos conhecer seu novo dono?

3

O coronel Sucuri aguardava na biblioteca de sua enorme mansão. Em roupas simples e velhas, Lineu adentrou o recinto com a bolsa de trabalho atravessada no peito. Ficava admirado com aquelas estantes cheias de livros, com títulos sugestivos e lombadas coloridas, mas duvidava de que seu empregador tivesse lido ao menos um por cento do acervo e imaginava que, como outros homens ricos, colecionasse livros só para impressionar as visitas.

Com os cabelos louros puxados para trás, metido num terno branco com gravata vermelha, o coronel Sucuri tomava lição do filho, que quebrava a cabeça para compreender equações matemáticas. O menino estava debruçado sobre um caderno, que rabiscava com expressão de dúvida, enquanto o pai espiava os avanços do pequeno como uma árvore atrás dele, projetando uma sombra sobre o filho e o corrigindo com uma voz fria e severa.

Lineu parou a uma distância respeitável dos dois, sentindo-se um intruso naquela cena de família. Fez um barulho com a garganta, de modo a ser notado. O coronel Sucuri levantou os olhos para ele, com o rosto completamente neutro. O menino fez o mesmo, sem disfarçar a expressão de

nojo ao ver um homem de cor naquele templo de sabedoria. O fruto nunca caía distante da árvore. O coronel Sucuri se endireitou, oferecendo um sorriso educado.

– Mestre Lineu – cumprimentou. –, o senhor voltou antes do que eu esperava. Completou sua missão?

Lineu assentiu, olhando para o garoto.

– Se quiser, posso aguardar o senhor lá fora – argumentou. – Não tenho pressa.

O coronel contornou a mesa.

– Bobagem – descartou. – Temos um negócio a concluir. Espero que tenha provas do seu êxito. Sabe que não pago profissionais que me aparecem por aqui de mãos vazias, certo?

Lineu apertou a alça da bolsa de trabalho. Continuava desconfortável, a olhar do coronel para o garoto, que o encarava com o mais puro asco. O menino largou lápis e caderno e avançou para se unir aos dois. Lineu deu as costas para ele.

– Estou com a prova bem aqui – sussurrou para o coronel, batendo de leve na lateral da bolsa. – Só não acho recomendável concluirmos o negócio na frente do garoto.

O coronel Sucuri riu do conselho. Nisso o menino alcançou os dois e o pai esticou o braço, de modo a abrigar a cria debaixo da asa. Era um garoto grande, que poderia ser considerado bonito por seus pares, graças ao cabelo louro e aos olhos verdes. Só que a Lineu ele não enganava. Não havia inocência no rosto do adolescente, apenas um ar de superioridade que podia facilmente ser transformado em maldade.

– Não se preocupe com meu filho – respondeu o coronel. – Um dia, ele herdará tudo que tenho e já está com doze anos. É quase um homem. Gosto que ele me acompanhe durante compromissos profissionais como este.

Lineu continuava reticente.

– Ainda assim, o que temos para conversar é de caráter sigiloso, não concorda?

O garoto se enfezou.

– Esse preto pensa que sou idiota, pai – reclamou. – Você deveria mandar açoitá-lo para ele aprender o lugar dele!

Lineu deu um passo para trás e o coronel Sucuri riu, nervoso.

– Ora, meu filho, isso não é jeito de tratar as visitas – respondeu. –

Por que não termina a lição de matemática enquanto converso com mestre Lineu?

– Mas pai...

– O que foi que eu disse? – cortou o coronel, incisivo.

Por um momento, o garoto ficou apenas parado ali, sem acreditar na reprimenda, mas logo fechou a cara, cerrou os punhos e marchou de volta para a mesa de estudos. O coronel Sucuri se virou de volta para Lineu.

– Peço perdão pelo meu filho – recomeçou. – Ele pode ser um moleque impertinente e ofensivo quando quer. Você sabe como os jovens gostam de chocar os mais velhos. Sem contar que tem começado a questionar minha autoridade. Adolescentes, certo?

O coronel Sucuri riu, como se isso aliviasse a situação. Lineu permanecia sério. Não achava piadas sobre escravidão nada engraçadas nem estava disposto a perdoar o suposto erro do adolescente, porém, estava ali para fazer negócios com um homem branco e rico que nunca seria capaz de compreender sua indignação. Decidiu partir diretamente para o assunto que o levou até a presença daquele homem desagradável.

– Você me pediu que descobrisse o que vinha prejudicando suas plantações de café nos últimos meses – lembrou, objetivo. – Na época, eu lhe disse que a causa não era natural e você riu. Pediu provas e me prometeu uma boa quantia por elas. Lembra quanto foi?

O coronel Sucuri cruzou os braços.

– Cinquenta mil – respondeu. – Mas ainda não vi nenhuma prova.

Lineu voltou a olhar para o menino, que fingia se concentrar na lição de matemática, embora continuasse a acompanhar atentamente a conversa dos dois.

– Tem certeza de que quer fazer isso aqui?

O coronel Sucuri suspirou.

– Sou um homem ocupado, mestre Lineu, e o senhor sabe que sou um pouco cético sobre sua fama de feiticeiro. Você quer o dinheiro que lhe prometi? Então vá em frente! Faça-me acreditar na magia.

Lineu deu de ombros.

– Bom, depois não diga que não lhe avisei...

Então, com gestos simples e metódicos, Lineu desfez o laço que mantinha a bolsa fechada e a abriu, retirando lá de dentro uma garrafa de cor acinzentada que estendeu de modo respeitoso para seu empregador. O

coronel Sucuri recebeu o recipiente com o cenho franzido. Os olhos dele se concentraram na substância que se revolia em seu interior, até perceberem que não se tratava de um líquido ou gás, e sim de um ser vivo de formas inconstantes e voláteis. Seu rosto foi preenchido pelo mais genuíno espanto.

– O que, em nome de Deus, é isso? – quis saber.

Lineu colocou as mãos nas costas antes de responder como um professor.

– É a causa da praga que levou sua lavoura. Um demoniozinho feito de fogo e fumaça, que gosta de aprontar traquinagens e passar trotes em humanos desavisados como o senhor, que não acreditam em magia.

O coronel Sucuri permanecia com os olhos presos à garrafa.

– Posso escutar a voz dele na minha cabeça – relatou, assustado.

Lineu arrancou a garrafa das mãos dele.

– Como eu lhe disse, o safado é travesso, mas só pode se comunicar pelo contato direto com o receptáculo que o prende. No caso, esta garrafa. Aqui – continuou, enrolando um pedaço de pano ao redor do vidro. – Desse modo o cretino cala a boca.

O coronel Sucuri pegou a garrafa, tomando cuidado para não encostar no vidro, e riu como uma criança, de olho no monstrinho que se debatia no interior da prisão.

– Isso é incrível – comentou. – Um demônio de verdade!

– Foi para isso que me contratou – lembrou Lineu. – Agora, se me der ouvidos, preciso lhe dar alguns alertas.

Algo no tom de voz de Lineu chamou a atenção do coronel, que colocou a garrafa com cuidado sobre uma estante próxima e se virou para ouvi-lo. Continuava fascinado pela descoberta, mas retomara a pose de homem de negócios.

– Desculpe, garanto que será pago regamente, de acordo com o prometido. Não estou com seu dinheiro aqui, como pode ver, mas pedirei a um dos meus homens que o busque no escritório. Não deve levar mais do que meia hora.

Lineu assentiu, olhando diretamente para o coronel.

– O demônio na garrafa – indicou. – Ele vê o tempo de maneira diferente de nós dois. Para ele, passado e futuro são a mesma coisa, de modo que pode descobrir segredos seus que nunca disse a ninguém, bem como fazer previsões certas de eventos vindouros. Está me acompanhando?

O coronel Sucuri concordou, atento.

– Não dê atenção ao que ele diz – recomendou Lineu. – Suas palavras podem ser doces e tentadoras, mas garanto que o levarão inevitavelmente à ruína física, financeira ou psicológica. Esse é o jogo dele, que é muito bom no que faz. O cretino também é imortal, o que significa que nunca ficará satisfeito enquanto não puder ver você ou seus descendentes arruinados por tê-lo aprisionado dessa forma. Libertá-lo não é uma opção viável.

– Então o que devo fazer com ele?

– Se eu fosse você, enterraria o maldito o mais fundo que pudesse e esqueceria sua existência.

O coronel Sucuri refletiu sobre as palavras de Lineu.

– E se alguém o descobrisse por acaso?

– O demônio usaria essa pessoa para tentar se libertar e voltaria para se vingar do senhor – respondeu Lineu. – Talvez também arruinasse a vida de quem quer que esbarrasse com ele. Como lhe disse, esses bastardinhos costumam ser bastante vingativos. Se for melhor para o senhor, coloque-o em um cofre, um lugar seguro, ao qual só o senhor tenha acesso, pois a guarda dele é de sua responsabilidade agora.

O coronel Sucuri colocou as mãos na cintura e suspirou.

– Parece que investir em magia não foi um bom negócio, afinal...

Lineu voltou a fechar a bolsa e percebeu que o menino estava de olho nele. Provavelmente escutou cada palavra que disse ao pai dele. O caçador quase podia ver as engrenagens girando na cabeça do adolescente, mas deu de ombros, pois fizera o que podia para avisar ao seu empregador. Nada daquilo era problema seu.

– Dizem que demônios engarrafados trazem sorte para seus donos – concluiu. – Desde que eles sejam fortes o suficiente para não darem ouvidos aos pequenos diabos. Pense nele como um investimento, trate-o com cuidado, não comente sobre sua existência com ninguém e boa sorte.

O coronel Sucuri sorriu e estendeu a mão para Lineu, que a apertou com vigor.

– Obrigado pelos seus serviços – agradeceu. – Se puder esperar na copa, pedirei a um dos meus homens que leve seu pagamento até lá, ok?

Lineu agradeceu a atenção, virou-se para ir embora e deu uma última olhada no garoto atrás da mesa, que agora parecia realmente concentrado na lição de casa. O caçador lhe deu as costas e partiu.

Vinte e oito anos antes

No terreiro, pés descalços rodopiavam o terreno arenoso enquanto os negros castigavam os atabaques com batidas fortes que nem trovões e as negras cantavam num antigo dialeto nagô. A lua cheia brilhava amarela no céu daquele 1º de novembro, dia de todos os santos, recebido com uma festa animada e chegadas inesperadas. A bolsa de Celeste se rompeu meia hora após o início dos trabalhos, encharcando o chão de líquido amniótico. Somente o marido, José, e mestre Lineu perceberam a urgência do caso. O restante do público imaginou que as caretas da moça se deviam à chegada não anunciada de algum orixá em visitante desavisada. Eles estavam vindo em peso aquela noite.

Mestre Lineu se encarregou de pegar Celeste no colo e levá-la para dentro da casa, seguido de perto por José, que segurou a mão dela durante todo o percurso. Arranjaram uma cama na qual ela pudesse realizar o parto prematuro sem ser incomodada. Mestre Lineu já havia trazido outros bebês ao mundo antes, mas não se sentia apto para fazer o mesmo com o filho de sua nora. Acreditava que aquilo fosse intimidade demais para um avô. Por sorte, pôde contar com a ajuda de mãe Camila, uma parteira experiente que correu até eles assim que soube do caso.

Lá fora, Xangô e Ogum se estranhavam enquanto Iemanjá deslizava entre os dois, impedindo-os de partir para as vias de fato. Celeste berrava de dor no quarto escuro, com mãe Camila aquartelada entre suas pernas a orientá-la com a voz firme e calma. José parecia perdido ao lado da esposa, sem saber exatamente o que fazer, mas sem nunca largar sua mão. Mestre Lineu acompanhava o parto afastado, dirigindo rezas para os espíritos de seus ancestrais, com olhos fechados e lábios a se moverem rápida e silenciosamente.

O parto parecia acompanhar o ritmo do ritual que ocorria do lado de fora da casa. Uma dezena de orixás dançava no terreiro, vivendo seus dramas e conflitos em meio a muita música e olhares impressionados. No entanto, os mais experientes notaram uma falta marcante. Não importava para onde

olhassem, Oxóssi não havia baixado em ninguém. Celeste fazia caretas de dor, apertando a mão do marido, que tentava acalmá-la falando bobagens das quais nem ele mesmo se lembraria depois. Ajudantes traziam bacias com água quente e panos para cuidar da mãe em trabalho de parto. Um pequeno séquito de curiosos se reunia do lado de fora do quarto.

Perto da meia-noite, o tempo fechou e uma chuva forte caiu sobre o terreiro, sem que a música parasse ou os orixás fossem embora. Pelo contrário, todos pareciam dançar e cantar com energias redobradas, acompanhados pela luz dos relâmpagos e pela batida dos trovões. Mãe Camila anunciou que já via a cabeça do bebê. Lágrimas escorriam pelo rosto de Celeste, que gemia fazendo força. José sorria como se todo o sofrimento já houvesse acabado. Como um tolo, ele pressentia o milagre que se aproximava.

Quando minuto e segundo chegaram juntos à meia-noite, o bebê saiu por completo do corpo da mãe.

– Nasceu – anunciou mãe Camila, com o pequenino nas mãos. – Nasceu!

Com os cabelos molhados de suor, Celeste riu em uníssono com José. No entanto, a alegria do casal durou pouco. Ambos pressentiram algo errado no ar, no silêncio com que mãe Camila segurava o bebê, imóvel em suas experientes mãos. Mestre Lineu se aproximou, preocupado. O parto fora longo e complicado, mas nenhum deles estava preparado para receber más notícias. Onde estava o choro da criança? O choro que traria a paz que eles tanto almejavam?

Mãe Camila pôs o indicador no peito do menininho e o balançou, devagarinho. Só então o bebê se moveu, abrindo os olhos pela primeira vez, revelando as pupilas alaranjadas que tanto encantariam as mulheres em sua vida adulta. Ele tossiu uma só vez, a única reclamação feita por entrada tão rude neste mundo material. Nesse instante, mãe Camila estendeu a criança para Celeste, que a recebeu de braços abertos e o seio cheio de leite. O menino se pôs a mamar com vigor enquanto os pais o contemplavam na mais absoluta alegria.

– Seja bem-vindo, meu filho – cumprimentou a mãe. – Seja bem-vindo, João.

Mãe Camila se afastou para junto de mestre Lineu, que também considerava prudente conceder um pouco de privacidade ao casal. Ela se

virou para o velho feiticeiro, com uma expressão enigmática.

– Acho que esse aí puxou ao avô – sussurrou.

Mestre Lineu sorriu, emocionado. Mesmo de longe, conseguia ver os tufos de cabelos brancos que cresciam na cabecinha do neto.

5

Dezoito anos antes

João acordou de um pesadelo com um estrondo alto e maligno. O menino encarou a escuridão do próprio quarto, com o ar preso no peito, sem entender o que estava acontecendo. Ouviu a voz aterrorizada da mãe na sala:

– O que é isso? Quem são vocês? O que estão fazendo aqui?

– Fique atrás de mim, Celeste – reconheceu a voz do pai.

– O coronel Olho de Cobra manda lembranças – disse uma voz grossa e completamente desconhecida.

Em seguida, João ouviu dois estrondos em sequência acompanhados de clarões por baixo da porta do quarto. O menino se levantou, completamente alerta, com o coração batendo a mil por hora.

– José – gritou a mãe, desesperada. – Vocês mataram ele!

João parou de respirar, assimilando a informação.

– E você é a próxima, piranha – sentenciou a voz desconhecida.

– Cuidado, cara! Ela tem uma panela – avisou outra voz.

João escutou o som de pancadas e o grito de dor de um homem atordoado, seguido de passos rápidos. A porta do seu quarto abriu e o menino recuou em cima da cama. Era sua mãe. Descabelada e com os olhos molhados de lágrimas, trancou a passagem assim que entrou no quarto e empurrou uma cômoda para dificultar a entrada dos invasores. João se agarrava ao travesseiro, com força. Vozes de homens bravos se aproximavam do lado de fora.

– O que está acontecendo, mamãe? – quis saber a criança. – Onde está o papai?

Celeste passou pelo filho, abrindo a janela do quarto e deixando o sereno entrar. Fazia frio aquela noite. Ela se virou para o menino e o segurou pelos braços, como se buscasse uma resposta que fizesse sentido para as

perguntas difíceis da criança.

– Seu pai não pode nos ajudar mais – disse, enfim. – Precisamos ser fortes por ele, está me entendendo?

João sentiu um nó na garganta enquanto deixava as palavras da mãe se assentarem. Só que não havia tempo para sutilezas, como indicavam as batidas violentas na porta e as ameaças gritadas pelos homens do outro lado.

– Não adianta se esconder, vadia! Vamos te pegar também.

Celeste tirou o travesseiro das mãos de João e puxou o filho para o colo, apertando-o firmemente contra o peito. Tempos depois, o menino se lembraria de pensar que o coração da mãe parecia um tambor a anunciar um grande perigo com suas batidas potentes e constantes.

– Escute com atenção, meu filho – pediu Celeste, passando a mão pelos cabelos dele. – Nós dois vamos sair para um passeio agora. Lembra onde fica a casa do vovô?

João assentiu. As batidas na porta se intensificavam. Uma lasca voou pelo chão.

– É para lá que vamos – continuou a mãe, preocupada, segurando o rosto do filho para ver seus olhos. – Com o barco de pesca do papai. Tudo que precisamos fazer é cruzar o terreno, entrar na mata e correr até o rio. Lá estaremos a salvo dos homens maus, entendeu?

João assentiu novamente. Um grande estalo veio da porta. Um buraco que não estava lá antes fazia a luz da sala cair dentro do quarto. Celeste se apressou em saltar a janela junto do filho.

– Corra, João, corra – incentivou a mãe, puxando-o pela mão.

João obedecia sem reclamar, conquanto pedras e galhos machucassem seus pés descalços. Cachorros latiam freneticamente na vizinhança e homens gritavam atrás deles. A lua cheia brilhava amarela entre as nuvens. No entanto, João só tinha olhos para a mata escura adiante. Corria o mais rápido que podia, logo ultrapassando a mãe. Era um garoto grande para a sua idade, com braços e pernas longos. Todos o achavam meio desengonçado, mas naquela noite ele se movimentava com a agilidade de um gato, como se apenas aguardasse o momento ideal para revelar suas habilidades.

– Lá estão eles – gritou alguém atrás dos dois. – Estão indo para a mata.

João não olhou para trás nem diminuiu o ritmo. Ele puxava a mão da mãe, sem pensar em mais nada além de escapar. Foi nesse momento que

ouviu outro daqueles estrondos terríveis e sentiu uma bala passar zunindo do lado direito da sua cabeça. Aquilo não era nenhuma brincadeira. Ele aumentou a velocidade, forçando a mãe a acompanhá-lo.

Os dois adentraram a mata e seguiram por uma trilha cheia de obstáculos que conheciam bem. Os homens armados vieram logo atrás, gritando ameaças e atirando a intervalos irregulares. Eles discutiam o que fazer, pois não conheciam a mata como João e a mãe. Podiam se perder facilmente dentro dela, mas não queriam deixar que os dois escapassem. Celeste assumiu a dianteira e levou João até o rio, onde ficava o barco de pesca do pai. Ela o colocou dentro da embarcação enquanto soltava as amarras do cais de madeira.

– Vai ficar tudo bem, meu filho, vai ficar tudo bem – repetia, sem parar.

De repente, Celeste se virou, ouvindo passos pela mata atrás deles. João percebeu que a mãe hesitava e se levantou, oferecendo-lhe a mão.

– Vamos, mamãe – sussurrou. – Antes que os homens maus nos alcancem!

Celeste se voltou para o filho. Seus olhos brilhavam de modo estranho, não só por conta das lágrimas que derramavam, mas pela consciência de que o tempo estava acabando. Sem dizer nada, a mãe abraçou João com força. Ela cheirava a rosas, do perfume que usava para agradar ao marido e que traria memóriasagridoces ao filho sempre que o sentisse novamente ao longo da vida.

– Não posso, meu tesouro, não posso – lamentou. – Se for com você, os homens do coronel Olho de Cobra virão atrás da gente, e não posso deixar que eles coloquem as mãos em você, meu querido. Você precisa procurar o vovô.

João nunca chorava, mas sentiu os olhos marejados ao perceber pela primeira vez a gravidade da situação. Aquilo não era uma despedida corriqueira, era um momento que mudaria sua vida para sempre. Ao perceber o desespero do filho, Celeste ficou bastante séria.

– Você é um homem agora – afirmou, sem deixar margens para discussão. – Vai precisar aprender a se virar neste mundo por conta própria. E qual vai ser a primeira coisa que vai fazer?

– Procurar o vovô – respondeu João, muito sério. – Tudo bem, mamãe. Farei com que tenha orgulho de mim.

Ao ouvir a resposta, Celeste não resistiu e caiu em prantos, apertando o filho contra o peito mais uma vez. As vozes dos homens armados se aproximavam de onde eles estavam e já dava para ver as luzes de lanternas vasculhando a mata. Sem poder prolongar mais o momento, Celeste depositou um último beijo na testa do filho enquanto suas lágrimas molhavam o rosto da criança.

– Eu te amo, meu querido – sussurrou ela, afastando-se. – Aonde quer que você vá, lembre-se disto: mamãe te ama.

Ela, então, saiu do barco e o empurrou para dentro da correnteza. João abriu a boca para dizer alguma coisa, mas a mãe levantou o dedo num sinal para que fizesse silêncio. O menino entendeu e ficou olhando enquanto ela lhe dava as costas e voltava para dentro da mata, pelo caminho de antes. Poucos segundos depois, ouviu outro daqueles malditos estrondos e a mata brilhou intensamente por um segundo. Também escutou os gritos de vitória dos homens maus. Embora sentisse vontade de berrar, ficou quieto, deixando a correnteza levar o barco, com o gosto salgado das lágrimas da mãe enfim alcançando seus lábios.

6

No dia seguinte, João descobriu que não havia a quem recorrer. Quando chegou ao endereço do avô, deu de cara com um bando de curiosos que dificultavam a passagem pela rua. Forçou caminho entre os estranhos até descobrir o motivo de tanto interesse: as ruínas do que um dia antes era a casa de mestre Lineu. Não restava quase nada para contar história. Um incêndio, diziam as pessoas ao redor. O fogo consumiu a residência e tudo que se encontrava dentro dela durante a noite. Fios de fumaça se levantavam das cinzas que sobraram.

João assistiu àquilo em estado de choque. Estava sujo, com fome e medo. Tudo que desejava era correr para os braços do avô e ouvir da boca dele que tudo ficaria bem. Mesmo que fosse mentira. Uma boa mentira lhe faria bem, se ajudasse a preencher o vazio que sentia no peito. Ele olhou ao redor, em busca de algum sinal do avô, algo que lhe desse um pouco de

esperança – afinal, bens materiais podiam ser substituídos, pessoas, não. No entanto, sentiu o mundo se despedaçar ao seu redor quando percebeu a presença de um cadáver coberto por um lençol ao lado das ruínas.

Com passos lentos e temerosos, João se aproximou do corpo. Nenhum pensamento passava por sua cabeça. Ele tinha os olhos fixos na mão carbonizada que escapava da cobertura do lençol e que lembrava uma aranha grande e gorda, com os dedos retorcidos a fazerem as vezes das patas. João sentiu um nó na garganta. Perder os pais e o avô na mesma noite era um golpe do qual imaginava que não pudesse se recuperar. Um menino de dez anos sozinho no mundo. Mas ele precisava saber, precisava ter certeza de que era o avô debaixo daquele lençol.

Ele se abaixou para dar uma espiada quando dedos com unhas pintadas de laranja se fecharam sobre seu braço.

– O que pensa que está fazendo, menino?

João recuou, assustado, mas a mão prendia seu braço. Poderia tentar escapar, mas se virou e percebeu quem o segurava. Um rosto conhecido. Era uma mulher negra, mais velha, com os cabelos presos num coque e olhos escuros, doces e amáveis como uma noite de verão. Era a mulher que o trouxera ao mundo: mãe Camila. Dava para ver que ela também o reconheceria.

– João? – perguntou, preocupada, olhando ao redor. – O que está fazendo aqui sozinho? Onde estão seus pais?

– Mortos – respondeu João, sem papas na língua.

O menino queria contar mais. Sentia as palavras na ponta da língua, mas elas não ultrapassavam o nó em sua garganta. Ao perceber a gravidade da situação, mãe Camila passou o braço sobre os ombros do menino, puxando-o para baixo da sua asa.

– Vamos conversar em outro lugar – sugeriu. – Onde possamos ter um pouco de privacidade.

João assoou o nariz e concordou, seguindo a mulher de cabeça baixa. Os dois foram até uma padaria, onde mãe Camila pagou um café da manhã reforçado para o menino, com direito a misto quente, pães de queijo e suco de laranja. Em voz baixa, João contou sobre a invasão à sua casa, a morte do pai e a perseguição que ele e a mãe sofreram, antes dela se sacrificar para que o filho conseguisse escapar. Mãe Camila escutou com atenção, esforçando-se para não chorar. Quando o menino se calou, ela segurou sua mão e olhou em

seus olhos.

– Uma coisa muito ruim aconteceu com seu avô e seus pais – anunciou a senhora de ancas largas e rosto bondoso. – Você entende que nada será como antes, certo?

O menino assentiu, com o rosto sério.

– Os homens do coronel Olho de Cobra mataram todo mundo – constatou.

Mãe Camila ficou impressionada com a resposta direta. O garoto não chorava, como poderia ser esperado de uma criança que perdera tudo de forma tão trágica. Ela notou que a infância daquele menino havia chegado ao fim e, portanto, não poderia tratá-lo como faria a outras crianças da mesma idade.

– Eles estavam atrás da sua família – considerou mãe Camila. – Ninguém sabe exatamente por quê. Talvez por algo que seu avô fez no passado.

– Um mistério – acrescentou João.

Mãe Camila assentiu, passando a mão na cabeça do menino. Por um momento, ela se lembrou do próprio filho, que crescera e partira para a cidade grande, onde ganhava a vida aos trancos e barrancos, sempre mandando notícias para a mulher que o havia criado – um bom menino que um dia ela encontrou na rua e adotou como se fosse seu, dando-lhe a chance de sobreviver num mundo cruel. Agora, o destino lhe apresentava um caso semelhante, e, mesmo que ela já não fosse uma jovem, não podia dar as costas para ele.

– Isso mesmo – concordou. – Por isso, a partir de hoje, você será chamado de João dos Mistérios – definiu, fazendo uma pausa. – E virá morar comigo, na minha casa, está entendendo?

João refletiu sobre o caso e assentiu uma vez.

– Até quando usarei esse nome?

Mãe Camila passou afetuosamente a mão pelo rosto do menino. Imaginou que ele fosse perguntar se precisava chamá-la de mãe, mas aquele não era um garoto comum, como indicavam seus cabelos naturalmente brancos.

– Até alguém especial lhe dar um novo nome – respondeu, oferecendo-lhe a mão. – Agora venha, porque temos um longo caminho a fazer de volta para casa e muita coisa para descobrir, não é mesmo?

– Demorou mais alguns anos até que o espírito do meu avô aparecesse para mim em sonhos e me desse as últimas peças desse quebra-cabeça – revelou João dos Mistérios, cansado, a remexer as brasas com um pedaço de pau. – Ele diz que é por isso que a verdade, por mais desagradável que seja, sempre costuma ressurgir. Os mortos não guardam segredos.

Tião Peixeira refletiu sobre a longa história do amigo, percebendo as similaridades que ela partilhava com a sua própria jornada, não obstante os dois não pudessem ser mais diferentes um do outro.

– Os homens que mataram seus pais...

João dos Mistérios balançou a cabeça.

– Nunca cheguei a pegar a identidade deles – afirmou. – Não me juntei a você nesse caminho por vingança.

Tião Peixeira levantou uma sobrancelha.

– Então por quê?

João dos Mistérios deu de ombros.

– Carma – respondeu, seriamente. – O coronel Olho de Cobra praticou um grande mal à minha família no passado e o Universo está me dando a chance de ajustar a balança, mas não desejo a morte dele, mesmo que minhas mãos, como as suas, estejam sujas de sangue.

Tião Peixeira coçou a cabeça, confuso.

– Você é um cara difícil de entender.

O amigo sorriu, como se aquilo fosse um elogio.

– Não à toa me chamam de João dos Mistérios.

– João Macumba – corrigiu Tião Peixeira. – Se o destino nos uniu, devo ser a pessoa especial da profecia que você estava esperando.

– Que profecia? – quis saber João dos Mistérios, deixando a seriedade de lado.

– De mãe Camila, é claro – respondeu Tião Peixeira.

– Aquelas foram palavras ditas para tranquilizar uma criança que havia acabado de ficar órfã – diminuiu João dos Mistérios. – Você acha mesmo que ela se referia a você? Que eu deveria aceitar meu novo nome de um rascunho de cangaceiro branquelo?

Tião Peixeira bateu com as mãos nas coxas e expeliu o ar pelas narinas, irritado.

– Seu novo nome é João Macumba – repetiu. – Aceita que dói menos!

João dos Mistérios deu risada. Dava para ver que aquela era uma discussão que renderia horrores, caso continuasse a não dar ouvidos ao amigo, como pretendia fazer.

Capítulo 12

Os cegos do castelo

1

Ed Tempestade soube que estava encrencado no momento em que abriu os olhos. Primeiro porque não se encontrava mais em seu quarto, e sim num corredor escuro, iluminado por tochas, com cadáveres e prisioneiros próximos da morte acorrentados às paredes. Em segundo lugar, porque não era mais um homem adulto e voltava a habitar o corpo de um adolescente assustado, com medo da própria sombra. Não se tratava de um simples pesadelo. Aquilo era, ao mesmo tempo, um chamado e uma lembrança de contratos não cumpridos.

Um chicote ecoou distante, seguido de um grito da mais pura agonia. Ed Tempestade se levantou, procurando uma sombra para se esconder. Correntes se arrastavam pelos corredores próximos. Lamentos, gemidos e súplicas reverberavam pelas paredes, vindos de profundezas desconhecidas através de poços escuros ou por frestas de calabouços invisíveis. Passos pesados e movimentos de carcereiros brutos e insensíveis também chegavam a seus ouvidos. A umidade e o calor beiravam as raiais do insuportável.

Ed Tempestade avançava devagar pelo labirinto, espiando os túneis adjacentes com cuidado para não ser visto e procurando fazer o mínimo de barulho possível. Não queria que os humanoides com bolas de fogo no lugar dos olhos o encontrassem. Havia milhares deles circulando pelos corredores, recolhendo prisioneiros e os carregando para destinos incertos, mas certamente terríveis. Eles não diziam nada, uma vez que não tinham bocas, como se uma borracha as tivesse apagado deixando uma superfície lisa em seus rostos inumanos. Suas orelhas longas e pontudas pareciam projetadas para captar os menores sons, de modo a garantir que os condenados não lhes escapassem.

Quando sentia a aproximação daquelas criaturas bizarras, Ed Tempestade se escondia entre os cadáveres em abundância, permanecia imóvel e não se atrevia nem mesmo a respirar. Por duas vezes, os humanoides pararam no meio do corredor, com as costas encurvadas,

farejando o ar pestilento e movimentando as cabeças de forma errática, como se estivessem à procura de algo fora de lugar. Um deles chegou inclusive a cutucar Ed Tempestade, com seus longos dedos cinzentos, antes de ser puxado por um colega aparentemente mais velho e experiente, que o fez seguir em frente usando os braços longos como patas ao avançar rumo a uma seção diferente do labirinto.

Usando trapos roubados de cadáveres, Ed Tempestade avançou por caminhos incertos, em busca de uma saída que parecia não existir. Algumas passagens levavam a grandes salões, repletos de estátuas inumanas e assustadoras de seres que não deveriam existir. Além dos humanoides com olhos de fogo, figuras encapuzadas podiam ser vistas nesses salões, invariavelmente realizando rituais bizarros ou murmurando preces em línguas estranhas. Se ao menos Ed Tempestade conseguisse colocar as mãos num daqueles roupões roxos... Estava assim, perdido em pensamentos, quando uma voz se manifestou dentro de sua cabeça: “Ed Tempestade, você me decepcionou...”

Imediatamente, caiu de joelhos no chão, olhando ao redor, assustado. Tinha sido encontrado, e não por um escravo qualquer, mas pelo próprio senhor daquele reino subterrâneo. Olhou para trás e viu uma fumaça cinzenta e volumosa dobrar a esquina, como se fosse o tentáculo de um polvo, avançando lentamente em sua direção. Ele se levantou e começou a correr.

“Aonde pensa que vai? Não há escapatória para os trapaceiros.”

Como se para provar as palavras da voz misteriosa, Ed Tempestade percebeu tarde demais que havia entrado num corredor sem saída. Ele se virou, pressionando as costas contra a parede ao mesmo tempo que a criatura de fumaça se aproximava sem pressa.

– Ainda posso dar um jeito – argumentou. – Você sabe que ele virá atrás de mim. Ele sempre vem. Dessa vez vou cortar a cabeça dele para garantir que o maldito não retorne para nos atormentar. Dou minha palavra.

O ser de fumaça se avolumava no corredor fechado, lembrando algo sólido e mortal, se bem que sua pele imaterial se revolvesse sem parar em formas líquidas e passageiras.

“Faz dez anos que ouço a mesma promessa, mas Tião Peixeira continua respirando. Você testa minha paciência, Ed Tempestade.”

A fumaça se aproximou do rosto de Ed Tempestade, que bateu a cabeça na parede tentando se afastar dela. O cheiro de enxofre penetrava suas

narinas.

– Por favor – suplicou. – Aquele homem é teimoso para morrer, você sabe disso. Não fiz todo o resto que prometi?

A fumaça pairava a centímetros de seu rosto.

“E quanto a Maria Estrela?”

Ed Tempestade piscou várias vezes.

– Aquilo foi traição – lembrou, com desgosto.

Batidas distantes fizeram a fumaça recuar um palmo, como se olhasse para trás.

“Parece que precisam do seu rabo inútil lá em cima. Vou lhe dar uma última chance para provar seu valor, Ed Tempestade. Se tiver sucesso, nosso negócio estará concluído e deixarei que siga seu caminho. Se falhar, não o protegerei mais, e pode aguardar uma eternidade perdido nesses túneis como um de meus escravos sem mente.”

Ed Tempestade respirou fundo.

– Dê-me o que preciso – concordou.

A fumaça avançou, penetrando suas narinas e sua boca, enchendo seus pulmões de gases tóxicos e enxofre. Ed Tempestade teve um acesso de tosse violento. Ao abrir os olhos, estava de volta a seu próprio corpo, num quarto mal-iluminado, cheio de garrafas vazias e coberto por uma névoa de álcool. Sentia-se tonto, de ressaca e cansado da vida miserável que levava. No entanto, não podia se dar ao luxo de ficar deprimido. Batidas na porta exigiam sua atenção.

– Ed Tempestade? – chamou alguém do lado de fora. – Está aí dentro?

Aquela voz lhe era familiar, mas demorou um momento para conseguir identificá-la. Komodo, o negro que substituíra Berne como chefe de segurança do coronel Olho de Cobra, um sujeito grande e aterrador, outro idiota com o qual Ed Tempestade estava cansado de lidar. Ele pegou uma garrafa pela metade na cabeceira da cama e deu um longo gole antes de responder:

– O que foi agora? Será que não posso ter uma noite de sossego que seja?

– Peço perdão pelo inconveniente – continuou Komodo. – Mas o coronel Olho de Cobra requer sua presença imediata no escritório.

Ed Tempestade colocou uma calça e se levantou, esfregando os olhos.

Caminhou até a porta, abriu-a e encarou Komodo, que se apresentava em seus tradicionais trajes militares, como de costume. Ed Tempestade puxou o zíper da braguilha.

– É bom que seja importante – rosnou. – Estou cansado de ser incomodado por tipos como você.

Komodo o encarou, de olhos semicerrados, e ofereceu um pequeno sorriso, de quem sabia das coisas.

– Oh, acredito que você logo me agradecerá por tê-lo acordado – garantiu.

Ed Tempestade virou o pescoço, desconfiado.

– É mesmo? Por que? O que aconteceu?

Komodo colocou as mãos nas costas, parecendo bem relaxado.

– Já ouviu falar dos Ratos do Deserto?

Ed Tempestade pegou uma camisa amassada e a colocou sobre o peito nu, fechando os botões um por um.

– Não são aqueles mercenários que atuam nas praias tóxicas? Sempre achei o nome do grupo apropriado, para um bando de psicopatas capazes de matar as próprias mães por uns trocados. Bom, por que estamos falando sobre esses canalhas?

– Porque esses canalhas estão nos esperando no escritório do coronel – explicou Komodo. – Eles vieram até aqui reclamar uma recompensa.

Os olhos de Ed Tempestade se abriram, em sinal de alerta.

– Precisamos de você para identificar se a cabeça que eles trouxeram pertence mesmo ao vilão Tião Peixeira.

2

A expressão de surpresa ficou impressa nos olhos azuis e opacos do morto. A pele se encontrava levemente acinzentada. A boca escancarada exibiu uma língua roxa, miúda e ressecada, e estava sem dois dentes, provavelmente arrancados na luta com seus executores. O nariz era grosso e parecia ter sido quebrado mais de uma vez, mas a cabeça dentro da caixa guardava uma semelhança magnífica com o retrato falado do bandido conhecido como Tião Peixeira.

O coronel Olho de Cobra contemplava a cabeça, iluminada pelo fogo que queimava na lareira, com uma expressão meditativa.

– E então? – quis saber um dos homens que aguardavam a avaliação do coronel. – Podemos conversar sobre aquelas cem peças de ouro?

O coronel Olho de Cobra levantou os olhos para seus visitantes, três representantes do grupo mercenário Ratos do Deserto. O líder se chamava Crânio e exibia um longo moicano que se mantinha ereto como a crina de um cavalo graças a algum cosmético especial, quebrando um pouco a ilusão de durão que procurava ostentar. Apesar do nome, Crânio parecia não ser muito brilhante. Os olhos pequenos eram próximos demais um do outro e os lábios leporinos indicavam uma infância difícil, a despeito de o colar de escalpos que trazia no pescoço falar por si próprio.

Racha Coco vinha atrás dele, com os dedões enfiados nos bolsos da calça jeans apertada e o queixo levantado, de forma arrogante. Mesmo desarmado era considerado um cara perigoso, talvez a maior ameaça do grupo. Sua fama vinha de esmagar as cabeças dos inimigos usando as próprias mãos. Moreno, de careca raspada e o corpo de um fisiculturista, Racha Coco seguia Crânio como uma sombra, agindo como os músculos do líder magrelo. Na retaguarda vinha Fuinha, um homenzinho de cabelos longos, bigode espetado e olhar assustado. Tinha como vantagem sua aparência de covarde e o fato de ser traiçoeiro como o chocalho de uma cascavel. Sua rapidez e habilidade com uma faca na mão sempre surpreendia os inimigos. Sem contar suas mentiras, que podiam ser mais afiadas que um punhal.

Juntos, os três mercenários contavam com mais de cinquenta mortes confirmadas no currículo e a fama de serem matadores implacáveis. Nada disso impressionava o coronel Olho de Cobra, que encarava o trio ansioso com pura indiferença. Talvez achasse que a presença dos três seguranças armados no escritório o protegesse de qualquer tentativa fútil por parte dos mercenários de atacá-lo. Além disso, estavam no centro de sua fortaleza. Se qualquer coisa lhe acontecesse, o trio de matadores não escaparia vivo dali.

– Tudo em seu devido tempo – respondeu o coronel. – Primeiro, eu gostaria de saber como nosso caro Tião Peixeira perdeu a cabeça, se não se importar.

Os lábios leporinos de Crânio se repuxaram para trás na imitação de um sorriso.

– Eu mesmo a cortei com um machado – relatou, orgulhoso.

– Acho que ele quer saber como o encontramos, Crânio – apontou

Fuinha.

O líder dos Ratos do Deserto lançou um olhar furioso para o colega.

– Eu já ia chegar a essa parte – afirmou, voltando-se para o coronel. – Arrancamos o paradeiro de Tião Peixeira e João Macumba de um índio, que os abrigou por uma noite nos arredores de Cascata Seca. Ficamos sabendo que os dois estavam se armando antes de virem para cá, fazer uma visita ao senhor e nos adiantamos um pouco. Armamos uma armadilha na Garganta dos Desesperados, onde esmagamos o tal João Macumba como um inseto, derrubando uma pedra em cima dele, e perdemos quatro homens antes de conseguir derrubar o Tião Peixeira.

– O patife me fez suar – reclamou Racha Coco com a voz rouca.

– De todo modo, o cartaz não especificava em que condições os procurados deveriam ser entregues ao senhor – continuou Crânio, retomando a narrativa. – Guardamos os restos do negro numa caixa que ficou lá embaixo, mas não sobrou muita coisa para identificá-lo. Tivemos mais sorte com o Tião Peixeira. Espero que a cabeça dele seja o suficiente para comprovar sua identidade. Deixamos o resto do corpo para os cães selvagens do sertão. Agora, sobre aquelas cem peças de ouro?

O coronel Olho de Cobra atijou as brasas na lareira com um dos ferros enfiados dentro do fogo. Havia quatro hastes metálicas com cabos de borracha mergulhadas nas chamas.

– Você quer me convencer de que seu grupo venceu, sozinho, o homem que pôs fogo na delegacia de Miradouro e matou oito pessoas antes disso em Água Parada?

Crânio apontou para a caixa na mesinha de centro, irritado.

– Isso não é prova suficiente? E já lhe disse que perdi quatro homens no combate. Queríamos matá-lo na avalanche que provocamos com algumas bananas de dinamite, mas não demos tanta sorte.

– Ele cortou meu braço – lembrou Racha Coco, exibindo o curativo tosco que trazia no bíceps direito.

O coronel Olho de Cobra sorriu, enigmático.

– Não duvido da palavra dos senhores – afirmou. – Mas cem peças de ouro é muito dinheiro. Tenho certeza de que entendem minha necessidade de uma segunda opinião antes de pagá-los pelo serviço prestado, não é mesmo?

Crânio se virou para os colegas, que deram de ombro. O líder dos Ratos do Deserto deu um passo adiante, levantando uma sobrancelha.

– Uma segunda opinião? – perguntou, sem entender.

O coronel Olho de Cobra suspirou.

– Sobre a identidade do morto – esclareceu.

Crânio concordou.

– Isso é mesmo necessário?

De repente, a porta do escritório se abriu com violência. Ed Tempestade adentrou o recinto, marchando em suas tradicionais roupas negras, já sem o brilho de outrora por estarem sujas e amassadas. Komodo seguia atrás dele, com passos apressados.

– Onde está a cabeça? – quis saber Ed Tempestade.

O coronel Olho de Cobra colocou uma das mãos no bolso e apontou com a outra para o recém-chegado.

– Aí está meu especialista – disse, casualmente. – Venha até aqui, Ed. Seu amigo Tião Peixeira o aguarda dentro desta caixa.

Ed Tempestade atravessou o escritório, empurrando Fuinha para fora do caminho e olhando feio para os outros dois Ratos do Deserto. Ele parou diante da caixa deixada na mesinha de centro e olhou longamente para dentro dela. Todos ficaram em silêncio, de olho nas reações do matador – ou na falta delas. Ele mantinha o rosto fechado numa carranca, sem mover um músculo sequer, com olhos fixos na cabeça decepada. Ed Tempestade respirou fundo uma vez e cerrou os punhos.

– E então? – incentivou o coronel Olho de Cobra. – É ele?

Ed Tempestade levantou a cabeça para o anfitrião, mas não respondeu. Virou-se e caminhou na direção de Crânio, invadindo o espaço pessoal do líder dos Ratos do Deserto até que os rostos dos dois se encontrassem a poucos centímetros de distância. Os olhos do homem de preto relampejavam e fizeram com que Crânio se afastasse deles, involuntariamente.

– Deixe-me adivinhar – começou Ed Tempestade, colocando a mão gentilmente na nuca do homem à sua frente e mudando de tom. – Foi você quem teve a ideia idiota de vir até aqui, no meio da noite, numa tentativa estúpida de roubar o ouro do coronel Olho de Cobra, certo?

Crânio tentou se livrar do braço que segurava sua cabeça, mas os dedos de Ed Tempestade se recusavam a largar o couro cabeludo dele.

– Não sei do que está falando – defendeu-se o líder dos Ratos do Deserto. – Isso é jeito de tratar visitas? Quem você pensa que é? Me larga!

Racha Coco deu um passo à frente, de punhos cerrados. Imediatamente, os seguranças apontaram as armas para ele, que recuou no mesmo instante. Ed Tempestade puxou os cabelos de Crânio para trás e apontou o indicador para o rosto dele, exigindo sua atenção.

– Meu nome é Ed Tempestade – respondeu. – Cresci ao lado de Tião Peixeira e quer saber uma coisa engraçada? Ele não tinha cabelos cacheados nem mesmo castanhos, como a cabeça do pobre-coitado dentro daquela caixa. Só que ninguém mencionou isso nos cartazes de procurados espalhados por aí, não é mesmo? Afinal, ele atacou aquela delegacia de chapéu.

Os olhos de Crânio se moviam de um lado para outro em busca de opções.

– Eu posso explicar...

Ed Tempestade, todavia, não estava disposto a ouvir explicações, como a cabeçada que deu na cara do líder dos Ratos do Deserto deixou bem claro. Crânio deu dois passos para trás, com sangue escorrendo pelo nariz. Nisso Racha Coco agiu por puro instinto, esquecendo-se das armas apontadas em sua direção e partindo como um trator para cima de Ed Tempestade. O coronel Olho de Cobra fez um sinal para que os homens não atirassem, interessado no resultado daquela briga. Racha Coco tentou acertar o homem de preto com um soco no rosto, mas não conseguiu. Ed Tempestade se desviou do golpe com facilidade, acertando uma cotovelada na garganta do inimigo. Foi o que bastou para tirá-lo de combate.

– Ele quebrou beu dariz – reclamava Crânio, com ambas as mãos a tentarem parar o sangramento. – O baldito quebrou beu dariz!

Fuinha apareceu por trás de Ed Tempestade, passando um garrote pelo pescoço dele. O mercenário traiçoeiro dera um jeito de esconder a arma na revista antes de entrar no escritório do coronel Olho de Cobra e, obviamente, sabia como usá-la. Ed Tempestade mal teve tempo de pôr dois dedos entre o arame e o pescoço antes de o laço se fechar para sufocá-lo.

– Fica quieto, peste – ordenou Fuinha, apertando o nó. – Isso vai te ensinar a não se meter com os Ratos do Deserto!

Ed Tempestade não conseguia responder. Pontos negros dançavam diante de seus olhos. Ele precisava reagir rápido, caso contrário desmaiaria em poucos minutos. Usando as forças que lhe restavam, o homem de preto dobrou os joelhos e usou o próprio corpo como alavanca para lançar o

inimigo de costas contra uma cadeira, que se fez em pedaços ao receber o impacto do corpo de Fuinha. Dois mercenários estavam fora de jogo. Faltava um.

Livre do garrote, Ed Tempestade procurava recuperar o fôlego quando um soco o acertou no queixo.

– Vou acabar com sua raça, seu berda – berrou Crânio, partindo para o ataque.

Para a surpresa do líder dos Ratos do Deserto, no entanto, Ed Tempestade pegou o segundo soco no ar, imobilizando o punho cerrado com dedos que pareciam feitos de ferro que logo começaram a comprimir a mão imobilizada como um torno. Crânio gemeu de dor, levando um dos joelhos ao chão. O homem de preto continuou a apertar até ouvir o estalo nítido de ossos quebrando. O mercenário gritou de dor, de joelhos e encolhido diante do inimigo.

– Pare – suplicou Crânio. – Por favor, eu me rendo.

Com a mão livre, Ed Tempestade limpou os lábios, levemente ensanguentados, mas não largou o mercenário nem diminuiu a pressão sobre seu punho. Um fogo invisível parecia queimar dentro de seus olhos castanhos.

– Tião Peixeira devora homens como você no café da manhã – disse com a voz rascante. – E quer saber outra coisa engraçada? Eu também.

Em seguida, Ed Tempestade fechou a mão sobre a traqueia de Crânio e o levantou com um braço só, usando o peso do mercenário para sufocá-lo.

– Já chega, Ed – ordenou o coronel Olho de Cobra, finalmente decidindo interferir na briga.

Ed Tempestade se virou para o anfitrião, com o rosto tomado pela fúria selvagem rapidamente retomando a racionalidade de seus períodos de calma. Largou Crânio, que despencou como um saco de bosta, tossindo e massageando o pescoço. O homem de preto cuspiu na lateral do rosto do mercenário antes de se afastar.

– Ele é todo seu – afirmou para o coronel.

Crânio olhou ao redor. Tanto Racha Coco quanto Fuinha se recuperavam da surra, mas não demonstravam nenhum espírito de luta. O líder dos Ratos do Deserto se voltou para o coronel Olho de Cobra, que continuava a remexer a fogueira com um daqueles ferros enterrados na brasa.

– É verdade, Crânio? – perguntou numa voz calma e ponderada. –

Você mentiu para mim?

O líder dos Ratos do Deserto se apressou em responder:

– Dão, senhor – negou. – Quer dizer, pode ser que eu e meus hobens tenhamos sido enganados, mas realmente achamos que aquele doido era o Tião Peixeira. O senhor precisa acreditar em nós.

O coronel Olho de Cobra retirou o ferro de dentro do fogo, admirando a letra M incandescente na ponta do instrumento, erguido no ar para que todos pudessem dar uma boa olhada nela em seu esplendor alaranjado.

– Oh, mas acredito em vocês – afirmou o coronel. – Nenhum dos três me parece tão corajoso a ponto de entrar na minha casa para contar uma mentira deslavada dessas, como se eu fosse uma puta que vocês pretendiam comer de graça.

Crânio se colocou de joelhos, entrelaçando os dedos numa súplica desesperada.

– Cobetemos um erro, senhor – admitiu. – Probeto que traremos a cabeça do verdadeiro Tião Peixeira se nos deixarem ir embora.

O coronel Olho de Cobra assentiu, parado em frente ao mercenário suplicante.

– Ed Tempestade?

O homem de preto deu uma chave de braço em Crânio, imobilizando-o enquanto puxava seu moicano para trás, deixando a testa bem exposta.

– Isso é o que acontece com quem mente para a gente – sussurrou para o outro.

O coronel Olho de Cobra baixou o ferro com a ponta incandescente.

– Segure-o firme agora – recomendou.

Crânio começou a se debater.

– Dão – reclamou. – Pelo amor de Deus, dão! Dão! Dão!

O coronel Olho de Cobra não lhe deu ouvidos e pressionou a ponta do ferro incandescente contra a testa do líder dos Ratos do Deserto, que berrou de dor com todas as forças que lhe sobravam. Racha Coco e Fuinha observaram a cena assustados, cercados por Komodo e outros soldados armados. O cheiro de carne queimada subiu junto com um chiado arrepiante. Demorou apenas um momento. Então, o coronel Olho de Cobra retirou o ferro para revelar o enorme M estampado na testa de Crânio, que balbuciava incoerências, com um fio de saliva escorrendo pela boca aberta. Quando Ed Tempestade o soltou, o homem desabou outra vez, sem forças para mexer um

músculo sequer. O coronel se virou para os outros dois mercenários.

– Agora todos saberão que o líder de vocês é um mentiroso imprestável – decretou. – Levem esse traste inútil daqui e não voltem a colocar os pés na minha propriedade, a menos que queiram ter a cabeça separada dos seus pescoços imprestáveis, entendido?

3

Os Ratos do Deserto não precisaram de maiores incentivos para pegar seu líder e partir com os rabos entre as pernas. Um soldado se encarregou de recolher a cabeça decepada e levá-la embora. Nada disso foi suficiente para acalmar os ânimos de Ed Tempestade, que ainda fumegava de raiva. O coronel Olho de Cobra fez um sinal para que Komodo e o restante dos soldados deixassem o escritório enquanto ele servia uma dose de uísque para si mesmo e outra para seu hóspede.

– Lamento tê-lo acordado por conta dessa bobagem – desculpou-se, oferecendo o copo de uísque como uma oferta de paz.

Ed Tempestade aceitou a bebida, que tomou num só gole.

– Tudo bem – respondeu, de mau humor. – Ao menos tive a oportunidade de me exercitar, mesmo que essa cambada de frouxos não tenha dado quase nenhum trabalho. Essa demora para dar cabo de Tião Peixeira está me deixando louco.

O coronel Olho de Cobra se sentou numa poltrona próxima ao fogo, bebericando o uísque sem a urgência do hóspede.

– Acho que começo a entender como se sente, meu caro – comentou.

Ed Tempestade se sentou numa poltrona de frente para o anfitrião.

– Seu amigo ainda não conseguiu nenhuma pista?

O coronel Olho de Cobra bufou, balançando a cabeça.

– Nada de útil – respondeu. – Desde que o maldito Tião Peixeira voltou dos mortos, não consigo arrancar uma informação que preste do meu associado. Deve ser culpa do tal João Macumba. Desconfio de que seja um bruxo poderoso, mas não entendo o que pode tê-lo levado a se associar contra nosso inimigo em comum.

Ed Tempestade balançava a perna sobre o braço da cadeira, apoiando a cabeça numa das mãos, pensativo.

– Também não entendo porque Tião Peixeira está demorando tanto para vir ao meu encalço – avaliou. – Ele não costuma ser sutil. A essa altura, já devíamos ter alguma notícia de seu paradeiro.

O coronel Olho de Cobra assentiu, dando mais um gole no uísque.

– Seu mestre não pode nos ajudar?

Ed Tempestade se remexeu na poltrona, balançando a cabeça, claramente incomodado com a pergunta.

– Na verdade, recebi uma visita dele antes da reunião – revelou.

O coronel se aprumou na poltrona.

– O que ele disse?

Ed Tempestade cruzou os braços, enterrando o queixo no peito.

– Nada de útil – respondeu, repetindo as palavras do coronel. – Só sei que está furioso com a falta de resultados e me deu uma última chance de ajustar as contas.

O coronel Olho de Cobra balançou o copo, fazendo o restinho de uísque dar voltas e mais voltas pela circunferência que lhe cabia.

– Consultarei meu associado novamente daqui a pouco– concedeu. – Talvez ele nos traga boas notícias dessa vez.

Ed Tempestade fez uma careta, levantando-se, dando a reunião por encerrada.

– A esperança é a última que morre, certo?

4

Mesmo estando sozinho no quarto, o coronel Olho de Cobra espiou desconfiado sobre o ombro direito. Não conseguiu evitar. Era uma mania que o perseguia desde jovem, quando entrou em contato com o demônio na garrafa pela primeira vez, com o corpo agonizante do pai ainda se debatendo sobre a cama, os olhos injetados e uma espuma branca a escapar pela boca aberta. O médico da família afirmou que o velho Sucuri morrera graças a um ataque cardíaco fulminante, seguindo fielmente as instruções de Olho de Cobra, e como o bom doutor veio a bater as botas alguns meses depois, num trágico acidente de carro, ninguém nunca desconfiou da verdade: que seu pai fora vítima de envenenamento.

O cofre ficava escondido dentro de um armário, atrás de uma parede

falsa. O coronel mudou o segredo dele diversas vezes com o passar dos anos, embora esse fosse um hábito cansativo que tivesse abandonado. Fazia pelo menos seis anos que bastava digitar a data de aniversário de seu único filho vivo para abrir o cofre. Todas as vezes que se agachava diante da porta de aço reforçado, considerava trocar o segredo após a consulta, mas sempre deixava a tarefa para uma próxima vez. A velhice o deixava acomodado, com preguiça de realizar até algo simples como aquilo.

A porta se abriu com a lentidão habitual, para revelar uma garrafa negra de pé no centro do cofre vazio. O coronel Olho de Cobra a pegou de forma quase cerimonial, acalentando-a nos braços como faria a um bebê. A fuligem escureceu o vidro com o passar das décadas, mas ele podia sentir a criatura imaterial acordar e se movimentar dentro da garrafa. Logo dois pontinhos avermelhados e malévolos se acenderam por trás da superfície enegrecida.

“A noite escura preenche de temor o coração negro do pecador”, afirmou uma voz conhecida dentro da cabeça do coronel. “Perdoe-me pela previsão nefasta, mas admito que me pegou no meio de uma agradável soneca. Não esperava que o bom coronel viesse me consultar tão cedo, após nossa última conversa...”

De joelhos no chão do armário, espiou novamente por sobre o ombro, antes de sussurrar para a garrafa:

– Corte o papo-furado, ok? Lembre-se de que sei seu verdadeiro nome, seu vermezinho de fogo e enxofre! Portanto, meu poder sobre você é absoluto. Por isso, revele-me a verdade: que destino aguarda Ed Tempestade?

Os olhinhos vermelhos dentro da garrafa piscaram e se reposicionaram num ponto mais elevado e menos enegrecido.

“O destino do homem de preto se encontra em fluxo, devido a incógnitas desconhecidas. Tudo que vejo em seu futuro é escuridão e solidão”, revelou.

O coronel coçou o queixo, pensativo.

– O que aconteceria se eu deixasse de protegê-lo? – quis saber.

A voz em sua cabeça deu uma risadinha enquanto os olhinhos vermelhos flutuaram de forma traiçoeira dentro da garrafa.

“O bom coronel está pensando em revogar a estadia de seu ilustre hóspede?”

As sobrancelhas do coronel Olho de Cobra se inclinaram na forma de

um V irritado, sinal de que a pergunta não fora bem-recebida.

– Esse desgraçado virou uma pedra no meu sapato – confessou. – Toda essa confusão com Tião Peixeira não teria ocorrido se não fosse pela presença dele aqui. Já fazem mais de dez dias que mandei Berne para Miradouro, a fim de resolver esse problema, e as últimas notícias que recebi de lá não foram nada animadoras. Meu chefe de segurança desapareceu ao perseguir o rastro do ex-delegado Carrapato e nem você consegue localizá-lo. O que devo fazer, além de presumir o pior?

Os olhinhos vermelhos desapareceram, como se tivessem partido para investigar probabilidades futuras.

“Ed Tempestade ainda conta com a proteção do Senhor Fumaça”, pronunciou após uma pausa. “Não seria sábio desafiá-lo, mesmo na atual conjuntura, uma vez que ele detém poderes muito superiores aos de um mero demônio preso na garrafa como eu.”

O coronel deu um tapa na perna, descontente.

“Além disso, o Senhor Fumaça é o menor de seus problemas no momento.”

O coronel Olho de Cobra levantou uma sobrancelha, desconfiado. Os olhinhos vermelhos permaneciam fechados dentro da garrafa, mas o demônio estava amarrado por um feitiço que o obrigava a contar somente a verdade. Era esse o poder que o verdadeiro nome da criatura dava ao coronel. Ele não tinha como se esquivar ou fugir das perguntas que lhe fossem feitas. Tudo que podia fazer era obedecer.

– Do que está falando? – quis saber.

A fumaça dentro da garrafa se revolveu, manifestando uma risadinha telepática.

“Vejo conspirações crescerem e darem frutos ao norte do território do bondoso coronel”, revelou. “Palavras ditas por trás de portas fechadas logo darão lugar a armas e à formação de um exército de trabalhadores insatisfeitos com a qualidade da água que bebem e dos vegetais estragados que consomem. Vejo esse exército marchar de uma cidade para outra, ganhando apoio popular e inchando suas fileiras, até chegar aos portões da fortaleza do nobre coronel. E creio que eles não venham trazer reivindicações que o senhor possa atender.”

– Você já fez essa previsão antes – lembrou. – É por esse motivo que estou levantando o muro ao redor do meu castelo para que, até o fim do ano,

estejamos completamente isolados. Então, nada disso será um problema e o resto da população poderá definhir, enquanto eu e minha família prosperaremos dentro de minhas novas fronteiras, com acesso à água da melhor qualidade e energia suficiente para cultivar novas hortas sem nos preocuparmos com as nuvens escuras acima.

Os olhinhos vermelhos dentro da garrafa voltaram a se abrir, maliciosos.

“Acontece que a situação em Miradouro deixou seus inimigos no norte mais confiantes”, alertou. “Eles vão adiantar seus cronogramas, de modo que o dito exército chegará às suas portas antes do fim do ano e da conclusão dos muros que o protegeriam.”

Isso irritou o coronel de verdade.

– Não é possível – reclamou, enfurecido. – A situação estava sob controle. Você mesmo me garantiu isso.

Os olhinhos vermelhos dançaram despreocupados no interior da garrafa.

“E era verdade, naquela época”, admitiu. “Mas a presença de Tião Peixeira e do agente invisível que o esconde do meu olhar desestabilizou o jogo. O futuro está em fluxo, como sempre, e a menor incógnita é capaz de alterá-lo de formas imprevisíveis. No momento, sua demonstração de força em Miradouro provocou um reflexo negativo no norte, onde seus inimigos farejam uma fraqueza em sua armadura e pretendem tomar vantagem dela. Por sorte, o senhor ainda tem tempo e homens para reagir a esse imprevisto.”

O coronel Olho de Cobra voltou a coçar o queixo.

– Enviar mais homens para o norte deixaria meu castelo desguarnecido – considerou. – Você não enxerga nenhuma outra ameaça que possa vir a ameaçar minha posição enquanto peço que as forças de Miradouro retornem para casa?

Os olhinhos vermelhos piscaram três vezes, de forma avaliativa.

“Nada além dos movimentos de Tião Peixeira e seu aliado misterioso nos ameaçam”, garantiu. “Mas o que podem fazer dois homens sozinhos contra o nobre coronel, mesmo numa posição enfraquecida?”

Era uma boa pergunta. O Ninho da Serpente era uma fortaleza difícil de ser invadida, que contava com uma força policial permanente de cinquenta homens, com acesso ao melhor e mais rico arsenal da região. Além disso, o coronel sempre podia contar com a contratação de mercenários para

incrementar suas defesas internas. Não lhe faltavam fundos para tanto.

– Tem razão, demônio – concordou, afinal. – Levarei seus conselhos em consideração. Pode retornar ao seu merecido descanso.

Os olhinhos vermelhos voltaram a se apagar.

“O bom coronel é muito generoso”, afirmou com o sarcasmo habitual. “Seria ótimo se pudesse me deixar dormir por pelo menos uma semana, como fazíamos antigamente. Você sabe como essas consultas são cansativas para mim. Era de esperar que um homem poderoso como o senhor não dependesse tanto de minhas palavras, não é mesmo?”

O coronel largou a garrafa dentro do cofre e trancou a porta de aço mais uma vez. O demônio adorava provocá-lo, independentemente das amarras a que estivesse preso. Por mais que o coronel odiasse admitir, ele temia tomar qualquer decisão importante sem primeiro consultar seu adivinho de estimação. Era um vício do qual não conseguia se livrar. Voltou a colocar a parede falsa no lugar, lembrando só então que não havia mudado o segredo do cofre. Tudo bem. Poderia fazer isso na próxima vez.

5

De todos os residentes do Ninho da Serpente, nenhum contava com tantas regalias quanto o pequeno Jiboia, último filho vivo do coronel Olho de Cobra. Se bem que chamá-lo de pequeno era um eufemismo, visto os 160 quilos do garoto que passava os dias trancado no quarto jogando videogames numa das últimas televisões em funcionamento do mundo. Os empregados viviam levando bolos e doces para o consumo do príncipe, que só parava de jogar para devorar as guloseimas cujos farelos se espalhavam pelas roupas, invariavelmente manchadas de chocolate, catchup e outros elementos misteriosos.

Era para o quarto dele que Ed Tempestade se dirigia sempre que ficava entediado. Não por realmente gostar do garoto, que julgava um preguiçoso de marca maior, mas pelo fato de o rapaz ser o jogador mais habilidoso que já conhecera. Nem antes da Grande Guerra, quando não faltavam televisões e videogames em funcionamento na face da Terra, encontrou alguém capaz de derrotá-lo em tantos jogos diferentes. Além disso, as partidas o distraíam dos problemas que o perseguiram aonde quer que

fosse. Por isso, bateu na porta do pequeno Jiboia naquela manhã.

– Está aberta – berrou uma voz lá de dentro.

Ed Tempestade girou a maçaneta e entrou. O quarto se encontrava bagunçado, como de costume, com roupas espalhadas pelo chão, junto de pratos e copos sujos. Um cheiro de chulé permeava o ambiente. O pequeno Jiboia estava sentado no chão, diante da televisão, na qual um gorila avançava por cenários coloridos derrubando jacarés humanoides com rolamentos e conquistando bananas pelo caminho.

– Fala, campeão – cumprimentou Ed Tempestade. – Tem lugar para mais um?

Jiboia se virou para o amigo, sorrindo como um dos macacos do jogo.

– Onde joga um, jogam dois – respondeu, alegre.

Ed Tempestade se sentou ao lado dele, pegando o outro controle enquanto o garoto trocava a fita, optando por um jogo de lutas, cheio de personagens para escolher e golpes especiais para eliminar os oponentes.

– Espero que esteja preparado para levar uma surra – alertou Jiboia, animado.

– Garoto, você é o único que consegue me derrubar, mas desta vez vou fazê-lo suar que nem um porco – brincou Ed Tempestade.

Os dois adentraram uma arena virtual. Ed Tempestade controlava um cara forte, de quimono e faixa vermelha prendendo os cabelos arrepiados. Jiboia escolheu um personagem gordo, vestido com uma saia azul e branca, que já começou o jogo distribuindo tapas num de seus golpes especiais. Ed Tempestade se defendeu como pôde, procurando acertar alguns golpes, mas Jiboia era um jogador muito mais habilidoso. Ele venceu dois *rounds* sem precisar se esforçar muito.

– O que foi mesmo que você disse? – perguntou após a primeira vitória.

– Que na próxima acabo com sua raça – prometeu Ed Tempestade.

Ele, porém, levou outra surra, apesar de ter conseguido desferir alguns bons golpes. O pequeno Jiboia ria e contava piadas. Normalmente, Ed Tempestade relaxava e esquecia os problemas durante as partidas. Mas não naquele dia. Fora os imprevistos noturnos com os Ratos do Deserto, o homem de preto acordou com um gosto ruim no fundo da garganta e a sensação de que havia algo errado no ar. Não sabia exatamente o que era, até que percebeu a movimentação de empregados no corredor, uma vez que

havia esquecido a porta do quarto aberta. Ele se virou e notou outra coisa estranha, que lhe escapou num primeiro momento.

– Onde está o Leo Gecko?

Leo Gecko era um velho leão de chácara que trabalhava para o coronel Olho de Cobra havia mais de trinta anos e já cumprira todo tipo de função. Nos últimos anos, encontrava-se na posição de guarda-costas pessoal do filho do chefe, um trabalho tedioso e monótono, mas que, como um cachorro idoso, ele não abandonava por nada no mundo. Ed Tempestade costumava achar graça do velho, olhando-o torto sentado numa cadeira no fundo do quarto, a mão descansando no coldre da arma, como se o homem de preto fosse uma ameaça para o garoto. O pequeno Jiboia deu de ombros.

– Meu pai mandou chamá-lo logo cedo – relatou, desinteressado.

Na televisão, o personagem de Ed Tempestade era derrotado novamente.

– É mesmo?

O homem de preto largou o controle e se levantou.

– Já vai? – quis saber Jiboia, procurando não parecer ansioso demais.

Ed Tempestade sabia que o rapaz o deixaria ganhar a próxima partida, caso continuassem o jogo. Era preciso manter o interesse do fraco adversário, afinal. Jogar com alguém era sempre melhor do que jogar sozinho, mesmo que o outro jogador fosse pior do que um macaco maneta.

– Volto daqui a pouco – prometeu Ed Tempestade, bagunçando o cabelo do garoto. – Só quero ver que confusão é essa lá fora.

Os corredores do castelo, de fato, andavam bem movimentados naquela manhã e Ed Tempestade logo descobriu o motivo ao passar por uma das janelas, de onde viu as tropas reunidas em frente à propriedade. Os soldados do coronel se armavam e tiravam veículos da garagem, prontos para partirem rumo a mais uma guerra. O homem de preto achou aquilo estranho. Não enxergava motivos para tamanha mobilização e ficou curioso. Encontrou Komodo ladrando ordens no pátio principal e foi falar com ele.

– Qual o motivo para toda essa algazarra? – quis saber.

Komodo se virou para o homem de preto, de peito estufado.

– Estou levando as tropas para conter uma rebelião em Boi Bravo e Ventos Uivantes – anunciou. – O coronel me concedeu o título de major logo após o café da manhã – completou, todo orgulhoso.

– Bom para você – cumprimentou Ed Tempestade. – Mas que

rebelião é essa da qual nunca ouvi falar? Tem algo a ver com a situação em Miradouro?

– Você, recruta! – bradou Komodo, assumindo uma expressão furiosa. – Onde está seu capacete? Olhe esse cinto desabotoado! Aprume-se, homem, ou quer que o inimigo pense que somos todos desleixados que nem você?

O recruta recuou, arrumando as calças e dando desculpas a respeito do capacete. Komodo se voltou para Ed Tempestade.

– Olha, não tenho autorização de comentar assuntos militares com hóspedes do coronel. Converse com ele, se quiser mais informações. Agora, se me dá licença, tenho uma centena de soldados para disciplinar, ok?

Ed Tempestade saiu do caminho e Komodo partiu, pisando pesado e chamando a atenção dos recrutas. O poder subiu rapidamente à cabeça do chefe de segurança substituto. O homem de preto coçou o queixo, preocupado. Uma mobilização como aquela deixaria o castelo desguarnecido, mas o coronel Olho de Cobra devia saber o que estava fazendo, portanto, retornou ao quarto do pequeno Jiboia.

– Está tudo bem lá fora? – quis saber o garoto.

Ed Tempestade deu de ombros, pegando o controle.

– Nada que seu pai não possa resolver sozinho – respondeu.

Os dois começaram outra partida, e mesmo que Jiboia se esforçasse para deixar Ed Tempestade ganhar, o homem de preto não conseguia se concentrar no jogo. Sentia como se estivesse deixando passar algo importante, mesmo vital, e não importava o que fizesse: nada lhe tirava a sensação de que o pior ainda estava por vir.

6

Ed Tempestade estava quase pegando no sono quando escutou passos apressados no corredor e alguém bateu em sua porta. Ele levantou a cabeça, confuso.

– Quem é? – gritou sem sair da cama.

– O novo chefe de segurança, mestre Tempestade – respondeu uma voz abafada do lado de fora. – O coronel Olho de Cobra requisita a presença imediata do senhor em seu escritório.

Ed Tempestade dispensou o lençol com um movimento rápido das mãos.

– Porra! Agora toda noite a mesma maluquice? O que foi desta vez?

– Notícias de Miradouro – respondeu a voz do lado de fora.

Ed Tempestade franziu o cenho, vestindo a calça. Conhecia aquela voz direta e monótona de algum lugar, mas não conseguia dizer exatamente de onde. Talvez fosse por conta da hora ou do sono. De todo modo, precisava se arrumar para mais uma reunião noturna. Decidiu que dessa vez levaria a espada, só por garantia. Se fosse mais algum mercenário clamando a morte de Tião Peixeira, ele não deixaria o castelo com a cabeça pregada ao pescoço.

– Estou me arrumando – avisou, enfim saindo da cama. – Só vai levar um minuto.

– Eu aguardo – respondeu o novo chefe da segurança.

Dava para ver a sombra dos pés do homem pelo vão entre a o chão e a porta. Ed Tempestade colocou a camisa que estava menos amassada e passou a fechar os botões, procurando descobrir a identidade de seu visitante noturno. Sabia que conhecia aquela voz de algum lugar, assim como os trejeitos do sujeito. Poucas pessoas o chamavam de mestre Tempestade, menos ainda com o mesmo desdém que detectou no homem do outro lado da porta. A resposta a tal enigma estava na ponta da língua, porém ele não conseguia desvendá-la de maneira nenhuma.

Após fechar o cinto e embainhar a espada, enfim abriu a porta e deu uma longa risada ao notar o velho de olhos grandes, permanentemente semicerrados, e boca larga que o aguardava com a paciência de uma tartaruga.

– Leo Gecko – cumprimentou, animado. – Quer dizer que o chefão decidiu promovê-lo como o substituto do substituto do chefe de segurança?

O velho apenas piscou e encarou o hóspede com indiferença.

– Se o senhor puder me acompanhar...

Leo Gecko seguiu na frente do homem de preto, que só então percebeu que o novo chefe de segurança caminhava como um mordomo, certamente uma das muitas funções que ocupara no passado. A ideia o divertia, mas ainda precisava descobrir o que estava acontecendo.

– Quais são as notícias de Miradouro? – interpelou.

– Um de nossos tenentes acaba de retornar de lá – revelou Leo Gecko.

– Ele exigiu uma audiência especificamente com o coronel e o senhor.

Também disse que não podia dar detalhes a mais ninguém. Mas posso lhe dizer que ele traz uma caixa grande a tiracolo.

7

Para surpresa de Ed Tempestade, ele acabou esbarrando no corredor com o coronel Olho de Cobra, que vinha acompanhado de uma versão mais jovem de Leo Gecko. Pelo caminho de onde vinha, o homem de preto assumiu que o coronel devia estar no jardim de inverno quando recebeu o chamado. Mesmo porque se encontrava vestido com jeans e uma camiseta branca, roupas informais que quase nunca usava em frente dos subordinados ou de eventuais visitas.

– Coronel – cumprimentou Ed Tempestade. – Já sabe do que se trata essa reunião noturna?

O coronel Olho de Cobra seguiu pelo corredor sem diminuir o passo.

– Sei tanto quanto você – confessou. – Só espero descobrir o que aconteceu com Berne. Afinal, o tenente Lucas Guará estava na companhia dele quando desapareceu.

A comitiva seguiu em frente em silêncio. No entanto, Ed Tempestade ficou curioso a respeito do homem que acompanhava o coronel. A semelhança dele com Leo Gecko era grande demais para passar despercebida. Desse modo, aproximou-se do chefe de segurança e cochichou:

– Quem seria nosso amigo ali?

O chefe de segurança respondeu no mesmo tom:

– Meu filho, Leo Gecko Jr. Posso estar à frente da segurança do castelo, mas julguei melhor deixá-lo com a responsabilidade de proteger o coronel, mesmo porque não sou mais tão rápido quanto antes.

Ed Tempestade ficou impressionado.

– Você é mais esperto do que parece, hein, velhinho?

Leo Gecko o olhou de soslaio.

– Mais esperto que você, com certeza.

Outros soldados apareceram ao contornarem mais um corredor. Eles guardavam a porta do escritório com caras de sono e tédio, mas se aprumaram e prestaram continência quando viram quem se aproximava. O coronel Olho de Cobra não lhes deu nenhuma atenção, apontando com o

queixo para a passagem, que foi imediatamente aberta por um dos militares. A comitiva adentrou o escritório, onde o tenente aguardava na companhia de outros três soldados, que o vigiavam. A fogueira queimava intensamente na lareira.

O coronel Olho de Cobra parou bruscamente após dar uma boa olhada no tenente. Ed Tempestade conseguia compreender o motivo daquilo. O homem diante deles não parecia normal. Tinha os olhos muito abertos e dilatados, como se estivesse sob efeito de alguma droga, e a pele seca e esbranquiçada. Além disso, movimentava-se lentamente, de forma mecânica, como se brigasse com o próprio corpo para fazer o que a mente lhe ordenava.

– Meu Deus! – exclamou o coronel. – O que houve com o senhor, tenente?

Lucas segurava uma caixa debaixo do braço esquerdo e apontou para o homem de preto com a mão direita. Os dois nunca haviam se visto antes.

– Ed Tempestade?

O homem de preto assentiu e Lucas se voltou para a caixa, jogando a tampa fora. Os homens no escritório se entreolharam, sem entender nada. Com gestos mecânicos e bruscos, o tenente meteu a mão direita dentro da caixa e tirou algo lá de dentro. Ed Tempestade demorou um instante para compreender que o sujeito segurava uma cabeça decepada, que não se assemelhava em nada com Tião Peixeira. Não parecia nem humana. Todos os presentes, todavia, a reconheceram de imediato, antes mesmo de o tenente jogá-la aos pés do coronel Olho de Cobra, que recuou com uma expressão de puro terror. Um cego seria capaz de reconhecer um rosto monstruoso como aquele, com os cabelos brancos arrepiados e a pele cheia de marcas características.

A cabeça decepada pertencia a Berne, também conhecido como Dragão Albino.

– Com os cumprimentos de Peixeira e Macumba – anunciou o tenente Lucas Guará, sacando as pistolas que trazia na cintura e que ninguém se preocupou em recolher antes da audiência.

Foi nesse momento que se iniciou o caos no Ninho da Serpente.

Capítulo 13

Balas, espadas e maldições

1

Nos filmes de antigamente, sempre havia aquela cena em que os personagens se movimentavam em câmera lenta para oferecer maior dramaticidade aos espectadores. Geralmente, tratava-se de cenas de ações, nas quais poucos segundos representavam uma eternidade, com protagonistas sendo feridos e figurantes morrendo por todo lado. A vida não tem tais recursos cinematográficos, conquanto, em retrospecto, muitas pessoas sejam capazes de lembrar detalhes que passariam despercebidos num primeiro instante e remontar um cenário traumático com a perfeição de um diretor de cinema, como no caso do ataque ao Ninho da Serpente.

O lançamento da cabeça de Berne, o Dragão Albino, aos pés de seu senhor deixou todos os presentes em estado de choque. Não só por se tratar de uma traição, mas por ser algo completamente inesperado. Todos olhavam para a cabeça decepada enquanto o tenente Lucas Guará sacava suas pistolas – ironicamente, como se estivesse em câmera lenta. Ed Tempestade levantou o rosto, com a adrenalina correndo nas veias, e aumentando seu grau de percepção. Estranhamente, ele voltou a se perguntar o motivo pelo qual o tenente se movimentava de modo tão errático. Até que ele disparou o primeiro tiro.

Uma bala passou voando próxima à cabeça de Ed Tempestade, errando o alvo por questão de milímetros. O homem de preto se jogou atrás de uma poltrona por puro instinto. O tenente Lucas Guará continuou atirando. O segundo disparo tinha como alvo o coronel Olho de Cobra, mas Leo Gecko Jr. tirou o chefe da linha de tiro e levou uma bala no ombro. Os guardas que cercavam o tenente saíram da imobilidade em que se encontravam e levantaram suas armas. Um deles disparou, errando completamente o inimigo, mas acertando a barriga de um colega do outro lado. Outro cravou dois tiros no braço do tenente, que parecia não se incomodar com aquilo.

Ed Tempestade observou o tenente se virar lentamente, levar mais dois tiros no peito, não cair, e derrubar seu atacante com um tiro certo no

meio da testa. O novo chefe de segurança, Leo Gecko, podia ser mais lento que os demais, mas também acertou dois tiros na barriga e na perna do tenente. Apesar de ferido, Leo Gecko Jr. aproveitou a distração para esconder o chefe atrás de um móvel. Lucas continuava a massacrar seus inimigos com a lentidão de uma tartaruga. O último guarda armado parecia nervoso demais e não conseguia acertar um tiro sequer no tenente, que não teve o mesmo problema ao disparar contra ele.

Ao agir de tal maneira, contudo, o tenente cometeu um erro: deu as costas para Ed Tempestade, que sacou a espada e, rápido como um felino, cruzou os cinco metros que o separavam do inimigo e cortou seu pescoço com um golpe certo. Assim, a luta chegou ao fim, com a cabeça de Lucas rolando num tapete caro, com os olhos ainda abertos e vidrados e o corpo desabando com um som abafado. Eliminada a ameaça, Ed Tempestade contemplou o cadáver e o sangue grosso e negro que se esvaía lentamente do pescoço cortado.

O coronel Olho de Cobra saiu de seu esconderijo improvisado. Os guardas que estavam do lado de fora entraram no escritório, de armas em punho, chegando tarde demais para o tiroteio. Ed Tempestade os encarou e levantou a mão antes que alguém cometesse um erro.

– Não atirem – ordenou. – Já dei cabo do bastardo.

Os guardas baixaram as armas, confusos. O soldado que levou o tiro na barriga gemia de dor, caído no chão. O coronel se aproximou do cadáver sem cabeça do traidor.

– Lucas era um dos meus soldados mais leais – comentou, ainda em choque. – Não posso imaginar o que o tenha levado a fazer uma coisa dessas.

– Não sei se ele era mais o mesmo, coronel – consolou Ed Tempestade. – Olhe como o sangue dele parece podre e coagulado, como se ele já estivesse morto.

– Mas isso é impossível.

– A não ser que ele fosse um instrumento de nossos inimigos.

– Peixeira e Macumba – concordou o coronel Olho de Cobra. – Foi o que ele disse antes de começar a atirar.

– Sabe o que isso significa?

– O quê?

– Que esse idiota era provavelmente só uma distração – respondeu Ed Tempestade. – E que Peixeira e Macumba já se encontram aqui!

Antes que o coronel Olho de Cobra pudesse reagir, e como uma comprovação das palavras do homem de preto, uma enorme explosão do lado de fora do castelo arrebentou as vidraças do escritório e ensurdeceu momentaneamente os homens ainda abalados com a traição do tenente Lucas Guará. Eles levaram um instante para se recompor quando perceberam a bola de fogo que se levantava do setor de abastecimento, provocando outras explosões menores, de carros, caminhões e jipes. O pânico tomou o olho bom do coronel Olho de Cobra ao ver o fogo consumir todo o combustível e os automóveis que lhe restava. Então, as luzes do castelo se apagaram:

Peixeira e Macumba haviam chegado no Ninho da Serpente.

2

Luzes de emergência se acenderam com a queda da energia, mergulhando o escritório e os demais recintos do castelo numa vermelhidão sanguínea. O coronel Olho de Cobra assistia a tudo atordoado, sem parecer o homem implacável que todos ali conheciam. Ed Tempestade notou o problema de imediato. Graças ao associado, que sempre previra tragédias futuras, o coronel não sabia como reagir quando alguém o pegava de surpresa. Esse era um problema do qual o homem de preto não sofria.

– Eles derrubaram o gerador principal – berrou, chamando a atenção dos soldados. – Isso significa que ao menos um dos malditos se encontra na casa de máquinas do castelo. O que vocês estão esperando para irem até lá dar uma surra nele? Um convite?

Nisso Leo Gecko pareceu lembrar que ainda era o chefe de segurança do castelo e deu um passo à frente.

– Vocês ouviram o homem – gritou. – Quero cinco homens bem armados imediatamente na casa de máquinas! Cerquem o lugar e não deixem o inimigo escapar! Convoquem o restante da guarnição para o castelo! Selem todas as saídas e vasculhem cada centímetro deste lugar! Tragam-me a cabeça dos invasores ou é a de vocês que vai rolar antes de esta noite acabar!

Os soldados prestaram continência e se colocaram em movimento. O coronel Olho de Cobra ainda parecia perdido, assistindo com o olho vidrado ao incêndio que se alastrava pelo setor de abastecimento. Ed Tempestade o puxou gentilmente pelo ombro.

– Vamos, coronel – chamou. – Precisamos reagir.
– Eles tomaram meu precioso combustível, Ed – comentou, perplexo.
– O que será da minha poderosa frota de automotivos sem combustível?
– Podemos pensar nisso amanhã – aconselhou o homem de preto. –
Temos problemas mais urgentes a tratar no momento.
O coronel Olho de Cobra se empertigou, recuperando a compostura.
– Tem razão – concordou. – O que faremos?
– Talvez seu associado possa nos dar um auxílio.
O coronel concordou.
– Sim, talvez ele possa nos ajudar. Vou consultá-lo imediatamente.
– Não tão depressa, coronel – rebateu Ed Tempestade, virando-se para
Leo Gecko Jr., que acabava de fazer um curativo no ombro. – E aí, rapaz,
acha que dá conta de proteger seu chefe?
Leo Gecko Jr. fechou a cara, engatilhando a pistola que trazia na mão.
– O tiro pegou de raspão – mentiu. – E estou doido para dar o troco
em quem quer que seja burro o suficiente para nos atacar dentro da nossa
própria casa.
Ed Tempestade sorriu, simpático.
– Eu não teria dito melhor – cumprimentou.
O coronel Olho de Cobra segurou o ombro do homem de preto.
– Mas e você? – quis saber. – O que vai fazer agora?
Ed Tempestade limpou o sangue escuro da espada com um pedaço de
pano.
– Acredito que finalmente eu vou ajustar as contas com um certo Tião
Peixeira.

3

Os soldados fizeram como lhes foi ordenado e cercaram a casa de máquinas. No entanto, não puderam esperar por reforços, como indicavam os buracos de tiro nas paredes, as poças de sangue pelo chão e os corpos mutilados deixados para trás, com rostos congelados em expressões aterrorizadas. Aquilo lembrava o trabalho realizado por Tião Peixeira, não havia como Ed Tempestade negar. O silêncio reinava no grupo de soldados que o acompanhava, o medo tomava conta das fileiras e ele não podia deixar

que se alastrasse.

– Não precisam se mijar nas calças, meninos. O bicho-papão já foi embora – brincou. – Agora, qual de vocês pode consertar o estrago feito no gerador?

Um dos soldados levantou a mão. Era um garoto com menos de 20 anos e o rosto medroso de um ratinho, que não buscava esconder o arrependimento de ter se alistado.

– Muito bem, soldado, venha cá – chamou Ed Tempestade. – Qual o seu nome, filho?

– Nicolas, senhor.

– Muito bem, Nicolas, quanto tempo você acha que leva para restabelecer a energia e lançar luz sobre nossos problemas mais prementes?

O soldado deu de ombros.

– Depende do estrago, senhor. Uns vinte minutos. Meia hora, talvez.

– Bom, nesse caso, corte o papo-furado e comece a trabalhar, sim? Vocês dois – apontou para uma dupla de soldados parrudos. – Acompanhem o cabo Nicolas, para o caso de ele precisar de proteção.

Os homens obedeceram a contragosto. Estava na cara que não gostavam de contar com Ed Tempestade no comando, mas não podiam fazer nada a respeito disso, uma vez que o próprio chefe da segurança o colocara na liderança do grupo de ataque enquanto garantia a segurança do legado do coronel Olho de Cobra, fosse lá o que isso significasse.

– Quanto ao resto de vocês, não fiquem aí parados – ordenou. – Quero pistas do paradeiro de Tião Peixeira, estão me ouvindo? Mexam-se!

Ed Tempestade deu um passo para o lado, abrindo caminho para os soldados, e acabou pisando numa mão decepada, que chutou para longe, sem esconder o asco. Procurava manter a calma na frente dos homens, pois não os queria mais assustados do que já se encontravam, mas as ações de Tião Peixeira mexiam com seus nervos e as luzes vermelhas de emergência não ajudavam em nada, mergulhando o ambiente numa penumbra escarlate.

– Senhor – chamou um soldado num corredor paralelo. –, encontrei uma pista, senhor. Uma trilha de sangue.

Aquilo parecia promissor. Ed Tempestade avançou até o soldado agachado e apontou para pontos negros – uns minúsculos, outros nem tanto – que seguiam na direção das escadas, manchando os degraus que subiam para os andares superiores. Uma trilha lógica para um assassino em busca de

outras vítimas.

– O senhor acha que ele foi ferido?

Ed Tempestade quase riu. Era mais provável que o sangue tivesse pingado da ponta das peixeiras de Tião, mas não diria isso aos homens.

– Se tivermos sorte...

Ele fez sinal para o restante do pelotão.

– Vamos subir em silêncio – avisou. – Mas deixem as armas destravadas e estejam preparados para tudo, ok?

Os homens assentiram como se tivessem coreografado o movimento. Ed Tempestade assumiu a dianteira. Eles subiram dois lances de escada e seguiram a trilha de sangue, que pontilhava uma trilha por um longo e amplo corredor, no fim do qual se encontrava uma enorme porta branca: a entrada do Jardim de Inverno. Por algum motivo, as luzes de emergência não estavam inteiramente funcionais naquele andar e tremeluziam, provocando um efeito vertiginoso de escuridão entremeada por vermelhidão. Tião Peixeira devia ter levado tal fato em conta ao tomar aquele caminho.

De repente, Ed Tempestade levantou o punho fechado, fazendo com que os homens atrás dele parassem. A trilha de sangue chegava ao fim no meio do corredor. Havia muitas portas ao redor, de ambos os lados, mas nenhuma indicação de que o inimigo se encontrava atrás de alguma delas. O homem de preto fez sinal para que os soldados avançassem investigando cada um dos quartos no caminho. As luzes de emergência tremiam sem parar e nenhuma delas indicava a saída daquele pesadelo.

O homem de preto sacou a espada, com os dedos dançando sobre o punho prateado, e respirou profundamente ao se plantar no meio do corredor, pronto para o combate. Os soldados entravam nos quartos em duplas, seguindo as ordens de Ed Tempestade. Avançavam devagar e sem pressa. Um leve fodor no ar indicava o nervosismo dos homens. Era difícil saber se alguém havia se borrado de medo ou somente soltado os gases que lhe comprimiam o estômago. A tensão crescia à medida que os soldados não encontravam nada e retornavam ao corredor, prontos para entrar em outro quarto escuro, sem saber o que esperar.

Um deles se aproximou de Ed Tempestade.

– Os quartos e as salas deste andar são conectados uns aos outros – sussurrou. – Alguns são grandes demais, com muitos lugares para se esconder.

– O que está tentando me dizer?

O soldado engoliu em seco.

– Que este é um bom lugar para uma emboscada – concluiu.

Ed Tempestade, porém, já havia percebido a armadilha.

– Continue vasculhando – ordenou, secamente.

O soldado se afastou, contrariado. As luzes de emergência piscavam sem parar. Escuridão. Vermelhidão. Escuridão. Vermelhidão. Escuridão. Vermelhidão. Os soldados seguiam encostados às paredes, arrombando portas e adentrando os recintos com os fuzis levantados, tendo a retaguarda protegida pelos parceiros que o acompanhavam. As revistas demoravam a se concluir, mas invariavelmente terminavam com homens retornando ao corredor de armas abaixadas, balançando a cabeça de um lado para o outro. As luzes continuavam a piscar. Escuridão. Vermelhidão. Escuridão. Vermelhidão. Escuridão. Vermelhidão.

Aquele pisca-pisca começava a provocar dores de cabeça em Ed Tempestade, que concentrou o olhar na porta branca no fim do corredor. Talvez Tião Peixeira tivesse se escondido no Jardim de Inverno, certamente o melhor lugar para se preparar uma armadilha. As luzes de emergência piscavam sem parar. A porta no fim do corredor aparecia e desaparecia, aparecia e desaparecia, aparecia e desaparecia. Ed Tempestade virou o rosto para cima: podia ouvir os circuitos das luzes de emergência tremendo. Escuridão. Vermelhidão. Escuridão. Vermelhidão. Escuridão. Vermelhidão. Voltou a olhar para a porta branca no fim do corredor.

Dessa vez, no entanto, havia o perfil de um homem destacado contra ela.

Ed Tempestade vacilou, respirando profundamente por puro instinto. Os soldados nem haviam se dado conta da presença do vulto parado no meio do corredor diante deles. Talvez estivessem concentrados demais nos quartos e nas salas que precisavam invadir para prestar atenção ao que estava bem diante do nariz. O homem de preto piscou várias vezes, para garantir que não estava vendo um fantasma. O estranho continuava lá, parado, de cabeça baixa, com duas lâminas prateadas, acompanhando o comprimento de seus braços, apontadas para baixo.

De repente, o indivíduo levantou a cabeça, e, mesmo daquela distância, olhos azuis frios como a lua fuzilaram Ed Tempestade. Não era nenhuma ilusão: Tião Peixeira finalmente aparecia para confrontar seu

inimigo jurado.

– Ed Tempestade – cumprimentou o homem numa voz fantasmagórica.

O chamado tirou os soldados do estupor em que se encontravam e todos voltaram apressados ao corredor, posicionando-se e engatilhando os fuzis, que apontavam para o homem adiante. Tião Peixeira não lhes dava atenção e permanecia parado, com os olhos fixos em Ed Tempestade, enquanto as luzes de emergência piscavam sem parar. Escuridão. Vermelhidão. Escuridão. Vermelhidão. Escuridão. Vermelhidão.

– Atirem! – ordenou Ed Tempestade sem esconder o pavor na voz. – Atirem! Acabem com esse canalha! Atirem!

Os soldados atenderam à ordem prontamente. O corredor brilhou com o fogo que saía do cano de suas armas e tremeu com o estrondo de seus disparos. Nenhum deles economizava munição. Os cartuchos vazios caíam no chão, um após o outro, e os soldados continuavam atirando. Até que Ed Tempestade, cego pelo brilho dos disparos e pela fumaça das armas, percebeu a bobagem que faziam.

– Parem! – ordenou, em alto e bom som.

Os soldados não lhe deram ouvidos.

– Parem! – repetiu, ainda mais alto.

As armas continuavam atirando.

– PAREM! – bradou com todo o fôlego.

Só então os soldados acataram a ordem, com um ou dois precisando ser sacudidos por colegas para deixarem de atirar. Fumaça e enxofre preenchiam o corredor. As luzes de emergência não paravam de piscar.

– Conseguimos? – quis saber alguém. – Ele está morto?

Ed Tempestade não respondeu. Esperava a fumaça clarear e a maldita iluminação permitir uma visão melhor do corredor adiante, embora desconfiasse do que fosse ver. A porta branca estava agora cheia de furos de balas e escancarada. Paredes próximas também apresentavam danos provocados pelo tiroteio intenso. No entanto, não importava para onde olhasse, não havia o menor sinal de Tião Peixeira. Os soldados se empertigaram, assustados.

De repente, um som metálico na retaguarda do grupo foi seguido de gorgolejos e gemidos de dor. Todos se viraram. Uma sombra retalhava os homens que haviam ficado para trás, com lâminas prateadas brilhando na

vermelhidão.

– Atrás da gente! Atrás da gente! – alertou um soldado.

Ninguém esperou por ordens dessa vez. Os soldados voltaram a abrir fogo, sem perceber que atingiam os próprios colegas em meio ao pânico. Ed Tempestade fez o que pode para impedi-los de serem dominados pelo desespero.

– Não, seus idiotas! – berrou. – Parem com isso! Parem com isso agora!

Os soldados pararam de atirar. No início do corredor, puderam ver vários homens caídos, com pescoços cortados, braços decepados ou abatidos por vários tiros. Ainda assim, não encontravam nenhum sinal de Tião Peixeira. Aquele sinistro som metálico voltou a se repetir, dessa vez na dianteira do grupo. Ed Tempestade não sabia o que fazer. A situação estava saindo completamente de controle.

– Ali! – gritou um homem desesperado. – Ele está ali!

Os fuzis voltaram a cantar, e o brilho das armas iluminava a loucura nos olhos dos homens. Quando pararam, viram mais um punhado de cadáveres retalhados e crivados de balas, mas nada de Tião Peixeira.

– Ele está usando as salas para se movimentar – alertou Ed Tempestade. – Atirem contra as paredes!

O que restava dos soldados se amontoou no meio do corredor e passou a atirar contra paredes e portas, torcendo para que alguém desse sorte e derrubasse aquele inimigo implacável. Era inútil, Ed Tempestade sabia. Tião Peixeira acabaria com eles mais cedo ou mais tarde. Precisava de um plano para sair dali, seguir para um terreno onde a vantagem fosse dele. Só então percebeu um soldado que se escondia atrás dos outros, com um galão de combustível nas costas. O idiota havia levado um lança-chamas para o combate.

– Parem de atirar – ordenou, com medo de que alguém acertasse a bomba humana no meio deles por acidente. – Economizem munição! Não podemos perder a cabeça!

No cessar-fogo, uma sombra saltou de uma das portas abertas, cortou a barriga de um soldado e o pescoço de outro antes de escapar por uma porta no lado contrário do corredor. Os homens atiraram pela passagem por onde ele desaparecera por puro reflexo. Tião Peixeira não lhes daria nem um momento sequer para recuperar o fôlego, mas Ed Tempestade já sabia o que

fazer.

– Você! – gritou para o soldado com o lança-chamas. – Quer matar todos nós? Passe já essa coisa para cá.

Novamente a sombra saltou de uma porta diferente, decepando a perna de um soldado e o braço de outro. Mais tiros inúteis disparados contra a passagem por onde ela desapareceu. Os gemidos de homens gravemente feridos inundavam o corredor. Ed Tempestade guardou a espada, pegou o lança-chamas e o colocou nas costas. O soldado que lhe dera a arma balbuciava qualquer coisa sem sentido. Não tinha importância. O homem de preto tinha um plano.

– As paredes! – ordenou, furioso. – Voltem a atirar contra as paredes!

Os homens atiraram sem pensar. Ed Tempestade aproveitou a distração para abrir o caminho entre eles e correr para o Jardim de Inverno. Não olhou para trás uma vez sequer. Sabia que eles eram todos homens mortos, de qualquer maneira.

4

A escuridão no Jardim de Inverno era maior do que no restante do castelo, uma vez que ali não haviam sido instaladas luzes de emergência. O coronel Olho de Cobra nunca vira motivo para isso. Um exagero, certamente, embora Ed Tempestade desejasse um pouco daquela penumbra escarlate para poder encontrar uma trilha no meio de todas aquelas árvores, espinheiros e mato alto. Os tiros ainda soavam no corredor, sinal de que Tião Peixeira continuava ocupado. O homem de preto contava com alguns minutos para se preparar.

O lança-chamas pesava em suas costas. Percebeu que os tanques estavam cheios. Ele faria bom uso deles. Logo acendeu o bocal da arma e a apontou para o meio do mato, do lado esquerdo da porta, pressionando levemente o gatilho. Uma língua de fogo saltou do cano, pulando sobre as plantas indefesas e enchendo a floresta artificial de uma luminosidade amarela mortal. O mármore branco de Adão e Eva refletiam as chamas, avermelhadas, conferindo um aspecto demoníaco às estátuas. Uma revoada de pássaros exóticos levantou voo, em protestos estridentes. Outros animais também despertaram assustados, urrando no meio das sombras, balançando

galhos e fazendo a mata farfalhar, cheia de vida. Dois pavões passaram pelo homem de preto e escaparam pela porta escancarada.

Ed Tempestade não tinha tempo para pensar no bem-estar das criaturas que ali viviam. Os tiros no corredor se tornavam cada vez mais escassos, sinal de que Tião Peixeira devia estar perto de exterminar todos os soldados. Não fazia diferença. A luz do fogo iluminava o caminho, e o homem de preto seguiu pela trilha que o levava para longe de toda a carnificina. Em intervalos regulares, parava para atear fogo em palmeiras, samambaias e qualquer outra planta que surgisse pela frente. Não fazia isso apenas para poder enxergar no escuro, e sim porque pretendia criar um inferno particular que não só atrapalhasse seu perseguidor, como também provocasse sua ruína.

Em pouco tempo, o incêndio começou a adquirir vida própria, alastrando-se com avidez e ganância sobre árvores, flores e plantas rasteiras, sem distinção. O fogo já urrava faminto quando Ed Tempestade alcançou a escada em caracol que levava à plataforma superior, a mais de dez metros de altura. O homem de preto lançou uma última labareda sobre a floresta antes de dispensar o lança-chamas num canto. O peso dos galões, quase vazios, apenas o retardaria, e a subida era longa. Começou a calcar os degraus.

– Ed Tempestade! – chamou uma voz poderosa em meio ao incêndio.

O homem de preto parou na metade da escada. Lá embaixo, entre as chamas, um homem com as roupas sujas de sangue e as peixeiras vermelhas a pingarem pela trilha descoberta o encarava, cheio de ódio.

– Seja homem e me enfrente, seu crápula covarde!

Ed Tempestade sentiu um calafrio e uma contração estomacal. Dez anos de perseguições incessantes levaram os dois até aquele momento. Dava para ver no olhar de Tião Peixeira a convicção de que aquele era o fim da linha, mas o homem de preto não se entregaria de forma alguma.

– Pegue-me se for capaz, seu demente! – respondeu.

Tião Peixeira baixou a cabeça e seguiu rumo à escada em caracol. As chamas se espalhavam, sem controle. Ed Tempestade voltou a subir os degraus, cada um deles o levando para mais perto da salvação. O calor começava a ficar intenso e a fumaça se acumulava nas abóbodas acima, mas o homem de preto já enxergava a porta de ferro para os pavimentos superiores do castelo. Tudo que precisava fazer era atravessar a plataforma suspensa e escapar por ali, trancando a passagem de modo a garantir que Tião

Peixeira não tivesse a mesma sorte.

Ao chegar ao topo da escada, Ed Tempestade olhou para baixo e não se decepcionou: Tião Peixeira começava a calcar os primeiros degraus em seu encalço. O homem de preto sorriu, avançando com passos decididos pelo gradeado da plataforma, protegendo o rosto da fumaça que subia quente pelos espaços vazios, fazendo seus olhos arderem. Num instante, alcançou a porta e, com um sorriso no rosto, girou a maçaneta e empurrou. Nada aconteceu. Seus lábios desarmaram o sorriso. Ele tentou novamente, colocando o peso contra a porta, que não cedeu um centímetro sequer. Podia forçar o quanto quisesse que o resultado seria o mesmo. A fechadura estava trancada. Ele estava preso naquele inferno junto de seu pior inimigo.

Ao perceber que a armadilha se voltava contra ele mesmo, Ed Tempestade não conseguiu fazer nada além de gargalhar como um louco.

– Qual é a graça? – quis saber uma voz rouca atrás dele.

O homem de preto se virou lentamente. Tião Peixeira o observava com interesse, os olhos brilhavam mais fortes do que as chamas que ardiam abaixo. Apresentava-se em suas roupas de cangaceiro, com o chapéu ainda intacto, não obstante o mesmo não pudesse ser dito do restante de suas vestimentas. Sangue e vísceras sujavam a jaqueta marrom e a calça bege, como se ele tivesse atravessado um matadouro para conseguir aquele encontro, o que não estava muito distante da verdade. Ed Tempestade sacou a espada com um floreio, voltando a sorrir.

– Parece que nós dois vamos morrer aqui hoje, Ventania – provocou, apelando para um apelido de infância com o intuito de desestabilizar o adversário.

Tião Peixeira não retribuiu o sorriso. Sacou somente uma lâmina, que ainda brilhava prateada apesar do sangue seco que cobria boa parte de sua superfície.

– Ventania morreu junto com meus pais – respondeu. – Meu nome hoje é Tião Peixeira, como tenho certeza de que você não se esquecerá jamais.

Ed Tempestade voltou a ficar sério, avançando pé ante pé, com a espada levantada em guarda. Tião Peixeira o observava sem se mexer, mantendo a própria arma a postos do lado do corpo, com os olhos fixos no rosto do adversário. De algum modo, o confronto fez o homem de preto lembrar o último encontro que tiveram no circo, que deu início a toda aquela

loucura.

– Fico contente de morrer se levar você comigo – disse o homem de preto.

– Isso não vai acontecer – garantiu Tião Peixeira.

– E como pensa que vai escapar daqui? – quis saber Ed Tempestade. – A porta está trancada – indicou. – O caminho de volta está tomado pelo fogo. Estamos presos, eu e você, neste inferno.

O fogo rugia abaixo dos dois, partindo árvores ao meio e se elevando cada vez mais. O calor na plataforma fazia com que os combatentes suassem profusamente. A fumaça acumulada borrava a visão de ambos. A previsão de Ed Tempestade parecia acurada, o que lhe trazia algum alento – afinal, se Tião Peixeira morresse com ele, o homem de preto teria cumprido sua promessa e sua alma escaparia das garras do Senhor Fumaça. Caso contrário, estaria condenado a se transformar num dos escravos sem mente do demônio. Tião Peixeira permitiu que a sombra de um sorriso atravessasse os lábios secos.

– Esta sempre foi a diferença entre nós dois: nunca pensei no caminho de volta. – respondeu.

– Mas não pense que vai vencer por conta disso.

Ed Tempestade avançou, fazendo a espada descer num arco que almejava o pescoço do inimigo, que bloqueou o golpe sem nenhuma dificuldade. O homem de preto continuou a investida, procurando uma abertura na guarda de Tião Peixeira, que permanecia na defensiva, bloqueando golpe após golpe enquanto recuava pela plataforma. Ele mantinha uma das mãos firmes nas costas, como se não precisasse dela naquele combate, e após um deslize por parte do oponente o derrubou com uma rasteira.

– Isso é tudo que você tem? – perguntou, circulando o homem de preto, que se apressou para se levantar. – Após todos esses anos, isso é o melhor que pode fazer? O grande Ed Tempestade? É esse o maior matador do sertão?

O homem de preto rilhou os dentes.

– Você sempre falou demais, Ventania.

O rosto de Tião Peixeira se fechou e seus olhos se estreitaram.

– Já lhe disse para não me chamar por esse nome!

Dessa vez foi Tião Peixeira quem avançou, mas Ed Tempestade

estava preparado e conseguiu se desviar do golpe que almejava seu peito e acertou uma cotovelada na nuca do oponente, que o fez cair de joelhos. Antes que pudesse se recuperar, o homem de preto ainda o acertou com um golpe nas costas, abrindo um vergão na jaqueta de couro e um talho na carne abaixo dela. Tião Peixeira se afastou, com passos claudicantes, protegendo a retaguarda com a lâmina levantada.

Ed Tempestade sorria, ao perceber o estrago que fizera. O primeiro sangue derramado era dele. Já Tião Peixeira parecia engasgado, como se a fumaça o sufocasse. Demorou um instante para o homem de preto perceber que o inimigo não tossia, e sim gargalhava como um louco.

– É disso que estou falando – disse Tião Peixeira, endireitando-se. – Me dê uma luta de verdade, seu merdinha covarde!

Tião Peixeira voltou a avançar. Ed Tempestade manteve a posição. Lâminas se bateram no ar, arrancando faíscas azuis com o impacto. Um soco acertou o queixo do homem de preto. Espada e peixeira voltaram a se bater com mais uma chuva de faíscas. Um joelho acertou Tião Peixeira no meio das pernas. A briga ganhava velocidade na medida em que os combatentes deixavam as técnicas de lado para se engalfinharem como dois animais ferozes.

Ed Tempestade, entretanto, notou que o inimigo não levava o combate tão sério quanto ele. Como prova disso, Tião ainda mantinha uma peixeira embainhada, como se não precisasse dela. O homem de preto ficou irritado com isso e, com um golpe rápido e uma volta elaborada, conseguiu roubá-la com a mão esquerda, o que pegou o oponente de surpresa.

– Minha peixeira! – reclamou Tião, virando-se mais uma vez.

Ed Tempestade o encarou, com a espada na mão direita e a peixeira na esquerda.

– Ela agora pertence a mim – afirmou. – Assim como sua vida.

O homem de preto atacou. Dessa vez, quando recuou, Tião Peixeira parecia mais preocupado e se defendia com maior afinco. Ed Tempestade era um espadachim habilidoso tanto com a mão direita quanto com a esquerda e não se envergonhava de aproveitar cada vantagem que a luta oferecesse. Após ter um golpe de espada bloqueado, reagiu com a peixeira, que atingiu o maxilar de Tião, subiu pelo seu nariz e escapou ao bater na testa, arrancando sangue e cartilagem. O combatente recuou, levando a mão livre ao rosto, sentindo o enorme talho que se abria ali.

– Uma lembrancinha para se recordar de mim no inferno – riu Ed Tempestade.

Tião Peixeira tirou a mão melada de sangue do rosto e a sacudiu, como se não fosse nada. Em seguida, ofereceu um sorriso sangrento para o adversário.

– Tudo bem – concordou. – O recreio acabou.

Tião Peixeira voltou a atacar, e, mesmo preparado, Ed Tempestade ficou surpreso com a velocidade do inimigo, que não se assustava nem com a ameaça de duas lâminas. Tanto que bloqueou um ataque com o antebraço, deixando a peixeira afundar na carne até tocar o osso antes de, com um giro, desestabilizar o homem de preto e fazê-lo reagir por instinto. Ao tentar um golpe às cegas, Tião Peixeira decepou a mão direita de Ed Tempestade, dando um fim abrupto ao combate.

A dor fez o homem de preto largar a peixeira roubada para cuidar do cotoco, que esguichava sangue na ponta do braço direito. Tião recuperou sua arma e a guardou na bainha, ficando de pé sobre o inimigo ajoelhado, como se fosse executá-lo em seguida. Ed Tempestade rosnou para ele.

– Você ainda vai morrer aqui comigo – lembrou. – Sua vitória não vale nada!

De repente, como se os dois estivessem numa competição, luzes de alta potência se acenderam, cegando ambos momentaneamente. Como se isso não fosse o bastante, começou a chover sobre eles. Uma chuva artificial, cortesia de uma rede de *sprinklers* que percorria todo o Jardim de Inverno em diferentes níveis, borrifando água sobre as chamas e a fazendo chiar de desgosto. O coronel Olho de Cobra gostava de ver suas plantas sempre verdes, afinal. Logo o fogo começou a se arrefecer lá embaixo. Tião Peixeira sorriu para o homem de preto.

– Parece que seus garotos consertaram o gerador – comentou, divertido.

Pela primeira vez em anos, Ed Tempestade chorou. Estava tudo perdido.

– O que está esperando? – quis saber. – Me mate de uma vez!

Tião, todavia, guardou a segunda peixeira na bainha.

– Você não merece morrer – afirmou. – Não ainda.

Deu um soco tão potente no rosto do homem de preto que ele apagou no mesmo instante.

O som de tiros ecoava pelos corredores labirínticos do castelo, deixando o coronel Olho de Cobra sobressaltado. Parecia que uma guerra se desenrolava em algum ponto próximo. O coronel hesitou no meio do corredor avermelhado pelas luzes de emergência. Se não tivesse se atrasado para bolar um plano de contingência com seu chefe de segurança já estaria seguro no quarto, e não ali, desprotegido e com apenas um guarda-costas para auxiliá-lo. Percebendo o medo do chefe, Leo Gecko Jr. o agarrou pelo braço e o incentivou a seguir em frente.

– Precisamos garantir sua segurança, senhor – argumentou. – Vamos para o seu quarto, que conta com paredes reforçadas e revestimento blindado na porta.

E era lá que também se encontrava seu cofre.

– Tem razão, Júnior – concordou. – Estarei seguro lá.

Gritos de dor e desespero seguidos de mais tiros, contudo, indicavam que nada ficaria bem novamente. O coronel Olho de Cobra andava com passos rápidos e aflitos, sem parar de olhar para trás, como se esperasse que a qualquer momento um exército inimigo surgisse por um corredor exigindo seu sangue. Apesar de ter levado apenas alguns poucos minutos, seu retorno ao quarto pareceu uma eternidade. Ele respirou aliviado quando enfim parou diante da porta do aposento.

– Fique de vigia aqui fora – ordenou para Leo Gecko Jr. – Atire em qualquer um que se aproximar sem se identificar.

– Mas, senhor...

– Nada de *mas*, soldado – cortou o coronel. – Cumpra seu dever.

A aflição marcava o rosto de Leo Gecko Jr. quando o coronel Olho de Cobra fechou a porta na cara dele. Por via das dúvidas, também passou a chave na fechadura, garantindo que estivesse bem fechada. Entre aquelas paredes, não escutava um pio sequer vindo do lado de fora. O isolamento acústico não deixava. Só que as luzes avermelhadas de emergência e o silêncio que o envolviam ofereciam outro tipo de opressão. Não adiantava ficar parado à espera do destino. Precisava fazer alguma coisa.

Desse modo, o coronel adentrou o *closet* e removeu a parede falsa no

fundo do armário. Não olhou para trás uma vez sequer enquanto abria o cofre. Não era hora para paranoias. Sabia que estava sozinho e precisava consultar seu demônio de estimação. Ele lhe ofereceria uma saída para aquela situação, o ajudaria a bolar uma estratégia para sair por cima mais uma vez, como tantas outras vezes no passado. Só que, quando a porta de aço se abriu, o coronel percebeu que não havia nenhuma garrafa em seu interior. Não havia nada. O cofre estava vazio.

– Já sentiu como se as paredes estivessem se fechando ao seu redor? – perguntou uma voz atrás dele.

O coronel Olho de Cobra se virou, assustado, soltando um grito nada respeitável para o invasor, que se sentava na poltrona ao lado da cama, de frente para a porta aberta do *closet*. Tratava-se de um negro enorme, de cabelos brancos e arrepiados, com roupas igualmente brancas, que lhe davam um ar fantasmagórico naquele ambiente avermelhado. O coronel levou a mão fechada até a boca, gemendo como se fosse uma criança com medo do bicho-papão. Até que percebeu a garrafa escura que o invasor segurava numa das mãos, a garrafa que conhecia tão bem e que devia estar trancada dentro do cofre.

– Minha garrafa – apontou, debilmente. – Como você...

Ele não conseguiu terminar a pergunta. Nem era necessário. O negro sorriu.

– O fantasma da sua mulher me contou a combinação do cofre – revelou. – Os mortos não guardam segredos, especialmente para pessoas como eu.

– Quem é você? – quis saber o coronel, encolhido no fundo do armário.

– Um mistério – respondeu o negro, levantando-se. – É o que procurei ser pelos últimos dezoito anos, desde que perdi meus pais – ele encarou o coronel com olhos alaranjados, sem nenhuma compaixão. – Desde que perdi meu avô.

A resposta acendeu uma luz no cérebro do coronel.

– O menino – percebeu. – Aquele que escapou – continuou. – Pensei que você estivesse morto.

O negro gargalhou sinistramente, jogando a garrafa de uma das mãos para a outra, andando lentamente na direção do coronel.

– Garanto que não sou nenhum fantasma, coronel – disse, parando na

porta do *closet*. – E acho que o senhor sabe meu nome, não sabe?

O coronel Olho de Cobra engoliu em seco e assentiu.

– Macumba – respondeu. – Seu nome é João Macumba.

O bruxo avançou, agachando a poucos centímetros do coronel, que recuou protegendo o rosto com as mãos. Ele tremia dos pés a cabeça.

– Esse é um nome bom o bastante para o senhor – concordou João dos Mistérios.

– O que quer de mim? – chorou o coronel, sem qualquer traço de dignidade. – Diga-me – suplicou. – Mulheres, dinheiro, poder. Dou o que você quiser, só não me machuque. Pelo amor de Deus, não me machuque.

João dos Mistérios sorriu, levantando a garrafa entre os dois.

– Conte-me a verdade – exigiu.

O coronel parou de chorar, ajeitando-se no chão, sem tirar os olhos do bruxo agachado diante de si.

– Que verdade? – perguntou, perdido. – O que você quer saber?

– Meu avô lançou um encantamento contra seu bichinho de estimação – disse, batendo o indicador na garrafa negra. – Ele e minha família se tornaram invisíveis a este demônio, mas você os achou mesmo assim. Como?

Foi a vez de o coronel Olho de Cobra sorrir, cheio de maldade.

– Posso lhe contar, se me deixar sair daqui vivo – prometeu.

João dos Mistérios o observou, de olhos semicerrados, e voltou a se levantar.

– Um homem de negócios até o fim – disse, balançando a cabeça.

Então, para horror do coronel Olho de Cobra, João dos Mistérios segurou a rolha no bocal da garrafa, como se fosse arrancá-la.

– Espere – pediu o coronel.

João parou no meio do movimento.

– Se tirar essa rolha o demônio vai escapar – alertou o coronel.

– Essa é justamente a intenção – destacou João dos Mistérios.

– Mas ele esteve preso nessa garrafa por cinquenta anos – argumentou. – Seu avô o prendeu aí.

– E você garantiu que ele permanecesse encarcerado por todos esses anos, tratando-o como um escravo, sem o menor respeito por seus anseios e desejos – rebateu João dos Mistérios. – Quem você acha que ele vai atacar primeiro?

O coronel piscou várias vezes, sem saber o que responder. João dos

Mistérios voltou a atenção para a garrafa.

– Não – protestou o coronel uma última vez, procurando se levantar.

Era, entretanto, tarde demais. João dos Mistérios tirou a rolha da garrafa.

E um demônio furioso saltou para fora dela.

Capítulo 14

Maquinações diabólicas

1

Faltava pouco, muito pouco, para o pequeno Jiboia bater o próprio recorde em seu jogo favorito, que contava com um personagem de macacão azul, camisa e bonés vermelhos, além de um bigode inimitável. Estava a par de todos os macetes, de como ir mais rápido em cada fase e dos movimentos precisos para derrubar os chefões. O coração do rapaz batia acelerado, a língua saía da boca em sinal de concentração, ele apertava os botões vigorosamente. Concentrado, completamente concentrado.

De repente, a luz acabou.

– Filha da puta! – xingou o menino, jogando o controle no chão. – Vou arrancar o couro de alguém por conta disso!

Luzes vermelhas de emergência se ligaram. O pequeno Jiboia se levantou, pôs uma camisa sobre a enorme pança e atravessou o quarto até a porta. Dois soldados passaram correndo do lado de fora.

– Ei! – chamou. – O que está acontecendo? Mais um dos exercícios de guerra do meu pai?

Pelo menos uma vez a cada três meses o coronel Olho de Cobra realizava simulações de acidentes ou incêndios, para que todos os funcionários soubessem como reagir em caso de uma situação extrema. Claro que ele costumava avisar a todos sobre quando os exercícios seriam feitos, geralmente de dia e em horário comercial, mas o pequeno Jiboia preferia ignorar detalhes dessa natureza.

Os soldados pararam e olharam para trás.

– É melhor retornar para seu quarto, senhor – recomendou um deles.

Jiboia franziu o cenho.

– Não me diga o que fazer. Você é novo aqui? Não sabe quem sou?

O segundo soldado segurou o primeiro pelo ombro, assumindo a dianteira.

– Por favor, mestre Jiboia – começou num tom conciliador. – Será melhor se você aguardar a conclusão da atual crise dentro do seu quarto.

Tenho certeza de que seu pai mandará alguém vir buscá-lo assim que possível.

Jiboia sentiu vontade de rir, mas não por um motivo agradável.

– Que crise? – quis saber. – Desde quando há crise por aqui?

O segundo soldado havia aberto a boca para responder quando recebeu um chamado no *walkie-talkie* que trazia acoplado no ombro.

– Mendonça, Ramires, qual a posição de vocês? – indagou uma voz nervosa. – Só faltam os dois para completarmos o grupo que vai descer até a casa de máquinas. Cadê vocês, caralho?

Os soldados trocaram um olhar.

– Precisamos ir – reforçou um deles.

– Volte para seu quarto – recomendou o outro. – E tranque a porta!

Jiboia balançou a cabeça, confuso, mas os soldados lhe deram as costas e voltaram a correr.

– Mas que merda está acontecendo?

Os soldados viraram um corredor e desapareceram. Jiboia olhou ao redor, assustado. As luzes vermelhas de emergência pintavam o castelo de um jeito estranho, fazendo-o parecer um lugar diferente, assombrado. O rapaz voltou para o quarto e fechou a porta. Após um momento de reflexão, também a trancou. Depois caminhou até a janela e contemplou a escuridão que tomara conta das plantações.

As montanhas distantes cresciam atrás delas sombrias, enormes e amedrontadoras, como se a qualquer momento fossem engolir a terra à sua frente. Havia um brilho para os lados da ala leste, mas não dava para ver o que era. Jiboia abriu a janela, deixando o frio noturno entrar no quarto, e ouviu gritos distantes de homens preocupados. Aquilo não era nenhum exercício. A única resposta que lhe viera à mente é que o castelo estava sob ataque, o que considerava impossível, haja vista que seu pai sempre soube de tudo e que ninguém nunca o pegara de surpresa antes.

Jiboia fechou a janela, com medo. Preferia não escutar nada do que se desenrolava do lado de fora. Os barulhos lhe trariam apenas mais preocupação. Então, correu até o armário e pegou uma caixa que guardava numa estante superior. Havia uma pistola dentro dela e três pentes de munição. Percebeu que as bermudas que usava não eram boas para uma fuga e a trocou por uma calça jeans. Enfiou os pentes no bolso, mas preferiu ficar com a arma nas mãos. O peso dela lhe trazia uma sensação de segurança,

como se fosse capaz de matar qualquer inimigo que ousasse desafiá-lo, assim como nos jogos de videogame.

De repente, o interfone buzinou e o deixou sobressaltado. Ele apontou a arma para a porta e puxou o gatilho, que não cedeu à pressão. Demorou um instante para perceber que a trava estava ativada.

– Mestre Jiboia – chamou uma voz conhecida pelo aparelho. – Sou eu. Leo Gecko. Está tudo bem com o senhor?

Jiboia levantou a pistola, instintivamente. Quase atirou contra a porta sem pensar que um invasor não tocaria o interfone se viesse atrás dele. Respirou, aliviado, sentindo-se um pouco idiota por se deixar levar pelo medo.

– Mestre Jiboia? – repetiu Leo Gecko, preocupado.

– Estou aqui dentro, velho lagarto – respondeu Jiboia, colocando a arma no cós da calça. – Me dê um minuto, sim?

Ele destrancou a porta e Leo Gecko o agarrou pelo braço.

– Vamos! – disse o guarda-costas. – Não temos tempo a perder.

Jiboia ficou indignado com a audácia do velho em puxá-lo daquele jeito e cogitava discutir que tratamento era aquele quando escutou os tiros. Uma saraivada de balas em algum ponto não tão distante do seu quarto. Um arrepio percorreu a espinha do rapaz, que apressou os passos, buscando acompanhar o ritmo de Leo Gecko. Desceram alguns lances de escada antes de entrarem por uma porta secreta, que Jiboia nem sabia que existia. Os dois entraram num túnel completamente escuro, mas o guarda-costas carregava uma lanterna, que acendeu naquele momento.

– Para onde estamos indo? – quis saber Jiboia.

Leo Gecko apontou a lanterna para dentro do túnel, que sofria com infiltrações e parecia um tanto apertado para um garoto que nunca fizera dieta na vida.

– Para um lugar seguro – resumiu o guarda-costas, voltando a puxá-lo.

Jiboia seguia o velho balançando o corpo de um lado para outro, ofegante. Não lembrava a última vez em que se exercitara daquela maneira.

– Por quê? O que está acontecendo?

Leo Gecko baixou a cabeça, para não a bater num cano úmido.

– O castelo está sob ataque – respondeu. – Seu pai me pediu que tomasse conta de você até a situação se resolver – continuou, ao perceber que

o garoto não calaria a boca até receber uma explicação decente. – Este túnel nos levará para uma garagem secreta, onde se encontram os carros de fuga. De lá, seguiremos trezentos quilômetros até um esconderijo que ninguém conhece, além do seu pai e de mim. Não se preocupe, mestre Jiboia, todas as precauções para assegurar seu futuro já foram tomadas.

Jiboia assentiu, com um nó na garganta. Vez ou outra olhava para trás, querendo guardar alguma memória do castelo que fora o seu lar por toda a vida, mas não via nada além da escuridão densa e fechada.

– Meu pai vai encontrar a gente lá?

Leo Gecko demorou a responder.

– Foi o que combinamos.

Jiboia não gostou do tom usado pelo velho.

– E se ele não aparecer?

Leo Gecko o espiou de soslaio.

– Como disse antes, precauções foram tomadas para assegurar seu futuro.

Não era a melhor resposta do mundo, mas Jiboia percebeu que era recomendável não pressionar o guarda-costas naquele momento. No entanto, uma dúvida crucial ainda o atormentava, embora sentisse vergonha de enunciá-la em voz alta.

– Esse esconderijo – disse, baixando a cabeça e levantando os olhos de maneira sugestiva. – Tem videogame?

2

A consciência retornava em camadas. Primeiro veio o som de batidas metálicas, muito próximas e cadenciadas, do tipo esperado numa construção. Em seguida, a dor, que se arrastava pelos nervos como magma derretido, despertando os demais sentidos sem nenhuma gentileza. Se suas veias queimavam, a pele ardia de frio. Ed Tempestade abriu os olhos para um ambiente escuro e azulado, devido à presença do que parecia ser uma lagoa subterrânea. Uma sombra mais escura à sua direita era a responsável pelos sons metálicos que machucavam seus ouvidos. O homem de preto se virou para ela e a reconheceu de imediato. Era Tião Peixeira.

O adversário continuava com as roupas imundas de sangue, mas apresentava bandagens novas no braço esquerdo, ferido durante a luta, e o

rosto remendado com o que parecia ser fio dental. Ele usava as duas mãos para bater a marreta numa estaca metálica, que afundava no solo pedregoso com teimosia. Ed Tempestade percebeu que a estaca estava ligada a uma corrente, que se arrastava como uma cobra pelo chão até a algema fechada em seu tornozelo esquerdo. O homem de preto tentou se levantar, esquecendo do ferimento em seu braço direito ao tentar apoiá-lo no chão. Foi como se um milhão de agulhas atravessassem sua carne ao mesmo tempo. Ele gritou de dor.

Tião Peixeira parou o que estava fazendo e limpou o suor da testa.

– A bela adormecida acordou.

Ed Tempestade se encolhia em posição fetal, segurando o que sobrara do pulso com a mão esquerda, percebendo o ferimento fechado de forma tosca onde deveria se encontrar sua mão. Só então se lembrou da luta em que fora aleijado e não resistiu: começou a chorar.

– O que fez comigo, seu desgraçado?

Tião Peixeira levantou a marreta e bateu mais uma vez na estaca.

– Cauterizei seu ferimento – explicou. – Não queria que sangrasse até morrer. Salvei sua vida. Outra pessoa me agradecerá por isso.

Ed Tempestade rilhou os dentes, estudando melhor o ambiente ao redor. Percebeu que se encontrava numa espécie de caverna, em alguma parte subterrânea do castelo. Havia um buraco enorme numa parede próxima que indicava o local por onde Tião Peixeira entrara naquele lugar. Pelo estilo das paredes cinzentas, devia ser próximo à casa de máquinas, onde existia uma infinidade de túneis malcuidados e esburacados.

– Por que não me deixou morrer? – quis saber.

Tião Peixeira deu outra porrada na estaca.

– A morte seria boa demais para você – respondeu. – Você merece sofrer por tudo que fez, todas as vidas que arruinou...

Ed Tempestade se ajoelhou, segurando o cotoco do braço contra o peito.

– Está me chamando de monstro?

Tião Peixeira deu de ombros e acertou mais um golpe com a marreta.

– Se a carapuça serve...

– Não seja hipócrita – criticou Ed Tempestade. – Quantos dos homens que você matou tinham família? Quantos dos homens que você matou eram realmente maus?

Tião Peixeira acertou outro golpe na estaca.

– Se sou um monstro, o que você é? – desafiou Ed Tempestade.

A marreta desceu sobre a estaca pela última vez, fincando-a firmemente no solo pedregoso. Tião Peixeira levantou os olhos azuis, mais frios que aquela caverna escura.

– Sou o que você fez de mim.

Ed Tempestade se sentou no chão, procurando uma pedra na qual se encostar. Fazia frio ali embaixo. Pingos caíam de estalactites na água imóvel da lagoa escura a intervalos irregulares.

– E essa é sua ideia de punição? – insistiu. – Me prender numa caverna para que morra de fome?

Tião Peixeira colocou a marreta de lado, apoiando-se no cabo dela, e passou a mão pelo nariz, como se precisasse tirar uma sujeira dali.

– Tem muitos ratos aqui embaixo – comentou. – Morcegos também. Talvez até alguns peixes na lagoa. Você pode sobreviver, se quiser – então, ele tirou uma pequena lâmina do cinturão de munições que carregava no peito e a jogou aos pés do prisioneiro. – Ou pode escolher o caminho mais rápido.

Ed Tempestade contemplou a lâmina prateada. Parecia uma navalha sem o cabo. Ele a pegou com cuidado e testou o fio com o dedo. O aço mordeu a carne, arrancando sangue. Era bem afiada. Ele a jogou longe, deixando-a cair entre as pedras.

– Prefiro esperar alguém para me tirar deste buraco – afirmou, revoltado. – Quando você se for, chamarei por ajuda. Por mais que você seja um matador eficiente, tenho certeza de que deixou escapar alguém vivo por aí. Você não matou os empregados, matou? Aqueles pobres-coitados...

Tião Peixeira sorriu, e apontou o buraco na parede.

– Quando sair, fecharei aquela passagem com tijolo e cimento – contou. – Você não acreditaria no tanto de material de construção que achei numa salinha aqui embaixo. Este é um ponto bem isolado do castelo, com mais de uma parede remendada, pelo que pude notar. Você vai precisar gritar bastante até alguém ouvi-lo.

Ed Tempestade voltou a soluçar, sem conseguir trancar o choro na garganta.

– O que quer de mim, maldito?

Tião Peixeira largou a marreta e se aproximou. Ed Tempestade se

arrastou instintivamente para trás, levantando o braço e o cotoco que lhe sobrou para se proteger. Tião Peixeira se agachou diante dele.

– Quero que me conte o motivo – rosnou.

Ed Tempestade engoliu em seco. Tião Peixeira não precisava explicar mais nada. Compreendeu o que ele desejava saber, a resposta pela qual esteve atrás por mais de dez anos. A roda da fortuna. Ele queria saber o motivo daquilo.

– Não foi pessoal – lamentou o homem de preto.

– O caralho que não foi – cortou Tião Peixeira, pegando Ed Tempestade pelo pescoço. – Quem o mandou fazer aquilo, canalha?

Os dedos de Tião Peixeira pressionaram a traqueia do homem de preto, que soltou tons esganiçados tentando se libertar. No entanto, sem uma das mãos e fraco como estava, não conseguia fazer o inimigo ceder um milímetro sequer. Então começou a dar tapinhas de desistência no braço de Tião Peixeira.

– Tudo bem – concordou numa voz esganiçada. – Eu falo. Eu falo.

Tião Peixeira o largou, e o homem de preto caiu para trás, massageando o pescoço sem tirar os olhos preocupados do outro. Tião Peixeira cerrou os punhos, sinal de que estava perdendo a paciência.

– Foi o Senhor Fumaça – revelou Ed Tempestade, antes que o adversário decidisse castigá-lo mais um pouco. – Foi o Senhor Fumaça quem ordenou que eu matasse todos no circo aquele dia. Foi em nome dele que agi.

Tião Peixeira abriu as mãos e franziu o cenho, confuso.

– Aquele maluco que queria arrancar Maria Estrela da gente em Salvador? – perguntou, sem acreditar. – Por quê?

Ed Tempestade se ajeitou no chão, recuperando o fôlego.

– Ele não era um homem de verdade – continuou. – Era um demônio, como você sempre desconfiou. Lembra?

Os olhos de Tião Peixeira brilharam sem nenhuma maldade, perdidos em algum lugar do passado. Por um momento, ele pareceu o perigoso matador que era. Por um momento, tornou-se o garoto que fora antes de todo aquele pesadelo começar.

– Mas eu o derrotei de maneira justa – lembrou. – E o maldito jurou que não viria atrás de mim. Ele jurou.

Ed Tempestade ofereceu um sorriso cansado.

– Foi por isso que ele armou para que eu fizesse o serviço sujo.

Tião Peixeira não disse nada. Lágrimas escorriam pelo rosto de Ed Tempestade. As palavras pareciam entaladas na garganta. Ele precisava colocá-las para fora, se não quisesse sufocar.

– Um dia, depois que deixei o circo para trás, ele apareceu para mim – contou. – Ele me encontrou na sarjeta, após apanhar como um condenado num bar de uma cidade cujo nome nem me lembro. Não o reconheci na hora. Ele usava um rosto diferente. Mas me pagou uma refeição e me chamou para seu quarto. Achei que fosse um pervertido, querendo comer o rabo de um garotinho abandonado, e eu nunca teria aceitado o convite antes daquela noite. Só que eu estava na rua havia muito tempo, sem dinheiro, sem amigos, vivendo como um cão vadio. E aquele estranho me ofereceu um prato de comida...

Ed Tempestade voltou a chorar, em silêncio. Algo em sua postura fez Tião Peixeira se aproximar. Ele parecia tão vulnerável que o cangaceiro não pôde evitar. Apertou o ombro do ex-amigo, mostrando que compreendia sua dor.

– Só depois do ato que ele revelou quem verdadeiramente era – continuou o homem de preto. – Lembro as palavras venenosas que sussurrou no meu ouvido, como meus velhos amigos me traíram e deixaram meu pai apodrecer na prisão. Ele disse que podia consertar tudo, soltar meu pai e dar uma lição em vocês. Tudo que eu precisava fazer para isso acontecer era trabalhar para ele.

– Então você fez um pacto – concluiu Tião Peixeira.

Ed Tempestade assentiu, de cabeça baixa. Tião Peixeira suspirou.

– Chuvisco, seu idiota...

Ed Tempestade olhou o ex-amigo de lado, sorrindo.

– Sim – concordou. – Fui um idiota. Ainda sou. E aquele demônio me transformou num assassino. Nosso pacto foi selado com o sangue de uma criança inocente, que ele roubou de algum berçário ou da casa de alguém. Nunca procurei saber. Então, não sinta pena de mim. Condenei a minha alma muito tempo atrás.

Tião Peixeira se afastou, retomando a postura do homem que havia se tornado.

– E o Senhor Fumaça mandou você atrás de nós – concluiu, sem simpatia. – Ou de Maria Estrela? Era nela que o maldito estava interessado, não era?

Ed Tempestade assentiu, de cabeça baixa.

– Ele ordenou a morte de todos vocês – contou. – Mas não de Maria Estrela. Ela, ele queria viva.

Nesse instante, uma fúria ardente tomou conta do rosto de Tião Peixeira, que avançou novamente, pegando o homem de preto pela gola da camisa e o erguendo como se não pesasse nada.

– O que vocês fizeram com ela, desgraçado? – quis saber. – O que fizeram com minha namorada?

Ed Tempestade levantou os braços, em sinal de paz.

– Não sei, juro por Deus que não sei – respondeu. – Nunca mais a vi. Parece que o Senhor Fumaça não era o único que estava atrás dela. A última notícia que tive foi que Labareda Jones a encontrou e a levou para o sul, para o que sobrou de São Paulo.

– Labareda Jones? – repetiu Tião Peixeira, estupefato.

– Ele não estava lá aquele dia, lembra? – prosseguiu Ed Tempestade.

Tião Peixeira o largou, com os olhos novamente exibindo aquele brilho estranho, de quem está perdido no passado. Ele cambaleou, procurando apoio numa parede próxima. Ed Tempestade se levantou com as costas encurvadas.

– Talvez ela ainda esteja viva – sugeriu.

Tião Peixeira se virou, furioso, apontando o dedo para o vilão.

– Cale sua boca imunda de serpente – ordenou. – Você a teria entregado para o Senhor Fumaça como o bom lacaio que é! E pensar que cheguei a pensar que você também a amasse...

Ed Tempestade deu um passo à frente.

– Mas eu amava – afirmou, fracamente. – Só que você precisa entender, Ventania: minha alma pertencerá ao Senhor Fumaça enquanto eu não cumprir o que foi combinado.

– Apenas cale essa maldita boca – repetiu Tião Peixeira. – Nossa conversa acabou. Você está morto para mim.

Sem dizer mais nada, Tião Peixeira lhe deu as costas e rumou para o buraco na parede. Ed Tempestade tentou segui-lo, mas logo foi impedido pela corrente presa ao seu pé. O homem de preto se esticou pelo chão pedregoso, estendendo a única mão que lhe restava adiante.

– Espere um minuto, Tião – chamou, desesperado. – Vamos conversar mais um pouco. Não me deixe aqui sozinho. Ainda posso lhe revelar alguns segredos.

Tião Peixeira, no entanto, não dava ouvidos às súplicas do homem de preto. Ele tinha um trabalho a fazer. Assim, pegou uma pá, misturou o cimento e colocou o primeiro tijolo da nova parede em seu lugar.

3

Fumaça e fogo escaparam do bocal da garrafa com a força de um furacão. João dos Mistérios precisou travar os pés no chão e segurar a garrafa com força para não cair. O coronel Olho de Cobra não teve a menor chance. O demônio o pegou tentando recuar. Tomou posse do homem pela boca, pelas narinas, pelos ouvidos, pelo olho bom e pelo outro que não existia mais. Um som horrendo semelhante a porcos guinchando escapou daquela união profana, que elevou o corpo do coronel no ar e fez seus membros dançarem, como se ultrapassados por uma potente corrente elétrica. Durou menos de um minuto. Então, o corpo do coronel despencou, como um boneco quebrado, e o *closet* mergulhou num silêncio profundo.

Sem a força que saía da garrafa, João dos Mistérios quase perdeu o equilíbrio, mas conseguiu se sustentar. Ele piscou várias vezes e olhou ao redor, preocupado. Não via sinal do demônio. A garrafa em sua mão voltava a ser transparente sem seu prisioneiro de décadas. Ele a encostou um canto, ciente de que não estava sozinho, endireitou as costas e respirou fundo.

– Muito bem – falou. – Acho que precisamos ter uma conversinha.

Uma risadinha sinistra subiu do corpo imóvel no fundo do armário. O demônio continuava escondido dentro dele. O coronel Olho de Cobra voltava a se mover, com movimentos estranhos e poucos naturais, braços e pernas tremendo enquanto a criatura em seu interior se acostumava com as novas acomodações. Ele se levantou como se fosse um fantoche quebrado, com um ombro mais elevado que o outro e as mãos dispostas em garras tortas. O olho bom do coronel explodiu numa bola de fogo, fazendo João dos Mistérios recuar.

– O garoto invisível, neto do feiticeiro – comentou uma voz rascante, muito diferente da usada pelo coronel. – Tenho que admitir, você tem colhões para me encarar dessa maneira depois do que seu avô fez comigo.

João dos Mistérios engoliu em seco, mas se endireitou.

– Minha família inteira morreu graças ao erro do meu avô – afirmou.
A coisa dentro do coronel torceu o pescoço.

– Não graças a mim – reclamou.
João dos Mistérios assentiu, muito sério.

– Compreendo que tenha prometido matar todos os descendentes do meu avô se um dia alguém o libertasse...

A coisa dentro do coronel apenas o encarou.

– O que pretende fazer comigo? – quis saber João dos Mistérios.
Silêncio.

– Sua dívida comigo está paga – respondeu o demônio, afinal. – Agradeço por me libertar e por me entregar a carcaça desse miserável, que me explorou todos estes anos achando que nunca haveria um acerto de contas. Se tiver algo que eu possa fazer por você, fale agora, pois tenho pressa para deixar o plano físico. Essa é uma proposta que não farei novamente.

João dos Mistérios hesitou. Negociar com demônios sempre era perigoso, mas fazia parte dos requisitos para se tornar um bom feiticeiro. Um bruxo com medo de sombras e aquilo que as habita não era de muita valia para ninguém. E, naquele caso, a vantagem estava do lado dele – ao menos, era o que dizia a si mesmo, imaginando que todo aprendiz de feiticeiro repetia as mesmas palavras ao deparar com uma situação semelhante.

– Você mencionou que não foi responsável pela morte da minha família – apontou.

– Infelizmente – concordou a coisa dentro do coronel.
João dos Mistérios não lhe deu atenção.

– Mas foram homens do coronel Olho de Cobra que vieram atrás de nós – lembrou. – Se não foi você que revelou onde nos encontrávamos, quem foi?

A coisa dentro do coronel exibiu um sorriso longo demais para ser considerado normal ou mesmo saudável.

– Existem outros demônios além de mim – comentou. – E o coronel Olho de Cobra estudou vários deles à procura da minha verdadeira identidade. Ele sabia que só uma coisa no mundo seria capaz de me controlar...

– Seu verdadeiro nome – acrescentou João dos Mistérios.
A coisa dentro do coronel concordou.

– No meio desses estudos, ele acabou cruzando caminhos com um

demônio muito mais astuto e perigoso do que eu – revelou. – Um demônio que prometeu revelar meu verdadeiro nome e o paradeiro da única família capaz de destruí-lo por um preço módico, um pequeno sacrifício...

– O que ele pediu?

A coisa dentro do coronel bateu um dedo no tapa-olho.

– Uma ninharia, se quer a minha opinião.

João dos Mistérios levantou uma sobrancelha, desconfiado.

– Um olho? Só isso?

– Bom, isso e a alma imortal do velho bastardo – acrescentou. – Como disse antes, uma ninharia!

Em seguida, a coisa dentro do coronel soltou uma gargalhada que mais lembrava o grasnar de uma ave sendo depenada.

– Mas não é isso que você quer realmente saber, certo, neto de feiticeiro?

João dos Mistérios balançou a cabeça.

– Qual o nome do demônio responsável pela morte da minha família?

A coisa dentro do coronel voltou a oferecer seu sorriso maldito.

– Acredite em mim quando digo que adoraria saber seu verdadeiro nome – respondeu. – Mas sei que não foi só sua vida que ele destruiu.

João dos Mistérios estreitou os olhos.

– O que quer dizer com isso?

A coisa dentro do coronel apontou para o lado, com o indicador dançando no ar.

– Pergunte ao seu amigo – aconselhou. – Pergunte a ele para quem Ed Tempestade trabalhava.

A compreensão fez João dos Mistérios dar um passo para trás.

– Você só pode estar de sacanagem comigo.

A coisa dentro do coronel riu, balançando o indicador de um lado para outro.

– De maneira alguma, meu amigo – garantiu. – Na verdade, vou até lhe dar uma colher de chá. Chegou ao meu conhecimento que esse demônio às vezes atende pelo nome de Senhor Fumaça e que não tem ninguém que ele tema mais neste mundo do que o homem chamado Tião Peixeira.

Nisso foi a vez de João dos Mistérios soltar uma longa gargalhada, enlouquecida, assustando até a coisa dentro do coronel.

– Você está bem, garoto invisível? Foi alguma coisa que eu disse?

João dos Mistérios se conteve com alguma dificuldade, limpando os olhos com as costas da mão.

– Nada não – respondeu. – Estou só imaginando o que aquele branquelo vai dizer quando descobrir que tenho outros motivos para continuar usando o nome idiota que ele me deu.

Capítulo 15

Terra de ninguém

1

Dizer que a tempestade de areia pegou o viajante solitário de surpresa seria uma mentira. Mais justo seria dizer que ele não teve como escapar dela. A pé, caminhando pelo barro vermelho do sertão, sem nenhum esconderijo nas cercanias, o pobre homem não pôde fazer outra coisa além de seguir em frente, com o rosto protegido por um pedaço de pano puído e óculos especiais, adquiridos em circunstâncias obscuras. Cada passo adiante era recebido com uma lufada violenta de vento e grãos de areia a fustigar o pouco da pele exposta que nem as roupas nem o poncho conseguiam proteger.

Ao longe, como uma miragem, era possível enxergar uma cidade entre as rajadas traiçoeiras de vento e areia. Riacho Doce, o destino final do viajante solitário. Ele avançou em sua direção como um homem obstinado, com o corpo encolhido sobre o tronco encurvado, um pé após o outro. Seria irônico morrer tão próximo de casa, talvez um fim adequado para um sujeito como ele. Só que a vida é uma megera insistente, que não desiste nunca, independente das condições em que se encontra ou das ameaças que aparecem pelo caminho. Ela sempre nos leva a seguir em frente, sempre em frente.

Claro que não havia viva alma quando o viajante solitário alcançou as ruas da cidade. Somente um louco sairia de casa com aquele tempo. No entanto, era possível perceber rostos escondidos nas sombras, por trás de janelas fechadas, a observarem seu avanço. Ninguém lhe ofereceria ajuda, ele sabia disso. Confiar em estranhos fazia parte de um passado distante, que não oferecia nenhum alento àqueles que precisavam sobreviver no presente. O viajante solitário seguiu em frente, de olho no lugar aonde queria chegar, um porto seguro com as portas sempre abertas para gente como ele. A maçaneta cedeu com facilidade e ele entrou apressado no estabelecimento.

– Feche a maldita porta! – gritou uma mulher gorda, de seios fartos, e cabelos louros como um campo de trigo de trás do balcão.

O viajante solitário procurou atender à ordem prontamente, ainda que

estivesse fraco em razão da longa caminhada e o vento rugisse como um leão em seu encalço. Foi preciso que outros dois clientes viessem em seu socorro antes que a porta voltasse ao seu lugar, deixando a tempestade correr solta fora do bar. Com a passagem definitivamente fechada, o viajante caminhou tropegamente até o balcão e despencou, exausto, numa de suas cadeiras. A mulher de cabelos louros veio atendê-lo.

– Se entrou no meu bar para tirar uma soneca no balcão, vou ter que pedir que volte para casa, amigo.

O viajante solitário levantou a cabeça, meio tonto.

– Um copo d’água, por favor – pediu com a voz tão seca quanto o deserto.

A loura atendeu ao pedido prontamente, embora o líquido servido no copo não fosse exatamente transparente e desse para ver corpos estranhos flutuando em sua superfície. O viajante solitário não ligou. Desenrolou o pano do rosto e bebeu com sofreguidão. A loura estreitou os olhos, espiando o cliente.

– Conheço você, não?

O viajante solitário colocou o copo de volta no balcão e suspirou, tirando os óculos especiais e o chapéu empoeirado, para revelar um rosto bem conhecido de todos por ali. A loura abriu um largo sorriso.

– Meu querido Leandro – cumprimentou, apertando o jornalista contra os seios fartos num abraço de urso. – Por onde você tem andado? Não o vejo há quase um mês.

– Acredite Mama Jan, você não gostaria de saber – respondeu Leandro Fuentes, jornalista extraordinário.

A dona do bar colocou a mão na cintura, estudando o cliente.

– Nossa! Como você está diferente – comentou. – O que lhe aconteceu?

– Fiquei sóbrio, infelizmente – respondeu Leandro. – Vim até aqui para tomar meu remédio. Por que não me faz um favor e me serve algo bem forte, *chica*?

Mama Jan se animou.

– Tão quente quanto eu? – perguntou, com um dedo na boca, insinuante.

Leandro sorriu.

– Vamos devagar, mas trabalhando nessa direção – piscou.

Mama Jan se afastou para atender ao pedido, e a cabeça de Leandro voltou a desabar entre os ombros. O peso dos dias se acumulava em suas costas. Já não era mais tão jovem para viver daquele jeito, metendo-se em confusões a cada esquina, escapando da morte por um triz e assistindo ao destino de outros sem a mesma sorte. Invariavelmente, sua mente se voltava para o que acontecera com Carlitos Doninha. Sentia-se culpado pelo garoto. Talvez fosse hora de pendurar as chuteiras, deixar o jornalismo para trás, encontrar outro modo honesto de ganhar a vida – coisas que poderia pensar após tomar um trago.

Um homem de macacão e mãos sujas de graxas se sentou no banco ao seu lado.

– Eu sabia – disse ele.

Leandro Fuentes fechou os olhos com força. Conhecía aquela voz.

– Eu sabia que era você – repetiu o rapaz. – Mesmo com todas essas roupas surradas, não teria como me confundir. Leandro! Onde você esteve, meu amigo?

O jornalista forçou um sorriso. Guto era o neto de mestre Silas, responsável pela manutenção do parque gráfico do *Edição Extraordinária*, um rapaz bem-intencionado, ainda que um pouco lento e capaz de escolher os piores momentos para aparecer.

– Como vai você, Guto?- cumprimentou, oferecendo a mão para um aperto.

Guto franziu o cenho.

– Oxe... Somos amigos, não somos? Venha cá, me dê um abraço!

Antes que Leandro pudesse protestar o rapaz o envolveu em seus braços fortes e apertou, como se quisesse quebrar seus ossos. Depois o largou na cadeira, sem nunca parar de rir. Ele apertou o ombro do jornalista com a mão suja.

– Quanto tempo, cara! Chegamos a pensar que você tinha morrido! A última notícia sua que tivemos foi que fugiu da prisão em Miradouro com a cidade em estado de sítio. Que loucura!

Leandro sorria, procurando atender às expectativas. A fuga da prisão fora menos apoteótica do que o amigo dava a entender. Com a delegacia destruída, os soldados do coronel Olho de Cobra improvisaram uma cadeia num estábulo, onde os guardas precisavam ficar de olho nos prisioneiros o tempo todo. No dia em que enforcaram a maioria dos encarcerados, apenas

um guarda ficou para para vigiar Leandro, que só precisou esperar o carcereiro cochilar para pular por cima da baia e escapar noite adentro. Sair de Miradouro foi um pouco mais complicado, mas igualmente corriqueiro.

– Bom, estou vivo – sorriu o jornalista. – Que tal fazermos um brinde a isso?

Leandro levantou o copo de pinga que Mama Jan havia deixado no balcão, mas Guto levantou uma das mãos em sinal de advertência.

– Obrigado, amigo, mas não bebo – justificou.

Leandro olhou ao redor.

– Então o que está fazendo num bar?

Guto apoiou o braço no balcão.

– Estava correndo atrás de umas peças para a velha prensa quando a tempestade começou – respondeu. – Entrei aqui para me proteger. Mama Jan não liga. Vez ou outra ela precisa de alguém como eu para consertar as dobradiças da porta ou passar uma demão de tinta na parede. Volto para o jornal assim que o tempo melhorar.

– É mesmo? – perguntou Leandro, sem nenhuma empolgação, tomando a cachaça num só gole. A bebida desceu queimando, do jeito que ele gostava. – Que azar, então! Acho que essa tempestade de areia não vai passar tão cedo.

Guto deu de ombros.

– Não – opinou. – Ainda não estamos na época dos furacões. Isso aí não passa de um rabo de vento, que vai morrer daqui a pouco. Pode marcar minhas palavras.

Leandro não conseguiu evitar uma risada.

– O que foi? – quis saber Guto, desconfiado.

O jornalista se aprumou.

– Nada – garantiu. – É só que, se Verônica estivesse aqui, ela me mandaria pegar meu caderninho para fazer justamente isso.

– Ela está preocupada com você, sabia? – contou Guto, sorumbático. Nesse momento, seu rosto se iluminou como uma lâmpada. – Talvez seja melhor eu voltar para o jornal, dizer à dona Verônica que você voltou...

Leandro fez uma careta.

– Acho que isso é uma má ideia – opinou.

Guto pareceu não o escutar.

– Você não vai acreditar. Ouvi dela mesma hoje de manhã da falta

que você faz. Ainda mais agora, que ela pretende subir lá para os lados do Ninho da Serpente, descobrir o que aconteceu com o coronel Olho de Cobra...

Leandro levantou a orelha.

– O Ninho da Serpente, você disse?

Guto se aproximou do jornalista e sussurrou com um bafo de quem nunca escovou os dentes:

– Chegou um monte de mensageiro à cidade pela manhã. Parece que teve uma explosão grande lá para o outro lado das montanhas. Andam dizendo por aí que foi um ataque direto contra o coronel Olho de Cobra.

– Mas quem seria louco de fazer uma coisa dessas?

Guto deu de ombros.

– É o que dona Verônica gostaria que você descobrisse.

2

A previsão de Guto logo se confirmou, com os uivos dos ventos ficando cada vez mais distantes enquanto a tempestade de areia se afastava da cidade. O rapaz colocou o chapéu na cabeça e partiu em seguida. Leandro pediu mais uma dose de pinga para Mama Jan. Após ser servido, ele segurou a mão da mulher.

– Deixe a garrafa, *si*?

Mama Jan concordou, assistindo ao jornalista tomar a bebida de um só gole e se servir de uma nova dose.

– Você sabe que sua chefe logo estará aqui, certo?

Leandro concordou, fazendo uma careta ao beber mais um copo.

– Porque acha que pedi para deixar a garrafa?

Mama Jan se aproximou, apoiando-se no balcão de modo a valorizar o decote do vestido, com a dobra entre os seios formando um túnel capaz de fazer um homem se perder, o que não passou despercebido por Leandro.

– Se quiser, posso escondê-lo no quartinho dos fundos – sussurrou. – Aviso à patroa que você já partiu e tiramos o resto do dia de folga – ela levantou o queixo do jornalista com o dedo, para que olhasse seu rosto. – Não lhe parece uma boa ideia?

Leandro sorriu, embriagado.

– A melhor ideia que ouvi o dia inteiro – concordou.

Foi exatamente nesse momento, porém, que a porta do bar se abriu e uma mulher de cabelos ruivos cacheados entrou, com os pés batendo firmes no chão.

– Então aí está o senhor – apontou Verônica. – Depois de todo esse tempo, esperava que viesse me ver antes de mergulhar na garrafa de novo.

O sorriso de Leandro se desfez como chuva de verão.

– Quase morri para chegar aqui por conta de uma tempestade de areia, sabia?

– Bom, nesse caso não vou deixar que o álcool complete o serviço – respondeu Verônica. – Vamos! Levante o rabo dessa cadeira.

Leandro se virou para encarar a chefe, de braços abertos.

– Tenho más notícias – anunciou. – Receio que tenha perdido todo o dinheiro da viagem para Miradouro. Não tenho um centavo sequer nem recibos para apresentar de meus gastos por lá.

Verônica pôs as mãos na cintura e bufou, exasperada.

– Posso despedi-lo amanhã, mas preciso dos seus serviços agora – disse. – E ainda conversaremos sobre uma matéria dos dias em que esteve fora. Algo como “Dias de terror em Miradouro”. Então, pare de enrolar e me acompanhe de uma vez. Temos uma carruagem para pegar.

3

Não teve choro nem vela. Após pendurar a conta, Leandro acompanhou Verônica até a frente do jornal, onde uma carruagem fretada já os aguardava. O jornalista não deixou de se impressionar com a agilidade da coisa toda, uma vez que menos de meia hora antes a areia fustigava casas e comércios como se o mundo estivesse prestes a acabar. Porém, os fatos continuavam os mesmos. Quanto mais ele tentava se afastar do jornalismo, mais as notícias o puxavam de volta pelo pé.

Leandro entrou na carruagem logo depois de Verônica. Os dois se sentaram, um de frente para o outro, antes de os cavalos arrancarem com um solavanco pouco elegante. Nada capaz de derrubar seus passageiros, apenas de fazê-los perderem a pose de sérios. Para Leandro, isso não era nenhum problema, dado que seriedade nunca fora uma de suas melhores qualidades.

Já com Verônica o papo era outro. A editora tinha uma autoridade intrínseca que acompanhava seus modos de vestir, falar e agir. Ela ficou claramente desconcertada com a arrancada e fez questão de arrumar o visual. Leandro virou o rosto e fez cara de paisagem. Era melhor fingir que nada tinha acontecido.

– Muito bem – disse Verônica, após se recompor. – Desembuche!

Leandro piscou várias vezes.

– Desculpe?

Verônica suspirou.

– Disfarce o quanto quiser, os outros não o conhecem que nem eu. Está na cara que algo aconteceu com você em Miradouro. Não se acanhe. Desembuche!

Não era um pedido, portanto, Leandro contou sua história, ainda que omitindo algumas passagens – como o modo com que gastara o dinheiro que lhe foi dado. Concentrou-se na truculência dos soldados e no triste destino de Carlos Doninha. De seu lado, Verônica ouviu pacientemente, demonstrando aflição em determinados momentos, apesar de tentar permanecer impassível. Quando terminou o relato, os dois ficaram calados por um tempo.

– Imagino que devamos omitir as piores partes para não incomodar o coronel Olho de Cobra – supôs Leandro. – Só não sei o que vou escrever se não puder contar a história de Doninha.

– De jeito nenhum – opôs-se Verônica, categórica. – Uma história como essa deve ser contada na íntegra. Não podemos permitir que um crime desses passe impune.

Leandro se admirou com a indignação da editora.

– Você sabe que o coronel não vai gostar nada disso...

– Foda-se – resumiu Verônica com uma única expressão. – O coronel tem problemas mais sérios do que a gente com que se preocupar no momento.

Leandro inclinou-se para frente.

– O que aconteceu no Ninho da Serpente?

Verônica sorriu, como se estivesse jogando cartas com uma mão muito boa.

– Ninguém sabe ao certo – admitiu. – Mas parece que o coronel recebeu visitas inesperadas na noite de ontem. Minhas fontes dizem que um jipe chegou ao castelo após a meia-noite com três pessoas dentro, mas só uma

entrou no local pela porta da frente. Pouco depois, alguém explodiu o setor de abastecimento, e boa parte da frota automotiva também foi pelos ares. Daí a loucura se alastrou para dentro do castelo, onde um verdadeiro tiroteio teve início. Ninguém soube me dizer como isso acabou, nem se o coronel está vivo ou morto.

– Quer dizer que o coronel sofreu um ataque na noite anterior e nós estamos indo visitá-lo sem saber quem ganhou essa pequena guerra?

– Quando você fala dessa maneira, parece que estou sendo imprudente – criticou Verônica. – Somos jornalistas, Leandro. Não temos medo do perigo, certo?

Verônica sorriu de maneira meio maluca e Leandro se convenceu de que a editora definitivamente não batia bem das ideias. Ou talvez não tivesse medo de nada. Ao contrário dele, ela não tremia nas bases quando alguém olhava feio na sua direção ou a ameaçava. Leandro baixou a cabeça, pensativo.

– Você acha que nosso trabalho faz alguma diferença?

– Claro que sim – garantiu Verônica. – Publicamos somente três edições até o momento, e, apesar de as vendas terem caído levemente após a primeira edição, já dá para sentir que as pessoas estão mais preocupadas com as ações de homens como o coronel Olho de Cobra. O povo tem conversado mais sobre política e as injustiças que presenciamos diariamente. Você precisa ver quanta gente nos procurou nos últimos dias querendo revelar alguma informação quente. Nossa redação anda mais movimentada que o confessionário do padre Azevedo. Estamos fazendo diferença. Você não nota?

– Talvez eu não esteja prestando atenção o suficiente – disse Leandro.

– Mas tenho a impressão de que as coisas ruins acontecem independentemente da nossa presença ou das tentativas que fazemos para melhorar a vida dos outros. É como se todo dia uma tragédia nova acontecesse para mostrar que nosso esforço anterior não valeu de nada. Ninguém se importa com o que fazemos, ninguém dá a mínima.

Verônica ficou quieta por um momento.

– Parece que essa história de Miradouro realmente o deixou abalado.

Leandro baixou a cabeça, mas estava sorrindo quando a levantou.

– Vamos fazer uma aposta? Quantos mortos acha que encontraremos no Ninho da Serpente? Chuto que teremos dois cadáveres e um prisioneiro e

que o próprio coronel Olho de Cobra fará as honras de nos contar como defendeu o reino sozinho contra a invasão dos bárbaros.

De repente, a carruagem parou bruscamente. Dessa vez, o solavanco foi mais forte e acabou lançando Leandro sobre a própria editora. Instintivamente, ele esticou as mãos para a frente e elas acabaram pousando sobre os peitos de Verônica. Ao tentarem corrigir a situação, os dois se embolaram e terminaram caindo no vão entre os bancos, numa confusão de braços e pernas.

– Leandro, saia já de cima de mim – berrou Verônica, furiosa.

O jornalista obedeceu o mais rápido que pôde, encolhendo-se num canto da carruagem, acuado. Verônica se levantou, indignada, e se ajeitou o melhor possível, dada a condição em que se encontrava.

– O que esse cocheiro maluco pensa que está fazendo?

A editora colocou a cabeça para fora da janela.

– Ei! – chamou a atenção do cocheiro. – Aprendeu a dirigir ontem? Por que paramos no meio do nada?

O cocheiro a observou, com olhos assustados.

– Silêncio, dona – pediu. – Não estamos sozinhos na estrada.

Verônica não entendeu exatamente o que ele queria dizer até olhar para a frente. Aproximadamente cem metros adiante, uma dupla de cavaleiros observava a carruagem com interesse. Um deles era um negro alto, de cabelos brancos arrepiados e roupas simples, igualmente brancas. O outro era um baixinho com roupas imundas e um chapéu que lembrava os antigos cangaceiros. Verônica voltou para dentro da cabine com os olhos bem abertos. Leandro franziu o cenho ao vê-la daquela maneira.

– O que houve? – quis saber.

Verônica encarou o jornalista, demonstrando medo pela primeira vez desde que se conheceram.

– Acho que acabamos de esbarrar com Peixeira e Macumba.

4

A ideia de descer da cabine foi de Verônica. Após o susto inicial, ela percebeu a oportunidade de ganhar um furo de reportagem, como se houvesse outros jornais no sertão para competir com o *Edição Extraordinária*. Leandro

a acompanhou como um bom soldado, ao passo que o cocheiro achou aquilo uma má ideia e afirmou que daria meia-volta ao primeiro sinal de problemas, com ou sem eles. Verônica prometeu algumas peças de prata se ele aguentasse firme em seu lugar. Tinha certeza de que nada de ruim lhes aconteceria. Aquela mulher tinha sangue de barata.

Juntos, Verônica e Leandro atravessaram o caminho deserto que os separava dos dois cavaleiros, que os aguardaram em silêncio, como se não tivessem nada melhor para fazer. Também permaneciam imóveis. O negro, de costas eretas e rosto tranquilo, com as rédeas de uma égua branca seguras frouxamente numa das mãos. O cangaceiro, debruçado sobre o pescoço do cavalo negro, com o rosto coberto de sombras marcado por um ferimento profundo remendado de forma tosca. Ambos mantinham os olhos fixos na dupla que se aproximava e exibiam expressões completamente neutras.

– Acho que essa não foi uma das suas melhores ideias – sussurrou Leandro.

– Não vá dar para trás agora – respondeu Verônica, no mesmo tom. – E não diga nada a não ser que seja estritamente necessário.

Não seria necessário alertá-lo. Quando estavam a pouco menos de vinte metros da dupla, Leandro parou e Verônica se adiantou, abrindo seu melhor sorriso.

– Boa tarde – cumprimentou, simpática. – Por acaso os cavalheiros estão vindo do Ninho da Serpente?

Leandro precisava tirar o chapéu para ela. A editora não tinha papas na língua. Os cavaleiros trocaram um olhar e o negro perguntou:

– Quem quer saber?

Verônica se aproximou mais um pouco.

– Ora, que falta de educação a minha! Meu nome é Verônica Mota, sou editora do jornal *Edição Extraordinária* e no momento estou a caminho do Ninho da Serpente – ela fez um sinal para que Leandro também se aproximasse. O jornalista avançou uns poucos passos. – Sigo na companhia do meu melhor repórter. Talvez já tenham ouvido falar dele. Leandro Fuentes?

O cangaceiro levantou a cabeça, interessado.

– Veja só, João Macumba – comentou. – É aquele cara que escreveu uma matéria a meu respeito – apontou.

Verônica aproveitou a deixa.

– João Macumba? – repetiu, contemplando o negro antes de se virar para o cangaceiro. – Então você seria Tião Peixeira? – o sorriso dela se alargou como o de uma fã diante de seus artistas favoritos. Ela sabia representar. – Estou mesmo na companhia dos famosos Peixeira e Macumba?

O negro girou com a égua branca, aproximando-se da editora calmamente.

– Parabéns pelo seu trabalho! – cumprimentou. – Apreciamos muito saber que tem alguém por aí que nem você, preocupada em restabelecer algum tipo de ordem por estas bandas. Também admiro seu trabalho – complementou, olhando para Leandro. – Não deve ser fácil convencer as pessoas a contarem histórias perigosas nos dias escuros em que vivemos.

Verônica olhou para trás, para Leandro, com um sorrisinho matreiro nos lábios. O jornalista entendeu o recado de imediato. Era justamente o contraponto da discussão que vinham travando na carruagem. O jornal tinha um impacto, e nada seria capaz de deixar isso mais claro do que a fala de João Macumba.

– Fazemos o que podemos – minimizou Verônica, ativa. – E vocês? O que fazem por aqui?

João Macumba e Tião Peixeira trocaram outro olhar.

– Acredito que esperávamos por vocês – respondeu o negro, assumindo o papel de porta-voz da dupla.

– Que ótimo! – animou-se Verônica, fazendo mais um sinal, dessa vez irritado, para que Leandro se aproximasse. – Adorariamos entrevistá-los.

João Macumba riu, divertindo-se.

– Não temos interesse em dar entrevistas – cortou.

Verônica ficou sem saber o que responder. Leandro se adiantou.

– Mas você mesmo disse que nosso trabalho é importante – destacou o jornalista, entrando na conversa pela primeira vez. – E se vocês vieram do Ninho da Serpente, temos certeza de que têm uma história interessante para contar.

João Macumba se virou para Tião Peixeira, como se procurasse a aprovação do parceiro, que deu de ombros. Ele tornou a olhar para os repórteres.

– Não me levem a mal, amigos. Só achamos que temos assuntos mais sérios a discutir do que a manchete de amanhã.

– Como o quê? – quis saber Verônica.

– Como o destino destas terras – respondeu João Macumba, com um gesto amplo, abrangendo toda a paisagem que os rodeava. – Desde o fim da Grande Guerra, o povo daqui se encontra à deriva, vivendo nas terras de fulano ou beltrano, com as fronteiras flutuando de um lugar para outro de acordo com as vontades dos poderosos. Depois de tudo que aconteceu, continuamos a viver numa terra de ninguém, entregues a interesses alheios. Se quisermos sobreviver aos tempos difíceis que nos aguardam, precisamos dar um jeito de mudar isso. O jornal de vocês é um bom começo. Informação pode unir as pessoas ou dividi-las, se for mal utilizada. O importante é que estão tentando. Mesmo que errem, o sucesso só acontece para aqueles que tentam.

Verônica olhou de soslaio para Leandro e percebeu que o jornalista anotava o que podia no caderninho, prestando atenção a cada palavra.

– O que podemos fazer além disso? – incentivou.

– Dar um nome para estas terras seria um bom começo – sugeriu João Macumba. – Identidade é outra coisa que ajuda as pessoas a se unirem.

Dessa vez foi Verônica e Leandro que se entreolharam.

– Mas não temos esse poder – argumentou o jornalista. – Quem manda nessas terras é o coronel Olho de Cobra.

João Macumba ofereceu um sorriso enigmático para o repórter.

– Não mais.

Os pelos nos braços de Verônica e de Leandro se arrepiaram, como se tivessem combinado a ação ao mesmo tempo.

– O que aconteceu com o coronel? – perguntou Verônica, excitada.

João Macumba se virou para Tião Peixeira.

– Vocês vão encontrar o que sobrou dele no castelo – respondeu o cangaceiro, que ficou incomodado com o modo como Leandro o encarava fixamente. – O que foi? Algum problema?

– Nada, nada – respondeu o jornalista imediatamente, sem graça. – É só que, sabe, pensei que você fosse um pouco mais alto.

Pela primeira vez desde o início da conversa, Tião Peixeira sorriu.

– Rapaz, se um cara com o dobro do meu tamanho leva uma surra de mim você acha realmente que ele vai confessar que apanhou de um tampinha?

Leandro riu, educadamente.

– Faz sentido – concordou.

João Macumba tornou a encarar Verônica.

– Como estava lhe dizendo, ninguém precisa mais se preocupar com o coronel Olho de Cobra. Demos um jeito nele para vocês. Só que isso também cria um novo problema...

– Um vácuo de poder – concordou Verônica, levando a mão ao queixo, pensativa. – Sem o coronel, outros senhores vão querer um pedaço de tudo que temos. Os próprios homens das redondezas vão ficar com o olho grande. Deus! Podemos estar diante de uma nova guerra por território.

João Macumba concordou, calmamente.

– A não ser que outra pessoa assuma o crédito pela queda do coronel.

Verônica fez cara de surpresa.

– Você não pode estar falando sério.

– Por que não? – insistiu João Macumba. – Também fiz meu dever de casa. Sei que seu pai é um homem poderoso, com sua própria tropa de soldados à disposição. Depois do que aconteceu em Miradouro ele pode ter ficado um pouco inseguro. Ainda mais depois de descobrir que o coronel mandou forças igualmente avassaladoras para Boi Bravo e Ventos Uivantes. Afinal, Riacho Doce fica bem perto do Ninho da Serpente. E se o coronel decidisse estabelecer estado de sítio por estas bandas também? Seu pai precisaria tomar uma providência, mostrar para o povo do que ele é capaz para proteger os seus...

Verônica pensou sobre o assunto.

– O pior é que isso pode dar certo.

Leandro parou de escrever.

– Parem – protestou. – Parem agora mesmo com essa conversa! O que você está sugerindo é criminoso! Não temos como sustentar uma mentira desse tamanho!

– Por que não? – quem perguntou dessa vez foi Verônica.

O jornalista a encarou, estupefato.

– Porque todos vão saber a verdade – disse Leandro, apontando para os cavaleiros. – Esses dois já são famosos! É só uma questão de tempo até que o povo descubra que foram Peixeira e Macumba que derrubaram o coronel.

– Peixeira e Macumba? – perguntou o negro, como se não conhecesse tais nomes. – Esses dois não existem de verdade, são só uma lenda soprada pelo vento, criada para dar esperança ao povo.

– É isso aí – concordou o cangaceiro. – Cheguei até a ler no jornal que o tal Tião Peixeira morreu outro dia! Como um morto pode andar por aí fazendo justiça com as próprias mãos?

– Devo concordar com eles – disse Verônica. – O povo vai falar um bocado, mas também vai acabar acreditando no que sair no jornal.

– Como você pode sequer cogitar isso? – perguntou Leandro, já sem forças.

– Qual é a outra opção? – quis saber Verônica. – Permitir que uma nova guerra nos arraste para uma trilha sangrenta de morte e destruição? Porque é isso que vai acontecer se contarmos a verdade.

– E quanto a vocês dois? – apontou Leandro. – Como pretendem fingir que não existem, circulando por aí em seus cavalos, matando quem der na telha?

– Vocês não precisam se preocupar mais conosco – garantiu Tião Peixeira. – Nossos negócios por estas bandas estão concluídos. É provável que nunca mais ouçam falar de nós. Ou de mim, pelo menos.

Tião Peixeira encarou João Macumba, uma dúvida no olhar.

– De nós – confirmou o negro. – Temos assuntos a resolver em outro lugar, bem longe daqui.

Leandro cruzou os braços e balançou a cabeça.

– Não gosto nem um pouco de fazer parte disso – reclamou.

– Os personagens raramente escolhem as histórias de que devem participar – consolou João Macumba, solene. – Todos somos forçados a tomar posições difíceis de acordo com as circunstâncias em que nos encontramos. Você veio até aqui por sua própria vontade ou pela curiosidade. Assuma a responsabilidade por suas decisões, Leandro Fuentes. E se lembre do poder que têm as palavras nesse seu caderninho.

Leandro continuou de braços cruzados, emburrado.

– Deixe ele comigo – pediu Verônica. – O Leandro gosta de se manter fiel aos fatos sempre que possível, mas no fim do dia sempre faz a coisa certa, por mais que lhe doa o coração. Ele entende que o jornal é um veículo que nem sempre conta a verdade, mas que procura manter um equilíbrio entre os poderes vigentes, que é o que nos sustenta quando esgotamos todas as demais alternativas.

João Macumba assentiu e olhou para Tião Peixeira, que se levantou preguiçosamente de sua posição de descanso, pegando as rédeas do cavalo.

– Nesse caso, desejamos bons ventos para vocês e que tudo se resolva nestas terras de forma pacífica – despediu-se.

– Apesar das circunstâncias, foi um prazer conhecer vocês – respondeu Verônica, sem muita certeza no que dizia.

João Macumba não deu bola. Ele sorriu e partiu juntamente com Tião Peixeira, trotando sem pressa pelo caminho de terra, deixando para trás uma dupla de jornalistas confusos e infelizes. Todos desejam a mudança, até o dia em que ela chega e acaba com todas as antigas certezas.

5

Tião Peixeira e João Macumba cavalgavam em silêncio, cruzando o sertão deserto sem pressa. A tempestade de areia que fustigara a região pela manhã garantiu um dia mais claro que o normal, com o sol quase visível através das nuvens magras e esparsas. Um pouco de luz vinha bem a calhar. Lembrava não só dias mais felizes como também renovava as esperanças de um povo sofrido, marcado pelas dificuldades e pelas injustiças de uma rotina ingrata. Continuavam todos distantes de um final feliz, mas ao menos podiam se dar ao luxo de sonhar um pouquinho.

Tião Peixeira olhou de soslaio para João Macumba. Estava na cara que ele queria puxar papo, mas não sabia exatamente como.

– O que foi? – quis saber João Macumba.

O cangaceiro se aprumou na sela, como se tivesse sido pego fazendo o que não devia. Em seguida, voltou a relaxar, sem dar bola em manter a pose.

– Não sei – admitiu. – Você acha que fizemos a coisa certa? Lá atrás?

João Macumba deu de ombros.

– Fizemos nosso melhor – desconversou.

Tião Peixeira insistiu.

– Mas aquele jornalista não ficou nada satisfeito. E se ele abrir a boca?

– Ele não vai.

– Como pode ter certeza?

– Porque ele conhece as regras do jogo – respondeu João Macumba. – Se abrir a boca, ele está acabado. Verônica não vai poder mais protegê-lo, e é

ela a rainha desse tabuleiro. Leandro é apenas um peão. Além disso, todas as sociedades humanas sempre foram fundadas em mentiras convenientes.

Os dois cavalgaram em silêncio por mais algum tempo. Tião Peixeira continuava a observar o amigo de esguelha. João Macumba suspirou.

– Não era isso que você queria perguntar, certo?

Tião Peixeira deu de ombros.

– Só queria puxar conversa.

– Você não é muito bom nisso.

– Passei os últimos dez anos perseguindo um traidor – justificou Tião Peixeira. – Não tive muitas oportunidades de desenvolver traquejos sociais, sabe?

– O que você quer saber?

– Se o que você disse lá atrás era verdade.

– Falei um monte de coisas lá atrás. Você precisa ser mais específico.

– Sobre a nossa partida destas terras – explicou Tião Peixeira. – Eu disse que tinha negócios para resolver em outro lugar, e era verdade. Mas agora que nosso assunto por aqui foi concluído, não entendo seus motivos para continuar a me acompanhar.

João Macumba ficou quieto, baixou a cabeça e suspirou.

– Acredito que ainda eu tenha motivos para seguir você por esta estrada – concedeu. – Nosso verdadeiro inimigo se encontra em algum lugar adiante.

Tião Peixeira se empertigou na sela.

– Está falando sério?

João Macumba fez uma careta.

– Acredite, eu não continuaria ao seu lado se não tivesse um bom motivo.

Tião Peixeira coçou o pescoço.

– Nesse caso, preciso avisá-lo que um dos meus próximos alvos é um demônio, e digo um demônio de verdade, daqueles saídos diretamente do inferno para nos atormentar, sacou?

João Macumba encarou o amigo, com olhos semicerrados.

– Deixe-me adivinhar. Por acaso o nome dele não seria Senhor Fumaça?

A boca de Tião Peixeira se abriu num espanto, assim como seus olhos.

– Que bruxaria é essa? Como você descobriu?

João Macumba sorriu e continuou a trotar devagar.

– Digamos que descobertas recentes indicam que esse demônio também cruzou o meu caminho e deixemos por isso mesmo, ok?

Tião Peixeira assentiu, levando uma das mãos à boca, pensativo.

– Espere um minuto – pediu. – Se continuamos atrás do mesmo inimigo, isso significa que o destino realmente nos uniu, certo?

João Macumba fechou um dos olhos, fazendo uma careta ao entender os rumos que a conversa tomava.

– Tudo bem – concordou. – O que você quer me perguntar de verdade?

Tião Peixeira sorriu, com as sobrancelhas enviesadas de maneira diabólica.

– Como é que você se chama hoje em dia?

O bruxo expirou longamente.

– João Macumba – respondeu entredentes.

– Como? – perguntou Tião Peixeira, colocando a mão no ouvido para escutar melhor. – Não ouvi direito. Você pode repetir?

– João Macumba – repetiu o bruxo, um pouco mais alto.

– Ora, vamos lá – incentivou Tião Peixeira, segurando o riso. – Você pode fazer melhor do que isso.

– João Macumba, João Macumba, João Macumba – gritou o bruxo, aborrecido. – Pronto! Repeti meu novo nome três vezes. Espero que esteja satisfeito – concluiu, balançando as rédeas, de modo que a égua Lucinda cavalgasse mais rapidamente.

Tião Peixeira ficou para trás, rindo, com a mão na barriga.

– Está vendo? – disse, bem alto. – Eu avisei que esse nome ia pegar!

E os dois cavalgaram rumo ao horizonte, sem desconfiar do que o amanhã reservava para ambos, mas prontos para enfrentar novos desafios e provar seu valor diante de novos inimigos. Assim teve início uma amizade lendária, que ainda abalaria as fundações de muitas cidades e faria os poderosos temerem sua aproximação, além de dar trabalho para novos bardos, que passariam a narrar suas aventuras preenchendo as lacunas entre as histórias com uma boa dose de imaginação.

Posfácio

Como costuma acontecer com as melhores histórias, esta nasceu por acaso. Começou em 2015, logo após o lançamento de *Deserto dos Desejos*, meu primeiro e-book que conquistou algumas boas resenhas online e me apresentou as dificuldades da vida como autor independente no Brasil. Ainda assim, o sonho de lançar um livro estava realizado, o que me deixou com um vazio dentro do peito, como se aquele fosse um feito que eu não seria capaz de repetir. Acredito que esse seja um medo comum entre escritores e razão pela qual muitas vezes nos lançamos cegamente em novos projetos que façam as engrenagens invisíveis da imaginação voltar a girar. Foi nesse estado que descobri o anúncio de uma coletânea de fantasia aberta para novos autores.

Na ocasião, já contava com contos publicados tanto em projetos independentes, como os *Contos da Confraria* (Bookmakers/2012), quanto em editoras segmentadas, caso de *Dragões* (Draco/2013), e não sentia muito interesse em continuar a publicar histórias curtas. No entanto, não pude ignorar o tema da coletânea: *Espada & Magia*. Muito antes de descobrir *O Senhor dos Anéis* ou *Game of Thrones*, eu já tinha sido fisgado pelas façanhas de *Conan*, de Robert E. Howard, personagem que até hoje considero um dos maiores expoentes do gênero. Ficava fascinado com as andanças do bárbaro por sociedades ora primitivas, ora civilizadas e pelo modo como ele derrubava magos e tiranos seguindo um rígido código de conduta.

Só que não era minha intenção escrever uma história do *Conan* ou mesmo me utilizar de cenários e personagens que lembrassem criações de *Tolkien* ou *George R. R. Martin*. Na verdade, minha vontade era a de subverter o gênero e a primeira pergunta que me fiz foi: como escrever uma história de *Espada & Magia* passada no Brasil? Esse foi o desafio que estabeleci para mim. A resposta apareceu naturalmente. O primeiro passo foi traduzir o tema para uma realidade mais próxima, com um análogo distinto que remetesse diretamente para o tipo de aventuras que eu gostaria de escrever. Desse modo, cheguei ao título do livro: *Peixeira & Macumba*.

Os personagens vieram em seguida, assim como trechos de suas histórias. Por exemplo, eu sempre soube que Tião Peixeira cresceu em um circo, que seu pai era um arremessador de facas e sua mãe, uma trapezista. O

clima de faroeste também me pareceu mais natural para a aventura que tinha em mente, embora não tenha deixado de incluir castelos, tiranos e dragões muito bem posicionados no caminho de nossos improváveis protagonistas. Outras coisas não vieram tão facilmente, como o cenário pós-apocalíptico e os arcos dos personagens que tem destaque na trama. O que mais posso dizer? Escrever é um mistério e algumas histórias precisam passar uns anos nas gavetas do subconsciente antes de virem para a luz. São aquelas ideias que não nos deixam em paz até que as colocamos no papel.

Agora, a história de *Peixeira & Macumba* está contada e espero que você tenha se divertido tanto quanto eu ao seguir os passos desta dupla de justiceiros sertanejos. Por isso, acho importante agradecer tanto a você, leitor(a), quanto aos meus colaboradores nesta empreitada. Deixo aqui o meu muito obrigado ao meu estimado revisor, Frederico Hartje, que não só passou a borracha nos erros gramaticais como me ajudou a dar um melhor ritmo para a narrativa, ao artista Walter Pax, que mais uma vez produziu uma arte de capa sombria e impactante, e à minha queridíssima irmã, Fernanda Amaral Rebello, responsável pelo *lettering* fantasmagórico da capa.

Aproveito também para pedir a ajuda de vocês, leitores, na divulgação desta obra, seja com uma resenha na página da *Amazon* ou *Skoob*, vídeo no *Youtube* ou indicação para amigos e blogs literários. Lembrando que o e-book está cadastrado no 3º *Prêmio Kindle de Literatura* e depende muito do engajamento de vocês para conquistar o primeiro lugar e, conseqüentemente, uma versão impressa pela editora *Nova Fronteira*. Vocês gostariam de ver *Peixeira & Macumba* cavalgarem novamente? Então me ajudem nessa missão e sigamos juntos nesse caminho. A aventura está apenas começando.

Um grande abraço,
Pablo Amaral Rebello
1º de outubro de 2018

Contatos do autor

Facebook: Pablo Amaral Rebello

Instagram: pablo_amaral_rebello

E-mail: maildopablo@gmail.com